MATRAGA

ISSN eletrônico 2446-6905

Estudos Linguísticos & Literários

UERJ UERJ UERJ UERJ UERJ UERJ UERJ UERJ UERJ UERJ UERJ UERJ UERJ UERJ UERJ UERJ UERJ UERJ UERJ UERJ UERJ UERJ UERJ UERJ UERJ UERJ

Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ

56

Estudos Linguísticos

EDITORAS

Vania Lúcia Rodrigues Dutra

Maria Maura Cezario

Rio de Janeiro, v. 29, n. 56, mai./ago. 2022

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
Centro de Educação e Humanidades – Instituto de Letras
Programa de Pós-Graduação em Letras

Reitor	Mario Sergio Alves Carneiro
Pró-reitor de Graduação – PR1	Lincoln Tavares Silva
Pró-reitor de Pós-Graduação e Pesquisa – PR2	Luís Antônio C. Pereira da Mota
Pró-reitora de Extensão e Cultura – PR3	Cláudia Gonçalves Lima
Diretor do Centro de Educação e Humanidades	Bruno Rego Deusdará Rodrigues
Diretora do Instituto de Letras	Janaina da Silva Cardoso
Vice-Diretora do Instituto de Letras	Naira de Almeida Velozo
Coord. da Pós-Graduação em Letras	Viviane Vasconcelos
Vice-Coord. da Pós-Graduação em Letras	Tânia Maria Lurdes de Lima Câmara

Matraga é uma iniciativa da Pós-Graduação *stricto sensu* em Letras da UERJ

Editores-Executivos do número 56
Vania Lúcia Rodrigues Dutra
Maria Maura Cezario

Conselho Editorial
Carmem Lúcia Negreiros de Figueiredo Souza (Presidente)
Tânia Maria Nunes de Lima Câmara
Sandra Pereira Bernardo
Maria Conceição Monteiro
Cláudia Maria de Souza Amorim
Marcus Vinícius Nogueira Soares
Marina Rosa Ana Augusto (Editor-associado)
Nabil Araújo (Editor-associado)

Revisão
Beta da Costa Melo
Vania Lúcia Rodrigues Dutra
Maria Maura Cezario

Logomarca da revista *Matraga*,
projetos gráficos de capa e miolo e editoração
Cláudio Ricardo Corrêa (Bolsista/Doutorando em Letras)

Catalogação na fonte: UERJ/REDE SIRIUS/CEH-BWW

M 433 Matraga – vol. 29., n. 56 (2022) – . Rio de Janeiro: UERJ, Instituto de Letras, 1986- .
v.

quadrimestral
ISSN eletrônico 2446-6905

1. Letras – Periódicos; 2. Linguística; 3. Artes

CDU: 82(05)

MATRAGA

ISSN eletrônico 2446-6905

Estudos Linguísticos & Literários

UERJ UERJ UERJ UERJ UERJ UERJ UERJ UERJ UERJ UERJ UERJ UERJ UERJ UERJ UERJ UERJ UERJ UERJ UERJ UERJ UERJ UERJ UERJ UERJ UERJ UERJ

Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ

UERJ UERJ UERJ UERJ

56

UERJ UERJ UERJ UERJ UERJ UERJ

Estudos Linguísticos

EDITORAS

Vania Lúcia Rodrigues Dutra
Maria Maura Cezario

Matraga, Rio de Janeiro, v. 29, n. 56, mai./ago. 2022

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
UERJ

Conselho Consultivo

- Angela Del Carmen B. Romero de Kleiman (UNICAMP)
- Benjamin Abdalla Jr. (USP)
- Bethania Mariani (UFF)
- Carmem Lucia Pereira Praxedes (UERJ)
- Célia Marques Telles (UFBA)
- Charlotte Marie Chambelland Galves (UNICAMP)
- Claudio Cezar Henriques (UERJ)
- Claudius Armbruster (Universidade de Colônia)
- Eduardo Roberto Junqueira Guimarães (UNICAMP)
- Eni de Lourdes Pulcinelli Orlandi (UNICAMP)
- Enylton de Sá Rego (Universidade do Texas)
- Esmeralda Vailati Negrão (USP)
- Euridice Figueiredo (UFF)
- Frank F. Sousa (University of Massachusetts, Dartmouth)
- Hans Ulrich Gumbrecht (Stanford University)
- Heidrun Friedel Krieger Olinto de Oliveira (PUC – RJ)

- Helena Carvalhão Buescu (Universidade de Lisboa)
- Ivo Biasio Barbieri (UERJ)
- Jacqueline Penjon (Paris 3, Sorbonne-Nouvelle)
- João Adolfo Hansen (USP)
- João Roberto Gomes de Faria (USP)
- Jorge Schwartz (USP)
- José Luíz Fiorin (USP)
- José Luís Jobim (UFF)
- Kenneth David Jackson (Yale University)
- Kanavillil Rajagopalan (UNICAMP)
- Laura Padilha (UFF)
- Letícia Sicuro Corrêa (PUC – RJ)
- Lucia Helena (UFF)
- Luiz Costa Lima (UERJ)
- Luiz Paulo da Moita Lopes (UFRJ)
- Márcia Atálla Pietroluongo (UFRJ)
- Márcia Paraquett (UFF)
- Maria Aparecida Lino Pauliukonis (UFRJ)
- Maria Cecília de Souza e Silva (PUC – SP)
- Maria Conceição Monteiro (UERJ)
- Maria da Glória Bordini (PUC – RS)
- Maria da Glória di Fanti (UCPel/Pelotas; UNISINOS)
- Maria das Graças Dias Pereira (PUC-RJ)
- Maria Eugenia da Gama Alves Boaventura Dias (UNICAMP)
- Maria Lúcia Leitão (UFRJ)

- Maria Teresa Gonçalves Pereira (UERJ)
- Maria Zina Gonçalves Abreu (Universidade da Madeira, Funchal)
- Marisa Philbert Lajolo (UNICAMP)
- Mary Theresa Seig (Ball State Unniversity)
- Mônica Rector (University of North Carolina, Chapel Hill)
- Nadiá Paulo Ferreira (UERJ)
- Paulo Elias Allane Franchetti (UNICAMP)
- Peonia Viana Guedes (UERJ)
- Regina Zilberman (PUC – RS)
- Remo Ceserani (Università di Bologna)
- Rita Terezinha Schmidt (UFRGS)
- Roberto Acízelo de Souza (UERJ)
- Rosemary Arrojo (UNICAMP)
- Severino J. Albuquerque (University of Wisconsin, Madison)
- Sybille Große (Universidade de Heidelberg)
- Telê Ancona Lopez (IEB – USP)
- Victor J. Mendes (University of Massachusetts, Dartmouth)

Sumário

Apresentação

Funcionalismo Linguístico – relação entre gramática e usos 209
Vania Lúcia Rodrigues Dutra, Maria Maura Cezario

Artigos — ESTUDOS LINGUÍSTICOS

The English lexicogrammar of violence: lexical resources 215
Christian M.I.M. Matthiessen, Christina DeCoursey

Gradiência e mudança linguística: o caso de "*entretanto*" 248
Maria da Conceição de Paiva, Priscila Thaiss da Conceição de Medeiros

Fases da interação na leitura compartilhada entre professores e alunos com base na análise das funções da fala 267
João Baptista Favero Marques, Cristiane Fuzer, Carla Carine Gerhardt

Systemic-Functional Grammar and teaching english as a foreign language: an analysis of three realizations of the recipe genre and a reflection on pedagogical applications 285
Sabrina Bonqueves Fadanelli

Luladrão e Bolsonazi: um estudo do neologismo como recurso avaliativo em mídia social 303
Karen Tank Mercuri

A complementaridade da gramaticalização e da construcionalização para a pesquisa da formação de marcadores discursivos em português 318
Mariangela Rios de Oliveira, Vania Rosana Mattos Sambrana

Deu uma varrida na casa: aspectos semântico-interacionais da construção de atenuação com *dar uma V-da* 334
Edvaldo Balduíno Bispo, Aline Danielly Leal da Silva

Essa construção sofreu mó mudança de lá pra cá: possível trajetória evolutiva da construção [MóX] 349
Roberto de Freitas Júnior, Kleveland Cristian Barbosa, Érica Cristina Silva

Esquema [X de]$_{conect}$ em língua portuguesa: uma análise funcional centrada no uso 362
Ivo da Costa do Rosário

Construções gramaticais e ponto de vista: as concessivas [Embora P, Q] e as condicionais concessivas [Se P, Q] 379
Lilian Ferrari, Gabriela Ribeiro

Gramática de construções cognitiva e ensino de língua estrangeira: uma proposta para o ensino da alternância dativa do inglês 394
Maria Clara Pimenta Camelo dos Santos, Diogo Pinheiro

ENTREVISTA/DEPOIMENTO

Vania Lúcia Rodrigues Dutra e Sara Regina Scotta Cabral entrevistam Carlos A. M. Gouveia 412
Carlos A. M. Gouveia, Vania Lúcia Rodrigues Dutra, Sara Regina Scotta Cabral

Editoras e Colaboradores 419

Funcionalismo Linguístico – relação entre gramática e usos

No atual contexto em que vivemos, com a linguagem estando cada vez mais sob foco e funcionando como peça fundamental na organização sociopolítica das nações e do mundo (representando e criando realidades, para o bem e para o mal), o tema discutido neste número da Revista *Matraga* joga luz sobre o funcionamento das línguas e sobre a necessidade de se buscar, no contexto discursivo, a motivação para os usos que delas se fazem. Por isso a importância cada vez maior de se discutir o Funcionalismo Linguístico.

A perspectiva funcionalista concebe a língua como instrumento de interação social. Linguagem e sociedade são, portanto, indissociáveis. Nos estudos funcionalistas, à dimensão dos estudos linguísticos incorpora-se a dimensão social. A linguagem é entendida em sua relação com os contextos específicos em que é utilizada e em relação com os fenômenos sociais de que faz parte. Trata-se o Funcionalismo de uma teoria que tem como foco a função que exercem os componentes linguísticos postos em uso na interação verbal, considerando a intencionalidade discursiva dos falantes e as escolhas que fazem ao interagirem com os outros e com o mundo. Dessa forma, o Funcionalismo considera a relação entre forma e função como algo instável, refletindo, assim, o caráter dinâmico da linguagem.

Sob o mesmo rótulo funcionalista, propostas diferentes de análise linguística vêm sendo desenvolvidas por diversos grupos de pesquisadores. De um modo geral, o Funcionalismo Linguístico tem, em suas várias vertentes teóricas, uma base comum: as abordagens funcionalistas partem do pressuposto de que a forma é sempre subordinada à função e de que a sintaxe, a semântica e a pragmática são indissociáveis na análise dos fatos da língua, observados estes, a todo tempo, em seus contextos específicos de uso.

Nesta coletânea, estão publicados trabalhos oriundos de duas vertentes dos estudos funcionalistas: a Linguística Sistêmico-Funcional e a Linguística Cognitivo-Funcional, tendo esta como precursores o Funcionalismo Norte-Americano e a Linguística Cognitiva.

A Linguística Sistêmico-Funcional foi proposta, nos idos de 1960, por Michael Alexander Kirkwood Halliday, com o objetivo de compreender como a linguagem é, de fato, usada para

 DOI: 10.12957/matraga.2022.65179

construir a realidade e para possibilitar as relações sociais. Desenvolveu-se mais intensamente, entretanto, na década de 80, a partir da publicação de *An Introduction to a Functional Grammar*, que foi revisada em 1994 e cujas terceira e quarta edições, em 2004 e 2014, tiveram a colaboração de Christian M. I. M. Matthiessen.

Trata-se de uma abordagem sociossemiótica da linguagem que "busca desenvolver tanto uma teoria sobre a linguagem como processo social quanto uma metodologia analítica que permita a descrição detalhada e sistemática de padrões de linguagem" (EGGINS, 2004, p. 21), constituindo-se, portanto, como importante ferramenta para a análise de textos. Essa perspectiva teórica concebe a língua como um recurso para a construção de significados, sempre a serviço das funções sociais que a língua tem a cumprir (HALLIDAY e HASAN, 1989), e, na busca pela compreensão do fenômeno linguístico, coloca o componente lexicogramatical em lugar de destaque:

> Uma língua é interpretada como um sistema de significados acompanhados de formas por meio das quais esses significados podem ser realizados. A questão é: "como são os significados expressos?". Isso coloca as formas de uma língua em uma perspectiva diferente: como meios para um fim e não como um fim em si mesmas. (HALLIDAY, 1985, p. xiii)

Na perspectiva sistêmico-funcional, dois conceitos são essenciais para a compreensão do funcionamento da linguagem: *sistema* e *função*. A LSF é sistêmica, porque considera a gramática um conjunto de sistemas de escolhas semanticamente motivadas de que lançamos mão para construir significados (teoria de base paradigmática), e é funcional, porque explica como os componentes que constroem os significados relacionam-se às funções que a língua desempenha (metafunções ideacional, interpessoal e textual) (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2014). Em seus fundamentos, há ainda outros conceitos que norteiam essa vertente teórica: texto, contexto de cultura e contexto de situação, gênero e registro, variáveis contextuais, entre outros, que será possível ver em operação a partir de discussões aqui propostas nos artigos de Matthiessen e DeCoursey; Marques, Fuzer e Gerhardt; Fadanelli; Mercuri; e em aspectos específicos sobre a teoria e sua aplicação desenvolvidos por Gouveia, nosso entrevistado ao final desta edição.

O artigo de nosso convidado Christian M. I. M. Matthiessen, em coautoria com Christina DeCoursey, representa bem a abordagem sistêmico-funcional aqui brevemente apresentada. Em *The English lexicogrammar of violence: lexical resources*, que abre este número da *Matraga*, os autores apresentam uma descrição exploratória do que chamam de *léxico-gramática da violência*, uma descrição dos recursos léxico-gramaticais fornecidos pelo inglês para construir, por meio da língua, nossa experiência com a violência, ao lado de outros domínios experienciais tão difíceis de traduzir, como a dor e a emoção. Para tanto, eles dão especial atenção aos recursos lexicais no *continuum* da léxico-gramática, localizando-os, porém, nas estruturas gramaticais em que eles operam.

A outra linha contemplada no número é a da Linguística Cognitivo-Funcional (LCF), uma área que reúne pesquisadores que advêm da Linguística Funcionalista Norte-Americana (GIVÓN, 1990, 1995; HOPPER, 1991; HOPPER E TRAUGOTT, 1993, dentre outros), iniciada na década de 1970 e contrária à visão formalista inatista desenvolvida por Noam Chomsky. A corrente postula que as gramáticas das línguas são criadas e modificadas pelo uso e que a gra-

mática reflete os objetivos comunicativos dos falantes. Já no século XXI, essa corrente recebeu grande influência da concepção da Gramática das Construções (GOLDBERG, 1995, 2006), ao adotar o conceito de gramática como uma rede de construções linguísticas.

As construções linguísticas são vistas como pareamentos de forma e função e estão todas conectadas por *links* formais ou funcionais. A estrutura linguística e a sua mudança são decorrentes da atuação de processos cognitivos de domínio geral, tais como categorização e analogia (BYBEE, 2010, 2015; DIESSEL, 2019). A Linguística Cognitiva-Funcional também recebe influência da Sociolinguística Variacionista e da Linguística de *Corpus*, além de forte influência da Gramática de Construções. Hoje, dependendo do que é focalizado pelo linguista, há diversos rótulos para áreas que trabalham com esses pressupostos, como Gramática de Construções Baseada no Uso, Gramática de Construções Cognitiva e Linguística Funcional Centrada no Uso.

Ao invés de se conceber uma gramática formada por regras, a LCF postula que a gramática é baseada no uso, que é influenciada pela maior ou menor frequência das construções linguísticas e que há processos cognitivos que não são exclusivos da linguagem, mas que moldam as gramáticas das línguas e explicam a aquisição da linguagem e as mudanças linguísticas. As variações na forma e na função de uma construção ocorrem o tempo todo, mas a mudança na rede construcional ocorre quando surge uma nova construção, ou seja, um novo nó na rede linguística, estabelecendo novas relações com construções já existentes. As construções mais usadas têm uma representação mais forte nas mentes dos indivíduos do que as construções menos usadas, e isso contribui tanto para a estabilidade do sistema linguístico como para a sua variação e mudança.

Neste número da Revista, os artigos de Paiva e Medeiros; Oliveira e Sambrana; Bispo e Silva; Freitas Junior, Barbosa e Silva; Rosário; Ferrari e Ribeiro; e Santos e Pinheiro contemplam diversas variantes da Linguística Cognitivo-Funcional.

O artigo *Gradiência e mudança linguística: o caso de "entretanto"*, de nossa convidada Maria da Conceição Paiva e de sua coautora Priscila Thaiss da Conceição de Medeiros, é um exemplar dessa visão funcionalista. No trabalho, as autoras analisam a história do desenvolvimento da construção *entretanto* e discutem sua natureza categorial em diferentes contextos de uso. Partindo do pressuposto funcionalista de que há gradiência entre as categorias linguísticas e de um levantamento de dados em textos dos períodos arcaico, clássico e moderno/contemporâneo do português, verificam que a construção temporal *entretanto* incorporou propriedades dos elementos juntivos e se estendeu para o domínio do contraste. Segundo as evidências atestadas na pesquisa, esse processo pode ter-se dado pelo compartilhamento de diversas propriedades morfossintáticas e contextuais que construções adverbiais e construções conectivas compartilham. Essa convergência categorial leva a uma gradação de usos que se configuram num *continuum* entre advérbio e conector.

Apresentamos os artigos selecionados para o número, iniciando pelos trabalhos da área da LSF. O primeiro deles é o texto *Fases da interação na leitura compartilhada entre professores e alunos com base na análise das funções da fala*, cujos autores, João Baptista Favero Marques, Cristiane Fuzer e Carla Carine Gerhardt, partindo dos pressupostos teóricos da LSF e de ati-

vidades baseadas na Pedagogia de Gêneros da Escola de Sydney, identificam fases da interação entre professores e alunos do ensino fundamental durante execução de atividades de leitura. Também analisam o papel de cada uma dessas fases na negociação de significados no discurso pedagógico. Os autores analisam ocorrências de funções da fala a partir de realizações léxico-gramaticais e respectivas reações, para assim identificarem as fases da interação na leitura compartilhada.

Sabrina Bonqueves Fadanelli, em *Systemics-functional grammar and teaching English as a foreign language: an analysis of three realizations of the recipe genre and a reflection on pedagogical applications*, reflete sobre a importância da LSF para o estudo de questões concernentes ao ensino de inglês como língua estrangeira e, buscando contribuir para a aplicação da LSF ao ensino, analisa como exemplos de um gênero específico, a receita culinária, podem evidenciar diferentes caracterizações funcionais, além de abordar como professores de inglês podem usar o gênero no seu trabalho com aprendizes. O artigo traz uma reflexão sobre como aspectos funcionais podem ser utilizadas no ensino de Inglês, a partir das metafunções propostas por Halliday.

Tomando, também, a perspectiva sistêmico-funcional da linguagem, Karen Tank Mercuri, em seu artigo *LULADRÃO E BOLSONAZI: um estudo do neologismo como recurso avaliativo em mídia social*, investiga as criações neológicas como recurso de avaliação. Para isso, analisa os comentários sobre postagens da página de verificação de notícias, agência Lupa, no Facebook, em período próximo ao segundo turno das eleições presidenciais de 2018. Analisa neologismos que expressam avaliação negativa dos candidatos e de seus apoiadores, sob a perspectiva dos campos semânticos do sistema de Avaliatividade.

Agora, apresentamos os trabalhos da área da LCF, iniciando pelo artigo de Mariangela Rios de Oliveira e Vania Rosana Mattos Sambrana: *A complementaridade da gramaticalização e da construcionalização para a pesquisa da formação de marcadores discursivos em português*. Nele, as autoras procuram aliar os pressupostos do modelo de gramaticalização e os do modelo da construcionalização gramatical para a descrição e a análise de construções que funcionam como marcadores discursivos, como *vejamos* e *veja lá*, muito recorrentes no português do Brasil. Estudam o surgimento e o papel dos marcadores discursivos formados pela base verbal *ver* e uma subparte opcional, como as partículas *lá*, *bem* ou *só*. Argumentam que tais elementos pragmáticos podem ser agrupados sob um mesmo esquema, que denominam de construção marcadora discursiva de visualização virtual.

Em *Deu uma varrida na casa: aspectos semântico-interacionais da construção de atenuação com dar uma V-da*, Edvaldo Balduino Bispo e Aline Danielly Leal da Silva analisam a construção *dar uma V-da* como *dar uma fugida*, *dar uma animada*. Os autores discutem aspectos semânticos e interacionais dos usos dessa construção. Fundamentam a pesquisa na Linguística Funcional Centrada no Uso e realizam uma análise de natureza quali-quantitativa, utilizando dados extraídos de textos de *blogs*. Os resultados mostram que os verbos-base da nominalização em *-da* são do tipo semântico ação (mais frequente), ação-processo e processo, e que o papel principal da construção é de atenuação.

Roberto de Freitas Júnior, Érica Cristina Silva e Kleveland Cristian Barbosa, no artigo *Essa construção sofreu mó mudança de lá pra cá: possível trajetória evolutiva da construção [MóX]*, dis-

cutem a possível construcionalização da Construção de Informalidade e Intensificação [MóX], no Português do Brasil (PB), objetivando mapear, analisar e descrever sincronicamente os contextos de uso de expressões como [Mó saudade], [Mó legal], [Mó relembrando], [Mó mal] no PB. Sob a perspectiva construcional, algumas propriedades do pareamento forma e função são apresentadas na análise e, para comprovar a criação dessa nova construção, os autores remontam ao latim, ao galego-português e ao português do século XX e XXI.

Outro trabalho da mesma linha é o de Ivo da Costa do Rosário, intitulado *Esquema [X de]$_{conect}$ em língua portuguesa: uma análise funcional centrada no uso*, que tem como objetivo geral comprovar a existência de uma grande rede construcional associada ao esquema [X de]$_{conect}$ em língua portuguesa. A hipótese central é que esse esquema congrega, pelo menos, dois subesquemas aos quais estão ligadas diversas microconstruções conectoras responsáveis pela conexão de orações hipotáticas não finitas. Os resultados da pesquisa, partindo-se de uma metodologia qualitativa, comprovam que instanciações do esquema [X de]$_{conect}$ se distanciam de seus usos prepositivos canônicos e passam a atuar no domínio da conexão interoracional.

Em Construções gramaticais e ponto de vista: as concessivas [Embora P, Q] e as condicionais concessivas [Se P, Q], Lilian Ferrari e Gabriela Ribeiro realizam uma análise contrastiva entre construções concessivas e condicionais concessivas em textos jornalísticos do português brasileiro. Sua pesquisa demonstra que as construções em estudo têm diferenças pragmáticas em decorrência do ponto de vista na rede de espaços mentais na qual são usadas. Essas construções também refletem posturas epistêmicas diferentes: as concessivas refletem postura epistêmica positiva do jornalista com relação à factualidade do evento; já as condicionais concessivas codificam uma postura epistêmica neutra do jornalista no que tange ao evento reportado. Assim, com ênfase numa visão cognitiva, as autoras apresentam as motivações funcionais para os usos dessas construções.

Por fim, temos o artigo de Maria Clara Pimenta Camelo dos Santos e Diogo Oliveira Ramires Pinheiro intitulado *Gramática de Construções Cognitiva e ensino de língua estrangeira: uma proposta para o ensino da alternância dativa do inglês*, que traz uma interessante aplicação da Linguística Cognitivo-Funcional ao ensino de língua estrangeira. O artigo relata um experimento no qual foi avaliada a viabilidade de se combinarem, no ensino da alternância dativa do inglês, os fatores analíticos da Gramática de Construções Cognitiva (vertente funcionalista da Gramática de Construção) aos pressupostos teóricos das abordagens comunicativas de ensino de língua estrangeira.

Finalizando as contribuições para os estudos funcionalistas que esta edição da *Matraga* representa, Carlos A. M. Gouveia, pesquisador e Professor Associado com Agregação da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e investigador no Centro de Estudos de Linguística Geral e Aplicada (CELGA-ILTEC) da Universidade de Coimbra, responde a algumas perguntas formuladas por Vania L. R. Dutra e Sara Regina Scotta Cabral na seção *Entrevista*. Em suas considerações, Gouveia esclarece alguns pontos considerados fundamentais para o entendimento da Linguística Sistêmico-Funcional, defende a pertinência da teoria para se pensar o ensino e a aprendizagem da língua na escola básica, além de trazer notícias sobre a presença da LSF nas escolas e nas universidades portuguesas.

Consideramos o conjunto de textos ora apresentados uma contribuição significativa para os estudos funcionalistas da linguagem, assim como acreditamos que os leitores interessados no estudo da língua vinculada a sua dimensão social têm aqui muito o que explorar. Então... boa leitura!

Vania L. R. Dutra e *Maria Maura Cezario*

REFERÊNCIAS

BYBEE, J. **Language, usage and cognition**. Cambridge: Cambridge University Press. 2010.

BYBEE, J. **Language change**. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

DIESSEL, H. **The Grammar Network:** How linguistic structure is shaped by language use. Cambridge: Cambridge University Press. Cambridge University Press, 2019.

EGGINS, S. **An Introduction to Systemic Functional Linguistics**. 2nd ed. London: Continuum, 2004.

GIVÓN, T. **Syntax:** a Functional-Typological Introduction. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 1990.

GIVÓN, T. **Functionalism and grammar**. Amsterdã: John Benjamins, 1995.

GOLDBERG, A. E. **Constructions:** A construction grammar approach to argument structure. Chicago: University Press, 1995.

GOLDBERG, A. E. **Constructions at work**: the nature of generalization in language. Cambridge: University Press, 2006.

HALLIDAY, M. A. K. **An introduction to functional grammar**. 1st ed. London: Edward Arnold, 1985.

HALLIDAY, M. A. K; HASAN, R. **Language, Context and Text**: aspects of language in a social-semiotic perspective. Oxford: Oxford University Press, 1989.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. **Halliday's Introduction to Functional Grammar**. 4th ed. London; New York: Routledge, 2014.

HOPPER, P. On some principles of grammaticization. *In*: TRAUGOTT, E. C; HEINE, B. (ed). **Approaches to grammaticalization**. Vol I. Focus on theoretical and methodological issues, Amsterdam: John Benjamins, 1991, p. 17-36.

HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. C. **Grammaticalization.** 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003 [1993].

The English Lexicogrammar of Violence: lexical resources

Christian M. I. M. Matthiessen
School of Foreign Languages, Hunan University (Changsha, China)
ORCID: https://orcid.org/0000-0003-0247-5723
cmatthie@icloud.com

Christina DeCoursey
Nazarbayev University (Nur-Sultan, Cazaquistão)
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-7930-8352
linguistcd@gmail.com

ABSTRACT

This paper is an exploratory description of the lexicogrammar of violence — of the resources provided by the lexicogrammar of English for construing our experience of violence as wordings alongside other domains of experience that are difficult to come to terms with such as pain and emotion. We give particular attention to the lexical resources within the *continuum* of lexicogrammar, but locate them within the grammatical "schemata" they operate in. Our exploratory account is informed by Systemic Functional Linguistics (SFL). It draws centrally on certain aspects of SFL, including the primary given to paradigmatic organization, the stratification of the content plane of language into semantics (meaning) and lexicogrammar (wording), the organization of the content plane into simultaneous metafunctions, the cline or *continuum* between the system of language, the overall meaning potential of language, and instances in the form of texts (operating in context), and the diversification of language into different registers (functional varieties) adapted to different types of context. We present an overview of the lexical resources of verbs and nouns and show how verbs can be classified in their different senses by reference to the grammatical system of transitivity (in particular, process type).

KEYWORDS: Systemic Functional Linguistics; lexicogrammar; violence.

A léxico-gramática da violência no inglês: recursos lexicais

RESUMO

Este artigo é uma descrição exploratória da léxico-gramática da violência — dos recursos fornecidos pela léxico-gramática do inglês para construir, por meio da língua, nossa experiência com a violência, ao lado de outros domínios experienciais tão difíceis de traduzir, como a dor e a emoção. Damos especial atenção aos recursos lexicais no *continuum* da léxico-gramática, mas localizando-os dentro dos "esquemas" gramaticais em que eles operam. Nossa descrição exploratória tem como suporte teórico a Linguística Sistêmico-Funcional (LSF). Toma como base, principalmente, determinados pressupostos da LSF, entre os quais o aspecto fundamental da organização paradigmática da língua, a estratificação do plano do conteúdo da linguagem em semântica (significado) e léxico-gramática (estrutura), a organização do plano de conteúdo em metafunções simultâneas, a noção de *continuum* no sistema da língua, o potencial de significado global da linguagem e instâncias na forma de textos (operando no contexto), e a diversificação da linguagem em diferentes registros (variedades funcionais) adaptados a diferentes tipos de contexto. Apresentamos uma visão geral dos recursos lexicais – verbos e substantivos – e mostramos como os verbos podem ser classificados em seus diferentes significados por referência ao sistema gramatical da Transitividade (em particular, os tipos de processo).

PALAVRAS-CHAVE: Linguística Sistêmico-Funcional; léxico-gramática; violência.

Ao citar este artigo, referenciar como: MATTHIESSEN, Christian M. I. M.; DeCOURSEY Christina. The English Lexicogrammar of Violence: lexical resources. **Matraga**, v. 29, n. 56, p. 215-247, mai./ago. 2022.

DOI: 10.12957/matraga.2022.66039
Recebido em: 30/11/2022
Aceito em: 16/03/2022

1. Introduction

The lexicogrammar of violence of a given language can be characterized as the resource which that language provides speakers with to enable them to construe their experience of violence — prototypically in the material realm, involving the intentional use of force to impact beings or objects negatively, damaging or destroying them. We take a broad view of violence, as do Dwyer & Damousi (2020, p. 4) in their introduction to the first volume of the *Cambridge World History of Violence*:

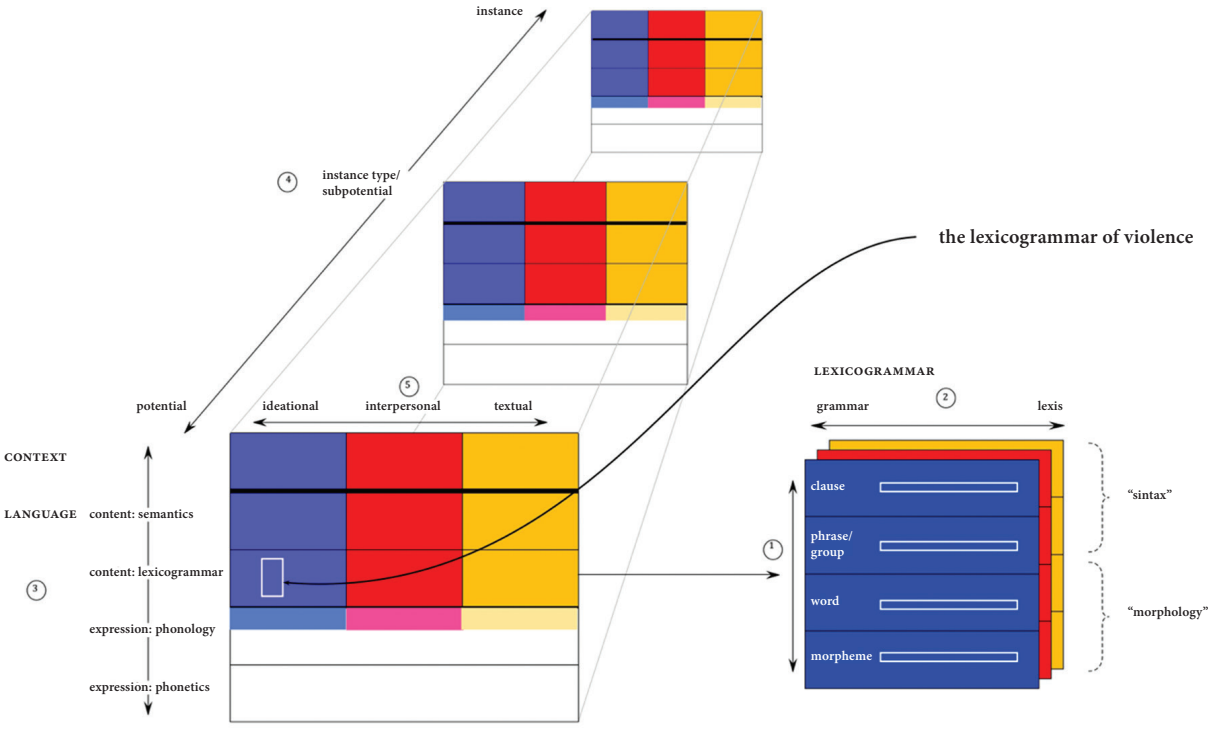
> How people conceive of 'violence' will necessarily vary from period to period and from region to region, but sensitivity to the ways in which contemporaries used the language of violence or, to put it another way, what they understood to be 'violence' is fundamental to our interpretations of it. The difficulty is always balancing what any given society condones as violence, and what we as outsiders condemn. We have, nevertheless, defined it in its broadest possible sense to include not only the use of physical force by a person, a group of people or an institution against one or more other living beings, but also a psychological, social and emotional dimension, to encompass any coercive or exploitative relationship.

Characterizing violence as a phenomenon of experience in such broad terms makes very good sense as starting point of an investigation of the lexicogrammar of violence of English or of any other language since the lexicogrammatical resources can be used to construe many manifestations and aspects of violence. (In our conclusion, we will note that it is helpful to illuminate violence as a phenomenon that is dispersed across the four orders of systems operating in different phenomenal realm in an ordered typology: physical < biological < social < semiotic, where physical and biological can be grouped together as material systems and social and semiotic as immaterial systems. The lexicogrammar of violence is, of course, part of the fourth order of semiotic systems.)

We can locate the lexicogrammar of violence within the overall *architecture* of language according to SFL (e.g. MATTHIESSEN, 2007; HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2014). Since we are concerned here with the lexicogrammatical resources for construing violence, this means that we view a *slice* through the lexicogrammar — in terms of the cline of delicacy from grammar to lexis and in terms of the rank scale from clause to morpheme via group/phrase and word. The region between grammar and lexis is important; it is roughly the region that is in focus in approaches characterized as *construction grammars* or *lexical pattern grammars*. We will shed some light on it by showing how the very general systemic options in the transitivity system of the clause can be further elaborated by reference to Levin's (1993) verb classes (cf. MATTHIESSEN, 2014).

We are engaged in a large-scale project with a team of researchers investigating the lexicogrammar of violence in different languages. As noted above, in this paper, we focus on the lexical resources of English, reporting on our compilation of lexical resources based on dictionaries and thesauri, but also with reference to samples of text, locating the lexical resources within the lexicogrammar of English.

FIGURE 1. The location of the lexicogrammar of violence within the overall *architecture* of language in context according to SFL



Source: MATTHIESSEN, 2007.

The notion of the lexicogrammar of some domain of experience such as violence has been developed within systemic functional linguistics, a seminal contribution being Halliday's (1998) *On the grammar of pain*, in reference to English but also to other languages. This was followed up by Hori's (2006) study of pain expressions in Japanese and by Lascaratou's (2007) investigation of the language of pain in Modern Greek. Complementing the investigation of the lexicogrammars of pain, Matthiessen (2007b) explored the lexicogrammar of emotion and attitude in English. At the same time, the notion of the lexicogrammar of some domain is very resonant with other traditions in linguistics emphasizing the relationship between grammar and meaning (e.g., AMEKA, DENCH & EVANS, 2006), showing that patterns of wording are semantically "transparent" and that the grammars of different languages provide their speakers with the resources for construing their experiences of different phenomena as wordings — an insight that of course draws on Whorf's (1956) work. One area that has been studied in many languages is the domain of experience of motion through space, a seminal contribution being Talmy's (1985) study of the patterns of lexicalization of motion through space in different languages (cf. MATTHIESSEN, 2015b).

2. Introductory examples of texts of violence

Texts displaying the lexicogrammar of violence belong to many different registers (functional varieties). Let us start with a text designed to instigate violence, viz. General Patton's infamous speech to his troops, the Third Army, on the 5th of June, 1944, rallying the soldiers around the

task of destroying the enemy[1]. By examining the most frequent lexical items in the text (which is just over 2,000 words)[2], we can begin to get a flavour of the text:

Most *frequent words* in the corpus:

men (26); man (22); hell (14); like (11); want (11); going (10); real (10); time (10); war (10); americans (9); army (9); goddamned (9); fight (8); just (8); shit (7); job (6); son (6); cowards (5); germans (5); great (5); guts (5); home (5); know (5); battle (4); best (4); bitch (4); brave (4); death (4); german (4); let (4); quicker (4); say (4); shoot (4); sir (4); team (4); way (4); we're (4); world (4); american (3); answered (3).

There is an experiential motif of battle and death (the denotations of lexical items), e.g. *fight*, *shoot*; *war*, *battle*, *army*; *deaths*, and people take part, e.g. *men*/*man*, and their nationalities, *American(s)*, *German*. At the same time, there is an interpersonal motif of positive vs. negative values (the connotations of lexical items): *love*, *want*; *great*, *brave* vs. *cowards*; and of course, nationality is value-laden. While civilized readers today would take *fight* as negative, Patton works hard to imbue it with positive nationalistic value, as can be seen in his opening (the macro-Theme of his speech):

> *Be seated. Men, all this stuff you hear about America not wanting to fight, wanting to stay out of the war, is a lot of horse dung. Americans love to fight. All real Americans love the sting and clash of battle. When you were kids, you all admired the champion marble shooter, the fastest runner, the big-league ball layers and the toughest boxers. Americans love a winner and will not tolerate a loser. Americans play to win all the time. That's why Americans have never lost and will never lose a war. The very thought of losing is hateful to Americans. Battle is the most significant competition in which a man can indulge. It brings out all that is best and it removes all that is base.*

He frames his speech partly in terms of what Americans love or hate, using clauses where *love* projects another verb in a complex verbal group, as in (*Americans*) *love to fight*, or as the central verb in its own right (with *tolerate* as an alternative), as in (*All real Americans*) *love* (*the sting and clash of battle*). (What Americans love or hate is obviously not based on a scientific survey; his claims are of course designed to persuade the men he is addressing that this is how they feel. He is, in effect, trying to "rewire" their brains, which is part of the power of language.) These instances are analysed in Table 1 in terms of the grammatical systems presented briefly below in Section 3. (The analyses here are all based on the description of the system of English lexicogrammar developed by Michael Halliday and presented in Halliday & Matthiessen (2014), with further details.) Patton relates fighting to competition, taking the soldiers back to their childhood (probably with implication of innocence). He contrasts winning with losing and assigns negative value to loosing: Table 2. And then he defines battle by reference to competition: Table 3.

[1] This is the original speech, not the cleaned-up version delivered by George C. Scott in his Oscar-winning performance as Patton in the 1970 film *Patton*.

[2] The frequency list is due to VoyantTools.

TABLE 1. Patton's construal of American attitude towards violence

	Americans	*love*	*to fight*
material: transformative	Actor	Process	
	nominal group	verbal group (complex)	
		α:projection: desideration	'β

	All real Americans	*love*	*the sting and clash of battle*
	Americans	*love*	*a winner*
	[*Americans*]	*will not tolerate*	*a loser*
mental: emotive	Senser	Process	Phenomenon
	nominal group	verbal group	nominal group

Source: Produced by the authors

TABLE 2. Patton's characterization of losing

	The very thought [[*of losing*]]	*is*	*hateful*	*to Americans.*
relational: ascriptive & intensive	Carrier	Process	Attribute	Angle: viewpoint
	nominal group	verbal group	nominal group	prepositional phrase

Source: Produced by the authors

TABLE 3. Patton's definition of *battle*

	Battle	*is*	*the most significant competition [[in which a man can indulge]].*
relational: identifying & intensive	Token/ Identified	Process	Value/ Identifier
	nominal group	verbal group	nominal group

Source: Produced by the authors

Having framed his rallying speech in this way to *his men*, he continues the fire them up, and then he goes on to evoke the killing of German soldiers, using the full force of the lexicogrammar of violence, the favoured strategy being high-impact clauses of action – 'material' clauses in the overall system of the grammar (with a high volume of negative connotations): Table 4.

TABLE 4. Patton's forecast of his troops destruction of German soldiers

	We	*'re not just going to shoot*	*the bastards*		
	we	*'re going to rip out*	*their living goddamned guts*		
	We	*'re going to murder*	*those lousy Hun cocksuckers*	*by the bushel-fucking-basket*	
	[*we*]	[*'re going to*] *shoot*	*them*		*in the guts*
	[*we*]	[*'re going to*] *rip open*	*their belly*		
material: transformative	Actor	Process	Goal	Manner	Place
	nominal group	verbal group	nominal group	prepositional phrase	prepositional phrase

Source: Produced by the authors

> *We're not just going to shoot the bastards, we're going to rip out their living goddamned guts and use them to grease the treads of our tanks. We're going to murder those lousy Hun cocksuckers by the bushel-fucking-basket. […] Shoot them in the guts. Rip open their belly.*

Patton's speech is clearly truly revolting and would presumably not be acceptable today (cf. the reference below to Tim Collins' speech to his troops on the eve of the allied invasion of Iraq in 2003 — see BUTT, LUKIN & MATTHIESSEN, 2004), but it does bring out the role that the lexicogrammar of violence can play in registers operating in different contexts — and it should be required reading for politicians who contemplate war in abstract terms at comfortable administrative distance engaging primarily with managerial discourses of violence. Similarly, they should be obliged to contemplate Mark Twain's satirical *War Prayer*, e.g. the clause analysed in Table 5.

TABLE 5. Excerpt from Mark Twain's *War Prayer*

	O Lord our God,	[*you*]	*help*	*us*	*to tear*	*their soldiers*	*to bloody shreds*	*with our shells*
		Initiator	Pro-	Actor	-cess	Goal	Role: product	Manner: means
material: transformative	nominal group	nominal group	verbal group (1)	nominal group	verbal group (2)	nominal group	prepositional phrase	prepositional phrase

Source: Produced by the authors

As these examples illustrate, the lexicogrammar of violence is used in texts concerned with war, although there are many other uses of it, e.g. in the context of domestic violence, gun violence, terrorist attacks, natural disasters. It involves a range of lexicogrammatical units and complexes of units:

- clause complexes: *Americans play → to win all the time.*
- clauses: *you help us to tear their soldiers to bloody shreds with our shells*
- units serving as elements in clauses:
  - (participants) nominal groups: *their soldiers*, *the bastards*, *their living goddamned guts*
  - (process) verbal groups (including complexes): *love to fight*, *help … to tear*, *are going to rip out*, *are going to murder*
  - (circumstances) prepositional phrases: *to bloody shreds*, *with our shells*, *in the guts*

These lexicogrammatical units define the environments of the lexical items of violence that we will present below operate in.

3. Grammatical domains and systems

Our experience of the world around us and inside us is construed in languages as meaning by means of the resources of the ideational metafunction. The ideational systems of a language enable users of the language to model their experience of the world. There are two complementary modes of modelling this experience, (i) the logical mode and (ii) the experiential mode. We will describe and illustrate them first for clauses, and then turn to groups and phrases. Let us locate them within the overall resources of the lexicogrammar of English by means of the simplified function-rank matrix in Table 6. This matrix is a kind of map of the lexicogrammar of English. It shows all the systems that collectively make up the lexicogrammar distributed according to the metafunctions they serve (ideational: logical, experiential; interpersonal; textual) and the rank or compositional level of the unit (or unit complex) they operate in (clause, group/phrase, word).

TABLE 6. Simplified function-rank matrix showing ideational systems of English lexicogrammar together with interpersonal and textual ones

rank	class	ideational			interpersonal	textual
		logical		experiential		
clause	major	*TAXIS & LOGICO-SEMANTIC TYPE*		*TRANSITIVITY (PROCESS TYPE, AGENCY & CIRCUMSTANTIATION)*	MOOD, POLARITY, MODAL ASSESSMENT	THEME, VOICE, CONJUNCTION
group/ phrase	prepositional phrase	TAXIS & LOGICO-SEMANTIC TYPE		minor TRANSITIVITY		
	nominal	TAXIS & LOGICO-SEMANTIC TYPE;	MODIFICATION	THING TYPE, CLASSIFICATION, EPITHESIS, QUALIFICATION	PERSON, NOMINAL MOOD	DETERMINATION
	adverbial	TAXIS & LOGICO-SEMANTIC TYPE;	MODIFICATION	CIRCUMSTANCE TYPE	ASSESSMENT TYPE	CONJUNCTION TYPE
	verbal	TAXIS & LOGICO-SEMANTIC TYPE	TENSE	EVENT TYPE	FINITENESS, MODALITY	
word		TAXIS & LOGICO-SEMANTIC TYPE;	DERIVATION	denotation	connotation	(lexical cohesion)
		complexes	**simplexes**			

Source: Produced by the authors

Having presented the map of the systems of the lexicogrammar of English by means of the function-rank matrix in Table 6, we will now briefly survey the systems of the lexicogrammar involved in the construal of different aspects and manifestations of violence, starting with clauses and then moving on to groups and phrases. The systems are all located within the ideational metafunction.

3.1 Clauses

In the lexicogrammar of violence, clauses are of fundamental importance since they constitute the highest rank of unit of the grammar and serve as the "gateway" to texts as units of meaning operating in context. And within the lexicogrammar, they provide the environment for lower-ranking units — groups/phrases, words and morphemes. In the logical mode of the ideational metafunction, clauses are combined to form clause complexes; in the experiential mode, clauses are organized internally as configurations of groups and phrases serving different functions in clauses.

3.1.1 Logical mode: clause complexing (TAXIS and LOGICO-SEMANTIC TYPE)

In the logical mode, experience is modelled as sequences or chains, as in a chain of clauses forming a clause complex, as in the following example, where one clause complex introduces a sequence of events at the beginning of the Lead in a news report about a school shooting[3]:

> ||| *A gunman killed one student* || *and wounded at least two others inside a hall at Seattle Pacific University Thursday afternoon,* || *unleashing a wave of terror* || *as the school went into lockdown* || *and students scrambled for cover.* |||[4]

This clause complex is analysed grammatically in Table 7 (for the description of systems involved, see HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2014: Chapter 7). It serves to *choreograph* the reporting of this horrendous event, linking clauses together by means to logico-semantic relations, which are either marked explicitly (addition: *and*; time: *as*) or left implicit (the non-finite clause *unleashing a wave of terror*, where the relation can be glossed as *thus* or *thereby*). The systems used in forming clauses complexes are those of LOGICO-SEMANTIC TYPE (projection / expansion [elaborating / extending / enhancing]) and of TAXIS (hypotaxis / parataxis). Hypotaxis includes qualification of events by conditional clauses, e.g. *If the rebels take a bus on the grand highway, The government destroys a village miles away* (*El Salvador*, by Peter, Paul and Mary).

Each clause in Table 7 contains lexis of violence (e.g. *killed*, *wounded*, *unleashing … terror*), or reactions violence (*went into lockdown*, *scrambled for cover*). And while clause complexes play an important role in the construal of violence, we will focus on clauses and the units that function as their constituent elements since they constitute the origin and domain of the lexis of violence. (At the same time, we need to note that the logical mode is also deployed in forming complexes of groups and phrases, and of words, and even of morphemes.)

TABLE 7. Clause complex construing sequence of events in a school shooting

A gunman killed one student	*and wounded at least two others inside a hall at Seattle Pacific University Thursday afternoon,*	*unleashing a wave of terror*	*as the school went into lockdown*	*and students scrambled for cover.*
α 1	α +2	×β	×γ1	×γ+2

Source: Produced by the authors

3.1.2 Experiential mode: TRANSITIVITY

In the experiential mode, our experience of the world is modelled as configurations of elements in organic wholes, as already illustrated for clauses, e.g. Table 3, where the configuration is Actor + Process + Goal, on a couple of occasions augmented by a circumstance of Manner or a circumstance of Place.

[3] Available at: http://seattletimes.com/html/localnews/2023778865_spushootingxml.html

[4] The clause complex is annotated for boundaries between clauses: ||| = boundaries between clause complexes, and || = boundaries between (ranking, i.e. non-embedded) clauses forming the clause complex.

The experiential system of the clause for construing quanta of change in our experience of the flow of events as such configurations is the system of TRANSITIVITY. This system is composed of three complementary subsystems (see HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2014: Chapter 5), viz. (1) PROCESS TYPE, (2) AGENCY and (3) CIRCUMSTANTIATION.

(1) The system of PROCESS TYPE construes quanta of change — the goings-on that make up our experience of the flow of events — into a small number of types according to the nature of the change, with different numbers and kinds of participants, the nature of their involvement in the process depending on the process type:

'material' process clauses (doings-&-happenings, i.e. actions, activities, events). These clauses do most of the work of construing material violence as acts of violence, e.g. [*the 2007 shooting*] *in which a gunman killed 32 people before taking his own life*; and the examples analysed above in Table 3, Table 4. 'Material' clauses also construe activities in response to acts of violence, e.g. *evacuate* in *An apparent agreement to evacuate 200,000 people from the port city fell apart because of what Kyiv said was continuous Russian shelling*. Most of the verbs of violence that we will present below operate in 'material' clauses.

'behavioural' process clauses (behaving, prototypically human: sensing as activity and physiological processes). 'Behavioural' clauses can represent the impact of violence on the human body, e.g. Process: *coughing* as a result of a gas attack in Wilfred Owen's *Bent double, like old beggars under sacks, Knock-kneed, coughing like hags, we cursed through sludge*, from his ironically titled poem "Dulce et decorum est" or *Some classmates screamed*, *A lot of people were freaking out* in a news report of a school shooting. They can also represent perception of manifestations of violence as activity, e.g. *For the next four to five minutes, Osgood and his classmates … listened to muffled screams and moans emanating from the hallway*.

'mental' process clauses. 'Mental' clauses can be used to construe how people sense manifestations of violence; 'mental' clauses of perception can construe what witnesses see, hear or feel, with the manifestation of violence as Phenomenon, e.g. *We heard a gunshot*; *he heard* [[*gunshots coming from a classroom next door*]]; *We could hear* [[*people yelling about bleeding*]]; *when we saw blood on the carpet*. But 'mental' clauses can also construe the experience of "mental violence", e.g. *terrifies* in *If there is one movie that still deeply terrifies me whenever I watch it, that would be William Friedkin's THE EXORCIST* (1973); and *terrorize* in *This presumably means turning over to federal authorities undocumented people who have committed no crime, a policy most local and state police oppose, since it terrorizes millions of innocent people and threatens to drive them underground where they no longer cooperate with authorities in any way*.

'verbal' process clauses. 'Verbal' clauses can be used to report representations of violence, e.g. *Seattle police Capt. Chris Fowler said a student, who is a building monitor, subdued the gunman as he stopped to reload.* But they can also be used to construe non-material, verbal violence in the sense of verbal brawling, as in *Malaysian Tourism and Culture Minister Nazri Aziz slammed the ruling, calling it "stupid and backward"* (contrast *slam* in an abstract

'material' clause: *Beijing has not rushed to help Russia after its economy was slammed by sanctions from all over the world*.).

'relational' process clauses. 'Relational' clauses can be used to characterize and classify manifestations of violence, including both material and mental violence e.g. *It was super-terrifying*; *It's pretty rattling*; *Carpeting was splattered in blood*; *It is a big step* [[*to take another human life.*]][5]. (Such characterizations may also be achieved by nominal groups, e.g. *the frightened class*; *a bloodied girl*.) They can also be used to construe states of violence, e.g. *under siege* as an Attribute in *Ukraine's second city of Kharkiv, in the north, also remained under siege*.

'existential' process clauses. 'Existential' clauses can be used to represent manifestations of violence as the Existent, as an entity, e.g. *there were blood stains all over the carpet*, but often also as a reified process (a nominalization serving as the Head / Thing of the nominal group functioning as Existent), as in *There's a thump, a rumble, and the buildings sway* (*El Salvador*, by Peter, Paul and Mary) and *There was fierce fighting in Bucha, just north-west of Kyiv, with reports of civilian casualties*.

(2) The system of AGENCY is concerned with the involvement of participants in the process; centrally, the process can be represented as simply unfolding through one participant, the Medium (e.g. *he died*) or as being caused by an external force, the Agent (e.g. *they killed him*). The significant difference between 'middle' and 'effective' clauses is illustrated by the following exchange between a reporter and Bush:

Reporter: Since the inception of the Iraqi war, I'd like to know the approximate total of Iraqis who ***have been killed****. And by Iraqis I include civilians, military, police, insurgents, translators.*

Bush: How many Iraqi citizens ***have died*** *in this war? I would say, 30,000, more or less,* ***have died*** *as a result of the initial incursion and the ongoing violence against Iraqis. We've lost about 2,140 of our own troops.*

The reporter's question is couched in terms of 'effective' agency; even though the clause is 'passive' in voice, it implicates an Actor/Agent; but Bush recasts this as 'middle' clauses, where there are no inherent Actors. He replaces the implied Actor with a circumstance of Cause, *as a result of the initial incursion and the ongoing violence against Iraqis*. By using grammatical metaphor and abstraction (see below), he is able to suppress even the implication that allied troops have killed 30,000 Iraqis.

(3) The system of CIRCUMSTANTIATION provides the resources for augmenting the configuration of process + participant(s) with circumstantial specification of time, place, cause, manner and

[5] From Tim Collins' speech ("pep talk") to his troop on the second day of the allied attack on Iraq in 2003. Available at: http://www.theglobalist.com/DBWeb/StoryId.aspx?StoryId=3023

so on. The resources of different types of circumstance can be used to frame and further specify the configuration of process + participant(s), as illustrated by the example analysed in Table 8, where the configuration of Process + Actor + Goal is augmented circumstantially by Time, Manner and Place.

TABLE 8. Circumstantial framing of an act of violence construed by a 'material' clause

On Saturday, February 11, 2006,	*Whittington*	*was*	*accidentally*	*shot*	*by U.S. Vice President Dick Cheney*	*during a quail hunting trip,*	*at a ranch in south Texas.*
Time	Goal	Process (1)	Manner: quality	Process (2)	Actor	Time	Place
prepositional phrase	nominal group	verbal group (1)	adverbial group	verbal group (2)	prepositional phrase	prepositional phrase	prepositional phrase

Source: Produced by the authors

In terms of the lexis of violence, circumstances of Place may specify some aspect of the "terrain" of violence or the destination of violent action, e.g.

When a man is lying ***in a shell hole*** *(Patton)*
Shoot them ***in the guts*** *(Patton)*
The Corpus Christi Caller-Times reports Whittington, then 78, was part of a quail-hunting party on a South Texas ranch with Cheney and others when the vice president accidentally shot him ***in the face and torso*** *after a covey of game birds took flight.*[6]

and circumstances of Manner: means are often realized by prepositional phrases with a constituent nominal group denoting a weapon, e.g.:

Witnesses in Bahrain say that more than 100 people are injured after police fire tear gas at protesters and attack them ***with batons****.*[7]
it was a stupid idea to attack Iran ***with cyber weapons***[8]

Circumstances may constitute metaphorical versions of clauses, realized by prepositional phrases with constituent nominal groups with process nominalizations as Head / Thing, e.g.:

Allow them dignity ***in death****.*[9]
Amidst explosions and a hail of gunfire *the Americans burst into Baghdad.*[10]

6 Available at: https://apnews.com/article/7f0bb4733ad2462b97368a0604fb8b0d
7 Available at: http://www.washingtonpost.com/wp-srv/special/world/middle-east-protests/
8 Available at: http://security.blogs.cnn.com/2012/10/12/panetta-cyber-threat-is-pre-911-moment/
9 Available at: http://www.theglobalist.com/DBWeb/StoryId.aspx?StoryId=3023
10 Available at: http://news.bbc.co.uk/2/hi/2923357.stm

3.2 Groups and phrases

Groups and phrases serve as elements of the clause in the first instance, although they can alternatively be downranked to serve in groups and phrases. In terms of the transitivity structure of the clause, the major correlations are set out in Table 9[11]. We will briefly discuss verbal groups, nominal groups and adverbial groups, leaving out prepositional phrases since the lexical items in prepositional phrases are found in the nominal group serving as the complement of the prepositions and prepositions are highly generalized items, close to being grammaticalized. Thus structure of a prepositional phrase is in fact like that of a shrunken clause: process: preposition + participant: nominal group, e.g. *in* + *the face*.

TABLE 9. Distribution of groups and phrases according to transitivity roles (major correlations)

group/phrase		process	participant	circumstance
group	verbal	√ *the vice president accidentally* ***shot*** *him in the face and torso*		
	nominal		√ ***the vice president*** *accidentally shot him in the face and torso*	
	adverbial			√ *the vice president* ***accidentally*** *shot him in the face and torso*
phrase	prepositional			√ *the vice president accidentally shot him in* ***the face and torso***

Source: Produced by the authors

3.2.1 Verbal groups

Verbal groups serve as the Process in the transitivity structure of the clause, as illustrated by various examples analysed above, e.g. in Table 3 and Table 7. Verbal groups are highly grammaticalized in English; there is only one element with lexical content, the Event. The Event is realized by a lexical verb, but all the other functions of the verbal group are realized by grammatical verbs, i.e. auxiliaries, as illustrated by the two examples analysed in Table 8. The nature of the Event reflects the process type of the clause in which the verbal group serves (*go* and *murder* in Table 8 both operate in a 'material' process clauses, of happening and doing, respectively), and we shall classify the lexical verbs that we present below in terms of process type, leaving a separate classification based on type of event for another occasion[12]. While the Process is usually realized by a simple verbal group, as in the examples in Table 8, it may alternatively be realized

[11] We have not included minor patterns such as the possible realization of circumstances of Duration, Distance and Frequency by nominal groups and the possible realization of certain participants by prepositional phrase, as in the case of the Actor of a passive material clause (as in Table 7).

[12] This classification involves temporal considerations having to do with how events unfold in time.

by a verbal group complex, e.g. one of temporal phase, verbal group: 'begin' / 'continue' / 'stop' + verbal group: 'doing' / 'to do', as in *That May, white rioters began to attack black citizens in the streets*, where *begin to attack* is a verbal group complex and as with *love to fight* in the first clause in Figure 1 above. In the case of verbal group complexes serving as the Process in the transitivity structure of the clause, it is the lexical verb serving as the Event of the last verbal group in the complex that reflects the process type; the preceding nominal groups reflect other aspects of the clause, like PHASE (as in this case: inceptive phase, *began*) or agency (e.g. *cause to do*, *force to do*).

TABLE 10. Examples of the structure of a verbal group serving as the Process of the transitivity structure of a clause (cf. Table 3)

		By the time this letter arrives, I	*will*	*have*	*been going*	*to go*	*to Acapulco for fourteen days.*
clause	function		Process				
group	class		verbal group				
	function		Finite	Auxiliary	Auxiliary	Event	
	class		grammatical verb	grammatical verb	grammatical verb	lexical verb	

		we	*are*	*going*	*to murder*	*those lousy Hun cocksuckers by the bushel-fucking-basket*
clause	function		Process			
group	class		verbal group			
	function		Finite	Auxiliary	Event	
	class		grammatical verb	grammatical verb	lexical verb	

Source: Produced by the authors

Lexical verbs thus serve as the as the Event of verbal groups realizing the Process of the transitivity structure of clauses. In addition, lexical verbs in their participial forms may serve in the structure of nominal groups, typically as Epithet, as in *murdering thieves* (Epithet: *murdering* Thing: *thieves*) in *the day you allow murdering thieves to take your home and kill your family tell me about it*.

3.2.2 Nominal groups

Nominal groups serve in participant roles in the transitivity structure of the clause, but they may also realize certain circumstances, in particular those of extent in space and time when they are measured — Distance, Duration, Frequency, e.g. Distance (*five miles* in *Phone records showed he drove* ***five miles*** *up the road and called her*) and the participant of a prepositional phrase.

In contrast with verbal groups, nominal groups can embody a great deal of lexical material — in particular the Thing (typically as the Head) of the nominal group, Classifiers, and Epithets, realized by words of different classes, and also Qualifiers, realized by downranked clauses or prepositional phrases. Some examples are analysed in Table 10. The typical correspondences

between functions in the modification structure of the nominal group and classes of words, or phrases and clauses are set out in Table 12. Here we will focus on nouns, suggesting different classes of nouns denoting manifestations of violence in the next section. As can be seen from the examples in Table 10 and the overview in Table 12, nouns typically serve as the Thing of a nominal group (the nominal analogue of the Event of a verbal group), but they can also serve as Classifier; Classifiers are realized either by nouns or by adjectives.

TABLE 11. Examples of nominal groups with lexical items of violence serving in different nominal group functions

to tear their soldiers	*to*	*bloody*	*shreds*	*with our shells*
		Epithet	Thing	Qualifier
		adjective	noun	prepositional phrase

unleashing	*a*	*wave*	*of terror*
	Deictic	Thing	Qualifier
	determiner	noun	prepositional phrase

War is	*a*	*bloody*	*business,*	*a*	*killing*	*business.*
	1			=2		
	Deictic	Epithet	Thing	Deictic	Classifier	Thing
	determiner	adjective	noun	determiner	verb: v-ing	noun

The indiscriminate use of leg irons, restraint poles, restraining chairs and electro-shock weapons — including stun belts, stun shields and stun guns — is widespread. (Amnesty's America: a tale of two nations of punishment)

leg	*irons*
restraint	*poles*
electro-shock	*weapons*
stun	*belts*
stun	*shields*
stun	*guns*
Classifier	Thing
noun	noun

Source: Produced by the authors

TABLE 12. Nominal group functions and typical (word) class realizations

class	function						
	Deictic$_1$	Deictic$_2$	Numerative	Epithet	Classifier	Thing	Qualifier
determiner	√						
numeral			√				
adjective		√		√	√		
verb: v-ing, v-en				√			
noun					√	√	
phrase							√
clause							√
example	*these*	*alleged*	*two*	*gruesome unprovoked*	*navy / naval*	*attacks*	*on the port*

Source: Produced by the authors

3.2.3 Adverbial groups

Adverbial groups serve in circumstantial roles in the transitivity structure of the clause, where they complement prepositional phrases. Adverbial groups most commonly serve as circumstances of Manner, in particular those of quality and degree, whereas prepositional phrases serve to realize other circumstantial roles, although even here adverbial groups can serve as an alternative, e.g. *yesterday* serving as Time and *here* as Place. Adverbial groups most likely to denote aspects of violence serve as circumstances of Manner (e.g. *violently* in *ended up being **violently** attacked and dispersed by riot police*); see Table 13.

TABLE 13. Analysis of adverbial groups denoting aspects of violence

Our embassy	*was attacked*	*violently*
Goal	Process	Manner: quality
nominal group	verbal group	adverbial group

I have a dog	*[[[that*	*was*	*viciously*	*attacked*	*by an unleashed dog,*	*who crossed*	*4 lanes of traffic*	*to get to us]]].*
	Goal	Process (1)	Manner: quality	Process (2)	Actor			
	nominal group	verbal group (1)	adverbial group	verbal group (2)	prepositional phrase			

Source: Produced by the authors

Alternatively, certain adverbs may serve as Modifiers or Sub-Modifiers in groups, e.g.

*Similarly, even the most **violently** conservative societies are now less than comfortable with filial absolutism – the notion that being at the head of a family should involve the power to kill members who "dishonor" or otherwise inconvenience it.*
*Others, ignoring the current sanctions policy, a **cruelly** blunt instrument which has killed hundreds of thousands of innocent Iraqis, argue that assassination would be "immoral".*

3.3 Extension of the construal of violence to immaterial violence

So far, we have focussed mainly on the construal of violence in the material world, i.e. physical and biological manifestations of violence. For example, this is the domain of experience construed by 'material' clauses — unless, as we shall see, they involve lexical metaphor ("conceptual metaphor"). However, violence may also be immaterial — the kind of violence that has been characterized verbal brawling and mental violence. For example:

> *Why- I've got some words from the U.N. Convention Rights of the Child right in front of me. It's to protect children from all forms of* ***physical and mental*** *violence, injury, or abuse.*

Verbal violence may be construed by one type of 'verbal' clause, one where somebody or something is "targeted" in a negative judgement such as *denounce* (contrasting with a positive one such as *praise*). But it may also be construed by a 'material' clause involving a lexical metaphor where the domain of verbal violence is construed as if it was material violence, e.g. *slam sb*, *attack sb*, *launch an attack on sb*. For example:

> *The iconic interviewer said she's not going to* ***slam*** *the 24-year-old "We Found Love" singer for hooking up with her violent ex, Us reports.*

> *Angry Cook* ***lashes out*** *at war*
> *Robin Cook: Warning against Baghdad siege*
> *Former cabinet minister Robin Cook* ***has launched an angry attack on*** *the war in Iraq and called on Tony Blair to bring UK combat units home.*
> *Mr Cook – who resigned as Leader of the House of Commons in protest at the decision to launch hostilities without international agreement –* ***denounced*** *the campaign as "bloody and unnecessary".*[13]

Mental violence may be construed by 'mental' clauses where the Process is realized by a verbal group with a lexical verb as Event that also has a sense of a material act of violence. For example, *torture* with the sense of 'inflict severe pain or suffering on' serves in 'material' clauses, as in:

> *Over the next three weeks, Halimi was held in a basement and* ***tortured*** *to death.*

But it also has the sense of *cause great mental suffering or anxiety to*, and in this sense it serves in 'mental' clauses:

> *It helped solidify, if not invent, many of the ways in which TV viewers conceive of the supernatural — including the vampire* ***tortured*** *by conscience or love that lasts beyond the grave — and it paved the way for the confluence of science fiction / fantasy and drama.*

[13] Available at: http://news.bbc.co.uk/1/hi/uk_politics/2899621.stm

When I marked my X on the ballot paper, I voted for all those who had died, like my sister, in the workhouse; for men like my father who had been broken beyond repair by the Great Depression; and for women like my mum who had been ***tortured*** *by grief over a child lost through unjust poverty.*
The poor people are being ***tortured*** *by the fact that no one wants to talk about this.*

When *torture* serves in a 'mental' clause, the agent of torture can be a fact, as illustrated above (Cf. *it breaks my heart that …*; *it pains me that ….*).

It ***breaks*** *my heart that children have to suffer*
And it ***pains*** *me that so many people suffer in silence because others make them feel ashamed because they don't understand just how bad it is.*

3.4 Lexicogrammatical metaphor and abstraction

As the last set of examples show, the resources of construing violence can be extended to manifestations of immaterial violence, but this often involves models use in construing our experience of manifestations of material violence. Here one domain of experience is construed by being mapped onto another domain; for example, the domain of emotions caused by some phenomenon impinging on our senses may be mapped onto the domain of material damage: *it saddens me that … : it breaks my heart that … .* Metaphor is a relationship between the two strata of the content plane of language, between semantics (meaning) and lexicogrammar (wording); some pattern of meaning is worded as if it was another pattern of meaning, as when negative emotion is worded as if it was material damage. This is an example of lexical metaphor since one lexical field is mapped onto another. But more generally, metaphor is *lexicogrammatical metaphor*: the metaphorical relationship can be located anywhere from the grammatical zone of lexicogrammar to the lexical zone; it can involve grammatical metaphor and/or lexical metaphor. Since lexical metaphors are located within the more delicate zone of lexicogrammar, "downstream" from grammar, they may of course involve grammatical differences as well.

Like lexical metaphor, grammatical metaphor involves mapping one domain of experience onto another so that the first domain can be construed as if it was the second domain. Here since they lie within the grammatical zone of lexicogrammar, the domains are very general; for example, events are construed as if they were entities ("process nominalization"). This opens up the possibility of leaving the participants in a process implicit. For example, when Bush said *the initial incursion* in the example quoted above, this is a reified version of somebody attacking somebody else; but precisely because he reifies this process, he can leave out the agent of the attack. This can be illustrated by reference to a passage from a Pentagon manual analysed and discussed by Halliday & Matthiessen (1999, 2006, p. 274-275):

What we seek is a capability for early initiative of offensive action by air and land forces to bring about the conclusion of the battle on our terms.

This would appear, on first reading, to be at some distance from violence. Here is the whole passage:

> *The Airland Battle Concept outlines an approach to military operations which realizes the full potential of US forces. Two notions — extending the battlefield an integrating conventional nuclear chemical and electronic means — are blended to describe a battlefield where the enemy is attacked to the full depth of his formations. What we seek is a capability for early initiative of offensive action by air and land forces to bring about the conclusion of the battle on our terms.* […] *This concept does not propose new and radical ways to fight. Rather it describes conflict in terms of an environment which considers not only conventional systems, but also chemical, nuclear, and electronic. It also forces consideration of this conflict in terms of reaching the enemy's follow-on echelons. Consideration of such a battlefield is necessary if we are to reinforce the prospect of winning.*

Having analysed the passage in terms of grammatical metaphor and abstraction, Halliday & Matthiessen (1995, 2006, p. 275) comment:

> What the metaphor does is on the one hand to construct an entirely abstract world of virtual objects such as *concept, approach, capability, environment, considerations, prospects,* and *potential,* and on the other hand to set this up in stark contradiction to the highly concrete processes that begin to emerge as the metaphors are unpacked. This in turn is a kind of hyper-metaphor for modern war, in which the only "military" action taken may be the inherently benign one of keying a message into a computer — the outcome of which is that thousands of people, thousands of miles away, die a violent and wholly unmetaphorical death. Granted that this is an extreme and perhaps sensational example; but the point we are trying to make is one that is central to language itself — namely, that it is the potential for (grammatical) metaphor (itself a product of the stratified ideational resource system) that makes it possible to construe experience in terms of such complementarities and contradictions.

Thus the lexicogrammatical resources of English for construing our experience of the world includes not only the lexicogrammar of violence but also the lexicogrammatical resources for keeping this experience at considerable distance through the strategies of metaphor and abstraction. For example, in order to infer that the clause *What we seek is a capability for early initiative of offensive action by air and land forces to bring about the conclusion of the battle on our terms*, which on first reading might seem harmless and free of violence, can actually be interpreted to imply that 'by acting offensively, we try to kill as many of the enemy soldiers as we need to in order for the enemy to capitulate without us incurring casualties' or something along those lines. In a way, the discourse of warfare of the kind General Patton used to motivate his troops, where violence was nauseatingly explicit, has been replaced by a discourse of management and administration where violence can only be revealed through several steps of analysis and interpretations.

4. A dictionary view of the lexicogrammar of violence

In compiling an inventory of lexical items that are part of the lexicogrammar, we focussed first on verbs that can serve as the Event of verbal groups functioning as the Process in the transitivity structure of clauses and on nouns that can function as the Thing (or Classifier) in the structure of nominal groups functioning in participant roles in clauses or, mediated by a preposition, as in circumstantial roles. For example:

verbs serving as the Event of verbal groups functioning as the Process of 'material' clauses: … *strike, struggle, subjugate, suppress, target,* ***tear****, terrorise* … – cf. the clause analysed in Table 4.
nouns serving as the Thing of nominal groups functioning as participants in 'material' clauses:

nouns serving as the Thing of nominal groups functioning within prepositional phrases in 'material' clauses: … *sabre, scourge,* ***shell****, shot, shooter, side arm, slug, spear, sword, tomahawk, torpedo* … — cf. the clause analysed in Table 4 above.

In addition to verbs and nouns, we also take account of adjectives (e.g. *lethal* in *Two men were killed by lethal injection in Texas this year, even though they were 17 when they committed their offences, and another 65 juveniles are on death row across the country.*) and adverbs (e.g. *violently* as in *It was Hulton who, as a magistrate in north-west England, gave the notorious order for troops to violently disperse a peaceful, pro-democracy protest in the centre of the UK's first industrial city.*). However, we don't include them here.

In this section, we will list the verbs and nouns that we have identified by examining dictionaries and thesauri describing the potential of English lexis (vocabulary). These lists are organized under very general lexicogrammatical classes derived from the description of the system of PROCESS TYPE (verbs) and the description of THING TYPE (nouns). Then, in the next section, we will consider ways of further differentiating the classes of verbs in particular to produce a thesaurus view of them.

4.1 Verbs

Verbs with senses representing some aspect of our experience of violence predominantly serve in 'material' clauses; that it, their senses can be interpreted as types of 'doing-&-happening' — actions, activities, events (e.g. *assault*, *attack*, *choke*, *explode*, *injure*, *invade*, *kill*, *massacre*, *murder*, *pound*, *punch*, *ransack*, *shoot*, *slay trample*), as illustrated above by the examples analysed in Table 3, Table 4 and Table 7. This is certainly to be expected since 'material' clauses provide the model for construing quanta of change in the flow of events in the material world, typically involving a change from an initial state to an end state.

There are, as noted above, immaterial analogues, viz. verbs serving in 'mental' clauses with the general meaning of 'cause to suffer mentally' (e.g. *hurt*, *pain*, *torture*) and verbs serving in 'verbal' clauses with the general sense of 'attack verbally' (e.g. *damn*, *slam*, *blast*). Like 'material' clauses of doing (actions), these 'mental' and 'verbal' clauses are 'effective' in agency rather

than 'middle'; the Agents in them are the Phenomenon and the Sayer, respectively, and the Mediums are the Senser and the Target, respectively. Verbs serving in 'middle' clauses tend to represent the outcome of acts of violence; for example, 'material': *collapse*, *disintegrate*, *break*; 'behavioural': *ache*, *hurt*, *suffocate*, *cough*, *cry*, *sob*, *splutter*, *wail*, *weep*; 'mental': *grieve*, *lament*, *mourn*. The mental outcome of acts of violence may alternatively be construed by 'relational: intensive & ascriptive' clauses by means of an adjective serving as Attribute rather than a verb serving as Process, e.g. *be afraid*, *miserable*, *sad*, *upset* or a prepositional phrase with a noun denoting mental anguish, e.g. *be in distress*.

Examples of verbs denoting these different aspects of violence are listed in Table 14. The table is organized in terms of PROCESS TYPE (row headings) and AGENCY (column headings). There are two terms in the system of AGENCY, 'middle' and 'effective'. In 'middle' clauses, a happening is modelled as taking place without the implication of an external cause — an agent, as in *the bomb exploded*; in contrast, in 'effective' clauses, a happening is modelled as being brought about by an external cause — an agent, as in *the police exploded the bomb*. In the construal of our experience of aspects of violence, a manifestation of violence may be construed according to the 'middle' model or the 'effective' one, and many lexical verbs serve in either 'middle' clauses or in 'effective' ones, as indicated by the illustrative lists of verbs under these two column headings. However, a number of verbs can serve in either 'middle' clauses or 'effective' ones, so we have taken account of them by adding a column headed 'middle/ effective'. The lexical verb *explode* is listed here. In the lexicogrammar of violence, all such verbs operate in 'material' clauses.

TABLE 14. Examples of lexical verbs serving as Event in verbal groups functioning as Process in the transitivity structure of clauses (or in participial forms as Epithet in the modification structure of nominal groups)

PROCESS TYPE		AGENCY		
		middle	middle/ effective	effective
material	transformative	*clash, fall, rampage, rebel, retaliate, revolt, scrap, struggle, tussle,*	*battle, blow up, break, crumble, detonate, end, escalate, explode, fight, fire, intensify, ricochet, rocket, shield, slam, slap, smash, tear, wrestle*	*abuse, ambush, arm, assail, assassinate, batter, beat, blast, butcher, choke, conquer, crush, dispatch, dominate, eradicate, gash, harm, hit, hurt, injure, invade, knock, lacerate, lash out at, liberate, maim, murder, mutilate, oppress. pound, pulverize, quash, ransack, raze, rout, sack, scupper, set off, shell, shoot, slay, smack, smash, snipe at, squash, strafe, strike, terrorize, throttle, torment, upset, violate, wallop, whip, wound*
behavioural	physiological	*ache, bleed, choke, cough, cry, die, hurt, pain, pound, quarrel, suffocate, wail, weep*		

(continua)

(continuação)

PROCESS TYPE		AGENCY		
		middle	middle/ effective	effective
mental	emotive	*grieve, lament, mourn, suffer*		*antagonize, grieve, hurt, oppress, pain, slay, terrorize, torment, upset, wound*
verbal	targeting			*abuse, assail, blast, damn, lash out at, malign, slam, snipe at*
relational				
existential				

Source: Produced by the authors

Examining the table, we can note that lexical verbs serving in 'effective' clauses belonging to the 'mental' and 'verbal' process types are almost always verbs that also have senses operating within 'material' clauses. Thus we can suggest that lexically the construal of immaterial violence draws on the resources for the construal of material violence. Here lexical metaphor plays an important role; negative verbal judgement of somebody is mapped onto the domain of material assault.

4.2 Nouns

Nouns with senses representing some aspect of our experience of violence serve as Thing in the structure of nominal groups, or as Classifier, as illustrated in Table 10 above; and nominal groups function as participants in the transitivity structure of clauses, or in the reduced transitivity structure of prepositional phrases.

TABLE 15. Examples of lexical nouns serving as Thing or Classifier in nominal groups functioning as participants in the transitivity structure of clauses (or in that of prepositional phrases)

THING TYPE		examples of nouns
objects	objects: weapons	ammunition, arrow, arsenal, artillery, atom bomb, bayonet, bomb, bullet, canon, catapult, chemical weapons, dagger, dart, firearm, flamethrower, grenade, gun, hammer, hand gun, knife, lance, machete, machine gun, mine, missile, mortar, munition(s), musket, nuclear bomb, nuclear weapons, pellet, piece, pike, pistol, projectile, revolver, rifle, rocket, round, sabre, scourge, shell, shot, shooter, side arm, slug, spear, sword, tomahawk, torpedo, weapon, whip
	objects: equipment, vehicles	cross-hairs, destroyer, detonator, fetter, flack jacket, gunship, gunpowder, launch, shackles, shield, sights, tank, tie, ties, trigger, battery
	objects: other	barricade, breach, flack/flak, impact crater, mass grave, ricochet, shrapnel, target
people	people: fighter or unit	air force, conquistador, crack shot, force, gladiator, goon, gun slinger, kamikaze, marine, marksman, military, paratrooper, protagonist, reinforcements, resistance, rough, sharp shooter, sniper, soldier, special ops, squad, top gun, victor, warrior

(continua)

(continuação)

THING TYPE		examples of nouns
	people: enemies	adversary, aggressor, assailant, belligerent, foe, guerrilla, hoodlum, hostile, insurgent, marauder, mark, militant, nemesis, neutral, opponent, ruffian, scourge, terrorist, thug, vanquished, yob
	people: other	carcass, corpse, masochist, militia, missing-in-action, MIA, warmonger
events	events: hits	battery, blast, blitz, blow, chop, clout, coup-de-grâce, cut, detonation, explosion, hit, knock-out, knock-down, lash, lick, punch, salvo, slap, slug, smack, spank, stroke, strike, thump, volley, wallop
	events: fights	abuse, ambush, assault, attack, barrage, battery, battle, brawl, breach, charge, clash, combat, conflict, confrontation, conquest, contest, counterattack, crusade, dogfight, engagement, eradication, escalation, execution, feud, fight, fire, firefight, fracas, fray, affray, fusillade, gunfight, invasion, launch, mayhem, melee, offense, offence, offensive, onslaught, onset, onrush, parry, pitched battle, quarrel, reprisal, scrap, showdown, skirmish, sortie, trench warfare, tussle, war, warfare, wrangle
	events: injury, death	assassination, bleed, bloodshed, carnage, casualty, decease, death, dispatch, elimination, end, fall, fratricide, genocide, harm, holocaust, homicide, injury, kill, massacre, mass murder, murder, mutilation, rape, self-harm, self-mutilation, slash, slaughter, slay, suicide, tear, thrashing, violate, wound
	events: impacts/outcomes	defeat, demolition, destruction, domination, draw, escalation, gash, hold, impact, intensification, intimidation, laceration, liberate, pillage, ravages, revenge, rout, sabotage, sack, sacrifice, smash, strife, subjugation, win
	events: other	atrocity, attrition, civil war, coercion, cruelty, havoc, holy war, incursion, insurrection, masochism, molestation, occupation, ordeal, plan of attack, prevail, provocation, raid, rampage, retaliation, revolution, sadism, seizure, siege, struggle, suppression, torment, truce, uprising, vendetta
other	other	blood, force, menace, militancy

Source: Produced by the authors

4.3 Lexical items as verbs and nouns

Before leaving this section, we would like to note that many lexical items are manifested both as verbs and as nouns, the nominal version typically being a process nominalization, e.g. verb: *destroy* and noun: *destruction*. They tend to have the same collocational patterns as both verbs and nouns (cf. HALLIDAY, 1966), but they are of course framed either by the transitivity structure of the clause or the modification structure of the nominal group. The similarities and differences can be illustrated by reference to *shell* as verb and *shelling* process nominalization noun and *shell* as noun (weapon):

the verb *shell* in verbal group serving as the Process of a clause:
In 2018, in the eastern Damascus suburb of Ghouta, under siege from the Kremlin-backed Syrian government, the Russians, acting as mediators, brokered a ceasefire with the UN to allow

civilians to escape. Instead ***civilians were shelled*** *as they attempted to escape, prompting a US state department spokesperson to condemn the ceasefire as "a joke".*

the noun *shelling* (process nominalization) as the Thing in nominal group serving as a participant:
On the main road out – eyed as a key escape route – ***heavy Russian shelling continued*** *on Monday, Ukrainian forces said.*

the noun *shell* (weapon: 'an explosive artillery projectile or bomb') as the Thing in nominal group serving as a participant:
Shells rain down *on Ukraine's cities despite 'cynical' offer of safe passage.*

5. Towards a thesaurus view, an "ontology" of violence

The lexical resources of any language for construing aspects of violence can be presented in different ways. The canonical views of the lexical resources of a language are the dictionary view and the thesaurus view (cf. MATTHIESSEN, 1991). The dictionary view will vary according to the conventions of a given language, but basically it provides the view of the lexical resources of a language from the point of view of somebody reading or listening to a text who needs to look up lexical items. A variant of this is the bilingual dictionary translators may consult, or L2 learners. In contrast, a thesaurus view provides a window of the lexical resources of a language adapted to the needs of producers of texts (speakers and writers). Roget clearly had them in mind in his original foreword in the first, 1852, edition of his thesaurus.

In the examples we presented above of lexical verbs and nouns denoting different aspects of the manifestation of our experience of violence, we have already provided a basic thesaurus-informed view of the resources, presenting verbs according to the terms in the system of PROCESS TYPE and nouns according to the system of THING TYPE. However, we will now take one step further towards the thesaurus view in the exploration of the resources for construing our experience of aspects of violence by means of lexical verbs.

As we take this step, there are different lexical descriptions we can consult, including Roget's Thesaurus (the *classic* version with his taxonomic organization of the lexical resources of English, not mere synonym dictionaries), WordNet and, for a thesaurus view of verbs, Levin's (1993) description of *English verb classes and alternations*. Here we will use Levin's description since the *verb classes* she proposes have already been interpreted in terms of the description of the system of process type in English (HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2014: Chapter 5): see Matthiessen (2014)[14]. This involves close to 4,500 verbs or really verb senses since different verbs

[14] The verb classes are really verbs serving in particular transitivity configurations, e.g. Process + Medium, Process + Agent + Medium, Process + Medium + Range; and the "alternations" are systemic contrasts, the "causative alternation", as in *Tony broke the window / the window broke*, which is the systemic contrast between 'effective' and 'middle'. And the construal of violence often depends on combinations of Process + Medium, as in *Russian soldiers are killing civilians, who share a Slavic*

are classified according to their senses, e.g. *make* in the sense of 'create' ('material') vs. *make* in the sense of 'constitute' ('relational').

We have checked the roughly 290 verb entries in our *dictionary* of violence according to Levin's classes, differentiating verb senses that belong to different classes. As an illustration, we show how the verb *bleed* in its different senses has been assigned to different terms in the systems of process type and agency and to Levinian verb classes in Table 16[15]. Not surprisingly, there are quite a few verbs that are not included in Levin's (1993) overview or not included in their relevant sense. They can probably all be assigned to verb classes in her description, so for present purposes, we will focus on the verb classes that occur in our assignment of verbs to Levinian verb classes.

TABLE 16. Example of assignment of a lexical verb in different senses to process type, agency and Levinian verb class

verb	gloss	process type						agency		Levin verb class
		material	behavioural	mental	verbal	relational	existential	middle	effective	
bleed	'drain (someone) of money or resources'	1							1	10.5 Verbs of possessional deprivation: cheat verbs
bleed	'(of a liquid substance such as dye or colour) seep into an adjacent colour or area'	1						1		43.4 Verbs of substance emission
bleed	'lose blood from the body as a result of injury or illness'		1					1		40.1 Verbs of bodily process 40.1.2 Breathe verbs

Source: Produced by the authors

identity, and ***flattening cities*** *in land that gave birth to their country's culture* or Process + Range, as in *Ukrainian President Volodymyr Zelensky has said everyone who* ***commits atrocities*** *against Ukraine's civilians will be punished*. Thus the act of 'flattening' is not inherently violent; for example in *collecting and* ***flattening*** *empty food cans for re-cycling*, flattening just represent change shape. But the combination of *flattening* + *cities* evokes a sense of violence — certainly in a news report on war, where we are primed for representations of violence.

[15] To make it easier to refer to Levin (1993), we have retained the names she has given to different classes. They are often based on representative verbs like *admire* and *marvel*; but in our own work we would replace with more descriptive terms — a possibility opened up by the interpretation of them by reference to the system of PROCESS TYPE.

We have arranged the Levinian verb classes that include verbs representing different aspects of violence according to the terms in the system of PROCESS TYPE in Table 17. This table brings out the way in which our experience of different aspects of violence is organized into different domains of processes[16]:

'material' process clauses cover most of the verb classes — 20 primary classes out of 24; and, concomitantly, they show the greatest spread of aspects of processual violence, all within the "material" domain, of course. The other process types are restricted to one or two primary classes. Of the 20 primary classes, all but one belong to 'transformative' 'material' clauses, i.e. clauses that construe the Medium undergoing some kind of transformation like change in shape, composition, possession or location. One primary class, Levin's "55. Aspectual verbs", can be interpreted as belonging to 'creative' 'material' clauses in the sense that they construe the phases of unfolding of a process. (The opposite of creation is destruction, which is construed as 'transformative'.) The 20 primary classes differ in AGENCY (cf. Table 14 above); most are in fact 'effective', which means that they construe an event as evolving an external cause (even if it is left implicit), a number can be either 'middle' or 'effective' (e.g. 45. Verbs of change of state), and some are 'middle' only (e.g. 51. Verbs of motion).

'behavioural' process clauses are all concerned with 'physiological' behaviour (as opposed to sensing or saying construed as activities), corresponding to Levin's primary class 40. Verbs involving the body. These are all 'middle' in AGENCY and construe the bodily experience of acts of violence[17].

'mental' process clauses are all of the 'emotive' type of sensing (contrasting with 'cognitive', 'desiderative' and 'perceptive' 'mental' clauses), Levin's class 31. Psych-verbs. They are either 'effective' (31.1 Amuse verbs) or 'middle' (31.3 Marvel verbs); both variants of agency construe the "mental" experience of violence, with the Senser (/ Medium) as the one who suffers. In both cases, quite a few of the verbs are lexical metaphorical extensions of verbs used in 'material' clauses; in particular, the 'effective' ones are based on a mapping from the domain of 'sensing', specifically of impinging on consciousness, to the domain of 'doing'.

'verbal' process clauses are either 'effective' in AGENCY, or 'middle'. The 'effective' clauses are in a sense the semiotic analogue of acts of material violence, and Levin's class is 33. Judgement verbs (cf. also MARTIN & WHITE, 2005, on the judgment type of appraisal).

[16] There is no space here to comment on the interesting range of micro-models of violence brought out by our classification of the relevant Levinian verb classes in terms of process types; but these micro-models — which can be interpreted as different construction types — are actually quite significant when we try to understand how the lexicogrammar of English theorizes our experience of violence. There are fascinating details, like the differences between *battle, fight* and *clash, combat, feud, quarrel* etc. against the background of similarities in this category of resources for construing potentially joint actions (even if antagonistic).

[17] We need to allow for explicitly causative constructions such as *cause someone to suffocate*, and some of the verbs listed under 40. Verbs involving the body also function in 'effective' clauses, but we have taken them to function in 'effective' 'material' clauses, belonging to different classes. For example, in an 'effective' clause, *suffocate* belongs to 42. Verbs of killing, more specifically 42.2 Poison verbs, with e.g. *crucify*, *knife*, *shoot*, *strangle* as systemic neighbours. Thus assignment to verb class and process subtype depends centrally on the set of related verbs. Here *suffocate* is part of a set of verbs denoting other forms of killing that, unlike *suffocate*, are not directly related to physiological processes.

And, in fact, a number of the verbs used in this clause type draw on 'material' lexis by means of lexical metaphor (e.g. *blast*, *hammer*, *lash out at*, *slam*); this is verbal brawling. In contrast, the 'middle' clauses are like 'middle' clauses of the 'mental: emotive' type; they construe the reaction to violence (*cry*, *wail*; *howl*, *whimper*, *whine*) and shade into 'behavioural' process clauses.

We haven't included *relational* and *existential* clauses in Table 17. This is not because they play no role in the construal of our experience of aspects of violence — they certainly do. However, they tend to construe this experience participantally rather than processual, so it's not reflected in the range of lexical verbs; the lexical content is embodied in nominal groups serving as Carrier, Attribute; Token, Value; or Existent. This will in fact often involve grammatical metaphor, i.e. a metaphorical construal of an experience that would congruently have been construed by a *material* clause, e.g.

*"There was **an explosion** and some people fell into the water from the vessel," a police spokesman said.*

*There was **a certain cogency in Trilling's attack**, at least with regard to Anderson's inferior work, most of which he wrote after Winesburg, Ohio.*

TABLE 17. Common Levinian verb classes in the verbal lexis of violence classified according to PROCESS TYPE

PROCESS TYPE		Levin's (1993) classes			examples of verbs representing manifestations of violence
		primary	secondary	tertiary	
material	transformative	9. Verbs of putting	9.3 Funnel verbs		squash,
		10. Verbs of removing	10.1 Remove verbs		draw ('disembowel'), eradicate,
			10.5 Verbs of possessional deprivation: cheat verbs		bleed, capture, liberate, ransack, seize,
		12. Verbs of exerting force: push/ pull verbs			push,
		13. Verbs of change of possession	13.2 Contribute verbs		sacrifice,
			13.4 Verbs of providing	13.4.2 Equip verbs	arm,
			13.5 Verbs of obtaining	13.5.1 Get verbs	win
				13.5.2 Obtain verbs	seize,
		15. Hold and keep verbs	15.1 Hold verbs		hold ('detain'),

(continua)

(continuação)

PROCESS TYPE		Levin's (1993) classes			examples of verbs representing manifestations of violence
		primary	secondary	tertiary	
		17. Verbs of throwing	17.1 Throw verbs		bash, catapult, fire, hit, knock, slam, slap, smash,
		18. Verbs of contact by impact	18.1 Hit verbs		batter, beat, hammer, hit, knock, pound, slap, smack, smash, strike, thump,
			18.2 Swat verbs		punch, slam, slug,
			18.3 Spank verbs		clobber, knife, spank, thrash, wallop, whip
			18.4 Non-agentive verbs of impact by contact		slam, smash,
		21. Verbs of cutting	21.1 Cut verbs		cut, slash,
			21.2 Carve verbs		chop, gash, mangle, pulverize, punch, squash,
		22. Verbs of combining and attaching	22.4 Tape verbs		shackle,
		23. Verbs of separating and disassembling	23.2 Split verbs		break, cut, tear,
		29. Verbs with predicative complements	29.8 Captain verbs ('act as a …')		bully, butcher,
		35. Verbs of searching	35.4 Investigate verbs		raid,
		36. Verbs of social interaction	36.1 Correspond verbs		clash, combat, feud, quarrel, struggle, tussle, wrangle, wrestle,
			36.3 Meet verbs		battle, fight,
		42. Verbs of killing	42.1 Murder verbs		assassinate, butcher, dispatch, eliminate, execute, kill, massacre, murder, slay,
			42.2 Poison verbs		knife [also 18.3], shoot, suffocate
		43. Verbs of emission	43.4 Verbs of substance emission		bleed,
		44. Destroy verbs			annihilate, blitz, demolish, raze,

(continua)

(continuação)

PROCESS TYPE		Levin's (1993) classes			examples of verbs representing manifestations of violence
		primary	secondary	tertiary	
		45. Verbs of change of state	45.1 Break verbs		break, crush, smash, tear
			45.4 Other alternating verbs of change		blast, collapse, crumble, detonate, disintegrate, escalate, explode, intensify, neutralize,
		51. Verbs of motion	51.3 Manner of motion	51.3.2 Run verbs	charge,
			51.4 Verbs of motion using a vehicle	51.4.1 Verbs that are vehicle names	rocket,
		52. Avoid verbs			dodge (e.g. a bullet),
	creative	55. Aspectual verbs	55.1 Begin verbs		end,
behavioural	physiological	40. Verbs involving the body	40.1 Verbs of bodily process	40.1.2 Breathe verbs	bleed, cry,
			40.2 Verbs of nonverbal expression		cry, sob, weep,
			40.7 Suffocate verbs		choke, suffocate
			40.8 Verbs of bodily state and damage to the body:	40.8.1 Pain verbs	ache, break, pain,
				40.8.2 Tingle verbs	pound
				40.8.3 Hurt verbs	cut, hurt, injure,
mental	lower order: emotive	31. Psych-verbs	31.1 Amuse verbs		antagonize, crush, cut, grieve, hurt, intimidate, pacify, pain, revolt, strike, terrorize, torment, upset, wound,
			31.3 Marvel verbs (verb + prep.)		bleed for, grieve for, hurt, lament, mourn,
verbal	activity: targeting	33. Judgement verbs			abuse, blast, criticize, malign, vilify
	semiosis	37. Verbs of communication	37.3 Verbs of manner of speaking		cry, wail,

Source: Produced by the authors

5. Conclusion

In this paper, we have investigated the lexicogrammar of violence in English, giving particular attention to the lexical resources but locating them within the overall system of the lexicogrammar. We have concentrated on the resources for construing our experience of different aspects and manifestations of violence — the ideational lexicogrammar of violence (cf. Figure 1). Naturally, this can be complemented by a study of the interpersonal lexicogrammar of violence — the resources for enacting violence in dialogic exchanges, for example as an exercise of domination in terms of the tenor dimension of power or as an exercise debasing some person or group of people in terms of the tenor dimensions of affect and valuation (a classic insightful contribution being Klemperer [1947]), as illustrated by the excerpt from General Patton's speech. The ideational and the interpersonal form a nexus in a great deal of lexis, of course — the ideational denotation and interpersonal connotation of lexical items. Thus when Colonel Tim Collins said in his (in)famous speech on the eve of the invasion of Iraq in 2003 (see BUTT, LUKIN & MATTHIESSEN, 2004):

> *We go to liberate not to conquer. We will not fly our flags in their country. We are entering Iraq to free a people — and the only flag which will be flown in that ancient land is their own. Show respect for them.*[18]

he chose to construe the purpose of the invasion as being *to liberate* and *to free*, both with very positive connotations, the former being contrasted with the negative (by that period of history) *to conquer*. Such rhetorical moves need to be identified and exposed, as Peter Matthiessen had done earlier that year in an article entitled *Lighting the fuse: freeing the Iraqi people to death*, where his wording *freeing the Iraqi people to death* invites (or forces!) a re-evaluation of what *freeing* means in the discourses of warmongers. And compare *And kill the people to set them free* in Peter, Paul and Mary's protest song *El Salvador*.

The lexicogrammar of violence is a significant part of the *language* of violence, but we also need to take account of and describe the semantics of violence (cf. Figure 1). While lexicogrammatical wordings are semantically natural and transparent, as systemic functional analysis and description can show, there are semantic strategies beyond the units of meanings realized directly by lexicogrammar — by clause complexes, clauses, groups and so on. The basic unit of semantics is *text*, which is defined as language functioning in context. Text is thus directly sensitive to contexts: different contexts are associated with different text types or *registers* (functional varieties of language). Therefore, the semantics of violence includes the strategies for organizing texts belonging to different registers, e.g., the semantics of a war report and the semantics of a speech inciting a group of people to violence. And the semantics of violence can as a strategy reconstrue violence in the case of war in managerial terms. For example, the 5th edition of the *UK Defence Doctrine* identifies three levels of warfare, *strategic*, *operational* and *tactical* (p. 19), and introduces the tactical level as follows (p. 21):

[18] Available at: http://www.theglobalist.com/DBWeb/StoryId.aspx?StoryId=3023

> The tactical level of warfare is the level at which formations, units and individuals ultimately confront an opponent or situation within the joint operations area. The tactical level employs maritime; land; air and space; and special operations forces to deliver a range of effects that together contribute to success on operations. This is the level at which engagements are fought in direct contact with an opponent.

This is similar to the pentagon manual discussed earlier; the *material* clauses here include the verbs *confront*, *employs*, *deliver* and *fight*. The closest it gets to soldiers attacking enemy soldiers is *engagements are fought in direct contact with an opponent*. This is at a considerable (metaphoric) distance from the horrors of war evoked by Mark Twain's ironic *War Prayer* or Peter Matthiessen's impassioned arguments against the attack on and invasion of Iraq in 2003:

> In our name, a half million human beings are being threatened with death in the next few weeks — dreadful deaths not unlike those of the victims of 9/11, except that far greater numbers will be burned and crushed and suffocated, and the horror will be painfully intensified by the shrieking of maimed and dying children. Nobody in this closed government, and almost nobody in the compliant mainstream media, is dealing squarely and honestly with this subject.

Here Matthiessen is evoking what the *UK Defence Doctrine* refers to as the *delivery* of *a range of effects that together contribute to success on operations*. This is clearly much closer to what a lived experience of material violence is like.

Prototypically, violence is material violence: it is manifested within material systems, i.e. physical systems and biological systems. But if it is intentional, it begins within the immaterial systems, i.e. social systems and semiotics systems. To physical events of violence and biological acts of violence, we need to add social behaviours of violence and semiotic meanings of violence. Violent meanings (as in *hate speech*) can lead to violent behaviours (as in fights between urban gangs and wars between nations); and these immaterial levels of violence are embodied biologically and manifested physically. But violence may begin within physical systems, and ripple upwards, as in the case of natural disasters such as flooding and volcanic eruptions, or within biological systems, as in the case of outbreaks of communicable diseases.

Here we have focussed on the lexicogrammar of violence in English, paying more attention to the lexical zone of the lexicogrammar. As we noted at the beginning, the work we have reported on here is part of a large-scale project. Areas within this project we have not touched on here, or only alluded to, include the description of the lexicogrammars of violence in other languages, the semantics of violence and the registers of violence.

CREDIT (CONTRIBUTOR ROLES TAXONOMY)

Matthiessen - Conceptualization, Writing, Supervision
DeCoursey - Conceptualization, Writing

CONFLICT OF INTERESTS

None.

REFERENCES

AMEKA, Felix; DENCH, Alan & EVANS, Nicholas (eds.). **Catching language: the standing challenge of grammar writing**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2006.

BUTT, David G.; LUKIN, Annabelle & MATTHIESSEN, Christian M. I. M. Grammar – The First Covert Operation of War. **Discourse & Society,** v. 15, n. 2-3, p. 267-290, 2004. Reprinted in: John E. Joseph (ed.). **Language and Politics**: major themes in English studies. Volume II. London: Routledge, 2010.

DWYER, Philip & DAMOUSI, Joy. General introduction: violence in world history. *In:* DWYER, Philip & DAMOUSI, Joy (eds.). **The Cambridge World History of Violence**, v. 1. Cambridge: Cambridge University Press, 2020. p. 1-18.

HALLIDAY, Michael A. K. Lexis as a linguistic level. *In*: BAZELL, C. E.; CATFORD, J. C.; HALLIDAY, M. A. K. & ROBINS, R. H. (eds.). **In Memory of J. R. Firth**. London: Longman, 1966. p. 148-162. Reprinted in: HALLIDAY, Michael A. K. **On Grammar**, v. 1, in the Collected Works of M.A.K. Halliday, edited by Jonathan J. Webster. London & New York: Continuum, 2002. p. 158-172.

HALLIDAY, Michael A. K. On the grammar of pain. **Functions of Language**, v. 5(1), p. 1-32, 1998. Reprinted in: HALLIDAY, Michael A. K. **Studies in English Language**, v. 7, in the Collected Works of M.A.K. Halliday, edited by Jonathan J. Webster. London & New York: Continuum, 2005. p. 306-337.

HALLIDAY, Michael A. K. & MATTHIESSEN, Christian M. I. M. **Halliday's introduction to functional grammar**. Fourth Edition. London: Routledge, 2014.

HASAN, Ruqaiya. **Linguistics, language and verbal art.** Geelong, Vic.: Deakin University Press, 1985.

HORI, Motoko. Pain expressions in Japanese. *In*: THOMPSON, Geoff & HUNSTON, Susan (eds.). **System and corpus**: exploring connections. London & Oakville: Equinox, 2006. p. 206-225.

KLEMPERER, Victor. **LTI Notizbuch eines Philologen**. Berlin: Aufbau-Verlag, 1947.

LASCARATOU, Chryssoula. **The language of pain**: expression or description? Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins, 2007.

LEVIN, Beth. **English verb classes and alternations**: a preliminary investigation. Chicago & London: The University of Chicago Press, 1993.

MARTIN, J. R. Grammaticalizing ecology: the politics of baby seals and kangaroos. *In*: GROSZ, Elizabeth A., THREADGOLD, Terry & HALLIDAY, Michael A. K. (eds.). **Semiotics - Ideology - Language.** Sydney: Sydney Association for Studies in Society and Culture, 1986. p. 225-267.

MARTIN, J. R. & WHITE, Peter R. R. **The Language of Evaluation**: Appraisal in English. London & New York: Palgrave Macmillan, 2005.

MATTHIESSEN, Christian M. I. M. Lexico (grammatical) choice in text-generation. *In:* PARIS, Cécile, SWARTOUT, William & MANN, William C. (eds.). **Natural language generation in artificial intelligence and computational linguistics**. Boston: Kluwer, 1991. p. 249-292.

MATTHIESSEN, Christian M. I. M. The "architecture" of language according to systemic functional theory: developments since the 1970s. *In*: HASAN, Ruqaiya, MATTHIESSEN, Christian M. I. M & WEBSTER, Jonathan (eds.). **Continuing discourse on language**, v. 2. London: Equinox, 2007a. p. 505-561.

MATTHIESSEN, Christian M. I. M. The lexicogrammar of emotion and attitude in English. Published in electronic proceedings based on contributions to the **Third International Congress on English Grammar (ICEG 3)**, Sona College, Salem, Tamil Nadu, India, January 23-27, 2006. 2007b.

MATTHIESSEN, Christian M. I. M. Extending the description of process type in delicacy: verb classes. **Functions of Language,** v. 21(2), p. 139-175, 2014.

MATTHIESSEN, Christian M. I. M. Register in the round: registerial cartography. **Functional Linguistics,** v. 2(9): 1-48. 3 November 2015. 2015a DOI: 10.1186/s40554-015-0015-8

MATTHIESSEN, Christian M. I. M. 2015b. The language of space: semiotic resources for construing our experience of space. **Japanese Journal of Systemic Functional Linguistics,** v. 8, May 2015. 2015b.

TALMY, Leonard. Lexicalisation patterns. *In*: SHOPEN, Timothy (ed.). **Language typology and syntactic description. Volume III. Grammatical categories and the lexicon.** Cambridge: Cambridge University Press, 1985. p. 57-149.

WHORF, Benjamin Lee. **Language, thought and reality**: selected writings of Benjamin Lee Whorf. Edited by John B. Carroll. Cambridge, Mass.: The MIT Press, 1956.

Gradiência e mudança linguística: o caso de "entretanto"*

Maria da Conceição de Paiva
Universidade Federal do Rio de Janeiro
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-8261-6575
paiva@club-internet.fr

Priscila Thaiss da Conceição de Medeiros
Secretaria Municipal de Educação da cidade do Rio de Janeiro
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-0299-194X
pri_thaiss@yahoo.com.br

RESUMO

A categorização dos diferentes tipos de unidades linguísticas em classes estanques constitui um problema central para qualquer modelo linguístico. No entanto, ganha relevo e tem despertado a atenção de estudiosos que defendem a inexistência de fronteiras entre sistema e uso. Na perspectiva dos Modelos Baseados no Uso, gradiência é concebida como uma característica inerente aos sistemas linguísticos e uma decorrência natural da gradualidade da mudança linguística. Neste artigo, retomamos essa questão com base em uma análise diacrônica do desenvolvimento de *entretanto* como elemento de conexão de unidades discursivas a partir de seus usos adverbiais. Através do levantamento de dados em textos dos períodos arcaico, clássico e moderno/contemporâneo do português, mostramos que a construção temporal *entretanto* incorporou propriedades dos elementos juntivos e estendeu-se para o domínio do contraste. Segundo as evidências atestadas, esse processo pode ter sido impulsionado pelo fato de que a construção adverbial e a construção juntiva partilham diversas propriedades morfossintáticas e contextuais. Destacam-se a importância da posição de *entretanto* na periferia esquerda da oração, sua coocorrência com outros elementos de ligação, o tipo de estado de coisas codificado na oração, assim como suas propriedades aspectuais e de modo. Essa convergência conduz a uma gradação de usos que se situam num *continuum* entre advérbio e conector.

PALAVRAS-CHAVE: Gradiência; Mudança linguística; *Entretanto.*

Gradience and language change: the case of "entretanto"

ABSTRACT

The categorization of different types of linguistic units into closed classes is a central problem for any linguistic model. However, they gain importance and have attracted the attention of scholars who defend the inexistence of boundaries between system and use. From the perspective of the Usage-Based Models, gradience is conceived as an inherent characteristic of linguistic systems and a natural consequence of the gradualness of language change. In this article we revisit this issue based on a diachronic analysis of the development of *entretanto (meanwhile)* as a connector of discursive units from its adverbial uses. Through a survey of data in written texts from the archaic, classical and modern/contemporary periods of Portuguese, we show that *entretanto (meanwhile)* has incorporated properties of the conjunctive elements and extended to the

* A análise apresentada neste artigo é parte da tese de doutorado de Medeiros (2017), inédita.

Ao citar este artigo, referenciar como: PAIVA, Maria da Conceição de; MEDEIROS, Priscila Thaiss da Conceição de. Gradiência e mudança linguística: o caso de "entretanto". **Matraga**, v. 29, n. 56, p. 248-266, mai./ago. 2022.

DOI: 10.12957/matraga.2022.65598
Recebido em: 30/11/2021
Aceito em: 05/04/2022

domain of contrast. According to the attested evidences, this process may have been driven by the fact that the adverbial and connector uses of *entretanto* share several morphosyntactic and contextual properties. It stands out the importance of the position of *entretanto* on the left periphery of the clause, its co-occurrence with other connecting elements, the type of state of affairs encoded in the clause as well as its aspectual and mood properties. This convergence leads to a gradation of uses that are situated on a *continuum* between adverb and connector.

KEYWORDS: Gradience; Language change; *Entretanto.*

1. Introdução

Na perspectiva dos Modelos Baseados no Uso, as denominadas categorias morfossintáticas ou partes do discurso só podem ser concebidas em termos de uma escala gradiente que resulta, naturalmente, das particularidades das múltiplas instâncias de uso e das analogias que os falantes estabelecem entre elas. Assim, as fronteiras entre categorias não são rígidas e podem se diluir como consequência das mudanças por que passam as línguas naturais ao longo do tempo. Um exemplo emblemático dessa situação é o conjunto de elementos incluídos sob o rótulo de conectores, dada a sua flexibilidade e constante renovação. Como esses elementos de coesão discursiva são formados a partir de construções já disponíveis na rede linguística do falante, eles podem resultar em "categorias" intermediárias que conjugam propriedades associadas a categorias distintas.

Neste artigo, retomamos essa questão a partir de uma análise dos usos de *entretanto* ao longo do desenvolvimento do português. Embora a grande maioria das gramáticas incluam *entretanto* no conjunto das conjunções coordenativas adversativas, vários estudos já mostraram que essa forma, diferentemente de *mas*, por exemplo, não satisfaz todas as condições frequentemente convocadas para delimitar essa classe. A título de ilustração, destaque-se a flexibilidade posicional de *entretanto* e a possibilidade de ser precedido por uma conjunção coordenativa. O objetivo central do artigo é mostrar que, embora *entretanto*, inicialmente uma construção adverbial, incorpore funções juntivas (oracional e discursiva) no curso do seu desenvolvimento, resta uma zona de imprecisão/indeterminação que dificulta sua classificação como advérbio ou conector.

O artigo está organizado da seguinte forma: na seção 2, discutimos a questão da categorização, apresentando argumentos que permitem refutar uma visão clássica da relação um a um nos moldes aristotélicos. Insistimos, particularmente, na necessidade (e dificuldade) de determinar o conjunto de propriedades/atributos que permita estabelecer fronteiras claras entre as denominadas categorias gramaticais. Na seção 3, focalizamos a trajetória de *entretanto*, com base em dados atestados em textos dos períodos arcaico, clássico e moderno/contemporâneo do português, destacando as principais mudanças semânticas que culminaram na sua inserção no conjunto de construções de contraste. Na seção 4, salientamos a convergência das propriedades morfossintáticas e contextuais entre os usos adverbiais e juntivos de *entretanto*.

2. Gradiência, variação e mudança

Numa perspectiva de dinamicidade do sistema linguístico, como a defendida por diferentes modelos funcionalistas e pelos Modelos Baseados no Uso (MBU), gradiência é uma propriedade inerente às línguas naturais, está intimamente relacionada à variação e ocorre nos diferentes níveis da língua. Ligado à categorização linguística, um princípio de gradiência se contrapõe a uma perspectiva que remonta a Aristóteles, para quem as fronteiras entre categorias linguísticas são rígidas e o pertencimento de um membro/item a uma categoria A ou B é uma questão de "tudo ou nada". Essa visão é discutida a partir da ênfase na fluidez das fronteiras entre categorias linguísticas, resultando, necessariamente, em situações intermediárias (DENISON, 2001; TRAUGOTT e TROUSDALE, 2010; BYBEE, 2010). Como destaca Aarts (2004, p. 2):

> Gradience in grammar is usually characterized as the phenomenon of blurred boundaries between two categories of form classes and such that certain elements can be said clearly to belong to α, others indisputably to β with a third group of elements belonging to the middle ground between the two categories.

A visão aristotélica de categorias discretas predominou, no geral entre muitos filósofos e gramáticos do início do século XX, assim como na maioria das perspectivas estruturalistas. No entanto, alguns autores já reconheciam a existência de uma gradação entre categorias como uma característica inegável das línguas humanas (cf., por exemplo, SAPIR, 1921; WITTGENSTEIN, 1953). Em muitos trabalhos, gradiência encontra correspondência em termos tão variados como imprecisão, vagueza, indeterminação, generalidade. Merece destaque a posição de Bolinger (1961) a respeito do que o autor denomina *generality*, entendida como o fato de que uma elocução pode ter mais de uma interpretação, mas nem sempre é possível distingui-las claramente. Ainda na posição de Bolinger, a existência de continuidade em certos comportamentos humanos é um fato e a delimitação das fronteiras entre categorias pode ser melhor representada como "uma escada desgastada do que uma nova escada"[1] (BOLINGER, 1975, p. 244, citado em AARTS, 2004, p. 350). Para o autor, o que pode ser discutido é se esses fenômenos constituem objeto de estudo linguístico.

Como se pode esperar, o reconhecimento de gradiência entre categorias morfossintáticas ou semânticas depende de pressupostos que envolvem a própria concepção de sistema linguístico. A questão levantada por Bolinger só teria pertinência em modelos que separam gramática e uso linguístico. Assim, mesmo se gradação entre categorias é admitida por algumas propostas formais, ela é relegada ao plano do uso linguístico. Opondo-se a essa separação, os Modelos Baseados no Uso partem do princípio de que padrões linguísticos mais esquemáticos e regulares resultam de generalizações de similaridades identificadas entre múltiplas instâncias de uso das construções linguísticas (cf. KEMMER e BARLOW, 2000; BOYLAND, 2009; BYBEE, 2006, 2010; TRAUGOTT e TROUSDALE, 2013; DIESSEL, 2017, 2019). Nessa concepção de gramática como um sistema dinâmico, gradiência é uma propriedade inerente às línguas naturais e as

[1] No original: "*as a worn staircase, rather than as a new staircase.*" (BOLINGER, 1975, p. 244)

categorias não são preexistentes. Gradiência se manifesta em todos os níveis linguísticos, como destaca Bybee (2010, p. 2): "Todos os tipos de unidades propostas pelos linguistas mostram gradiência, no sentido de que há muita variação no domínio da unidade (diferentes tipos de palavras, morfemas, sílabas) e dificuldade em definir os limites da unidade[2].

Numa concepção de língua como um sistema emergente, gradiência pode ser explicada como uma consequência previsível da gradualidade das mudanças linguísticas, principalmente daquelas que envolvem o deslocamento de itens/construções de uma categoria para outra (HOPPER, 1987; BYBEE e HOPPER, 2001). Essa gradualidade resulta na coexistência de diferentes estágios numa trajetória de mudança e pode instaurar polissemias. Essa interrelação entre gradiência e gradualidade encontra fartas evidências nos estudos de gramaticalização ou, mais recentemente, de construcionalização (cf., por exemplo, TROUSDALE e TRAUGOTT, 2010; TRAUGOTT e TROUSDALE, 2013).

Numa interpretação possível de gradiência, o pertencimento de um item a uma dada categoria é visto como uma questão de grau. Assim, como destacado por Aarts (2004), modelos funcionalistas, como o proposto por Daněs (1966), já defendiam a tese de que os elementos incluídos em uma categoria se distinguem em um *continuum* que vai de um centro a uma periferia, com uma área de superposição que pode resultar em uma classe contígua.

A distinção entre membros centrais e membros periféricos ganha formulação mais explícita na teoria de protótipos, preanunciada de certa forma no conceito de "semelhanças de família", utilizado por Wittgenstein (1953). Numa perspectiva mais recente, o termo protótipo, inicialmente utilizado nos estudos de Psicologia Cognitiva, foi caracterizado como um conjunto de propriedades percebidas entre diferentes objetos (ROSCH, 1973b, 1975). Protótipos envolvem, portanto, a capacidade dos seres humanos de identificar semelhanças e diferenças. Transposto para a compreensão da categorização linguística, protótipos são considerados por Lakoff (1987b) como "*cognitive reference points*" [3]. Assim, para os MBU, objetos linguísticos são categorizados a partir dos mesmos mecanismos cognitivos que operam sobre a categorização de objetos naturais e culturais (cf. BYBEE e MODER, 1983).

Essa abordagem enfatiza que, no interior de uma mesma categoria, alguns membros podem ser "melhores do que outros" por apresentarem maior número de propriedades relacionadas à categoria (*Degree of Membership*). Em outros termos, um elemento X pode ser incluído em uma classe C, mesmo se ele apresenta apenas algumas das características dessa classe. Uma dificuldade a destacar é que o grau de pertencimento pressupõe não apenas especificar as propriedades que caracterizam cada categoria, como também identificar aquelas que constituem condições suficientes ou necessárias para a inclusão de X como um membro de C.

Com base em diferenças de distribuição morfossintática, Aarts (2004, 2007) propõe a necessidade de distinguir entre "gradiência subsectiva" e "gradiência intersectiva". A primeira diz respeito à relação entre os diversos membros pertencentes a uma categoria, o que coloca, ne-

[2] No original: "*All types of units proposed by linguists show gradience, in the sense that there is a lot of variation within the domain of the unit (different types of words, morphemes, syllables) and difficulty setting the boundaries of the unit.*"

[3] Taylor (1995, p. 59) toma uma posição distinta, considerando protótipo "*as a schematic representation of the conceptual core of a category*".

cessariamente, a questão de um *continuum* de centralidade. A segunda diz respeito à fluidez das fronteiras entre categorias distintas. Nos termos de Aarts (2007, p. 97), "gradiência intersectiva envolve duas categorias ou conjuntos de propriedades que podem convergir em um *cline*"[4]. Segundo o autor, esse tipo de gradiência seria mais raro. Numa crítica a essa proposta, Croft (2007), Trousdale e Traugott (2010) argumentam que, ao se limitar a distribuições morfossintáticas e a evidências sincrônicas, Aarts desconsidera aspectos semânticos e funcionais e, consequentemente, fatos importantes, como a polissemia. Além disso, como argumentam Trousdale e Traugott (obra citada), como Aarts não considera a interseção entre mudança e gradiência, um fato empiricamente verificável, parece que sua concepção de gradiência intersectiva é apenas a consequência de uma concepção mais superficial de gradiência.

Numa perspectiva construcional da arquitetura da gramática, algumas das questões colocadas até este ponto podem ser relativizadas. Na medida em que os Modelos Construcionais Baseados no Uso rejeitam qualquer distinção categórica entre léxico e gramática (cf. CROFT, 2001; GOLDBERG, 2006; DIESSEL, 2019; dentre outros), a questão de fronteiras entre categorias não se coloca, pelo menos *a priori*. Como defendido por Croft (2001, 2007), categorias não existem independentemente das construções (pareamentos simbólicos de forma e significado) em que ocorrem. Como nessa abordagem o construto primitivo é a construção e não os formativos isoladamente, a existência de categorias discretas é, no mínimo, uma situação atípica (cf. CROFT, 2001, 2007; TRAUGOTT e TROUSDALE, 2010, 2013). Essa concepção incorpora naturalmente questões ligadas à indeterminação entre categorias, sem exigir uma delimitação arbitrária entre elas. Como destacam Van Goethem et al. (2018), numa concepção de sistema linguístico como uma rede de construções, categorias podem ser entendidas de duas formas: como uma classe de elementos que podem preencher o *slot* de uma determinada construção ou como um grupo de palavras que ocorrem nas mesmas construções.

Nessa perspectiva, a relação entre gradiência e mudança pode ser vista mais apropriadamente como a emergência e a convencionalização de novas construções lexicais ou gramaticais a partir de construções já disponíveis na língua (cf. TRAUGOTT e TROUSDALE, 2013; TROUSDALE, 2018). Diacronicamente, gradualidade pode ser entendida como o resultado da sucessão de micropassos, eles próprios abruptos, que alteram propriedades da forma e do significado de uma construção. Retomando Traugott e Trousdale (2010, p. 39), "alguns desses micropassos podem resultar em sistemas gradientes em qualquer etapa do desenvolvimento de uma determinada língua."[5] Na perspectiva de Croft (2001), estágios de mudança envolvem a criação de *types* construcionais intermediários, resultantes da ação de mecanismos mais gerais, como reanálise e analogia.

Como já mostraram diferentes estudos, o desenvolvimento de conectores constitui uma área fértil para a discussão de fronteiras entre léxico e gramática e para a análise da interseção/convergência entre categorias linguísticas. Em sua maior parte, elementos de ligação oracional ou discursiva se desenvolvem a partir da reanálise de construções preposicionais, adverbiais, ver-

[4] No original: "*intersective gradience involves two categories or sets of properties which may converge 'on a cline'*."
[5] No original: "*Some of these micro-steps may give rise to gradient systems at any synchronic 'slice' in the development of a particular language.*"

bais ou nominais. Com o acréscimo de *que*, um transpositor nos termos de Bechara (2009), ou subordinador, na perspectiva de Lehmann (2002), a essas bases, podem ser formadas sequências menos composicionais ("*chunkings*", nos termos de Bybee, 2010) que resultam em novas construções conectoras. Embasada na perspectiva construcionista proposta por Traugott e Trousdale (2013), Cezario et al. (2015) propõem que essas formações constituem microconstruções licenciadas por um esquema mais abstrato, $[XQUE]_{CONEC.}$ (cf. também SANTOS e CEZARIO, 2017; FERNANDES, 2019; SILVA, 2019; SANTOS e SILVA, 2019). Sancionando a criação de novas microconstruções, esse esquema permite renovar, constantemente, a rede de construções conectoras, principalmente as que são associadas a relações com tempo, causa, condição, concessão. Ao longo do tempo, essas sequências podem sofrer importantes mudanças tanto nas suas propriedades morfossintáticas como semânticas, estendendo-se para novos contextos de uso.

A polifuncionalidade e a natureza intermediária de elementos e sequências complexas que ligam orações e/ou segmentos do discurso ficam evidentes nas diferentes denominações que essas unidades recebem na literatura linguística: conjunções, conectores, subordinadores adverbiais complexos, advérbios juntivos, elementos de coesão, articulador discursivo. Essa diversidade de classificações desses elementos exemplifica bastante bem a dificuldade de se delimitar claramente a natureza morfossintática desses elementos ou sequências de elementos. Um primeiro problema diz respeito aos traços que especificam o grupo das denominadas conjunções adverbiais. Numa tentativa de sistematização baseada em evidências tipológicas, Kortmann (1994) propõe que conjunções adverbiais constituem um conjunto de elementos que partilham as seguintes propriedades: não admitem flexão de gênero ou número, nem marcação de caso; não podem desempenhar papéis argumentais; assumem posição fixa na oração, geralmente na margem esquerda; operam sobre uma oração finita e não se restringem a uma determinada modalidade ou registro de fala (cf. também OLIVEIRA, 2018; NEVES e CONEGLIAN, 2018). A conjugação dessas propriedades resulta em um *continuum* de membros mais centrais e membros mais periféricos, ou mais representativos e menos representativos, nos termos de Keyzer (2007), no conjunto de conectores adverbiais de uma língua.

Além disso, o conjunto de conectores exemplifica bastante bem a gradiência intrasectiva, nos termos de Aarts (2004, 2007), incluindo elementos de diferentes graus de centralidade. Oliveira (2018), por exemplo, propõe uma gradação de três níveis de lexicalidade/gramaticalidade de diferentes conectores adverbiais, considerados como conjunções pela autora, de acordo com a maior ou menor preservação ou obscurecimento de traços lexicais. Dessa forma, a autora considera que, no domínio da causalidade, a construção *por causa de que* se encontra em um polo de maior lexicalidade, ao passo que a conjunção *porque* se situa num ponto de maior gramaticalidade. Numa posição intermediária estariam conectores como *posto que*, *visto que*, que incorporaram, ao longo do tempo, significados mais abstratos. De forma similar, Neves (2006, p. 258) propõe uma escala de gramaticalidade no conjunto das denominadas coordenadas adversativas no sentido: *entretanto/contudo/todavia* → *porém* → *mas*; o que, na opinião da autora, pode explicar por que um mesmo elemento se comporta como seu vizinho da direita ou da esquerda. Um problema, no entanto, é que um *continuum*, como o exemplificado acima, não leva em conta a polissemia característica de muitos conectores, como é o caso dos adverbiais, em consequência

da própria fluidez das fronteiras entre relações semânticas, como tempo/causa, causa/condição/concessão. Um estudo da gradiência entre diferentes membros de uma categoria requer identificar o conjunto de propriedades que pode resultar em categorias intermediárias em função da trajetória específica de cada um dos diferentes membros.

Como proposto por Halliday e Hasan (1976), os conectores colaboram apenas de forma indireta na construção da coesão textual, na medida em que a interpretação do seu significado envolve a presença de outros elementos no discurso. Dada a natureza interacional da linguagem, em que tanto o contexto linguístico como o extralinguístico desempenham papel fundamental na interpretação, podem emergir ambiguidades ("*bridge contexts*", nos termos de HEINE, 2002, ou "contextos críticos", para DIEWALD, 2002), propiciando reanálises que podem conduzir a novos pareamentos forma-significado.

Como destacado por Medeiros (2017, p. 45), "embora todos os conjuntos de conectores estejam sujeitos à renovação constante, o paradigma de conectores contrastivos mostra maior variação intralinguística e são mais facilmente e rapidamente renovados nas línguas" (cf. também ROCHA, 2006; DUUE, 2008; LONGHIN-THOMAZI, 2009; SILVA, 2010; BOTARO, 2010; ALVES, 2016; OLIVEIRA, 2018). Nas seções seguintes, focalizamos mais especificamente a trajetória da construção contrastiva *entretanto* no português brasileiro, buscando exemplificar e discutir alguns dos aspectos levantados nesta seção.

3. O percurso de *entretanto*: entre advérbio e conector

A maioria das gramáticas do português inclui *entretanto* no grupo das conjunções coordenativas adversativas (ver, por exemplo, CEGALLA, 1984). No entanto, como destaca Bechara (2010), diferentemente das conjunções coordenativas prototípicas (*e*, *ou*), as denominadas adversativas não podem ligar várias orações. Como nem sempre é possível delimitar com clareza a fronteira entre os usos adverbiais de alguns dos elementos de junção adversativa, eles são situados em categorias intermediárias, como se pode constatar no quadro 1 para *entretanto*.

QUADRO 1. Classificação de *entretanto*

Said Ali (1964, p. 223)	Situado "na fronteira indecisa que medeia entre o advérbio e a conjunção."
Neves (2000, p. 241)	Incluído entre os "advérbios que operam conjunção de orações: são advérbios juntivos".
Mira Mateus et al. (2003, p. 569)	Inserido no grupo dos "conectores contrastivos". Obs 1. *entretanto* também aparece como advérbio de tempo. Obs 2. as autoras distinguem conjunção de conector.
Bechara (2009, p. 322)	Inserido no conjunto das "unidades adverbiais que não são conjunções coordenativas"; "(...) advérbios que estabelecem relações interoracionais ou intertextuais".
Bagno (2011, p. 891 e 899)	Inclui *entretanto* na classe dos advérbios.

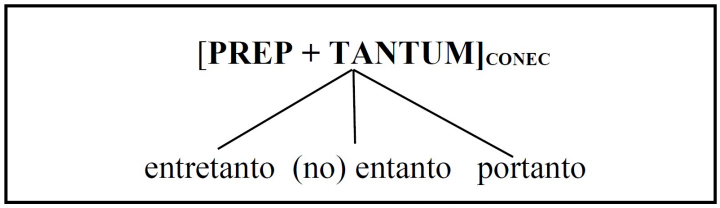
Fonte: Reproduzido de Medeiros, 2017, p. 23

A diferenciada classificação de *entretanto* decorre, naturalmente, da imprecisão das fronteiras entre preposição, conector e advérbio. Originado de um *chunking* formado pela junção da

preposição ENTRE seguida do quantificador TANTUM (BARRETO, 1999, p. 293; MEDEIROS, 2017), na sua base, *entretanto* estabelece coesão anafórica, o que constitui uma condição favorável à reanálise dessa sequência como conector (cf. CASTILHO, 2014).

Numa perspectiva construcional, podemos considerar que *entretanto* constitui uma microconstrução licenciada por um subesquema mais geral ao qual se ligam outros conectores, como mostra a figura 1.

FIGURA 1. Esquema em que se insere *entretanto*



Fonte: MEDEIROS, 2017, p. 30

Numa perspectiva de rede hierárquica, com construções de diferentes graus de esquematicidade, podemos pressupor que esse esquema está ligado a um padrão construcional mais alto [PREP X]$_{conec}$, de maior produtividade, na medida em que o *slot* X pode ser preenchido por formas verbais, nominais ou adverbiais.

Buscando identificar a trajetória percorrida pela construção *entretanto*, Medeiros (2017) procedeu a uma análise de textos representativos do português arcaico (séculos XIII, XIV, XV e primeira metade do séc. XVI); do português clássico (segunda metade do século XVI, séculos XVII e XVIII) e da variedade moderna/contemporânea do português brasileiro (séculos XIX, XX e XXI)[6]. Visando assegurar a comparabilidade dos resultados para os diferentes períodos, o corpus foi uniformizado em torno de 3.200.000 palavras por período. Os textos selecionados representam gêneros diversificados, tais como crônicas, crônicas históricas, biografias de reis, de santos ou de personalidades, textos jurídicos, cartas pessoais, administrativas e cartas dos eleitores, textos religiosos, textos técnicos, tratados científicos e textos jornalísticos, como notícias, reportagens, editoriais, horóscopo.

O levantamento dessa amostra permite atestar as primeiras ocorrências de *entretanto* no século XIV, como no exemplo 1.

(1) "E o iffante e Diogo Lopez partiro~ el rey (dom Sancho) dely (villa d'Alffaro) e foysse a Bordeeos a se veer co~ el rey de França. *Entretanto*, el rey do~ Afonso d'Arago~ e Gascom de Bearte e do~ Diogo, irma~ao do conde do~ Lopo, e do~ Afonso de Laçerda e do~ Ferna~do Guedelha, seu irma~ao, co~ grande gente, e~traro~ no reyno de Castela." (Crónica de Afonso X, na Crónica Geral de Espanha – século XIV)

[6] A periodização adotada segue a proposta de Mattos e Silva (2007).

No trecho (1), *entretanto* inicia um segmento de discurso associado por uma relação temporal de simultaneidade com o estado de coisas apresentado no trecho precedente, com um sentido próximo de *enquanto isso*. Dom Sancho, o infante Dom João e Diogo Lopes partiram da vila d'Alffaro para Bordéus, enquanto isso o rei Dom Afonso e seus acompanhantes entraram em Castela.

Ao longo de sua trajetória, foram identificados usos de *entretanto* mais próximos de uma construção adverbial temporal (exemplo 2) e usos juntivos, ligando orações ou segmentos discursivos maiores.

(2) "E foi esta a primeira sessão dele, das do tempo do Papa Pio IV, mas décima sétima, contando as que precederam, em vida dos Papas Paulo e Pio tércios. Logo ficou nomeado dia pera a segunda, e lançada pera os vinte seis de Fevereiro. *Entretanto* se tratava com grande calor, em juntas contínuas, que matérias convinha serem as primeiras, pera se irem logo estudando, disputando e discutindo." (A Vida de D. Frei Bartolomeu dos Mártires – séc. XVII)

Em (2), *entretanto* retoma uma informação apresentada no período anterior e situa temporalmente o estado de coisas descrito no trecho seguinte. Na primeira sessão do Concílio, já ficara decidido o dia da próxima reunião, prevista para o dia 26 de fevereiro. No intervalo de tempo que separa essa decisão e a realização da segunda reunião, as juntas discutiram sobre as matérias a ser priorizadas, com vistas a preparar a próxima reunião do Concílio.

Dada a sua natureza anafórica, *entretanto* pode funcionar como um conector, garantindo a coesão entre partes do texto, como exemplificado em (3).

(3) O que Burdeos com grande artifício despois, executou, de modo, que antes parecesse, que faltava ao serviço de seu Principe, q o Príncipe a sua palavra. Esta he, não só fineza, mas obrigação dos ministros, contra o costume de alguns, que por se fazer agradaveis aos pretendentes, revelando individamente o segredo de seus senhores, justo, ou injusto, os relaxão ao odio popular, entregãdo sempre suas determinaçoens ao povo, a pesar do secreto, e da religiosa ceremonia do voto, que era devido observassem; ou levados de hũ engano inutil, q contra a mesma cõciencia os faz escrupulosos; ou do interesse da reputação, que pretẽdem aumẽtar, diminuindo o credito, e fama dos Reys: cousa que o mundo, não poucas vezes tem visto, e pode ser que esteja vendo.
Entretanto Dom Alonso de Cârdenas, regulando a importancia de suas esperanças, pello valor do que lhe custavão de ouro, assegurava ao Cardeal Infante, e ao General Oquendo, tres cousas, em as quaes recebia de aquelles ministros, tão grande engano, como ministrava aos Espanhoes. (Epanáforas de vária história portuguesa – séc. XVII)

O trecho (3) se insere em uma narrativa do conflito entre espanhóis e holandeses no canal da Inglaterra. Os holandeses queriam o apoio do rei francês, o que não era de interesse dos conselheiros da França. Assim fizeram um acordo para simular apoio aos holandeses, mas em segredo ordenaram ao *Monsieur* de Bordéus que se preparasse de modo que não fosse testemunha ou

cúmplice do conflito entre Espanha e Holanda. No trecho em (3), o narrador conta que o *Monsieur* de Bordéus fez o que lhe foi solicitado, fazendo parecer que o rei francês mantivera sua palavra. Segue-se um longo comentário do narrador sobre a devida obediência dos ministros ao rei. *Entretanto* liga esse segmento textual ao discurso seguinte, em que o narrador passa a falar sobre a atitude dos espanhóis. Embora *entretanto* mantenha o sentido temporal, sua função é mais próxima à de um juntivo discursivo.

Em muitas instâncias, como no trecho (4), a natureza morfossintática de *entretanto* é mais ambígua.

(4) "e trás elas se levantou ua tamanha grita e vozes de todos os nossos e até dos da frota, chamando por Santiago, que confundindo-se aquele grande número de inimigos, já com a grita que chegava às nuvens, já com o canto temeroso das trombetas, que de diversas partes soavam, já com o estrondo da artilheria, que nao cessava de jogar por toda a roda da fortaleza e cegar e envolver a luz da manha, nao havia entre eles capitao que soubesse mandar, nem soldado que atinasse aonde deviam acudir. *Entretanto* os dous Meneses, cada um por sua parte, iam despejando a cava à força de pólvora e fogo, instrumento mais odioso pera este gentio que todas as outras nossas armas;" (Anais de D. João III – séc. XVII).

Assim como nos exemplos anteriores, em (4), a construção *entretanto* indica a simultaneidade temporal de um estado de coisas com o que é narrado no discurso precedente: ao mesmo tempo que havia uma enorme confusão, devido à gritaria e a outros sons da batalha e à falta de orientação dos soldados inimigos, os dois Meneses continuavam atacando. Contudo, é difícil determinar se *entretanto* possui escopo sobre o estado de coisas por ele introduzido ou se apenas estabelece junção entre os segmentos textuais.

A análise permite constatar que essa polifuncionalidade de *entretanto* remonta ao final do período arcaico do português e se estende pelos séculos seguintes.

TABELA 1. Distribuição dos usos de *entretanto* ao longo do tempo

FUNÇÃO / SÉCULO	Advérbio	Juntivo oracional	Juntivo discursivo	Ambíguo	TOTAL
XIII	0	0	0	0	0
XIV	2 = 66,7%	0	0	1= 33,3%	3
XV	3 = 42,9%	0	0	4 = 57,1%	7
XVI - 1	6 = 85,7%	1 = 14,3%	0	0	7
XVI - 2	46 = 83,6%	8 = 14,5%	0	1 = 1,8%	55
XVII	78 = 86,7%	6 = 6,7%	1= 1,1%	5 = 5,6%	90
XVIII	17 = 77,3%	4 = 18,2%	0	1= 4,5%	22
XIX	34 = 28,1%	63 = 52,1%	24 = 19,8%	0	121
XX	24 = 11,6%	131 = 63,3%	52 = 25,1%	0	207
XXI	1 = 1,1%	57 = 64,8%	30 = 34,1%	0	88

Fonte: MEDEIROS, 2017, p. 74

Mesmo que escassas, as primeiras ocorrências de *entretanto* sugerem que a função adverbial precede sua função juntiva, embora um caso de ambiguidade já seja atestado no século XIV. Instâncias de *entretanto* juntivo oracional são um pouco mais tardias (primeira metade do século XVI), e ganham frequência *token* expressiva a partir do século XIX. É também no período contemporâneo que são atestadas as primeiras ocorrências de *entretanto* como juntivo discursivo.

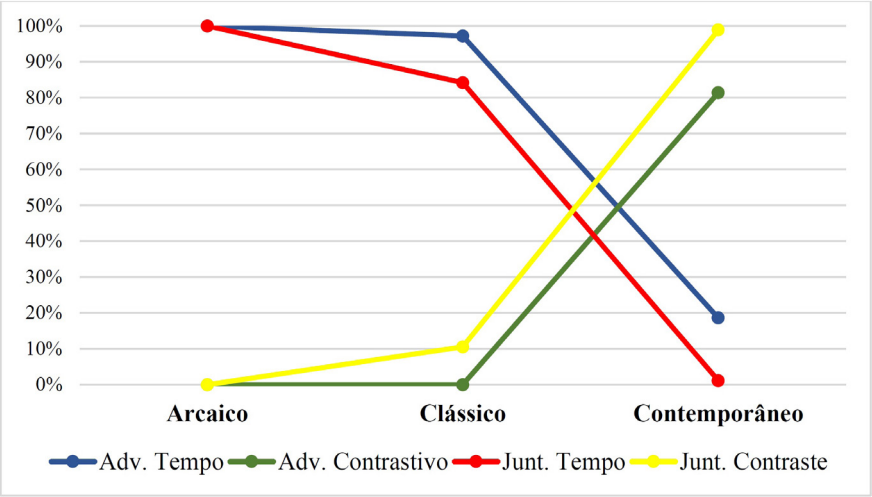
Como já mostraram diversos trabalhos (cf. BARRETO, 1999; ROCHA, 2006; BOTARO, 2010; SILVA, 2010; ALVES, 2016; MEDEIROS, 2017, dentre outros), principalmente como juntivo, *entretanto* desenvolveu, ao longo do tempo, usos no domínio da contrajunção, ou do contraste, como no exemplo (5).

(5) "As notícias dos espancamentos, dos arrochos com cordas e algemas, dos suicídios de escravizados mancham diariamente a história do vosso reinado, mosqueando a vossa púrpura de modo a ser natural confundi-lo com a pele de um tigre. *Entretanto*, Vossa Majestade conserva-se impassível." (A Campanha Abolicionista – séc. XIX)

Em (5), as informações contidas no primeiro período abordam a violência que as pessoas escravizadas estavam sofrendo e suas repercussões negativas para o império e à imagem do imperador. Essa situação autoriza a expectativa de que o imperador se preocupe com a situação e busque meios de remediá-la, o que é negado na oração introduzida por *entretanto*.

Segundo os resultados do gráfico 1, o uso de *entretanto* como juntivo temporal decresce ao longo do tempo, enquanto aumenta o seu uso no domínio do contraste.

GRÁFICO 1. Distribuição de *entretanto* por significado e função



Fonte: Produzido pelas autoras

Como se pode observar no gráfico 1, não há relação um a um entre a categoria morfossintática de *entretanto* e seu valor semântico. Diferentemente do que se poderia esperar, tanto nos seus usos adverbiais como nos seus usos juntivos, *entretanto* pode estabelecer relações tanto no

domínio do tempo como no domínio de contraste. Embora as ocorrências da construção adverbial estejam claramente associadas ao domínio temporal nos períodos arcaico e clássico do português, com valores quase categóricos, ela se estende de forma significativa para o domínio do contraste no período moderno/contemporâneo. Nesse mesmo período, constata-se a extensão do uso juntivo para a expressão de contraste, um uso já incipiente no período clássico.

Como já destacamos, uma característica inerente de *entretanto* temporal é a sua anaforicidade, acrescentando ao estado de coisas descrito na oração em que se encontra uma delimitação temporal, que é retomada do contexto antecedente. Segundo Medeiros (2017), a informação temporal associada a *entretanto* envolve o que Kortmann (1997) denomina coextensividade, ou seja, que dois estados de coisas possuam a mesma duração. Essa nuance temporal pode estar relacionada, inclusive, aos traços semânticos da preposição ENTRE que pressupõe um limite inicial e um limite final, seja ele espacial ou temporal. Nos casos em que essa delimitação é menos explícita, como no exemplo (6), emergem ambiguidades que podem ter contribuído para o desenvolvimento do sentido contrastivo da construção.

(6) "Verdade he que ha ainda outro Missionario que he o quarto e ultimo por nome Fr. Ludovico de Liorne, o qual se acha de quinze annos a esta parte com summo e incessante trabalho, occupado no Central da Commarca dos Ilhéos na civilisação e Evangelica instrucção de huma Tribu de lndios selvagens de nação Camocan que elle mesmo descobrio no interior desses bosques medonhos, e attrahio para a Freguezia de S. Pedro de Alcantara mas que **entretanto** se elle ou pela idade em que vai muito avançado já, sessenta e tres annos, ou por molestias a que succumbe pelas grandes fadigas e privações que soffre' necessariamente nesses lugares tão agrestes, morrer ou fôr obrigado a se retirar, não havendo aqui Míssionario que o possa substituir, ficaráõ em consequência baldados tanto para o lmperio, coma para a Religião, todos os seus copiosos suores, cuidados e trabalhos, e voltado esses pobres Indigenas a seu estado prjmitivo de barbarismo e selvageria." (Annaes do Rio de Janeiro – séc. XIX)

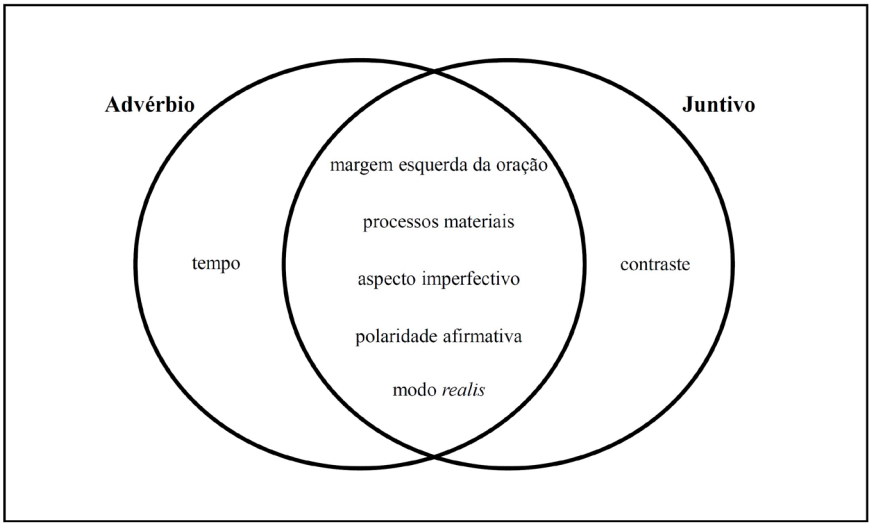
Em (6), o autor salienta as dificuldades e o possível comprometimento do trabalho de evangelização dos indígenas no caso de morte de um dos poucos missionários que ainda atua na região. O contexto anterior a *entretanto* não delimita claramente o intervalo temporal em que tal situação pode ocorrer. O significado de *entretanto*, nesse caso, parece ser mais próximo de "nesse meio tempo", "nesse ínterim" do que de "enquanto isso". Com a ausência de delimitação temporal no contexto, a ligação anafórica de *entretanto* fica mais opaca, criando contextos favoráveis para a implementação da construção contrastiva. Como mostra Medeiros (obra citada), outras características do contexto em que se situa *entretanto*, como polaridade negativa e modo *irrealis*, colaboram para a interpretação de contraste.

Do que foi visto até este ponto, destaca-se a coexistência de usos diferenciados de *entretanto*, num gradiente em que algumas ocorrências apresentam maior número de propriedades adverbiais e outras, de propriedades mais características das construções conectoras, embora compartilhem consideráveis traços morfossintáticos, como detalhado na seção 4.

4. Convergências entre *entretanto* adverbial e juntivo

Uma análise mais detalhada de diferentes características morfossintáticas e contextuais de *entretanto* permite depreender algumas evidências relativas aos traços em que convergem as instâncias adverbiais e juntivas, como sintetizado na figura 2.

FIGURA 2. Convergências nos usos de *entretanto*



Fonte: Produzido pelas autoras

A figura 2 apresenta as propriedades morfossintáticas de *entretanto* na função adverbial e na função juntiva, tomando por base as frequências predominantes, o que significa que não se trata de associações categóricas. Observam-se muitos pontos convergentes entre os usos adverbiais e juntivos: posição preferencial na margem esquerda da oração, coocorrência com processos materiais e em orações com aspecto imperfectivo, polaridade afirmativa e modo *realis*.

Dentre essas propriedades, a posição de *entretanto* merece destaque, por ser um dos principais argumentos convocados para a categorização desse elemento como advérbio ou como conjunção (cf. dentre outros, BECHARA, 2009; AZEREDO, 2010; CASTILHO, 2014; BAGNO, 2011). Embora alegue-se que a categoria advérbio possui maior mobilidade na oração, há uma tendência de enrijecimento da posição de *entretanto* nas duas funções.

Um outro argumento para defender que *entretanto* se insere em uma categoria intermediária é a possibilidade de que ele coocorra com outros elementos conectores (cf. SAID ALI, 1964, p. 223; BECHARA, 2009, p. 323; AZEREDO, 2010, p. 250; BAGNO, 2011, p. 891; CASTILHO, 2014, p. 354). Em tese, essa propriedade distinguiria os membros mais centrais da categoria conjunção coordenativa, como *e* e *mas* de outros mais marginais. Contudo, é duvidoso que ela constitua um critério decisivo, para a distinção entre *entretanto* adverbial e *entretanto* juntivo. A análise permitiu constatar que nos usos juntivos é realmente rara a coocorrência de *entretanto* com outro conector. Nos seus usos adverbiais, por sua vez, essa propriedade se relativiza de acordo com a relação semântica. Nas ocorrências de *entretanto* como advérbio temporal, é pouco frequente a coocorrência com outro conector. Com o sentido contrastivo, porém, *entretanto* é

frequentemente precedido, principalmente, da conjunção *e*. Essa tendência parece indicar uma especialização de *entretanto* adverbial contrastivo, que fica mais restrito a contextos em que outros elementos estabelecem a junção das orações. No período contemporâneo, parece estar se delineando, portanto, uma característica mais específica ao uso adverbial do que ao uso juntivo.

Nenhuma das propriedades particulares a *entretanto* adverbial ou juntivo é categórica, apresentando um *continuum* de maior ou menor frequência. Não constituem, portanto, critério suficiente, para caracterizar maior centralidade dessa forma em uma ou outra categoria. A diferença mais saliente diz respeito à maior tendência de os usos adverbiais veicularem sentidos temporais, enquanto os usos juntivos expressarem, mais frequentemente, sentidos no domínio contrastivo. No entanto, a especificação semântica não chega a ser uma característica suficiente, para delimitar as categorias advérbio e conector. É necessário levar em conta que o sentido temporal pode ser veiculado por um advérbio, como "ontem", ou por uma conjunção, como "quando" ou "antes que". Ao que tudo indica, o sentido no domínio contrastivo, diferentemente do temporal, parece estar mais "enraizado" na função juntiva de *entretanto*. No período contemporâneo do português brasileiro, parece se delinear, portanto, uma mudança construcional mais evidente no uso juntivo de *entretanto*, sinalizando o surgimento de uma nova construção na rede de construções de contrajunção.

5. Conclusão

Alguns aspectos da trajetória de *entretanto* ao longo da história do português foram retomados neste artigo, para ilustrar a relação de gradiência entre categorias morfossintáticas e mudança linguística. Destacamos a visão de gradiência como um *continuum* entre categorias e a dificuldade de estabelecer critérios necessários ou suficientes para a inclusão de um elemento A numa categoria C. Essa dificuldade pode ser contornada de uma forma teórica e descritivamente mais adequada na perspectiva dos Modelos Baseados no Uso, para os quais categorização envolve efeitos de protótipos e coexistência de membros centrais e periféricos.

Considerando instâncias do uso de *entretanto* nos diferentes períodos do português, mostramos que, ao longo de toda a sua trajetória, essa forma apresenta usos em que convergem algumas propriedades que tanto podem ser atribuídas a construções adverbiais como a construções que estabelecem coesão discursiva, como é o caso dos conectores. Pode ser considerada, portanto, um membro de uma classe intermediária.

As mudanças sofridas por *entretanto*, principalmente no período moderno/contemporâneo do português, envolveram tanto aspectos semânticos como formais. Do ponto de vista formal, destaca-se uma quase fixação de *entretanto* na margem esquerda da oração, reforçando assim sua função de ligação com o contexto anterior, característica dos conectores adversativos. Por outro lado, ao manter a possibilidade de ser precedido por uma conjunção coordenativa, *entretanto* apresenta uma propriedade mais característica de um elemento adverbial. No polo do significado, a mudança mais saliente de *entretanto* diz respeito ao seu deslizamento de relações no domínio temporal para relações no domínio de contraste.

CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES

As duas autoras contribuíram de forma equilibrada para o desenvolvimento do artigo, tanto no que se refere à sua concepção quanto à sua redação, revisão e edição. Colaboraram igualmente na análise dos dados que constituem a base da discussão teórica que norteia o artigo.

FINANCIAMENTO

O artigo se insere em um projeto mais amplo de estudos de conectores, financiado por uma bolsa de produtividade em pesquisa do CNPq.

CONFLITO DE INTERESSES

Não há conflito de interesses.

REFERÊNCIAS

AARTS, Bas. Modelling linguistic gradience. **Studies in Language**, v. 28, n.1, p. 1-50, 2004.

AARTS, Bas. **Syntactic Gradience: The Nature of Syntactic Indeterminacy**. Oxford: OUP, 2007.

ALVES, Flávia Cambi. **História e mudança**: os juntores derivados de tanto e seus diferentes padrões de uso sob o olhar da gramaticalização. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2016.

AZEREDO, José Carlos de. **Fundamentos de Gramática do Português**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

BAGNO, Marcos. **Gramática Pedagógica do Português Brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

BARRETO, Terezinha M. M. **Gramaticalização das conjunções na história do português**. 326 f., v. I e II. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1999.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37 ed. rev. ampl. e atualizada. Rio de Janeiro: Lucerna, 2009.

BECHARA, Evanildo. **Gramática escolar da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

BOLINGER, Dwight L. **Generality, Gradience and The All-Or-None**. The Hague: Mouton, 1961.

BOLINGER, Dwight L. **Aspects of Language**. 2nd ed. New York: Harcourt, Brace, Jovanovich, 1975.

BOTARO, Tatiana Cian. **Uma abordagem do funcionamento discursivo das construções adversativas sob a ótica da gramaticalização.** Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2010.

BOYLAND, Joyce. T. Usage-based models of language. *In*: EDDINGTON, D. (ed.), **Quantitative and experimental linguistics**. Muenchen: LINCOM GmbH, 2009, p. 351-419.

BYBEE, Joan. From usage to grammar: The mind's response to repetition. **Language** v. 82, p. 711–733. 2006.

BYBEE, Joan. **Language, usage and cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

BYBEE, Joan; HOPPER, Paul. (eds). **Frequency and the Emergence of Linguistic Structures** [Typological Studies in Language 45]. Amsterdam: John Benjamins, 2001.

BYBEE, Joan; MODER, Carol L. Morphological classes as natural categories. **Language** v. 59, n 2, p. 251-270, 1983.

CASTILHO, Ataliba T. de. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2014.

CEGALLA, Domingos. P. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1984.

CEZARIO, Maria. Maura; SILVA, T. S.; SANTOS, M. P. Formação da construção [X*QUE*]CONEC no português. **Revista e-scrita** (Revista do Curso de Letras da Uniabeu), Nilópolis, v. 6, n. 3, p. 229-243, 2015.

CINTRA, Luís Filipe Lindley (ed.), **Crónica Geral de Espanha de 1344**, 4 vol., Lisboa: Academia Portuguesa de História/Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1951, 1964, 1971, 1990.

CROFT, William. **Radical Construction Grammar: Syntactic Theory in Typological Perspective**. Oxford: OUP, 2001.

CROFT, William. Beyond Aristotle and gradience: a reply to Aarts. **Studies in Language**, v. 31, p. 409-430, 2007.

DANĚS, F. The relation of centre and periphery as a language universal. **Travaux linguistiques de Prague**, v. 2, p. 9-21, 1966.

DENISON, David. Gradience and linguistic change. *In*: BRINTON, Laurel J. **Historical Linguistics 1999**: Selected Papers from the 14th International Conference on Historical Linguistics. Amsterdam: John Benjamins. 2001, p.119-144.

DIESSEL, Holger. Usage-based linguistics. *In*: ARONOFF, Michel (ed.). **Oxford Research Encyclopedia of Linguistics**. New York: Oxford University Press, 2017.

DIESSEL, Holger. **The grammar network**. How linguistic structure is shaped by language use. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.

DIEWALD, Gabriele. A model for relevant types of contexts in grammaticalization. *In*: WISCHER, Ilse; DIEWALD, Gabriele (eds.). **New Reflections on Grammaticalization**. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins, 2002. p. 103-120.

DUQUE, Paulo Henrique. **Contrastes e Confrontos**: um estudo funcional do elemento *mas* na fala e na escrita. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2008.

FERNANDES, Monique. P. K. S. **A formação das microconstruções *uma vez que*, *já que* e *assim que***: uma abordagem cognitivo-funcional. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

GOLDBERG, A. E. **Constructions at work: The nature of generalization in language** (Oxford Linguistics). Oxford: Oxford University Press, 2006.

HALLIDAY, M; HASAN, R. **Cohesion in English**. Essex: Longman, 1976.

HEINE, Bernd. On the role of the context in grammaticalization. *In*: WISCHER, Ilse; DIEWALD, Gabriele (eds.). **New reflections on grammaticalization**. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins, 2002. p. 83-101.

HOPPER, P. J. Emergent grammar. *In*: ASKE, J.; BERRY, N.; MICHAELIS, L.; FILIP, H. (eds.). **Berkeley Linguistics Society 13**: General Session and Parasession on Grammar and Cognition. Berkeley CA: Berkeley Linguistics Society, 1987. p. 139-157.

KEMMER, S.; BARLOW, M. Introduction: a usage-based conception of language. *In*: BARLOW, M; KEMMER, S. (eds.). **Usage-based models of language**. Stanford: CSLI Publications, 2000. p. vii-xxviii.

KEYZER, E. The lexical-grammatical dichotomy in functional discourse grammar. **Alfa**, São Paulo, 51 (2), p. 35-56, 2007.

KORTMANN, Bernd. **Adverbial Subordinators in the Languages of the Europe: Towards a Typology and History**. Eurotyp Working Papers, v. 8, 1994.

KORTMANN, Bernd. **Adverbial subordination**. Berlin: Mouton de Gruyter, 1997.

LAKOFF, G. Cognitive models and prototype theory. *In*: Neisser, U. (ed.). **Concepts and Conceptual Development**: Ecological and Intelligence Factors in Categorization. Cambridge: Cambridge University Press, 1987b. p. 63-100.

LEHMANN, C. New reflections on grammaticalization and lexicalization. *In*: WISHER, Ilse; DIEWALD, Gabriele. **New reflections on grammaticalization**. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins, 2002, p. 1-18.

LONGHIN-THOMAZI, S.R. Grammaticalization of conjunctions. *In*: CASTILHO, A. T. (org.) **História do Português Paulista**. Campinas: UNICAMP / Publicações IEL, 2009. p. 577-583.

MIRA MATEUS, Maria Helena. Et al. **Gramática da Língua Portuguesa.** 7. ed. Lisboa: Caminho, 2003.

MATTOS e SILVA, Rosa Virgínia. Novas contribuições para a história da língua portuguesa: ainda os limites do português arcaico. **Diadorim**, v. 2, p. 99-113, 2007.

MEDEIROS, Priscila Thaiss da Conceição de. **Gramaticalização de conectores**: um estudo diacrônico de entretanto e no entanto. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

MELO, D. Francisco Manuel de. **Epanáforas de vária história portuguesa**, Lisboa: Oficina de Henrique Valente de Oliveira, 1660.

MORAES, Evaristo de. **A Campanha Abolicionista**. Rio de Janeiro: L. Ribeiro Freitas Bastos, 1924.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática de Usos do Português**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

NEVES, Maria Helena de Moura. Conectar significados: a formação de enunciados complexos. *In*: NEVES, Maria Helena de Moura. **Texto e gramática**. São Paulo: Contexto, 2006. p.223-269.

NEVES, Maria Helena de Moura; CONEGLIAN, André Vinícius Lopes. O estatuto categorial dos subordinadores adverbiais complexos numa visão cognitivo-funcional da linguagem. **Entrepalavras**, v. 8, n. esp., p. 09-27, set. 2018.

OLIVEIRA, Simone Silva de. **Construcionalização/mudanças construcionais de *porém*, *contudo* e *todavia***: um estudo pancrônico à luz dos Modelos Baseados no Uso. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

ROCHA, Ana Paula Antunes. **Gramaticalização das conjunções adversativas em português:** em busca da motivação conceptual do processo. Tese (Doutorado em Letras) – Departamento de Letras, PUC-RJ, Rio de Janeiro, 2006.

ROSCH, E. Natural categories. **Cognitive Psychology**, n. 4, p. 328-350, 1973b.

ROSCH, E. Cognitive representations of semantic categories. **Journal of Experimental Psychology: General**, n. 104, p. 192-233, 1975.

SAID ALI. M. **Gramática Histórica da Língua Portuguesa.** 6ª ed. SP: Edições Melhoramentos. 1964.

SANTOS, M. P. K.; CEZARIO, M. M. Estudo cognitivo-funcional da formação da construção [X*QUE*] CONECT no Português. **Gallæcia:** estudos de linguística portuguesa e galega, III Congresso Internacional de Linguística Histórica, Santiago de Compostela, 2017, p. 959-974.

SANTOS, M. P. K.; SILVA, T. S. Conectores advindos da construção [XQUE]conect no português: uma visão construcional de mudança. **Revista LaborHistórico**. Rio de Janeiro, 5 (1): p. 53-69, jan./jun. 2019.

SAPIR, E. **Language: An Introduction to the Study of Speech**. New York: Harcourt, Brace and Company/ Harvest Books, 1921/1957.

SILVA, Baltazar da. **Annaes Do Rio de Janeiro:** Contendo a Descoberta e Conquista Deste Paiz, a Fundação Da Cidade Com a Historia Civil e Ecclesiastica, até a Chegada d'el-Rei Dom João VI: Além de Noticias Topographicas, Zoologicas, e Botanicas. Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Const. de Seignot-Plancher e Ca. http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/242739

SILVA, Thiago dos Santos. **A formação de conectores concessivos e concessivo-condicionais instanciados pelo esquema [XQUE] em português:** uma análise construcional de mudança. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 2019.

SILVA, Tatiana Mazza da. **Gramaticalização de juntivos adversativos na história do português**. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, UNESP, São José do Rio Preto, 2010.

SOUSA, Fr. Luiz de. **ANNAES de El Rei Dom João Terceiro**. Publicados por A. Herculano. Lisboa: Typ. da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, 1844.

SOUSA, Frei Luís de. **Vida de D. Frei Bertolameu dos Mártires**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda e Movimento Bartolomeano, 1984. Print.

TAYLOR, J.R. **Linguistic categorization:** prototypes in linguistic theory. 2nd edition. Oxford: Clarendon Press, 1995.

TRAUGOTT, E. C; TROUSDALE, G; (eds). **Gradience, gradualness and grammaticalization.** Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins, 2010.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. **Constructionalization and constructional changes** (Oxford Studies in Diachronic & Historical Linguistics). Oxford: Oxford University Press, 2013.

TROUSDALE, G.; TRAUGOTT, E. C. Gradience, gradualness and grammaticalization: How do they intersect? *In*: TRAUGOTT, E. C; TROUSDALE, G; (eds). **Gradience, gradualness and grammaticalization**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2010. p. 19-44.

TROUSDALE, G. Change in category membership from the perspective of construction grammar: A commentary. *In*: Van Goethem, K.; Norde, M.; Coussé E.; Vanderbauwhede, G. (eds.). ***Category Change from a Constructional Perspective*** (Constructional Approaches to Language). Amsterdam: John Benjamins. 2018. p. 291-308.

VAN GOETHEM, K.; NORDE, M.; Coussé E.; VANDERBAUWHEDE, G. (eds.). **Category Change from a Constructional Perspective** (Constructional Approaches to Language). Amsterdam: John Benjamins. 2018.

WITTGENSTEIN, L. **Philosophical Investigations**. 3rd edition. Traduzido por Anscombe, G. E. M. Oxford: Blackwell, 1953/1958/1968. [Parcialmente reimpresso *in*: Aarts, B. *et al.*, 2004].

Fases da interação na leitura compartilhada entre professores e alunos com base na análise das funções da fala

João Baptista Favero Marques
Universidade Federal de Santa Maria
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-7256-891X
joaofm10@hotmail.com

Cristiane Fuzer
Universidade Federal de Santa Maria
ORCID: https://orcid.org/0000-0001-9499-6838
cristiane.fuzer@ufsm.br

Carla Carine Gerhardt
Universidade Federal de Santa Maria
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-5603-7916
carla.gerhardt@hotmail.com

RESUMO

O objetivo da pesquisa é identificar fases da interação entre professores e alunos do ensino fundamental durante a execução de atividades de leitura detalhada e analisar seu papel na negociação de significados no discurso pedagógico. As atividades baseiam-se na Pedagogia de Gêneros da Escola de Sydney, cuja metodologia de ensino está desenhada como Ciclo de Ensino e Aprendizagem (CEA) (ROSE; MARTIN, 2012) e cujos pressupostos teóricos partem da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF). O *corpus* é constituído por sequências de falas de dois mediadores e de uma turma de alunos do 6º e 7º ano, durante uma ação de extensão do projeto Ateliê de Textos (FUZER, 2016) numa escola pública, em Santa Maria, RS, em 2019. As falas foram gravadas em vídeo, transcritas e analisadas conforme os procedimentos da pesquisa de Gerhardt (2018). Foram analisadas as ocorrências de funções da fala, a partir de realizações léxico-gramaticais e respectivas reações (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014) e identificadas fases da interação na leitura compartilhada (ROSE; MARTIN, 2012). Os resultados evidenciaram a Pergunta como a função da fala mais utilizada pelos participantes da interação, seguida de Comando, usado principalmente pelos docentes por meio de metáfora gramatical. As fases preparação e elaboração, utilizadas pelos professores, propiciou que os alunos respondessem adequadamente ao que foi solicitado, embora o uso da fase elaboração não tenha ocorrido pelos discentes. Verifica-se, assim, a importância do planejamento prévio pelos professores do modo de conduzir as Perguntas nas aulas, a fim de que os alunos utilizem a elaboração durante a leitura compartilhada.

PALAVRAS-CHAVE: Linguística Sistêmico-Funcional; Metafunção interpessoal; Pedagogia com base em Gêneros; Leitura compartilhada; Fases da interação.

Ao citar este artigo, referenciar como: MARQUES, João Baptista Favero; FUZER, Cristiane; GERHARDT, Carla Carine. Fases da interação na leitura compartilhada entre professores e alunos com base na análise das funções da fala. **Matraga**, v. 29, n. 56, p. 267-284, mai./ago. 2022.

DOI: 10.12957/matraga.2022.63754
Recebido em: 25/11/2021
Aceito em: 29/04/2022

Phases of interaction in shared reading between teachers and students based on the analysis of speech functions

Abstract

The objective of the research is to identify phases of interaction between teachers and elementary school students during the execution of detailed reading activities and to analyze their role in the negotiation of meanings in the pedagogical discourse. The activities are based on the Sydney School Genres Pedagogy, whose teaching methodology is designed as the Teaching and Learning Cycle (CEA) (ROSE; MARTIN, 2012) and whose theoretical assumptions are based on Systemic-Functional Linguistics (LSF). The corpus consists of speech sequences by two mediators and a group of 6th and 7th grade students, during an extension action of the Ateliê de Textos project (FUZER, 2016) in a public school in Santa Maria, RS, in 2019. The speeches were videotaped, transcribed and analyzed according to the research procedures of Gerhardt (2018). The occurrences of speech functions were analyzed based on lexical-grammatical realizations and respective reactions (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014) and phases of interaction in shared reading were identified (ROSE; MARTIN, 2012). The results showed the Question as the most used speech function by the interaction participants, followed by Command, used mainly by the professors through a grammatical metaphor. The preparation and elaboration phases, used by the teachers, allowed the students to respond adequately to what was requested, although the use of the elaboration phase did not occur by the students. Thus, the importance of prior planning by teachers of how to conduct the Questions in class is verified, so that students can use the elaboration during shared reading.

KEYWORDS: Systemic-Functional Linguistics; Interpersonal metafunction; Sydney School Genres Pedagogy; Shared readin; Interaction phases.

1. Introdução

Estudos sobre significados interpessoais em língua portuguesa, como o trabalho de Rodrigues (2017) e Correa (2015, 2019) em discursos políticos, de Bochett (2018) em discurso jurídico, de Cocco e Fuzer (no prelo) em crônica, dentre outros, além de uma série de estudos sobre recursos avaliativos (VIAN JR., SOUZA e ALMEIDA, 2010; ALMEIDA e VIAN JR., 2018), têm revelado aspectos importantes sobre a interpessoalidade e a negociação de significados nos mais diversos contextos.

No que se refere ao contexto pedagógico brasileiro, tem sido focalizada a linguagem avaliativa com recurso interpessoal em discursos de docentes, como os estudos de Gomes (2020), Sousa (2017), Almeida (2018), dentre outros. Contudo, ainda é incipiente a investigação sobre as interações entre professores e alunos em sala de aula, sendo mais focalizadas interações escritas, como o trabalho de Lima (2016) sobre a interação escrita professor-aluno em contexto de uso da metodologia da aprendizagem cooperativa[1].

Com o propósito de compreender como se processa a troca de significados em sequências de falas em sala de aula, o foco deste trabalho são interações entre os mediadores de uma oficina de produção textual e os alunos da educação básica durante o desenvolvimento de atividades de leitura compartilhada no âmbito de uma ação de extensão executada em uma escola pública. O objetivo é identificar as fases da interação entre professores e alunos do ensino fundamental durante a execução de atividades de leitura detalhada, com base na análise das funções da fala em suas realizações congruentes e metafóricas. A identificação das fases da interação possibili-

[1] A busca, no Google Acadêmico, por publicações que abordem a interação entre professores e alunos em contexto escolar brasileiro, por meio das palavras-chave "interação entre professores e alunos" e "fases da interação na leitura compartilhada", retornou nenhuma publicação até outubro de 2021.

tará verificar o papel do professor no processo de ensino-aprendizagem de leitura em atividades preparatórias para a produção escrita.

O *corpus* é constituído por sequências de falas de dois mediadores (um professor em formação inicial e outro, em formação continuada) e uma turma de alunos dos anos finais do ensino fundamental que participaram de oficinas de leitura e produção textual promovidas pelo projeto de extensão Ateliê de Textos (FUZER, 2016) numa escola pública, em Santa Maria, RS, em 2019.

A análise dos dados foi realizada com base nas funções da fala e seus modos de realização léxico-gramatical, segundo princípios da Linguística Sistêmico-Funcional, apresentados na seção 2, e nas fases da interação da leitura compartilhada que integra o Ciclo de Ensino e Aprendizagem da Pedagogia de Gêneros, apresentada na seção 3. Na sequência, são apresentados os procedimentos metodológicos utilizados para a coleta e análise do *corpus*, os resultados das análises e as considerações finais.

2. Significados interpessoais na Linguística Sistêmico-funcional: funções de fala e modos oracionais

A Linguística Sistêmico-Funcional (doravante LSF), estruturada por M. A. K. Halliday, concebe a linguagem como uma atividade social, como situação interativa (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014; HALLIDAY, 1994). A troca de significados por meio da linguagem organiza-se a partir de duas facetas: o contexto de cultura, que abarca um ambiente de comunicação em consonância com a formação cultural geral em que a interação acontece, e o contexto de situação, mais específico, descrito por Halliday (1989) em um modelo conceitual formado por variáveis, dentre as quais está a variável "relações", que envolve os participantes na situação, os papéis desempenhados e o grau de controle de um participante sobre o outro.

Nessa variável contextual, a língua desempenha a metafunção interpessoal, que é realizada pelo sistema léxico-gramatical de Modo (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014), cuja análise possibilita verificar o papel exercido pelos participantes da interação e a natureza da negociação de experiências no discurso. Fuzer e Cabral (2014), com base em Halliday (1994), reiteram que há dois papéis fundamentais da fala: dar ("convidar a receber") e solicitar ("convidar a dar"). Assim, o falante/escritor não apenas faz algo para si, mas também espera que o ouvinte/leitor faça algo.

Há ainda dois tipos de valores que podem ser trocados na interação: bens e serviços e informações. Na troca de bens e serviços, o indivíduo usa a linguagem para influenciar o comportamento de alguém; a expectativa do falante é que o interlocutor faça aquilo que é enunciado. Na troca de informações, a própria linguagem é trocada, e o interlocutor é solicitado a desempenhar um papel verbal, como afirmar ou negar. A expectativa do falante é que o interlocutor tome conhecimento do que é enunciado ou forneça a informação que lhe foi solicitada (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014).

Essas duas categorias definem as quatro funções primárias da fala: oferta, comando, declaração e pergunta. As reações esperadas, ou alternativas a cada uma dessas funções da fala, podem ocorrer de forma verbal ou não verbal. Halliday e Matthiessen (2004) apontam que, tipicamente, em situações reais, as reações são verbalizadas, acompanhadas, ou não, de uma ação não verbal.

O quadro 1 traz exemplos extraídos do *corpus* de funções da fala e respectivas possibilidades de reação, considerando-se o contexto em que se inserem as falas examinadas para este trabalho.

QUADRO 1. Funções da fala e reações

FUNÇÕES DA FALA	REAÇÕES	
Iniciação	**Esperada (apoio)**	**Alternativa (confronto)**
OFERTA Você quer um lápis?	Aceitação Sim, por favor.	Rejeição Não, obrigada.
COMANDO Peguem o marca-texto e destaquem qual é o verbo nessa oração.	Empreendimento Ok ((alunos começam a pintar))	Recusa Agora não ((alunos não pintam))
DECLARAÇÃO O Jarinho tinha um pássaro preto de estimação e foi esse pássaro preto do Jarinho que voou e foi embora no vendaval.	Reconhecimento Foi mesmo!	Contradição Não é verdade.
PERGUNTA Se eu tenho "Jarinho acredita", a que característica eu posso associar Jarinho?	Resposta De confiar.	Desconsideração ((alunos ficam calados olhando para o professor)). Desaprovação Por que está perguntando isso?

Fonte: Produzido pelos autores do artigo com base em Halliday e Matthiessen (2004)

Cada uma das funções de fala pode ser realizada por uma estrutura gramatical congruente ou metafórica. A estrutura congruente corresponde ao modo oracional típico, realizado na ausência de qualquer circunstância especial (HALLIDAY, 1994). Tipicamente, comandos são realizados no modo imperativo, ofertas e perguntas, no modo interrogativo, ao passo que declarações, no modo indicativo.

Quando ocorre uma variação na forma de expressão desses significados, tem-se o que Halliday e Matthiessen (2014) denominam de metáfora gramatical interpessoal. Numa solicitação de bens e serviços, por exemplo, o comando pode ser metaforicamente realizado no modo interrogativo (Vocês podem pegar o marca-texto e destacar o verbo nessa oração, por favor?) ou declarativo (Eu gostaria que vocês pegassem o marca-texto e destacassem o verbo na oração), sinalizando mais polidez à proposta. Já numa solicitação de informações, uma pergunta pode ser metaforicamente realizada no modo declarativo (Quero saber a característica que pode ser associada a Jarinho).

A análise das funções de fala e de seus modos de realização léxico-gramatical é usada, neste trabalho, para identificar e mapear as fases da interação, apresentadas na seção a seguir.

3. Pedagogia com base em gêneros: fases da interação na leitura compartilhada

No decorrer de três décadas, foram implantados projetos de leitura e escrita na Austrália, com base em pressupostos da LSF. A partir disso, foi criado um programa de letramento, a Pe-

dagogia com base em Gêneros da Escola de Sydney, cuja metodologia de ensino está desenhada como um Ciclo de Ensino e Aprendizagem (ROSE; MARTIN, 2012). O princípio fundamental dessa proposta de letramento, segundo os autores, é usar um campo familiar, o qual engloba gêneros que possuem um mesmo propósito comunicativo principal (MARTIN; ROSE, 2008), com a finalidade de praticar habilidades complexas que envolvem a escrita de um novo texto.

Em um conjunto de estratégias do Ciclo, são organizadas atividades de Desconstrução do Gênero, Construção conjunta e Construção independente. Na estratégia de Desconstrução, o professor orienta atividades de leitura detalhada aos alunos, a fim de que sejam instruídos sobre os conceitos gerais de determinado campo (como biologia, matemática, história etc.) e se apropriem do propósito comunicativo, das etapas do gênero e dos recursos linguísticos que realizam tais etapas em textos do mesmo gênero.

Durante a dinamização dessas atividades, a interação entre professor e alunos pode se constituir das seguintes fases na leitura compartilhada: preparação, focalização, identificação, aprovação e elaboração (ROSE; MARTIN, 2012), exemplificadas, no Quadro 2, com uma sequência de falas que compõem o *corpus* desta pesquisa.

QUADRO 2. Fases da interação na leitura compartilhada

Fases da interação	Exemplos
PREPARAÇÃO (PROFESSOR)	Tá, devagar, esperem, esperem, não pintem ainda. *Era* nós vimos lá nas outras frases que ele faz parte dos verbos/das orações relacionais, né? "O caçula *era* magro e fraco", mas aqui é outra função, gente. Lembra que a gente tem que olhar pra toda oração, pra classificar essa oração, não só pro verbo.
FOCALIZAÇÃO (PROFESSOR)	Então, quando alguém ou algo existe, qual tipo de oração é...
IDENTIFICAÇÃO (ALUNO)	Existencial.
APROVAÇÃO (PROFESSOR)	Existencial, muito bem!
ELABORAÇÃO (PROFESSOR)	Então aqui, o casal de lenhadores e os sete filhos, eles passam a existir na estória. Isso é construído pelo verbo *era*, junto com as palavras uma vez, *era* uma vez. Ou existia um casal de lenhadores, eu poderia (escrever).

Fonte: Produzido pelos autores do artigo com base em Rose e Martin (2012)

Segundo Rose e Martin (2012), a preparação corresponde ao momento como o professor fornece as orientações necessárias aos alunos de como uma atividade deve ser feita. As explicações, muitas vezes, podem ser seguidas de conversas descontraídas, com as quais o professor pode despertar o interesse para o empreendimento da tarefa. Depois da preparação, o docente precisa testar os conhecimentos dos alunos, focalizando, geralmente por meio de perguntas, em um aspecto da tarefa que está sendo abordada (ROSE; MARTIN, 2012).

Então, é esperado que ocorra a fase identificação, na qual os alunos reagem ao que foi enfatizado pelo professor. A reação resposta costuma ser usada pelos participantes nessa fase. Se a identificação for utilizada de forma adequada, é necessário validar a resposta, ocorrendo a fase

aprovação, que tem o papel de reconhecer a identificação. Às vezes, após a aprovação da resposta, os participantes da interação decidem desenvolver um pouco mais a fase identificação. Dessa forma, a elaboração é usada, possibilitando que novos conhecimentos sejam absorvidos pelos participantes (ROSE; MARTIN, 2012).

4. Metodologia

O universo de análise são transcrições de gravações de duas aulas, com duração de duas horas cada, realizadas com espaçamento de uma semana, durante oficinas promovidas em agosto de 2019, conforme previsto no projeto de extensão Ateliê de Textos (FUZER, 2016) e na pesquisa de doutorado de Gerhardt (2018). Nesses encontros, foram feitas leituras detalhadas de textos que instanciam o gênero *episódio*, cujo propósito sociocomunicativo é compartilhar experiências emocionais e cuja Estrutura Esquemática de Gênero organiza-se em Orientação, Evento Marcante e Reação (MARTIN; ROSE, 2008). As interações ocorreram na Escola Municipal de Ensino Fundamental Maria de Lourdes Castro, em Santa Maria, RS.

Os participantes são um professor em formação inicial (graduando do curso de Licenciatura em Letras Língua Portuguesa e Literaturas), uma professora em formação continuada (doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras) e 14 estudantes de 6º e 7º anos que participaram voluntariamente do projeto de extensão Ateliê de Textos no contraturno das aulas regulares na escola parceira. Nas aulas em questão, os mediadores da oficina utilizaram questões propostas em um caderno didático, para conduzir as atividades de leitura detalhada e de preparação para escrita de textos do gênero episódio (GERHARDT; FUZER, 2020).

Os dados que constituem o *corpus* de análise foram gerados durante a dinamização da estratégia de Desconstrução do Ciclo de Ensino e Aprendizagem, utilizada pelo projeto de extensão Ateliê de Textos. Os procedimentos de coleta seguiram o que foi estabelecido no projeto de pesquisa de Gerhardt (2018), com autorização do Comitê de Ética e Pesquisa, da Universidade Federal de Santa Maria, sob o número CAAE 09939618.9.0000.5346. As falas foram gravadas em vídeo e totalizam 466 minutos. Elas foram transcritas seguindo as normas do projeto Norma Urbana Oral Culta do Rio de Janeiro (NURC). O quadro 3 apresenta os sinais utilizados nas transcrições.

QUADRO 3. Sinais utilizados nas transcrições das falas gravadas em vídeo

Ocorrências	Sinais
Comentários descritivos do transcritor	((minúscula))
Citações literais de textos, durante a gravação	“entre aspas”
Interrogação	?
Qualquer pausa	...
Incompreensão de palavras ou segmentos	( )
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)

Fonte: NURC-RJ

Os participantes da interação receberam códigos. Os alunos foram divididos em ordem alfabética, por ano. Por exemplo, o código B6 se refere a uma aluna do 6° ano. Os professores que ministraram a oficina, por sua vez, receberam o código M de mediador e um número sequencial. No quadro 4, é possível observar os códigos utilizados para cada participante da interação.

QUADRO 4. Participantes da interação

CÓDIGO	PARTICIPANTE
M1	mediador 1
M2	mediador 2
B6	aluna do 6° ano
C6	aluno do 6° ano
E6	aluna do 6° ano
F6	aluno do 6° ano
H7	aluna do 7° ano
J7	aluno do 7° ano
N7	aluno do 7° ano

Fonte: Autores do artigo

Para a seleção do *corpus* analisado neste artigo, foram adotados os seguintes critérios:

a) transcrição da sequência de falas entre os professores e os alunos, gravadas durante a execução de atividades relacionadas à representação de experiências na estória (funções de transitividade, conforme a Linguística Sistêmico-Funcional);
b) transcrição de interações entre os professores e os alunos que façam parte de aulas distintas, denominadas aqui 1ª aula e 2ª aula.

A primeira parte das transcrições contempla interações que abordam a leitura detalhada do episódio *O Pequeno Polegar*, de Perrault (2008); a segunda parte contempla interações que abordam questões para a leitura detalhada do texto *Os Meninos Morenos*, de Ziraldo (2004). Para fins de análise, considerou-se que cada questão do caderno didático representa uma sequência de atividade, ou seja, durante a orientação dessas questões, as fases da leitura compartilhada poderiam ocorrer. Assim, foi feito um recorte nas transcrições que contemplasse a orientação de questões do caderno didático nas duas aulas.

Para análise, foram realizados três procedimentos:

1) análise das funções da fala, a partir dos modos oracionais congruentes e metafóricos (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014);
2) identificação e descrição das fases da interação na leitura compartilhada (ROSE; MARTIN, 2012);
3) sistematização e discussão dos resultados obtidos quanto aos papéis de professores e alunos nas interações analisadas.

5. Resultados da análise das funções da fala e reações

Inicialmente, foi contabilizada a frequência das ocorrências das funções da fala e reações realizadas pelas orações que constituem o *corpus* referente à 1ª e à 2ª aulas.

TABELA 1. Frequência de ocorrências das funções da fala e reações

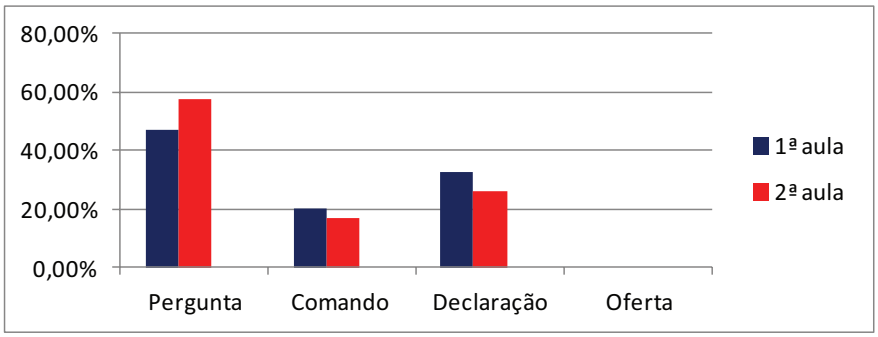
		REAÇÕES			
FUNÇÕES DA FALA 1ª aula	FUNÇÕES DA FALA 2ª aula	RESPOSTA ESPERADA (APOIO) 1ª aula	RESPOSTA ESPERADA (APOIO) 2ª aula	RESPOSTA ALTERNATIVA (CONFRONTO) 1ª aula	RESPOSTA ALTERNATIVA (CONFRONTO) 2ª aula
PERGUNTA (113) / 46,88%	PERGUNTA (62) / 57,40%	RESPOSTA (88) / 59,06%	RESPOSTA (51) / 56,66%	DESCONSIDERAÇÃO (9) / 69,23%	DESCONSIDERAÇÃO (4) / 57,14%
COMANDO (49) / 20,33%	COMANDO (18) / 16,66%	EMPREENDIMENTO (11) / 7,38%	EMPREENDIMENTO (12) / 13,33%	RECUSA (0)	RECUSA (0)
DECLARAÇÃO (79) / 32,78%	DECLARAÇÃO (28) / 25,92%	RECONHECIMENTO (50) / 33,55%	RECONHECIMENTO (27) / 30%	CONTRADIÇÃO (4) / 30,76%	CONTRADIÇÃO (3) / 42,85%
OFERTA (0)	OFERTA (0)	ACEITAÇÃO (0)	ACEITAÇÃO (0)	REJEIÇÃO (0)	REJEIÇÃO (0)
TOTAL (241) / 100%	TOTAL (108) / 100%	TOTAL (149) / 100%	TOTAL (90) / 100%	TOTAL (13) / 100%	TOTAL (7) / 100%

Fonte: Produzida pelos autores do trabalho.

Com base nos dados organizados na Tabela 1, foi verificado que o número de ocorrências da função Pergunta (57,40%) foi maior durante a 2ª aula. A sua maior incidência pode estar vinculada à relação entre professores e alunos que foi sendo construída no decorrer das aulas, fazendo com que os participantes da interação se sentissem mais à vontade para perguntar. Não se verificou nenhuma ocorrência de Oferta, haja vista a atividade que estava sendo orientada, descrita na seção de Metodologia, não propiciar a oferta, e sim a solicitação, de bens e serviços e, principalmente, a troca de informações por meio de perguntas e declarações.

As reações Empreendimento (13,33%) e Contradição (42,85%) apresentaram uma frequência maior de ocorrências na 2ª aula. A incidência menor de Empreendimento durante a 1ª aula pode indicar que os Comandos não haviam sido bem compreendidos pelos alunos naquela ocasião. Além disso, o maior número de ocorrências de Contradição pode estar vinculado ao fato de os participantes se sentirem mais à vontade para interagir, à medida que os encontros iam transcorrendo. Com um número maior de Declarações, a Contradição tende a ser mais recorrente. O Gráfico 1 compara a frequência de ocorrências das funções da fala durante a 1ª e a 2ª aulas.

GRÁFICO 1. Frequência de ocorrências das funções da fala



Fonte: Produzido pelos autores do artigo

Nos excertos a seguir, as orações sublinhadas correspondem às funções de fala utilizadas pelos participantes da interação:

(1) M1: Número um, exercício número um, quem é que quer ler pra nós?
Vamo voltar pra cá? Ou querem ler de novo, gurias?

(2) M1: Tá, então lê os personagens.
N7: 1 Jarinho, 2 Pássaro-preto, 3 Mãe, 4 Os meninos da rua, 5 Narrador.

(3) M1: Mãe... É outra; não apareceu ainda aqui, né, então é outra cor.
N7: Vou usar aquela cor.

Em (1), o mediador solicita uma informação aos alunos. A presença do ponto de interrogação e do pronome interrogativo (*quem*), além da entonação dada pelo participante da interação, dá pistas de que a função usada é a Pergunta, servindo como uma estratégia de interação para estimular alguém da turma a se voluntariar a ler a questão.

Em (2), o mediador usa o modo oracional imperativo, para dirigir um comando ao aluno N7, que reage empreendendo a atividade solicitada.

Em (3), por meio da função Declaração, o aluno informa que vai utilizar uma cor, para destacar algum excerto do texto lido.

Os alunos usaram funções da fala com frequência bem menor do que os mediadores, limitando-se a Perguntas e a Declarações, como mostra a tabela 2.

As funções de fala Pergunta (95,57%) e Declaração (91,13%) foram usadas pelos docentes mais vezes na 1ª aula. Os alunos, por sua vez, perguntaram (6,45%) e declararam (10,71%) mais durante a 2ª aula, o que pode estar relacionado com a maior convivência com os professores, pois, naturalmente, aos poucos, os discentes iam se sentindo mais à vontade para interagir durante a leitura compartilhada.

O Comando permaneceu com a mesma porcentagem, pois foi utilizado apenas pelos mediadores. A predominância de ocorrências das funções da fala na voz dos mediadores está ligada à forma com que as aulas aconteciam. Constantemente, precisavam explicar os conteúdos que es-

tavam sendo abordados nas questões, orientar como as atividades deveriam ser feitas e auxiliar na compreensão das alternativas.

TABELA 2. Frequência das funções da fala entre professores e alunos

PAPEL	PERGUNTA 1ª aula	PERGUNTA 2ª aula	DECLARAÇÃO 1ª aula	DECLARAÇÃO 2ª aula	COMANDO 1ª aula	COMANDO 2ª aula	OFERTA 1ª aula	OFERTA 2ª aula
PROFESSORES	(108) / 95,57%	(58) / 93,54%	(72) / 91,13%	(25) / 89,28%	(49) / 100%	(18) / 100%	0	0
ALUNOS	(5) / 4,42%	(4) / 6,45%	(7) / 8,86%	(3) / 10,71%	0	0	0	0
TOTAL	(113) /100%	(62) / 100%	(79) / 100%	(28) / 100%	(49) / 100%	(18) / 100%	0	0

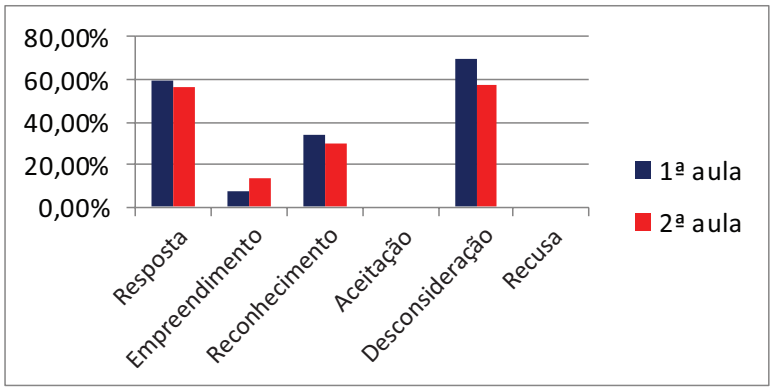
Fonte: Produzida pelos autores do artigo

A baixa interação dos alunos nessas aulas pode estar relacionada à insegurança e à timidez, tendo em vista relatos dos mediadores e desconsiderações observadas no contexto da interação aqui examinada[2]. Em vários momentos, quando solicitados a responder a uma Pergunta ou a reagir a um Comando dos mediadores, os discentes não se manifestavam, como indica, no excerto a seguir, a anotação do transcritor sobre a cena vista no vídeo.

(4) M1: Porque eles se perderam dos pais. E aí quando crianças se perdem dos pais isso é um problema, por quê? ((alguns segundos se passam e ninguém fala nada)) ((alunos ficam olhando para a professora))

O participante M1 faz uma Pergunta, mas não obtém Resposta, ficando evidenciada a reação Desconsideração por parte dos alunos. O Gráfico 2 mostra a frequência das reações durante a 1ª e a 2ª aulas.

GRÁFICO 2. Frequência de ocorrências das reações



Fonte: Produzido pelos autores do artigo

[2] Para a comprovação dessa hipótese, é necessária a análise de uma sequência maior de aulas.

Como a iniciação da interação foi realizada mais vezes pelos mediadores, por meio de Comandos, Perguntas e Declarações, coube aos discentes reagirem de alguma forma a essas funções de fala. A diminuição da frequência de Desconsideração durante a 2ª aula pode estar vinculada ao estreitamento de relações entre os mediadores e os alunos, conforme os encontros semanais aconteciam. Os trechos sublinhados indicam como os alunos estavam mais ativos na interação durante a 2ª aula.

(5) M1: Quem falou isso?
E6: A mãe.
J7: A mãe.
M1: A mãe... Número?
B6: Três.
M1: Três...
N7: "Compartilhar lembranças da infância."
M1: Quem é que tá contando lembranças da infância aqui?
F6: O narrador.

Em (5), quatro alunos respondem às solicitações do mediador. Em uma das respostas, N7 fez a leitura de um fragmento de texto, possivelmente da atividade que estava sendo abordada.

Na troca de informações, os alunos reagem às solicitações dos mediadores por meio de Resposta, como em (6).

(6) M1: frase, primeira oração do *O Pequeno Polegar*, lá na linha 2. "O caçula era magro e fraco", o que que tá acontecendo aqui?
(N7): Está introduzindo uma característica.

Em (7), o professor aprova a Resposta dada pelo aluno, usando a reação Reconhecimento.

(7) M1: Não são os coleguinhas dele? Os amigos que brincavam aquelas brincadeiras lá?
N7: Os meninos morenos.
M1: Os meninos morenos... Exatamente... Todos os meninos morenos inclusive o narrador... Uhum...

Tanto na troca de bens e serviços quanto na de informações iniciadas pelos mediadores, verificou-se o uso de metáforas gramaticais interpessoais, como nos excertos a seguir.

(8) M1: "Os pais estavam desesperados".
Alguns alunos: Característica emocional.

(9) M1: Os pais. Exatamente. Muito bem. Então aqui as orações relacionais estão introduzindo características físicas e emocionais das personagens. Viram que legal?

(10) M1: E no número três, H7 pode ler pra nós?
H7: Associe as funções das orações da coluna da esquerda com as orações da coluna da direita.

Em (8), em vez de usar o modo oracional interrogativo, em uma oração como "Qual o tipo de característica na frase 'os pais estavam desesperados'?", o professor enuncia apenas a parte do texto para a qual a questão solicita análise, configurando uma metáfora gramatical interpessoal. No contexto, os alunos inferem que o professor estava solicitando uma informação e, na sequência, utilizam a reação resposta.

Em (9), apesar de estar no modo interrogativo, a oração não realiza uma pergunta, e, sim, uma Declaração, pela qual o mediador compartilha sua apreciação pelo conteúdo abordado.

Em (10), o modo interrogativo na oração sublinhada realiza um Comando direcionado a H7. A presença do verbo modal (*pode*) atenua o tom de "obrigação", atribuindo certa cortesia à solicitação de um serviço ao interlocutor que fora interpelado.

A análise das ocorrências das funções da fala e respectivas reações, evidenciadas pelas realizações léxico-gramaticais do modo oracional, possibilitou a identificação e a análise das fases da interação na leitura compartilhada, mostradas na subseção a seguir.

5.1 Resultados da análise das fases da interação na leitura compartilhada

Com base nos resultados da análise das funções da fala e reações, foram identificadas e contabilizadas as fases da interação na leitura compartilhada durante a 1ª e a 2ª aulas (Tabela 3).

TABELA 3. Frequência de ocorrências das fases da interação na leitura compartilhada

Fases da interação na 1ª aula	Fases da interação na 2ª aula
PREPARAÇÃO (31) / 12,35%	PREPARAÇÃO (21) / 15,55%
FOCALIZAÇÃO (78) / 31,07%	FOCALIZAÇÃO (41) / 30,37%
IDENTIFICAÇÃO (78) / 31,07%	IDENTIFICAÇÃO (41) / 30,37%
APROVAÇÃO (53) / 21,11%	APROVAÇÃO (29) / 21,48%
ELABORAÇÃO (11) / 4,38%	ELABORAÇÃO (3) / 2,22%
TOTAL (251) / 100%	TOTAL (135) / 100%

Fonte: Produzida pelos autores do artigo

Conforme os dados apresentados na Tabela 3, o número de ocorrências da fase preparação (15,55%) foi maior durante a 2ª aula. O trecho sublinhado em (11) exemplifica essa fase na fala do Mediador.

(11) M1: O Jarinho e quem mais tem na letra c? Melro, mas o Melro já apareceu nas nossas alternativas... Então vocês vão usar a mesma cor pro Melro... Melro.
C6: (qual mesmo a cor que eu uso?)
M1: A mesma que tu usou (lá no início).

Em (11), M1 utiliza a preparação para explicar aos alunos como a tarefa deve ser feita. Assim o professor sinaliza que o personagem do texto lido, Melro, já apareceu nas alternativas e orienta que os discentes usem a mesma cor, para destacar o trecho onde a palavra aparece.

Após preparar os alunos, a tendência é que o professor focalize algum aspecto da questão abordada. Na Tabela 3, nota-se que a focalização (31,07%) apresentou um número maior de ocorrências durante a 1ª aula. A seguir (12), o trecho sublinhado exemplifica o uso da focalização durante a 1ª aula.

(12) M1: As funções então. Um indicar a (função), dois evidenciar a (percepção) e três indicar bravura. Primeira oração "Quando perceberam que estavam sozinhos", ((alguém tosse)) indica uma emoção, evidencia uma percepção ou um ato de bravura?
N7 e J7: Percepção.
M1: Percepção, o próprio verbo está mostrando isso, perceberam, né? Viram, sentiram que estavam sozinhos.

Em (12), M1 utiliza a função da fala Pergunta, realizada no modo interrogativo, para focalizar a atenção dos alunos em um aspecto da questão, oferecendo três alternativas de respostas para os alunos.

Como apresentado na Tabela 3, a fase identificação (31,07%) teve um número maior de ocorrências na 1ª aula, como exemplifica o trecho sublinhado em (13).

(13) M1: "Polegar que não desanimou", vamos ver a outra frase? Já que a gente ficou em pouco em dúvida. "(Que) encorajou os irmãos". Qual delas que tá mais próxima da bravura e qual que está mais próxima da emoção? ((alunos falam alguma coisa)) Tá, Polegar que não desanimou está mais próxima de emoção ou bravura?
Alguns alunos: Está mais próxima de emoção.

Em 13, alguns alunos escolhem uma das opções como Resposta, para reagir ao que foi focalizado pelo mediador, o que evidencia a fase identificação.

Quando a identificação é utilizada corretamente, o professor deve reconhecer a Resposta dada pelos alunos, utilizando a fase aprovação, que consiste em validar a identificação. De acordo com os dados da Tabela 3, a aprovação (21,48%) apresentou a maior incidência durante a 2ª aula, como exemplifica o trecho sublinhado em (14).

(14) M2: Frase três "passarinho que se pode domesticar como a um poodle"; pode domesticar quem é?

Alunos: Passarinho.
M2: Passarinho! Muito bem! Fizemos a letra B, já estamos terminando.

Além de repetir o termo "passarinho", confirmando a resposta, o mediador realiza um elogio por meio de uma expressão avaliativa positiva (*Muito bem*), evidenciando a utilização do Reconhecimento para validar a resposta dos alunos.

Em algumas situações, constatou-se que os mediadores decidiram desenvolver um pouco mais as Respostas dadas pelos alunos, a fim de torná-las mais completas. Para isso, foi utilizada a última fase da interação: a elaboração, que, como apresentado na tabela 3, foi utilizada mais vezes (4,38%) durante a 1ª aula. No trecho sublinhado em (15), é apresentado um exemplo de uso de elaboração durante a 1º aula.

(15) M1: Se um adulto se perder dos amigos, isso é um problema?
Alguns alunos: Não seria um problema.
M1: Porque adultos sabem se virar. Uma criança ou sete crianças é mais difícil, né? A gente não tem telefone pra ligar pras pessoas, ou a gente não sabe se virar sozinho, não tem força pra se virar sozinho, né? Então, é um problema pros sete irmãos estarem perdidos na floresta. Muito bem!

No exemplo 15, M1 justifica por que as crianças teriam problemas, caso ficassem perdidas, o que evidencia a utilização da fase elaboração para ampliar a Resposta dada pelos alunos e, assim, possibilitar-lhes que mais conhecimentos sejam adquiridos. Uma sistematização dos resultados das análises empreendidas e algumas reflexões estão apresentadas na seção a seguir.

6. Considerações finais

A análise das funções da fala e reações (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014) evidenciou a predominância de ocorrências de Perguntas nas interações durante a 2ª aula. Esse dado parece confirmar a hipótese de que os alunos passam a solicitar mais informações, à medida que os encontros transcorrem e a convivência com os professores vai acontecendo.

Nas interações durante as duas aulas, apenas os mediadores utilizaram a função da fala Comando, usando, por vezes, estruturas metafóricas (principalmente o modo oracional interrogativo), a fim de atenuar o tom de "obrigação" das propostas. Declarações realizadas por orações no modo interrogativo com a partícula "né" também foram encontradas nas falas dos mediadores.

Quanto às reações, a Contradição teve maior incidência nas interações da 2ª aula, em decorrência de os alunos reagirem verbalmente mais vezes às solicitações dos docentes. Diante de Respostas inadequadas ou incompletas dos alunos, os mediadores precisaram utilizar a Contradição com mais frequência. A Desconsideração, por sua vez, foi menos utilizada durante a 2ª aula, em comparação com a 1ª, o que parece estar vinculado ao fato de os alunos terem estreita-

do relações com os mediadores, contribuindo para que se sentissem mais à vontade para reagir ao que foi solicitado.

Com base nas funções de fala e reações encontradas no *corpus*, a análise das fases da interação na leitura compartilhada (ROSE; MARTIN, 2012) foi realizada visando a compreender como os mediadores conduziram as interações com os alunos durante a dinamização das atividades de leitura detalhada. A análise evidenciou a necessidade de utilização mais expressiva da fase preparação, especialmente quando os alunos respondiam inadequadamente a uma Pergunta. Nessas ocasiões, às vezes, em vez de voltar à preparação, os docentes focalizavam. Em razão disso, notamos que, em alguns momentos, os alunos tiveram dificuldades em responder corretamente ao que foi solicitado.

Outro resultado foi a ausência da fase elaboração nas falas dos alunos, o que pode ter relação com o modo como os professores solicitavam as informações. Como as Perguntas usadas em aula sobre as questões do caderno didático não haviam sido previamente planejadas, os mediadores preferiam ir clarificando as questões, até que os alunos chegassem à resposta correta. Podemos perceber que um planejamento prévio das Perguntas a ser utilizadas nas aulas pelos professores pode oportunizar que os discentes desenvolvam e ampliem a identificação, contribuindo para a formação de estudantes capazes de expressar o seu ponto de vista de forma clara e coerente.

A partir dos resultados obtidos, acreditamos ser fundamental que os professores tenham ciência das fases da interação, pois compreendendo cada uma delas e as funções da fala que as evidenciam, será possível potencializar o processo de ensino-aprendizagem na escola, instigando os alunos a ser mais ativos nas aulas, de modo que todas as fases da interação previstas na Pedagogia, com base em Gêneros, sejam utilizadas nas atividades de leitura compartilhada.

Este estudo pode propiciar que estratégias e mecanismos de condução de leitura detalhada sejam propostos e ajustados a um melhor desempenho dos alunos no processo de ensino-aprendizagem com foco na leitura e escrita em contexto escolar. É papel do professor estabelecer uma relação dialógica com os alunos, oportunizando-lhes condições para participarem de maneira cada vez mais ativa nas aulas.

CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES

Os três autores contribuíram na investigação e análise dos dados, na organização da metodologia, na escrita, reescrita e revisão do artigo. Além disso, o primeiro autor executou os procedimentos de análise; a segunda e a terceira autora supervisionaram e validaram as análises; a terceira autora coletou os dados. A segunda autora é, ainda, responsável pela conceitualização, administração do projeto e aquisição de financiamento. Todos os autores concordam com a ordem em que seus nomes são listados no manuscrito.

FINANCIAMENTO

Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PROBIC) da Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio Grande do Sul (FAPERGS) via Universidade Federal de Santa Maria, proje-

to Leitura e escrita em Língua Portuguesa na perspectiva sistêmico-funcional: fase 2 (Registro GAP/CAL 048931)

CONFLITO DE INTERESSES

Não há conflito de interesses.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da UFSM pela concessão da bolsa PROBIC Fapergs ao primeiro autor; ao Gabinete de Projetos do Centro de Artes e Letras, pelo apoio administrativo à segunda autora; à Coordenação de Aperfeiçoamento de Nível Superior (CAPES), pela concessão de bolsa de pós-graduação à terceira autora; à Profa. Daniela Moraes Pereira, da E.M.E.F. Maria de Lourdes Castro, e ao acadêmico de Letras Guilherme Barbat Barros, pela colaboração na geração dos dados; aos integrantes do Grupo de Estudos em Linguística Sistêmico-Funcional e Ateliê de Textos, pela colaboração na transcrição dos vídeos que servem de *corpus* a este estudo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Fabíola Aparecida Sartin Dutra Parreira; VIAN JR., Orlando. Estudos em Avaliatividade no Brasil: panorama 2005-2017. **Signótica**, Goiânia, v. 30, n. 2, p. 273-295, abr./jun 2018. Disponível em: https://www.revistas.ufg.br/sig/article/view/49527. Acesso em: 04 out. 2021.

ALMEIDA, Fabíola Aparecida Sartin Dutra Parreira. Comentários em blogs de professores de inglês: uma análise do sistema de Avaliatividade. **DELTA**, v. 34, n. 1, p. 181-204, 2018. Disponível em: https://www.scielo.br/j/delta/a/gjmSpMcFZWFf9KhfqgCMwcz/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 04 out. 2021.

BOCHETT, Amanda Canterle. **A modalidade pela perspectiva sistêmico-funcional na construção da argumentação em um inteiro teor de acórdão**. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2018.

COCCO, Cíntia Soares; FUZER, Cristiane. Sistema discursivo de Negociação. *In*: FUZER, Cristiane; CABRAL, Sara Regina Scotta. **Sistemas discursivos da Linguística Sistêmico-Funcional em Língua Portuguesa**. Santa Maria: PPGL UFSM (no prelo).

CORRÊA, Erick Calegaro. **Não é não, não? Um estudo sobre o marcador negativo "não" em discursos políticos de presidentes brasileiros na perspectiva da linguística sistêmico-funcional**. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2019.

CORRÊA, Erick Calegaro. **Discurso político de Lula**: o papel do marcador político "não" na construção da persona textual. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2015.

FUZER, Cristiane; CABRAL, Sara Regina Scotta. **Introdução à Gramática Sistêmico-Funcional em Língua Portuguesa**. São Paulo: Mercado de Letras, 2014.

FUZER, Cristiane. **Ateliê de Textos**: práticas orientadoras para produção e avaliação de textos na perspectiva sistêmico-funcional. Projeto de extensão GAP/CAL 040190. Santa Maria: CAL, UFSM, 2016.

FUZER, Cristiane. **Produção textual na escola: subsídios para formação do professor**. Santa Maria: UFSM, CAL, DLV, Ateliê de Textos, 2016.

FUZER, Cristiane. **Leitura e escrita em língua portuguesa na perspectiva sistêmico-funcional – Fase 2**. Registro GAP/CAL 048931. Santa Maria: CAL, UFSM, 2018.

FUZER, Cristiane. **Ateliê de Textos**: práticas de produção e avaliação na perspectiva sistêmico-funcional. Projeto de Extensão Registro GAP/CAL 040190. Santa Maria: CAL, UFSM, 2016.

GERHARDT, Carla Carine. **Proposta de metodologia sistêmico-funcional para elaboração de atividades escolares de desconstrução de estórias.** Projeto de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Letras, UFSM, 2018.

GERHARDT, Carla Carine; FUZER, Cristiane. **Ateliê de Textos: atividade de leitura e produção de episódios**. Caderno Didático. Santa Maria: UFSM, PPGL, 2020.

GOMES, Ingride Chagas. **O subsistema de atitude no discurso de cinco professoras de letras que atuam fora da área específica de formação em Catalão - GO**. 147 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal de Goiás, Catalão, 2020.

HALLIDAY, Michael. **An introduction to Functional Grammar**. 1 ed. London, New York: Edward Arnold, 1985.

HALLIDAY, Michael. **An introduction to functional grammar**. London: Arnold, 1994.

HALLIDAY, Michael.; MATTHIESSEN, Christian. **Halliday's Introduction to Functional Grammar**. London; New York: Routledge, 2014.

HALLIDAY, Michael. Part. l. *In*: HALLIDAY, Michael; HASAN, Ruqaiya. **Language, Context and Text: aspects of language in a social-semiotic perspective**. Oxford: Oxford University Press, 1989.

HASAN, Ruqaiya. Part. II. In: HASAN, Ruqaiya; HALLIDAY, Michael. **Language, Context and Text: aspects of language in a social-semiotic perspective**. Oxford: Oxford University Press, 1989.

LIMA, Sóstenes; COROA, Maria Luiza. Configuração e papel do sistema de Avaliatividade no gênero reportagem. **Calidoscópio**, v.8, n. 2, p. 127-137, maio/agosto 2010. Disponível em: http://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/471. Acesso em: 04 out. 2021.

LIMA, Isabel Muniz. **A interação escrita professor-aluno em contexto de uso da metodologia da aprendizagem cooperativa a partir de um estudo sistêmico-funcional do gênero processamento de grupo.** 221f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE, 2016.

PERRAULT, Charles. O Pequeno Polegar. *In*: VASCONCELOS, A. **Charles Perrault. Coleção Conta pra mim**. São Paulo: Editora Rideel, 2008.

ROSE, David.; MARTIN, Jim R. **Learning to Write, Reading to Learn: Genre, Knowledge and Pedagogy in the Sydney School**. London: Equinox, 2012.

ROSE, David. **Genre Relations: Mapping Culture**. London: Equinox, 2008.

RODRIGUES, Daniela Leite. **A Interpessoalidade nos discursos de posse presidencial do Brasil (1985-2011).** Tese (Doutorado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras, UFSM, 2017.

SOUSA, Hilda Braz Silva. **Aspectos que delineiam a identidade docente de oito professores de inglês**: um estudo com base no sistema de Avaliatividade. 193 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal de Goiás, Catalão, 2017.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. Faculdade de Letras. **Projeto Norma Urbana Oral Culta.** Rio de Janeiro, 1970.

VIAN JR., Orlando; SOUZA, Anderson Alves de; ALMEIDA, Fabíola Aparecida Sartin Dutra Parreira. (Orgs.). **A linguagem da avaliação em língua portuguesa**: estudos sistêmico-funcionais com base no Sistema de Avaliatividade. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2010.

ZIRALDO. **Os meninos morenos** – com versos de Humberto Ak'abal. São Paulo: Melhoramentos, 2004, p. 45-48. (trecho retirado da estória completa presente no livro).

Systemic-Functional Grammar and Teaching English as a Foreign Language: an analysis of three realizations of the recipe genre and a reflection on pedagogical applications

Sabrina Bonqueves Fadanelli
Universidade de Caxias do Sul
ORCID: http://orcid.org/0000-0001-5706-4257
sbfadane@ucs.br

ABSTRACT

Systemic-Functional Grammar (SFG) has been used to address issues of Teaching English as a Foreign Language (TEFL) in extensive research, however the aim of this article is to analyze how instances of a specific genre, the recipe, may present different functional features, as well as discuss how TEFL may use the genre when working with learners. The paper presents a summary of the relevant theoretical aspects on the three metafunctions in SFG by Halliday, examining the features of the texts in the light of these concepts; the result is a reflection on how these functional features may be used in TEFL.

KEYWORDS: Systemic-Functional Grammar; Recipes; Teaching English as a Foreign Language.

Gramática Sistêmico-Funcional e ensino de inglês como língua estrangeira: uma análise de três realizações do gênero receita e uma reflexão sobre aplicações pedagógicas

RESUMO

A Gramática Sistêmico-Funcional tem sido vastamente usada para o estudo de questões concernentes ao ensino de Inglês como língua estrangeira, porém o objetivo deste artigo é analisar como exemplos de um gênero específico, a receita culinária, pode apresentar diferentes caracterizações funcionais, além de discutir como professores que trabalham com o Inglês podem usar o gênero no seu trabalho com aprendizes. O artigo apresenta um resumo dos aspectos relevantes das três metafunções de Halliday, examinando as características dos textos de acordo com esses conceitos. O resultado é uma reflexão sobre como essas características funcionais podem ser utilizadas no ensino de Inglês.

PALAVRAS-CHAVE: Gramática Sistêmico-Funcional; Receita culinária; Ensino de Inglês como língua estrangeira.

Ao citar este artigo, referenciar como: FADANELLI, Sabrina Bonqueves. Systemic-functional grammar and teaching English as a foreign language: an analysis of three realizations of the recipe genre and a reflection on pedagogical applications. **Matraga**, v. 29, n. 56, p. 285-302, mai./ago. 2022.

DOI: 10.12957/matraga.2022.63843
Recebido em: 30/11/2021
Aceito em: 29/04/2022

1. Introduction

Systemic-Functional Grammar (SFG) is a linguistic theory concerned with language viewed as an interrelated system to make meanings, as well as with contextualized uses of language (BLOOR and BLOOR, 2004). This approach uses Halliday's (1976) notion of text, defined as a spoken or written piece of language in use, to establish criteria for classifying and analyzing how texts with different purposes are woven.

Reflections on how to apply Systemics-Functional Linguistics to Teaching English as a Foreign Language (TEFL) have been widely published (DEREWIANKA; JONES, 2010; ELYSA; MEUTIA, 2019; BANEGAS, 2021, just to exemplify a few more current sources). The analysis of specific genres under SFL finds some research on authors such as Iddings and Oliveira (2011) and Sugiharti (2021); however, no study has been found on how the analysis of SFL in the genre Recipe may be useful for the EFL (English as a Foreign Language) teacher, after searching the Capes Platform. There is one recent study, by Silva and Pereira (2019), which proposes pedagogical guidelines for the teaching of both L1 and L2 based on SFL principles and the work with text genres.

Therefore, the aim of this article is, through the analysis of three given texts and their lexico-grammatical and textual features, pinpoint differences in the texts' stylistic and communicative functions, discussing how these features may aid TEFL professionals who would like to use SFL to work with the language features of the genre recipe, or who would like to adapt SFL analysis to work with other genres. We shall first present a summary of theoretical aspects on the three metafunctions by Halliday; after that, the paper will go on to discuss the features carried by the texts in the light of these concepts, followed by a reflection on how these features may be useful for the EFL teacher.

2. The three metafunctions

2.1 The experiential/ideational metafunction

Halliday (1976) states that the Experiential/Ideational metafunction determines the content of language, actions or relations that different entities in the world do or have with each other, as well as attributes of either these entities or actions/relations. Halliday and Matthiessen (2014) complement by pointing out that the experiential meaning expresses itself through process types (verbs); each one of these process types will implicate different participants; processes and participants are, in their turn, surrounded by circumstances. Table 1 presents a brief summary on types of processes and the participants related to those. In parenthesis, the reader will find the category of verbs belonging to each process type and a short definition regarding participants of Material, Relational and Mental processes. This article will limit to provide details only on these participants due to their presence in the analysis of the three texts that are going to follow in section 3.

TABLE 1. Process Types and Participants

Process Type	Participant
Material (action, doing something, happening)	Actor (the doer of the action) / Goal (the one who suffers the action)
Relational (being, having) a) Attributive b) Identificational	a) Carrier (the entity that is or has the attribute) / Attribute (the characteristic attributed) b) Token (the entity to be identified) / Value (the identification in itself)
Mental (thinking, feeling, sensing) Perception, cognition, emotion	Senser (the entity that thinks, feels, senses …) / Phenomenon (the thought, the feeling, the sense, …)
Verbal (saying)	Sayer / Receiver
Existential (existing)	Existent
Behavioural (Behaving)	Behaver / Behaviour

Source: Adapted from HALLIDAY and MATTHIESSEN, 2014

Circumstances can be expressed by different elements in the clause, such as an adverbial group or a prepositional phrase. They may be divided in several types, among them: extent (how long, how far), location (where, when), cause (why), manner (how), accompaniment (with whom) (BUTT et al., 2000).

Experiential meanings are closely related to interpersonal meanings, which shall be further explored in section 2.2.

2.2 The interpersonal metafunction

Users of a language may be very interested in the content of their messages when they interact (experiential meanings), but such content would be useless without a purpose for the interaction (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014). According to Thompson (1996, p. 46), the interpersonal is the metafunction that enables one to use language for an unlimited variety of purposes; the most common would be the exchange giving (and receiving) or demanding (and being given) information or a "commodity", in other words goods and services.

Giving and receiving information is most often realized through the use of Declarative or Interrogative clauses. On the other hand, giving or receiving goods and services is realized most commonly through Imperative Clauses or offers (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014). Declarative, Interrogative and Imperative clauses (as well as offers) may be dismantled into more specific components that will perform different functions and occupy different positions in the interpersonal meaning of each clause. These components are addressed by Functional Linguists, such as Eggins (2004), as the Finite and the Subject (which when considered together form the Mood Block); the Predicator, Adjuncts and Circumstances (which will form the Residue). Two clauses adapted from Halliday (1976, p. 309) may serve as example in 1:

Example 1:

Subject	Finite	Predicator	circumstance
He	has	left the room	already
He	must have	left the room	already

In interpersonal meanings verb groups are named the Finite, focusing on what Butt et al. (2000, p. 89) claims is "a sign of TIME in relation to the speaker, or a MODAL sign of the speaker's opinion". In the first clause, "has" and the participle form of the verb "leave" set the time of the event. In the second, "must" shows the speaker is judging the probability of the event; likewise, finites can display judgments on obligation, capability, usuality or inclination. In English, the Finite can be expressed by an auxiliary verb, a modal verb or the form of the verb according to tense. There are clauses which are non-finite clauses, not specifying time or judgment, as the second clause in Example 2 taken from Thompson (1996, p. 17):

Example 2:

Subject	finite	Predicator
She	was	leaning on the banisters,

Predicator (non-finite clause)
listening to something.

The Subject is the element most involved in realizing the negotiations that the Finite (in interpersonal meanings) and that processes (in experiential meanings) are proposing (BUTT et al., 2000). The subject in examples 1 and 2 is "he" or "she".

The Predicator in example 1 would then be the verb "leave" and the phrases "the room" and "already" could be classified as Adjuncts. These elements are more secondary when dealing with interpersonal meanings, as stated by Thompson (1996).

In the Interpersonal Function, it is also of relevance to address the concepts of Modalization and Appraisal. According to Halliday and Matthiessen (2014), modalization is a type of modality used to assess the probability or usuality of a proposition. When exchanging information, not always one argues about whether something IS (positive polarity) or IS NOT (negative polarity). In between these two extremes there are a number of choices of degree of certainty, or of usuality. This involves the expression of two kinds of meaning: a. probability: where the speaker expresses judgements as to the likelihood or probability of something happening or being; and b. usuality: where the speaker expresses judgements as to the frequency with which something happens or is. Appraisal refers to linguistic resources used by speakers to express, negotiate and naturalise particular inter-subjective and ultimately ideological positions. More particularly, Appraisal concerns with the language speakers use to show evaluation, attitude and emotion (HOOD, 2019).

2.3 The textual metafunction

The focus of the theoretical summary has so far concentrated on both the content and the purpose of language, respectively represented by the Experiential and the Interpersonal metafunctions. The Textual metafunction, then, is responsible for organizing experiential and interpersonal meanings into linear and coherent wholes (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014). In order to perform that function, the grammar of English relies on two systems of analysis that, even though different, may be interrelated. They are called information structure and thematic structure (BLOOR and BLOOR, 2004).

Information structure is formed by two constituents, given and new. Still according to Bloor and Bloor (2004), given information relates to the piece of information that is already known by both parts in communication, whereas new information regards the focus of the speaker/writer's message, what is considered "new", as the name itself indicates.

Thematic structure's constituents are the theme and the rheme. Halliday and Matthiessen (2014) defined theme as the beginning term(s) of a clause, or the element giving the starting point in an utterance. The rheme, then, would be the remaining elements in the clause.

When the theme is identified as the same element as the subject (and therefore the process or the participant, two experiential elements), it is said to be unmarked, because it is in its most natural realization (THOMPSON, 2004). If the Theme is a circumstance or a complement, it is considered marked. Themes may also be classified as simple, when they occupy the same position as experiential functions (participant, process, circumstance). However, some clauses can present interpersonal elements (such as adjuncts or comments) or textual elements (such as conjunctions) as themes; in this case, the theme is named multiple (BLOOR and BLOOR, 2004).

The next section will bring the analysis of the recipes and will include some discussion regarding some pedagogical issues relevant for the EFL teacher.

3. The analysis of the texts and some discussions on pedagogical implications for EFL teaching

The three texts to be analyzed have all been taken from different means of communication. Text 1 (see Table 2), for instance, was taken from a teletext information service; text 2 (see Table 3) is the script for a spoken television cooking program; and text 3 (see table 4) was originally posted in a cookery book. Even though they may be said to belong to the same genre category, the texts present considerable difference regarding the three metafunctions: Experiential, Interpersonal and Textual. A more thorough analysis of the texts will be presented in the following sections 3.1, 3.2, and 3.3; furthermore, some pedagogical implications will be discussed regarding the genre Recipe and EFL teaching.

TABLE 2. Ceefax recipe

Text 1
Chinese style duck with pilau rice

Ingredients
(for 2 persons)
2 duck breasts
1 oz root ginger, peeled and crushed
4 tbsp water

Method
1. Heat a heavy-based frying pan and cook the duck breasts, skin side down, for five minutes over a medium heat. Do not add oil, or the breasts will produce a surprising amount of fat.
2. Pour most of the fat out of the pan and discard. Turn the breasts over, add the root ginger and water. Cook for about 10 minutes until the water has evaporated and the duck is cooked through.

Source: GODDARD, 1998, p. 48

TABLE 3. Transcript of spoken television cooking program

Text 2
Today it's going to be a duck recipe, duck breasts, just searing two wild duck breasts in there to serve with a lovely Chinese set of flavours and a wild rice pilau. Speaking of wild, I've been cooking these duck breasts for a little while now, in fact you can use domestic or wild duck like barbary or, err, campbell khaki, a wonderful name for duck. I'm going to start adding flavours ginger first, now you can… this is crushed fresh ginger I've taken it from the root and peeled and crushed it but you can buy jars of it ready crushed which are hugely useful and valuable if you're in a bit of a hurry, about an ounce or so of ginger, a couple of big tablespoons if you're using the crushed version and then a little water, just a wineglass of water and a quick stir so that the flavours of the ginger and the duck start to mingle. Now that needs to simmer for about ten minutes until the duck's almost cooked through and meanwhile you can be starting the pilau, the delicious wild rice dish that goes with this.

Source: GODDARD, 1998, p. 47

TABLE 4. Delia Smith's cookery book

Text 3
Perfect Roast Potatoes
The amounts here are not vital because it depends on who's greedy and who is on a diet and so on, but I find that 8oz (225g) per person is enough – yielding three each and a few extras for inevitable second helpings.

Four Nut Chocolate Brownies
If you've never made brownies before, you first need to get into the brownie mode, and to do this stop thinking cakes. Brownies are slightly crisp on the outside but soft, damp and squidgey within. I'm always getting letters from people who think their brownies are not cooked, so once you've accepted the description above, try and forget all about cakes.

Cranberry and Orange One-Crust Pies
I seem to have a craze at the moment for cooking everything in individual portions. I love individual steamed puddings and now I'm into making individual pies as well. These are dead simple to make, easy to serve and the rich, luscious flavour of the cranberries is extremely good.

Source: GODDARD, 1998, p. 53

3.1 The experiential meanings in the texts

For an accurate analysis regarding experiential meanings of texts 1 and 2, it is possible to find support in Thompson's (1996, p. 127-133) comments about two very similar texts. He analyses a written text classifying it as a prototypical recipe and a spoken text classifying it as a demonstration. Similar features may be pointed out in the analysis that follows.

Text 1 (see Appendix 1) presents exclusively material processes, and the respective participants are actors or goals. Almost all clauses use the elided participant "you", common in imperatives, as actors, and the ingredients as goals (see Example 3). However, one clause breaks this pattern by placing ingredients as actors, as can be observed in Example 4:

Example 3

Actor (elided "you")	Process	Goal
You	Heat	a heavy-based frying pan
You	Pour	most of the fat out of the pan

Example 4

Actor (ingredient)	Process	Goal
Or the breasts	will produce	a surprising amount of fat

The clause in example 4 appears to be changing from the pattern function of giving an instruction to the function of warning the reader about a possible consequence of a certain action.

The circumstances are used in order to set time and manner boundaries for the procedures: "for five minutes over a medium heat", "skin side down", "until the water has evaporated".

The scenario the reader is given through the material processes, the participants and the circumstances, then, is of a procedure whose main goal is the preparation of a dish, through the written medium of discourse. The written nature of the text allows the procedure to be carried out by anyone at any time.

While text 1 (see Appendix 1) was composed essentially of material processes, text 2 (see Appendix 1) brings a number of material processes, as well as some attributive relational processes and one verbal process also as shown in Table 5:

TABLE 5. Material, relational and verbal processes in text 2

Material Processes	Relational Processes	Verbal Process
Searing, to serve, have been cooking, can use, start adding, have taken, peeled, crushed, can buy, add, are using, start to mingle, to simmer, can be starting, goes/give (these two last ones as an ellipsis).	is going to be, is, are	speaking

Source: Made by the author

The presence of some attributive relational processes shows text 2 is meant to perform a different role from text 1: the deliverer of the message is not only aiming at giving instructions on how to prepare a dish; but is trying to demonstrate how to obtain the best results when the preparation is taking place by commenting on the procedure. The attributive relational processes have ingredients acting as carriers and attributes given to them most of the time (see example 5). Some of these attributes will be further commented in section 3.2, when analyzing Appraisal in Interpersonal Meanings.

Example 5

Carrrier	Process	Attribute
Which (referring to Campbell Khaki duck)	is	a wonderful name for duck
Which (referring to jars of crushed ginger)	are	hugely useful
The duck	is	almost cooked through

The positioning of participants in material processes also helps to understand text 2 is a spoken demonstration. Actors range from "you", the addressee of the message, to the deliverer of the message (when using "I"), to the ingredients (see example 6). This change of actors requires the addressee of the message to be following it when it is being delivered, by, say, watching the television cooking program; otherwise the addressee could be at risk of not understanding the procedure.

Example 6

Actor	Process	Goal
You	can use	domestic duck or …
I	've been cooking	These duck breasts…
The flavours of the ginger and the duck	start to mingle	

Regarding circumstance, the speaker uses types that are expected in demonstrations of procedures (BUTT et al., 2000). Circumstances of time ("for a little while now", "for about ten minutes"), accompaniment ("with a lovely Chinese set of") and manner ("ready crushed") are examples. A detail that may attract one's attention in the analysis is when the speaker uses the circumstance of location "in there" in the clause "just searing two wild duck breasts in there": here, the spoken nature of the text is once again made obvious because the reference for the word "there" has to be present at the moment the clause is produced.

Text 3, on the other hand, presents very different experiential features from texts 1 and 2. In this text, the number of relational processes is almost equivalent to the amount of material processes; relational processes are in their majority attributive, giving a more suggestive/descriptive tone to the clauses (see Table 6 – the words in parenthesis are the attributes in the relational processes). This may grant the text a characteristic of a review or an argumentative piece on food preparation.

TABLE 6. Material, relational and mental processes in text 3

Material Processes	Relational Processes	Mental Processes
Depends, yielding, have made, to do, am getting, try, cooking, making, to make, to serve	are not (vital), is (greedy), is (enough), is (on a diet), are (slightly crisp), are not (cooked), seem to have, are (dead simple), is (extremely good)	Find, stop thinking, think, have accepted, forget, love, need to get into

Source: Made by the author

Another detail that could confirm the idea of argumentation is the presence of mental processes in the text. The author makes use of mental processes to expose his/her opinion and persuade the reader to believe what he/she says (BUTT et al. 2000). It is interesting to notice a pattern of use for the participants involved in mental processes, the senser and the phenomenon, especially the latter. The phenomenon participants are usually represented by delicious food (example 7). One may conclude, indeed, that the writer of the text could be trying to persuade the readers by using tempting kinds of food in mental processes.

Example 7

Senser	Process	Phenomenon
I	love	individual steamed puddings
You	need to get into	the brownie mode

Carriers in relational processes are usually the ingredients or the food being described, and the attributes seem to be targeting the agreement of the reader to the statements produced by the writer because they have very positive meanings: "slightly crisp", "dead simple to make", "easy to serve" (see Appendix 1, text 3). In fact, carriers and attributes are commonly used by advertising texts (MILLER, 2004, p. 121), which are argumentative in their essence.

Advertising also uses personal pronouns as actors of material processes, a characteristic that can be found in text 3 as well (see example 8). Here the frequent presence of pronouns such as "you" and "I" is closely related to textual meanings of the text. This shall be covered in section 3.3.

Example 8

Actor	Process	Goal
You	have never made	brownies
I	am always getting	letters from people

Experiential meanings may be explored by the EFL teacher in order to show students how, in each text, users of language represent their experience and their communicative purposes differently by applying different packages to constituents of language (BUTT et al., 2000). We shall adapt Jones and Lock's (2011) suggestion that these features should be noticed, explored,

and then practiced. Teachers may carry out an analysis of the features of each recipe, by asking students to answer to WH-questions that would help learners target: 1 – the processes (What are the actions involved? Are there any characteristics or identificational features attributed to these actions? Are there any descriptions of feelings, opinions or thoughts in the recipe?); 2 – the participants (Who is carrying out the action in each sentence? Are the participants always explicitly mentioned?); 3 – the circumstances (how are the actions supposed to happen? When? Where? How often?).

After this discussion, the teacher could bring other textual genres that might present similar experiential function characteristics for each style of recipe: for text 1, perhaps a manual of instructions for assembling a machine; for text 2, a conversation in which two or more people describe an experience they had; for text 3, an advertisement text. This could be a great exercise to show students how language can be similarly used with the same purpose in mind, however for different genres.

The last procedure (practice) could involve students transforming one other recipe that would feature characteristics of a written recipe into a recipe that would be in spoken mode, or vice versa.

3.2 The interpersonal meanings in the texts

In text 1 most clauses take the interpersonal form of imperatives, demanding goods and services from the addressee and therefore presenting only predicators and complements. The text does not allow the writer to interact with the reader in an equal level. The writer instructs and the reader follows the instruction. Thompson (1996, p. 56) states that in imperative moods the subject may only be the addressee "you", and the functions of the finite become obsolete once an imperative leaves no choice for time relevance or judgment. That is exactly what happens to text 1, and this non-negotiable behavior of the text extends to the few declarative clauses (see example 9) that appear after the only negative imperative clause in the text.

Example 9

Predicator	complement
Do not add	oil

Subject	Finite (modal of inclination)	predicator	complement
…or the breasts	will	produce	a surprising amount of fat

When ordering the reader not to add oil or the breasts will produce fat, the writer uses the modal of inclination almost as a threat to warn about the dangers of adding oil. There are other two declarative clauses which serve the purpose of delimiting how long the actions should be carried out, still keeping control over the reader (see example 10).

Example 10

Circumstantial adjunct	subject	finite	finite/predicator
Until	the water	has	evaporated

Subject	Finite/predicator	Circumstantial adjunct
And the duck	is cooked	through

In text 2, there is remarkable evidence of difference from text 1. The speaker assumes a friendlier tone by giving instructions mostly through the use of declarative sentences instead of imperatives. In addition, imperatives are treated in a special way. According to Miller (2017), for clarity reasons the use of ellipsis would not be a common feature in instructional texts, but it is used in this text for the purpose of changing its mood. The speaker decides to use some elided imperative clauses, weakening the effect of the order, even if this is a procedure which should be followed precisely (see example 11).

Example 11

Predicator	complement
Just add (elided)	a glass of water
And give (elided)	a quick stir
Add (elided)	about an ounce or so of ginger

Another example of this mood adjustment can be noticed when observing a clause from text 1 (see example 12) and a clause from text 2 (see example 13), both mentioning how long the dish should be cooked for. In text 1, it is an order, an imperative clause; in text 2, it is a declarative statement, featured by the addition of the modalization of necessity to address the audience in a more informal, friendly way.

Example 12

Predicator	Complement
Cook	for about 10 minutes

Example 13

Complement	Subject	Finite/predicator	Complement
Now	that	needs to simmer	for about 10 minutes

Following the same line of thought, in the second text there is some use of modal finites (see example 14) of permission and obligation that are considered neutral, such as “can” (HALLIDAY, 1976, p. 298).

Example 14

Subject	finite	predicator	complement
And meanwhile you	can be	starting	the pilau

subject	Finite (modal of probability)	predicator	complement	Circumstantial adjunct
But you	Can	buy	jars of it	ready crushed

Halliday and Matthiessen (2014) characterize modality as a tool language made available by language to complicate, facilitate or extend negotiation; such use of softer devices of modality corroborates the more demonstrative rather than prototypical nature of text 2. Another characteristic of both texts 2 and 3 that demonstrates this involves the use of Appraisal.

Appraisal concerns the language of evaluation, attitude and emotion, with a set of resources which explicitly position a text's proposals and propositions interpersonally (HOOD, 2019). In text 2, the speaker makes use of appraisal devices such as in example 15 (this example, as well as example 16 further, is pictured differently from the others because the relevant feature is the word/phrase in bold):

Example 15

To serve with a *lovely* Chinese set of flavours
Which are *hugely useful* and *valuable*
The *delicious* wild rice dish that goes with this
Which (elided) is a *wonderful* name for duck.

By using language of appreciation (lovely, delicious, useful, valuable) and graduation (hugely), the speaker is trying to share his/her ideological and emotional values with the listeners, and once an empathy of ideas is reached, it becomes easier for the speaker to position him/herself as someone to be valued without being blatantly authoritarian (MILLER, 2017). One may also assume that the speaker uses the clause "which is a wonderful name for duck" (see text 2) as an attempt to connect with the listener through the use of a little irony.

Text 3 shares both similarities and differences to texts 1 and 2. Here the writer is trying to convince the reader that he/she is an authority or specialist in cooking the dishes mentioned. The use of declarative clauses helps to settle the readers' mood to accept what is being stated as a fact, especially because finites are usually in the Simple Present, with hardly any modals being used.

Just like in text 1, there are imperative clauses in text 3, but they are few, so that the reader does not feel told to do things, but helping to support the image of specialist the writer is seeking to spread. As previously done in the analysis of experiential meanings (see section 3.1), a parallel can be traced between the devices used in text 3 and language in advertising (HOOD, 2019).

The use of Appraisal is a similarity between texts 2 and 3. However in text 3 mental processes (in bold, see example 16) are used as appraisal of affect (MILLER, 2017) to convince the reader

about how good individual portions are. The writer also uses appraisal words like "extremely good", "rich", or "luscious", to stimulate the reader's appetite perhaps.

Example 16

I *love* individual steamed puddings.
I'm into making individual pies as well.
I seem to *have a craze* at the moment for cooking everything in individual portions.
And the *rich, luscious* flavor of the cranberries is *extremely good*.

The Interpersonal meanings in the three recipes illustrate that EFL teachers have a rich array of features to explore with students. Showing how the movements of supplying information as well as demanding goods and services happen in the stylistic changes in the three texts, will help learners understand how language is not always straightforward regarding the way people interact with each other (LOCK, 1997). In reference to this matter, it is relevant to highlight the following quote:

> The speaker is not only doing something himself; he is also requiring something of the listener. Typically, therefore, an 'act' of speaking is something that might more appropriately be called an *interact*: it is an exchange, in which giving implies receiving and demanding implies giving in response (HALLIDAY and MATTHIESSEN, 2014, p. 135).

Also, focusing on how the register and style of the three recipes shift depending on who the target reader/audience of the genre is may prove a valuable resource to students, who can build a valuable repertoire of interpersonal strategies for communication even while they are still acquiring the language. This would involve working with modality, polarity and appraisal features that characterize this shift: "Teachers need descriptions of language to help students in their understandings of choices in text (instance) and in relating those understandings to the system, and back to text/new text, and back to system, *ad infinitum*, as they help learners to expand their register potential in the L2." (MCCABE, 2017, p. 599).

3.3 Textual meanings in the texts

Text 1 presents its unmarked themes as processes, an expectable feature when the purpose of the text is to give direct, objective instructions using the imperative mood, as claimed by Butt et al. (2000, p. 141). The use of processes as themes gives the text a procedural nature, establishing a very impersonal and authoritarian monologue.

Marked themes make use of textual elements of addition ("and"), fulfilling the purpose of the recipe genre, which is to add ingredients in order to produce a dish. The marked textual theme in the clause "or the breasts will produce a surprising amount of fat" is "or", characterizing the idea of warning previously described in sections 3.1 and 3.2.

It is possible to state that the writer also wishes to give the maximum amount of information using the least amount of words possible. New information dominates the text, in the form of

either theme or rheme, and the themes or rhemes containing given information relate to the list of ingredients provided in the beginning of the recipe. The objective of maximizing the amount of information also appears in the theme-rheme pattern as can be observed in example 17, through the use of "the breasts":

Example 17

Theme	Rheme
and cook	the breasts
or the breasts	will produce a surprising amount of fat
Turn over	the breasts

According to Eggins (2004, p. 324-325), this pattern in which the rheme becomes the theme is called the Zig Zag pattern; and "this gives the text a sense of cumulative development"; in other words, the pattern helps the text to express the most of information with the use of few clauses.

The thematization of processes and textual elements of addition, as well as the patterning of theme and rheme help the reader to characterize the written recipe.

Text 2 represents a different mode (spoken) and channel (phonic) version of the recipe in text 1, therefore featuring differences in textual metafunctions (BUTT et al., 2000). The first difference concerns unmarked themes: although both texts should aim at giving instructions on how to prepare a certain dish, text 2 was perhaps made to sound friendlier and less authoritarian than text 1, as already stated in sections 3.1 and 3.2, when describing experiential and interpersonal functions. The most frequent use of participants in unmarked themes emphasizes that the importance should be given to the ingredients and the people realizing the actions instead of the processes. In fact, in both unmarked and marked themes, when the speaker uses an imperative mood, the process that should occupy the position of theme is actually elided, maybe to soften the instruction to the listener, instead of giving a direct order. For instance, in example 18:

Example 18

Experiential theme element (process)	Rheme	
add*	about an ounce or so of ginger	
add*	a couple of big tablespoons	
Experiential theme element (circumstance)	Experiential theme element (process)	Rheme
Just	add (as an ellipsis)	a wineglass of water
Textual theme element	Experiential theme element (process)	Rheme
And then	add (as an ellipsis)	a little water
And	give (as an ellipsis)	a quick stir

It is also interesting to notice the thematization of "I" and "You" establishing a certain dialogue and friendly relationship between speaker and reader, even if it is a monologue on a TV program.

Example 19

Theme	Rheme
I	've been cooking these duck breasts for a while now
I	'm going to start adding flavours now

In clauses such as in example 19, the speaker could have easily used the passive voice if the purpose was to make the message more straightforward, but the personal pronoun "I" chosen as theme helps the speaker induce the idea that he/she is the one helping the listener to prepare the dish; consequently, the listener would be compelled to keep watching the program as an exchange of solidarity. Thompson (2004, p. 172) indeed claims that in conversation it is fairly common to place "I" and "You" as themes.

In this text, marked themes are used either to sequence the action (and, then, now, today) or to justify them (so that, in fact), very differently from text 1, which mostly used elements of addition.

There are no specific comments to be made regarding given and new information; most of the time, they match the respective theme and rheme positions.

Text 3 features some themes that, just like in text 1, are focused on the dish or ingredients being talked about. The difference here is that the writer seems to be trying to persuade the reader rather than just describing a protocol for instructions; the writer seems to be putting her/himself in a position of authority in the subject of preparing food. The examples in 20 show an opinionated writer who quite often uses the word "I" as theme:

Example 20

Theme	Rheme
But I	find (…)
I	am always getting letters (…)
I	seem to have a craze at the moment for cooking everything in individual portions.
I	Love individual steamed puddings.

To corroborate the position of authority or specialist the writer is imposing to the reader, there is some thematization of the word "you" in clauses associated to lack of knowledge or subordination (through the thematization of processes in imperatives). For instance, see example 21:

Example 21

Theme	Rheme
If you	've never made brownies before
So once you	've accepted the description before
Stop thinking	cakes
And forget	all about cakes

Such distribution of themes, the use of textual elements of argumentation (because, if, so once), and the monologue type of interaction between writer and reader gives text 3 a persuasive rhetorical thrust (BUTT et al., 2000).

The textual metafunction may aid EFL teachers to work with complex grammatical/lexical items such as the passive voice and cohesive devices. One suggestion would be by helping learners to identify where the passive is located in the recipes and reflecting with them on why it was used instead of active voice, as well as how the message could change if there was a different construction. Getting students to change some specific sentences within the recipes from passive to active and vice versa could also exemplify how the focus of old/ new information alters the meaning. Learning to use cohesive devices, from the simplest to the most formal and sophisticated, should not be a skill overlooked by the EFL teacher, since they "play a role in organising the flow of linguistic information into meaningful discourse, coherent in its context. Cohesive devices thus assist in semiosis and the consequent creation of text." (CLARKE, 2017).

4. Concluding remarks

The aim of this article was to analyze three different realizations of the same genre, the Recipe, under the Systemic-Functional Grammar (SFG) theory, as well as reflect on how this analysis and the features of SFG may be relevant in the teaching of English as a foreign language. Through the analysis of the three given texts, it was possible to view that all of them present quite different communicative features disclosing changes in the purpose of the texts.

EFL teachers can explore the Experiential Function in order to improve students' awareness of the roles participants, processes and circumstances play according to the communicative purpose of a text; working with the Interpersonal Function may emphasize to learners that no text is written/spoken without considering the relationships between the people who are going to participate on the communicative event; also that language operates on more than just positive/negative sentences or utterances, but rather in instances of modalization and on people's judgements, feelings and attitudes. The textual function may aid the EFL teacher in working with complex structures which involve the change of position of items in the clause, exemplifying how these changes affect the meaning and the focus of the communicative intent.

Understanding how a language interconnects different systems in order to achieve a certain purpose is of invaluable importance for several areas of study that are being developed under

the light of Systemics-Functional Linguistics nowadays, and more specifically, to the Teaching of English as a Foreign Language. Teachers should indeed make good use of Functional perspectives in order to help students visualize language patterns in different ways.

CONFLITO DE INTERESSES

Não há conflito de interesses.

REFERENCES

BANEGAS, Darío Luis. Understanding the impact of teaching systemic functional grammar in initial English language teacher education. **International journal of applied linguistics**, v. 31, n. 3, p. 492-507, 2021.

BLOOR, Thomas; BLOOR, Meriel. **The Functional Analysis of English**. 2. ed. London: Arnold, 2004.

BUTT, David; FAHEY, Rhondda; FEZZ, Susan; SPINKS, Sue; YALLOP, Colin. **Using Functional Grammar: An Explorer's Guide**. 2. ed. Sydney: National Centre for English Language Teaching and Research, Macquarie University, 2000.

CLARKE, Ben. Cohesion in Systemic Functional Linguistics; a theoretical reflection. *In*: BARTLETT, Tom; O'GRADY, Gerard. **The Routledge Handbook of Systemic Functional Linguistics.** New York: Routledge, 2017, p. 404-417.

DEREWIANKA, Beverly; JONES, Pauline. From traditional grammar to functional grammar: bridging the divide. **NALDIC Quarterly**, v. 8, n. 1, p. 6-17. 2010.

EGGINS, Suzanne. **An Introduction to Systemic Functional Linguistics**. 1. ed. London: Pinter, 1994.

ELYSA, Ferlya; MEUTIA, Putri Dini. Elaborating functional grammar in the EFL classroom context and its implication. *In:* Proceedings of the 2nd English Education International Conference (EEIC) in conjunction with the 9th Annual International Conference (AIC). **Annals** […]. Indonesia: Universitas Syiah Kuala, 2019.

GODDARD, Angela. **The Language of Advertising**. London: Routledge, 1998.

HALLIDAY, Michael. **System and Function in Language.** Oxford: Oxford University Press, 1976.

HALLIDAY, Michael; MATTHIESSEN, Christian. **Halliday's Introduction to Functional Grammar**. 4. ed. London: Routledge, 2014.

HOOD, Susan. Appraisal. *In:* THOMPSON, Geoff; BOWCHER, Wendy; FONTAINE, Lise; SCHÖNTHAL, David. **The Cambridge Handbook of Systemic Functional Linguistics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2019, p. 382-409.

IDDINGS, J.; OLIVEIRA, L. Applying the Genre Analysis of a Narrative to the Teaching of English Language Learners. **International Teaching Journal**, vol. 8, n. 1, 2011, p. 25-41.

JONES, Rodney; LOCK, Graham. **Functional Grammar in the ESL Classroom**: noticing, exploring, practicing. New York: Palgrave MacMillan, 2011.

LOCK, Graham. **Functional English Grammar:** an introduction for second language teachers. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

MCCABE, Anne. Systemic Functional Linguistics and Language Teaching. *In*: BARTLETT, Tom; O'GRADY, Gerard. **The Routledge Handbook of Systemic Functional Linguistics.** New York: Routledge, 2017, p. 591-604.

MILLER, Donna Rose. Language as purposeful: functional varieties of text. 2nd Edition. **Quaderni del CeSLiC. Functional Grammar Studies for Non-Native Speakers of English.** Bologna: Centro di Studi Linguistico-Culturali (CeSLiC), 2017.

SILVA, Renato C. PEREIRA, Sonia R. O ensino de línguas via gêneros discursivos na escola regular numa perspectiva sociossemiótica: uma proposta possível. **Revista da Abralin**, v. 18, n. 1, 2019, p. 1-33.

SUGIHARTI, Esti. Comparing Oral and Written Cooking Recipes Using Systemic Functional Grammar. **Jurnal Bahasa Inggris Terapan**, v. 7, n. 1, 2021, p. 19-33.

THOMPSON, Geoff. **Introducing Functional Grammar**. 2. ed. London: Arnold, 2004.

Luladrão e Bolsonazi: um estudo do neologismo como recurso avaliativo em mídia social

Karen Tank Mercuri
Universidade Estadual de Campinas, Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-7623-5290
k001935@dac.unicamp.br

RESUMO

O objetivo deste artigo é analisar criações neológicas como recurso avaliativo em mídia social. Para isso, foram analisados comentários sobre postagens da página de verificação de notícias, agência Lupa, no Facebook, próximo ao segundo turno das eleições presidenciais no Brasil, em 2018. Devido à predominância de discursos de ódio, optou-se por analisar os neologismos que expressavam avaliação negativa desses candidatos e de seus apoiadores, sob a perspectiva dos campos semânticos do sistema de Avaliatividade (MARTIN e WHITE, 2005), na busca de possíveis padrões linguísticos. Para melhor compreensão de como os neologismos eram construídos, recorreu-se ao processo de formação de palavras da gramática da língua portuguesa (CUNHA e CINTRA, 2016). Notou-se que há uma preferência pelo processo de composição por aglutinação e, na maioria dos comentários analisados, o neologismo acrescentava uma avaliação diferente do complexo oracional. Em termos de padrão, somente em relação ao ex-presidente Lula há um único tipo de julgamento: o de propriedade.

PALAVRAS-CHAVE: Mídias sociais; Política; Discurso de ódio; Avaliatividade; Neologismo.

***Luladrão and Bolsonazi*:** a study of neologism in Brazilian Portuguese as an evaluative resource in social media

ABSTRACT

The purpose of this paper is to analyze neological creations in Brazilian Portuguese as an evaluative resource in social media. For this, comments were analyzed on posts on the news verification page, Lupa agency, on Facebook, close to the second round of presidential elections in Brazil, in 2018. Due to the predominance of hate discourse, it was decided to analyze the neologisms that expressed a negative appraisal of these candidates and their supporters, from the perspective of the semantic fields of Appraisal Discourse (MARTIN and WHITE, 2005), in search of possible linguistic patterns. For a better understanding of how neologisms happened, the process of word formation in the grammar of the Portuguese language was used (CUNHA and CINTRA, 2016). As a result, there is a preference for the composition process by agglutination and in the majority of cases analyzed the neologism added a different appraisal of the clause complex. In terms of standard, only in relation to former president Lula is there a single type of judgment: property.

KEYWORDS: Social medias; Policy; Hate discourse; Appraisal; Neologism.

Ao citar este artigo, referenciar como: MERCURI, Karen Tank. Luladrão e Bolsonazi: um estudo do neologismo como recurso avaliativo em mídia social. **Matraga**, v. 29, n. 56, p. 303-317, mai./ago. 2022.

DOI: 10.12957/matraga.2022.63816
Recebido em: 29/11/2021
Aceito em: 29/04/2022

1. Introdução

As mídias sociais possibilitaram, dentre outras coisas, que pessoas se posicionassem politicamente. Mais do que isso, "as mídias sociais, principalmente o Facebook, tornaram-se fortes dispositivos de formação ideológica que permitiram a proliferação ideológica polarizada dentro da rede" (BRUGNAGO e CHAIA, 2015). Desde as eleições de 2014, as pessoas passaram a ser divididas em dois grupos: esquerda e direita, na lógica do condomínio (SAFATLE, 2016), em que os iguais se fecham entre si para combater aqueles que são externos ao grupo.

Não diferentemente nas preparações para as eleições de 2018, os discursos de ódio contra o grupo, ou candidato adversário, tornaram-se importante estratégia, para convencer o maior número de eleitores (MERCURI e LIMA-LOPES, 2020), não importando a veracidade dos assuntos trazidos em pauta. Preocupados com a desinformação, a proliferação das chamadas *fake news*, surgiram algumas agências de checagem, dentre elas a Agência Lupa[1], cuja página no Facebook é seguida por quase 190 mil usuários.

Diante desse cenário, foram coletados, por meio de raspagem de dados automatizada, comentários provenientes dessa página, a fim de verificar, inicialmente, a posição dos usuários diante de checagens da agência, sobretudo de notícias falsas propagadas via *WhatsApp* e dos discursos dos candidatos. Entretanto, assim como no trabalho de Lima-Lopes et al. (2020), notou-se que a interação entre os usuários não era para discutir as postagens da Lupa, mas sim atacar o candidato adversário e/ou seu grupo de apoiadores. Observou-se, ainda, que as manifestações ofensivas não só estavam instanciadas em orações, como também na criação de léxico, especialmente envolvendo nomes de candidatos.

Por isso, considerou-se importante analisar essas criações neológicas, assim como fizeram Schlee e Costa (2021), que mostraram ser possível a análise de neologismos, formados com o sufixo -aço, sob a perspectiva sistêmico-funcional da linguagem (HALLIDAY, 1994; HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004) e Lima-Lopes e Arruda (2021), que analisaram essas construções no *Youtube*, com foco na gradação, guiados pelo Sistema de Avaliatividade (ou simplesmente avaliatividade) (MARTIN e WHITE, 2005), uma teoria advinda da Linguística Sistêmico-Funcional, doravante LSF. Este artigo se diferencia de trabalhos, como de Schlee e Costa (2021), que possuem foco em um único processo neológico (sufixação), e de Lima-Lopes e Arruda (2021), que refletem sobre as formas de gradação como reforço positivo. Este trabalho se debruça, por conseguinte, sobre os discursos de ódio, inflamados pela polarização política, identificando as classificações de derivação e composição encontradas no *corpus*.

Assim, este artigo tem como objetivo analisar os neologismos, com motivação política, presentes nos comentários coletados da página da Agência Lupa, procurando identificar padrões tanto de formação lexical como de avaliação. Embora o foco deste artigo seja o léxico, ele não é desvinculado de um contexto imediato e cultural e da interação entre os participantes do ato

[1] A Agência Lupa é uma plataforma de combate à desinformação através do *fact-checking* e da educação midiática. Integra a International Fact-Checking Network (IFCN), rede mundial de checadores reunidos em torno do Poynter Institute, nos Estados Unidos. Disponível em: https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2015/10/15/como-selecionamos-as-frases-que-serao-checadas/?utm_source=Search&utm_medium=cpc&utm_campaign=lupa5anos. Acesso em: 20 mar. 2020.

comunicativo (HALLIDAY, 1994; HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004) e, por isso, visa também a verificar a avaliatividade presente na oração ou no complexo oracional dos comentários.

Para os objetivos deste artigo, o sistema da Avaliatividade (MARTIN e WHITE, 2005) é necessário, para se definir os tipos de afetos e julgamentos instanciados nos léxicos e nas orações; já o processo de formação de palavras (CUNHA e CINTRA, 2016), é requerido para entender qual é o movimento criativo e produtivo (AZEREDO, 2008), dos usuários do *Facebook*, nessa situação específica.

2. A formação de palavras em língua portuguesa e o neologismo

Na gramática da língua portuguesa (CUNHA e CINTRA, 2016), a palavra é definida como uma unidade de som e significado que compõe uma frase. No entanto, há ainda uma unidade significativa mínima denominada morfema. Há morfemas gramaticais e morfemas lexicais, estes são tradicionalmente chamados de radical. A ele podem se agregar uma desinência (verbal ou nominal), um afixo (prefixo e/ou sufixo) ou ainda uma vogal temática.

Com base nos morfemas lexicais, novas unidades são criadas por meio de processos morfossintáticos (DUBOIS et al., 1973). Essa formação de novas palavras pode ser, principalmente, por derivação ou composição[2]. O processo de derivação subdivide-se em: prefixal, sufixal, parassintética, regressiva e imprópria. Já a formação de palavras por composição, pode ser por justaposição ou aglutinação.

Dentre os processos de derivação, primeiramente, serão estudados os provenientes de acréscimo de afixos, objetivando a ampliação da palavra primitiva. O primeiro deles é a derivação prefixal, que ocorre quando um prefixo se une ao radical (CUNHA e CINTRA, 2016). Por outro lado, a derivação sufixal ocorre quando um sufixo se junta ao término do radical, formando uma nova palavra, a qual pode ser um substantivo, verbo ou advérbio (CUNHA e CINTRA, 2016). Já na derivação parassintética, o prefixo e o sufixo se aglutinam ao mesmo tempo ao radical (CUNHA e CINTRA, 2016). Em segundo lugar, há um processo em que ocorre exatamente o inverso: a redução da palavra derivante e, por isso, é conhecido como derivação regressiva. Ressalta-se nessa derivação a criação de substantivos deverbais (CUNHA e CINTRA, 2016). Por fim, o processo de derivação imprópria consiste em mudar a classe gramatical de uma palavra, sem que ela mude de forma, normalmente, acrescentando um artigo (CUNHA e CINTRA, 2016).

Segundo esses autores, o processo de composição consiste em formar uma nova palavra pela junção de dois ou mais radicais, podendo ser: (i) justapostos, sem perderem a sua integridade, ou (ii) intimamente unidos, com perda de integridade silábica. O primeiro processo é chamado de composição por justaposição e o segundo, de composição por aglutinação.

Além desses processos, ressalta-se a criação vocabular que consiste em reduzir títulos em siglas. Partidos políticos, por exemplo, são mais conhecidos por suas siglas do que pelas deno-

[2] Ressalta-se que os processos de derivação e composição, embora sejam os tradicionalmente ensinados, não são os únicos na formação de palavras, tal como observa Cunha e Cintra (2016). Mais adiante, serão mencionados, ainda, os processos de criação a partir de siglas e de abreviação vocabular.

minações completas (CUNHA e CINTRA, 2016). Uma vez popularizado o seu uso, a sigla passa a ser utilizada como uma palavra primitiva capaz de formar derivados. Destaca-se, também, a criação pela abreviação vocabular, que consiste em reduzir frases ou palavras até um limite que não interfira na compreensão (CUNHA e CINTRA, 2016).

Assim, vai se formando o léxico, conjunto de palavras que faz parte de uma língua (BASILIO, 2014). Todas as línguas possuem um acervo lexical à disposição do falante/escritor. No entanto, com o passar do tempo, devido aos aspectos sociais, políticos, econômicos (entre outros), algumas palavras caem em desuso, outras ganham novos significados ou, ainda, surgem palavras novas, para atender à necessidade comunicativa em certos contextos ou meios de comunicação.

Essa criação de novas unidades léxicas, ou seja, processo pelo qual a língua se altera, é denominada neologia e as formas resultantes, de neologismos (ALVES, 2007). Para Azeredo (2008), o processo de criação ocorre a fim de garantir maior eficiência ao sistema linguístico. Estão envolvidas nesse processo a criatividade, que é idiossincrática e particular, e a produtividade, que atende a um coletivo e é sistematizada.

A palavra nova pode ser dicionarizada ou não. Embora o dicionário represente legitimamente o vocabulário de uma comunidade, o fato de uma palavra não constar de seu registro não impede que seja reconhecido o processo criativo de um neologismo pela comunidade linguística (SCHLEE e COSTA, 2021).

Sendo assim, para analisar a formação de novas palavras do *corpus* deste estudo não basta apenas analisar o léxico, mas também entender a dimensão social do uso da linguagem, já que "a introdução, assimilação e circulação de um neologismo estão sujeitas, principalmente, a fatores históricos e socioculturais" (AZEREDO, 2008, p. 402).

3. Análise linguística e os recursos para avaliação

As análises deste estudo dar-se-ão sob a perspectiva sociossemiótica da Linguística Sistêmico-Funcional (HALLIDAY, 1994; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004). A LSF estuda a linguagem no espectro de um sistema de escolhas, no qual os falantes/escritores têm à disposição uma gama de palavras e construções. Tal escolha, conscientemente ou não, é feita de modo não arbitrário, ou seja, depende da situação, do interlocutor e do contexto. Essas escolhas feitas no nível léxico-gramatical produzem efeitos no nível semântico-discursivo, refletindo posições ideológicas, bem como avaliativas, sobre pessoas, coisas, fenômenos em certa comunidade e/ou no mundo.

As escolhas linguísticas que indicam uma avaliação, sejam de aprovação ou desaprovação, afetuosa ou odiosa (HALLIDAY, 1994), são instanciadas no texto e podem ser identificadas por adjetivos, advérbios, epítetos, atributos e circunstâncias, pronomes, elementos de coesão (repetição, colocação) e processos (verbos) (LIMA-LOPES; VIAN JR., 2007). Embora os estudos sobre LSF tenham se concentrado mais na análise da oração e do complexo oracional, neste artigo, assim como no trabalho de Schlee e Costa (2021), o foco será "a estruturação dos grupos que desempenham funções no estrato léxico-gramatical, a sua composição por meio de palavras e a

composição destas por morfemas" (SCHLEE e COSTA 2021, p. 1), não perdendo o balizamento da perspectiva funcional da linguagem.

Para analisar esses morfemas que, na criação neológica, expressam uma avaliação, será considerado o sistema de Avaliatividade (MARTIN e WHITE, 2005), o qual viabiliza subsistemas de análises linguísticas para agrupar e categorizar as marcas avaliativas. Como o objetivo desta pesquisa é entender como são feitas as avaliações do mundo por meio da linguagem, então dentro do complexo sistema de Avaliatividade será levado em consideração o subsistema atitude, mais especificamente seus campos semânticos: julgamento e afeto. Este em avaliações que demonstrem, principalmente, carinho ou ódio; aquele em avaliações sobre o comportamento humano, aprovando ou desaprovando. Neste escopo não será considerado o subsistema apreciação, já que este envolve avaliações de coisas ou fenômenos e aqui a preocupação maior é com a avaliação de pessoas.

No campo semântico do afeto, há outros três subsistemas: (in)felicidade, que revela se o sujeito está feliz ou triste, ou ainda o quanto gosta ou não gosta de alguém ou de alguma situação; (in)segurança, mostra se o falante/escritor sente-se protegido ou desprotegido em relação a alguém ou algo; (in)satisfação evidencia se o enunciador está realizado ou frustrado diante de um objetivo (não)alcançado por ele ou por outra pessoa.

Já o campo semântico do julgamento, divide-se em outros cinco subsistemas: normalidade, capacidade e tenacidade são considerados julgamentos de estima social, pois indivíduos são exaltados ou rebaixados de acordo com valores e crenças de uma comunidade; já propriedade e veracidade, são julgamentos de sanção social, pois é levado em consideração um conjunto de regras ou regulamentos, morais ou legais, estabelecidos explícita ou implicitamente por uma cultura e os indivíduos que rompem essas regras sofrem uma sanção (WHITE, 2004).

Em síntese, cada um desses subsistemas do julgamento pode ser definido assim: a veracidade está ligada à verdade, sinceridade e honestidade; a propriedade diz respeito aos princípios éticos; a normalidade envolve o julgamento de atitudes inesperadas, estranhas ou pouco usuais; a capacidade avalia se alguém é capaz física ou intelectualmente; por fim, a tenacidade diz respeito à determinação do indivíduo avaliado para resolver algo.

4. Construção do *corpus*

Entre os dias 17 e 18 de outubro de 2018, período próximo ao segundo turno das eleições presidenciais no Brasil, foi coletado um conjunto de postagens e seus textos, além de 3.776 comentários referentes a essas postagens. Os dados foram extraídos de uma página de verificação de notícias, a Agência Lupa, disponível no *Facebook*[3], utilizando-se o *software* Netvizz (ROGERS, s.d.), o qual é capaz de coletar dados de páginas, grupos e perfis disponíveis em modo público. Nesses dois dias, as notícias publicadas pela Agência Lupa versavam sobre: (i) verificação da veracidade dos discursos dos candidatos, Fernando Haddad, Jair Bolsonaro, Eduardo

[3] Disponível em: https://www.facebook.com/LupaNews. Acesso em: 17 out. 2018.

Paes e Wilson Witzel, em entrevistas concedidas a telejornais; (ii) checagem dos discursos dos candidatos, Ibaneis Rocha e Rodrigo Rollemberg, em um debate; (iii) resultado da averiguação de informações e imagens que circulavam em grupos de WhatsApp; (iv) análise do comparativo feito por Jair Bolsonaro entre seu plano de governo e de Fernando Haddad. Além disso, houve também três publicações acerca do papel do jornalismo e da própria agência de checagem.

O passo seguinte foi filtrar dentre os comentários aqueles que continham ao menos um neologismo como forma de avaliação negativa de candidatos e/ou de seus apoiadores. Esse processo foi manual e realizado em planilha eletrônica, obtendo-se 86 comentários. Em seguida, foram identificadas e catalogadas as categorias de análise: (1) Lula; (2) apoiadores do PT; (3) Fernando Haddad; (4) Jair Bolsonaro; (5) apoiadores do candidato Jair Bolsonaro. A Rodrigo Rollemberg foram atribuídos três neologismos, mas optou-se por não os incluir neste artigo, visto que não houve menção ao candidato adversário e isso poderia prejudicar a imparcialidade da pesquisa.

Ressalta-se que alguns neologismos expressavam a mesma intenção comunicativa, mas com grafias diferentes. As palavras semelhantes encontram-se entre parênteses no quadro 1.

QUADRO 1. categorias de análise e neologismos avaliativos

Categoria 1: Lula	Categoria 2: apoiadores do PT	Categoria 3: Haddad	Categoria 4: Bolsonaro	Categoria 5: apoiadores de Bolsonaro
- Lularapio - Luladrão (Luladrao, luladraõ)	- Esquerdopata(s) - petralhas (PeTralhas, ptralhas, petralias) - petralhada(s) - petezada - petrecos	- Malddad (MalDade, Maldadd, MALDAD) - Raddad (radade) - Caddad	- Bolsolão - Bossalnaro - Bolsofakenaro (Bolsofake) - Bolçonauro - BolsoNazi (Bolsonazis) - Bozobosta - Lixoonario	- Bolsominions (bolssominions, bolsominios) bolsoNaziminion - Bozominion(s) bolZominion (bolZominionzumbi) - Bozonista - Direitopata

Fonte: Dados da pesquisa, 2018

5. Resultados e discussões

Definidas as categorias de análise, então se iniciou a fase de análise linguística, sob a perspectiva teórico-metodológica do Sistema de Avaliatividade (MARTIN e WHITE, 2005), bem como o suporte da gramática da língua portuguesa (CUNHA e CINTRA, 2016), mais especificamente o processo de formação de palavras.

A primeira categoria de análise diz respeito ao ex-presidente Lula[4]. Os exemplos 1 e 2 mostram as situações de uso.

[4] O ex-presidente Lula era o candidato do PT para concorrer às eleições presidenciais de 2018, até meados de setembro, quando teve o registro da candidatura rejeitado pelo TSE. Disponível em: https://g1.globo.com/pr/parana/eleicoes/2018/noticia/2018/09/11/pt-anuncia-candidatura-de-fernando-haddad-a-presidencia-no-lugar-de-lula.ghtml. Acesso em: 20 nov. 2021.

Ex.1: O seu candidato deixou milhões de desempregados *lularapio* tá preso roubou o Brasil... seu candidato mente o tempo todo... O meu não Bolsonaro continua firme na mesma tese não mudou. não roubou tem ficha limpa eh honesto... PT já era acorda
Ex. 2: Nós avisamos que ia ter limpeza no país! Eduardo Paes é soldado de *Luladrão* e amigo de Cabral

Em termos de criação lexicológica, tanto *Lularápio* quanto *Luladrão* passaram pelo processo de aglutinação: Lula + larápio e Lula + ladrão. A criação desses substantivos próprios faz com que os adjetivos larápio e ladrão ganhem funções de maior evidência. Nota-se, nesses exemplos, a forte intenção de associar o nome Lula a alguém que rouba e, portanto, não é ético. Esse tipo de avaliação em relação ao ex-presidente Lula também foi dominante em outros estudos (LIMA-LOPES et al., 2020; MERCURI, 2021). Para compreender melhor esse arranjo, é preciso recordar que foi em 2018, ano das eleições presidenciais, que o ex-presidente foi preso acusado de corrupção, com grande repercussão na mídia. Criou-se, então, um utópico antagonismo político: apoiar Lula significava ser corrupto *vs.* apoiar outro candidato significava ser honesto. Isso é reforçado pela escolha dos pronomes possessivos: *seu candidato*, *meu candidato*. Nesses exemplos, tanto os neologismos – *Luladrão, Lularápio* – quanto os comentários – *roubou o país*, *limpeza no país* [de corruptos] – refletem um julgamento de propriedade que questiona sua índole e honestidade. Tal questionamento leva, necessariamente, a uma representação negativa. Há ainda um julgamento de veracidade – *seu candidato mente o tempo todo* – que contribui para tal avaliação, uma vez que *mentir* possui uma carga intrínseca de negatividade.

A segunda categoria de análise, os apoiadores do PT, está retratada nos exemplos de 3 a 7:

Ex. 3: [...] Só pra lembrar sua citação ao soldado, ele está ferido. Um *esquerdopata* esfaqueou. A esquerda é bem calminha e não incita o ódio.
Ex. 4: Quem vive de mentiras é o Haddad e os *PeTralhas*, fora Luladrao! #PTnao #Bolsonaro17
Ex. 5: Fora *PETRECOS PETRALIAS* PETRECOS
Ex. 6: Adoro ver a *petezada* desesperada
Ex. 7: *Petralhada* tá tremendo na base 😂😂😂 Aceita Que dói menos 😀 Agora é Brasil contra Ladrões, Corruptos Bandidos, todos vão pra Cadeia 😂😂😂👆

No exemplo 3, há a palavra *esquerda*, denominando o grupo oposto ao do autor da postagem, em que a vogal final é trocada por *o*, para se referir ao indivíduo, com adição do sufixo -pata (derivação sufixal). O sufixo -pata denota o sentido de experienciar ou sofrer de alguma coisa (LOPES et al., 2016). Pela oração: *um esquerdopata o esfaqueou*[5], nota-se que é atribuída ao indivíduo a anormalidade, aqui representada como seu posicionamento à esquerda. Num contexto mais amplo, como no estudo de Mercuri (2021), apoiar as ideologias da esquerda é tido como comportamento doentio, atribuindo-se, assim, uma avaliação negativa da normalidade.

[5] O candidato Jair Bolsonaro foi golpeado com uma faca durante a campanha eleitoral. O grupo que apoiava esse candidato atribuiu a autoria do atentado ao grupo opositor (esquerda), hipótese não comprovada pela justiça.

A oração que vem logo em seguida – *A esquerda é bem calminha e não incita o ódio* – reforça esta avaliação, uma vez que ela contém uma ironia ressaltando a intenção comunicativa exatamente oposta ao valor positivo de "calma". Nessa oração, tal como no neologismo *esquerdopata*, identifica-se que a escolha linguística visa a criar um sentimento de insegurança em relação à esquerda, além de sua patologização.

Nota-se ainda que a sigla PT é sentida como palavra primitiva que deu origem às formas *petralhas* (e suas variações dispostas no quadro 1), *petrecos*, *petezada* e *petralhada*. Para a formação de *petralhas*, podem-se levantar duas hipóteses. Na primeira, ocorre o processo de composição por aglutinação, de PT (ou *petê*) com o nome metralhas, proveniente das personagens de quadrinhos "Irmãos Metralhas"[6]. Isso reforça o julgamento de propriedade em relação não só aos políticos do PT, mas também a todos seus eleitores. A outra hipótese é a sigla PT receber o vocábulo tralhas e, assim, há um sentimento de desprezo (não gostar) mesclado a um julgamento de capacidade, ao se considerar alguém inútil (tralha). Além disso, o uso de *petralhas* pode construir uma avaliação que associa o PT a uma quadrilha, assim como as personagens a quem o uso remete. Observando as orações do exemplo 4, nota-se um julgamento de veracidade – *quem vive de mentiras* – e de propriedade, com o uso de dois neologismos: *petralhas* e *Luladrao*. Destaca-se, ainda, a repetição no *corpus* da palavra *petralha* (e grafia similares) por vinte e uma vezes. Se por um lado, a repetição ajuda a reforçar o sentimento e avaliações negativas expressas nos comentários (Lima-Lopes, 2018), a presença de ladrão leva ao reforço da prosódia semântica negativa.

No exemplo 5, o léxico *petrecos* pode sugerir dois processos de formação. O primeiro seria a adição do sufixo -eco à sigla -pt, com a consoante de ligação -r, para denotar grau diminutivo em sentido pejorativo (LIMA e BARBOSA, 2011). O segundo seria a composição por aglutinação do neologismo *petralha* com o vocábulo treco (coisa desprezível). Ambas as hipóteses denotam um sentimento de não gostar, mas, se considerarmos a segunda hipótese, há ainda um julgamento de propriedade (advindo de irmãos metralhas). Junto a isso, nota-se um sentimento de insatisfação, explícito no advérbio *fora*, que completa esse comentário com uma representação de exclusão ou expulsão.

Em relação aos comentários 6 e 7, o sufixo -ada exprime, dentre outros significados, a ideia de filiação, um conjunto da mesma coisa ou descendência (PIRES, 2016). No emprego desse sufixo pelos autores dos comentários, há um tom pejorativo e essa escolha reforça a lógica do condomínio (SAFATLE, 2016): a intenção do autor é enfatizar o desprezo e um distanciamento a um grupo, ao qual ele não pertence. No primeiro caso, *petezada*, há um processo de derivação sufixal (-ada) à sigla -pt, com consoante de ligação -z: petê + z + ada; no segundo, petralhada, há uma criação neológica também por derivação sufixal, mas partindo de outro neologismo: *petralha*. Em consonância com o que se discutiu há pouco, a escolha do termo *petralhada* revela, ainda, a intenção de caracterizar o grupo opositor como bando, um conjunto de bandidos. Isso é reforçado pela frase que vem em seguida: *Brasil contra Ladrões*, que traz em si uma noção avaliativa pela oposição: *nós* (que não somos ladrões) representamos o Brasil contra *eles* (que

[6] Irmãos Metralhas (*The Beagle Boys*) é uma quadrilha de ladrões atrapalhados das histórias em quadrinhos e dos desenhos animados da Disney (WIKIPEDIA, s.d.).

representam os ladrões). Tanto no exemplo 6 como no exemplo 7, há explícitos sentimentos de felicidade e não solidariedade – *adoro ver* e emojis rindo – baseando--se no desespero ou medo do grupo oposto em perder as eleições.

Interessante notar, nesse conjunto de exemplos, outros recursos avaliativos. No exemplo 4, além da avaliatividade pela criação neológica, há a grafia que reforça a intenção avaliativa do autor. No caso de *PeTralhas*, há destaque para as letras P e T, sigla do partido dos trabalhadores. Esse recurso visual reforça a comunicação linguística e causa um impacto extra no leitor (CRYSTAL, 1997), seja pelo destaque tipográfico que traz, seja pela ideia de que, na comunicação mediada por computador, maiúsculas representam o ato de gritar. Nesse último, teríamos uma metáfora de expressão na qual o comentador parece levantar a voz durante as letras destacadas. Além de representar na escrita um efeito prosódico, a grafia em caixa alta, como no exemplo 5, também intensifica o não gostar. Outra situação semelhante é associar a palavra corrupto(s) à sigla PT, causando a impressão de que são indissociáveis:

Ex. 8: CorruPTosnuncamais #B17
Ex. 9: E onde o brasileiro irá buscar informação fidedigna, uma vez que a mídia brasileira é controlada pelo ParTido CorruPTo?

A respeito da terceira categoria de análise, o candidato à presidência Fernando Haddad, os neologismos e avaliações a ele atribuídos estão nos exemplos de 10 a 13:

Ex. 10: [...] me desculpem mas *malddad* é apenas um fantoche. um pau mandado do cachaceiro bandido, [...] o único interesse de continuar no poder é o de soltar o presidiário sujo e continuar a roubalheira [...].
Ex. 11: O *MalDade*, não adianta publicar planos de Governo, ninguém acredita. O PT, não tem crédito das pessoas de bem [...] dá suas aulas, nas faculdades, ditas públicas, passando sua ideologia para essa cambada, "comunistas caviar".
Ex. 12: Vai criar radar na cadeia *raddad*
Ex. 13: Paes quer como todo corrupto, soltar os amigos presos, igualmente *CADDAD* quer soltar o bandido maior

No termo *malddad*, há uma substituição do sufixo -dade, que significa modo de ser (CUNHA e CINTRA, 2016), por parte do sobrenome do candidato, Haddad, provavelmente devido à proximidade sonora, a fim de insinuar que o modo de ser de Haddad representa o mal. Normalmente, esse sufixo é usado para a formação de substantivos abstratos, mas no exemplo acima, a junção de *mal* + *ddad* produziu um substantivo próprio. No comentário do exemplo 10, podemos perceber vários tipos de julgamentos a Haddad, tais como, capacidade: *é apenas um fantoche, um pau mandado do cachaceiro bandido* [ex-presidente Lula]; propriedade: *e continuar a roubalheira*; normalidade: *o único interesse de continuar no poder é soltar o presidiário sujo* [ex-presidente Lula].

No exemplo 11, não há um neologismo, visto que a palavra MalDade é descrita nos dicionários de língua portuguesa, significando qualidade do que é mal ou comportamento cruel.

Contudo, a grafia revela a junção de duas palavras: mal + Haddad, em que *ddad* se transforma no sufixo -dade, além do uso da letra *D*, em maiúscula, no centro da palavra, como se observou anteriormente. Nessas construções (*malddad* e MalDade), há um maniqueísmo subentendido: o termo "mal" opõe-se ao vocábulo "bem" em: *O PT não tem crédito das pessoas de bem*, mostrando não só a disputa entre dois grupos, mas também a pauta religiosa da campanha de Jair Bolsonaro. Ao ler todo comentário, também é possível identificar julgamentos de veracidade – *ninguém acredita* – e normalidade – *dá suas aulas* [...] *passando sua ideologia*.

Nos exemplos 12 e 13, a composição da palavra se dá por aglutinação: no primeiro, radar + Haddad = raddad; no segundo, cadeia + Haddad = caddad. No exemplo 12, o neologismo indica um julgamento de tenacidade[7] acompanhado, em seu contexto, por julgamento de propriedade – *na cadeia*. Já no exemplo 13, a referência à palavra cadeia só foi identificada pelo contexto. Tanto o neologismo quanto o complexo oracional expressam um julgamento de propriedade, ligado à corrupção. Interessante notar que, nesse caso, a pessoa de Haddad foi citada como parâmetro negativo ao se avaliar o candidato ao governo do Rio de Janeiro, Eduardo Paes, ao passo que o ex-presidente Lula é referenciado como *bandido maior*, insinuando que ele seria o mentor dos outros políticos citados. Destaca-se, ainda, que nos exemplos 10, 11 e 13, Haddad não é avaliado por si só, mas por substituir Lula ou ser o candidato do PT, o que leva a pensar que qualquer pessoa que ocupasse esse lugar seria avaliada de maneira semelhante, mas com outros neologismos, dependendo do nome.

Para a quarta categoria de análise, o candidato Jair Bolsonaro, encontramos o maior número de ocorrências de neologismos, contudo serão analisados somente os vocábulos que tiveram mais de uma ocorrência no *corpus*, os quais se encontram nos exemplos de 14 a 17.

Ex. 14: #caixa2*bolsolão*. Queremos justiça.
Ex. 15: Inclusive são reis da manipulação vide o escândalo da quadrilha do *WhatsApp* comandada pelo *bossalnaro*
Ex. 16: *BolsoFakenaro* mentiroso.
Ex. 17: chega de *BolsoNazi* 28 anos sem fazer nada só mamando do governo.

No exemplo 14, *bolsolão*, há um processo de aglutinação do nome Bolsonaro com outro neologismo, já incorporado nos dicionários de língua portuguesa: o mensalão[8]. O radical mensal reforça a periodicidade com que os políticos envolvidos recebiam a propina; já o sufixo -ão, que normalmente indica aumentativo, junta-se ao radical (derivação por sufixação), com o intuito de expressar o grande volume de dinheiro envolvido. Assim, ao criar um vocábulo utilizando esses dois termos (Bolsonaro + mensalão), há um julgamento de propriedade, comprovado pelo contexto de situação que envolvia denúncias de caixa 2, à época da campanha eleitoral. Apesar da necessidade de mais estudos para comprovação desta hipótese, pode-se perceber que o uso de -salão poderia representar um sufixo de identificação de corrupção em grande escala, sendo

[7] Fernando Haddad, quando prefeito de São Paulo, instalou radares nas marginais, a fim de diminuir acidentes.
[8] Mensalão: "designação de um escândalo que envolveu políticos, partidos e empresas públicas em práticas fraudulentas (2005-2006)" (SOUZA, 2015, p. 133).

que o significado seria especialmente atribuído ao uso do sufixo com nome de políticos ou partidos. Ou seja, esse uso poderia representar um processo de construção lexical que estaria ligado não apenas a questões morfológicas, mas também sociais, uma vez que sua utilização em outro contexto não evidenciaria o mesmo resultado.

Já o termo *bossalnaro* (exemplo 15), origina-se de uma aglutinação da palavra boçal com Bolsonaro. Não se sabe se o autor desconhece a ortografia dessa palavra ou se preferiu manter a letra *s* que também está presente em Bolsonaro. Ao juntar essa palavra ao nome do candidato, avaliou-se negativamente sua capacidade intelectual. No comentário em que o neologismo em questão foi aplicado, notam-se julgamentos de veracidade – *reis da manipulação* – e de propriedade – *quadrilha do WhatsApp*[9].

Em *Bolsofakenaro*, no exemplo 16, há um processo por justaposição, pois não há perda fonética; mas é atípico, pois um léxico é colocado no meio de outro léxico. Essa escolha insinua que a mentira é intrínseca a Bolsonaro. A palavra *fake*, empréstimo do inglês, foi utilizada para expressar uma avaliação de veracidade, já que seu significado é fraude; algo ou alguém falso; falsificação. Como reforço desse julgamento, *Bolsofakenaro* vem acompanhado do vocábulo *mentiroso*, no comentário.

Em *BolsoNazi* (exemplo 17), pode-se considerar um processo de abreviação, considerando que Bolso se refere sempre a Bolsonaro e nazi, sempre ao Nazismo, e uma posterior justaposição (Bolso + Nazi), tal qual Lima-Lopes e Arruda (2021) sugerem em seu trabalho, ao analisar a palavra *Bolsomito*. Essa hipótese fica evidente com a grafia *BolsoNazi*, que enfatiza duas palavras pelas iniciais maiúsculas. Associar o nome do candidato à palavra nazi deve-se, muito provavelmente, por ele ser de extrema-direita e por suas declarações serem consideradas preconceituosas, o que traria uma certa semelhança com os nazistas alemães. A avaliação é negativa, explorando a não normalidade de um governo nos moldes do nazismo. A frase do exemplo 17 – *28 anos sem fazer nada* – revela não só um sentimento de insatisfação, pois esperava-se uma participação mais ativa, como também um julgamento de tenacidade, porque se o candidato não fez algo significante pelo país em vinte e oito anos em que foi deputado, não seria capaz de resolver os problemas agora.

Os exemplos de 18 a 21 retratam alguns enunciados em que apareceram os neologismos endereçados aos apoiadores de Jair Bolsonaro.

Ex. 18: O mundo inteiro tá enganado... os *Bolsominions* é que estão sssertos!

Ex. 19: a única coisa verdadeira, mas verdadeira mesmo, é a estupidez dos *bozominions*.

Ex. 20: [...] Fiquei hoje procurando algum *bolZominionszumbi* que trouxesse argumentos plausíveis para votar nesse mostruoso apoiador de torturador mais desisto. Ou as pessoas estão anestesiadas, ou são mal intencionadas mesmo (robôs do jornal fakenews do *bolsoNazi*). Fui ✌🏻Paz

Ex. 21: o que que está manipulado ali *direitopata*, unico manipulado aqui são vcs.

[9] Faz referência à matéria da Folha de S. Paulo: Empresários bancam campanha contra o PT pelo WhatsApp, publicada em outubro de 2018. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/empresarios-bancam-campanha-contra-o-pt-pelo-whatsapp.shtml. Acesso em: 12 nov. 2021.

A palavra *Bolsominions*, no exemplo 18, foi criada a partir do nome Bolsonaro com a junção da palavra *minions*[10] por um processo de justaposição. Na palavra *bolsominions*, há avaliação tanto de Bolsonaro (o vilão, o malvado) quanto de seus apoiadores, em algo que foge ao normal (apoiar o vilão, os lacaios do vilão). Além disso, a escolha da palavra *minion* também transparece um julgamento de capacidade (inferior), aquele que segue ordens sem refletir a respeito, que é reforçado pelo enunciado irônico – *O mundo inteiro tá enganado... os Bolsominions é que estão sssertos!* Vale destacar que, ao todo, foram dez ocorrências de léxicos contendo a palavra *minion*. Essas repetições podem ser uma tentativa de se estabelecer um estereótipo.

No exemplo 19, ao trocar o nome de Bolsonaro por Bozo[11], questiona-se a normalidade das atitudes desse candidato à presidência. O processo de criação dessa palavra é por justaposição. No caso desse exemplo, *bozominion* seria aquele que serve o malvado/palhaço, ou seja, há um julgamento de normalidade e capacidade intelectual. Pelo comentário, extraem--se julgamentos de capacidade – *estupidez* – e de veracidade – *a única coisa verdadeira* (pelo contexto, sugere-se que são mentirosos).

No exemplo 20, a troca da letra *s* da abreviação *bolso* para a letra *z*, em *bolZo*, revela a intenção de correlação fonética tanto com o nome de Bolsonaro quanto de Bozo, o que leva a uma classificação por aglutinação das duas palavras. Além dessa base, há a junção da palavra *minion* e da palavra zumbi[12] (por justaposição). A palavra zumbi, nesse contexto, expressa um julgamento de normalidade e reforça uma avaliação negativa quanto à capacidade intelectual, já encontrada em *minion*, revelada também em uma expressão do comentário: *analfabeto funcional*. Nessa postagem, pode-se ressaltar também um julgamento ético: *mal intencionadas mesmo* e de veracidade: *robôs do jornal fakenews*.

Finalizando as análises com o exemplo 21, *direitopata* é resultado de derivação sufixal, semelhante ao visto anteriormente em *esquerdopata*, numa tentativa de se usar o mesmo critério avaliativo do grupo contrário, exaltando a dualidade e a polarização política. Além do julgamento de normalidade e do sentimento de insegurança que esse neologismo traz, há ainda um julgamento de capacidade no final do comentário: *unico manipulado aqui são vcs*.

6. Considerações finais

Este artigo analisou neologismos utilizados em mídia social para uma discussão política. A coleta de dados foi feita em uma página pública do *Facebook*, a da agência de checagem Lupa. Notou-se, contudo, que os comentários que acompanhavam as postagens dessa página, nos dias

[10] A palavra *minions* é um empréstimo estrangeiro e seu primeiro aparecimento é em um filme homônimo, datado de 2015. Nessa animação, *minions* são seres amarelos, cujo propósito de vida é servir aos vilões (WIKIPEDIA, s.d.).

[11] Bozo: nome de uma personagem, um palhaço, criado em 1946 nos Estados Unidos, introduzido no Brasil na década de 80 (WIKIPEDIA, s.d.). Destaca-se que no *corpus* a substituição do vocábulo Bolsonaro por Bozo ocorreu dezenove vezes, mas aqui foram considerados somente os casos em que Bozo fazia parte de um neologismo.

[12] Para o imaginário cultural e popular, zumbi é uma criatura cujo estereótipo se define como um cadáver reanimado, que vive a perambular e a agir de forma estranha e instintiva (WIKIPEDIA, s.d.).

17 e 18 de outubro, pouco discutiam sobre as matérias. Havia muitas expressões de ódio (afeto de infelicidade) acompanhadas de julgamentos.

Então, procurou-se focar em que tipos de julgamentos essas criações neológicas traziam, se elas reforçavam os julgamentos presentes na oração (ou complexo oracional) e qual era(m) o(s) processo(s) de formação de palavras envolvido(s) nessas criações.

Na categoria 1, ex-presidente Lula, houve apenas um processo e um julgamento: composição por aglutinação e propriedade, respectivamente. Da mesma maneira, os comentários que continham esses neologismos também expressavam um julgamento de propriedade, sempre relacionados a roubo e à corrupção. Esse resultado sugere um padrão de julgamento – também visto em outros trabalhos. A estratégia de repetição sistematizada de certos termos e da avaliação de propriedade, além de garantir a eficiência na propagação desse termo, gera uma assimilação de ideias: Lula igual ladrão, PT igual corrupto.

Nas outras categorias, houve processos de formação e/ou julgamento que predominassem, mas sem uma saliência expressiva para estabelecimento de padrões. A exceção é a categoria 3, Haddad, em que não houve um julgamento em destaque, o que se observou foram vários tipos em igual proporção e, nem sempre, eram para ele diretamente. Talvez pelo fato de, naquela época, ainda ser recente a notícia de que ele era o candidato do PT à presidência.

Também foi possível identificar nas demais categorias (de 2 a 5) que, na maioria dos comentários, o neologismo não vinha como um reforço ao julgamento expresso na oração (ou complexo oracional), mas sim adicionava um outro tipo de julgamento, enfatizando a avaliação negativa de uma pessoa ou grupo de pessoas. No entanto, a criação de léxicos, sobretudo com os nomes dos candidatos e dos partidos políticos, como *Malddad*, *petralhada* e *Bossalnaro*, parece favorecer a rotulação de pessoas e a assimilação delas com as avaliações contidas nesses neologismos.

Além das expressões de julgamentos, todos esses neologismos evidenciam afeto na categoria de infelicidade, um não gostar em diversos graus. Alguns ainda carregam afeto na categoria de insegurança, como *Luladrão* e *Bolsonazi*, seja em relação à pessoa, seja pelo seu modo de governar.

O uso repetitivo de alguns neologismos, sendo *petralha* (em suas diversas formas de escrita) o mais evidente, também sugere um processo mais produtivo do que criativo, revelando uma adoção em massa por um grupo como forma de marcar seu adversário e, ao mesmo tempo, criar uma afinidade identitária com o grupo.

Por fim, por ser uma prática linguística recorrente em mídias sociais, seria necessário um estudo mais longo, acompanhando outras páginas públicas em que haja manifestação política, para compreender os movimentos de avaliação, repetição e pertencimento.

FINANCIAMENTO

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

CONFLITO DE INTERESSES

Não há conflito de interesses.

AGRADECIMENTO

Ao Prof. Dr. Rodrigo Esteves de Lima Lopes pelas leituras e discussões no grupo de pesquisa, que me inspiraram para a escrita deste artigo.

REFERÊNCIAS

ALVES, I. M. **Neologismo**: **criação lexical**. São Paulo: Ática, 2007.

AZEREDO, J. C. **Gramática Houaiss da Língua Portuguesa**. São Paulo: Publifolha Houaiss, 2008.

BASILIO, M. **Formação e classes de palavras no português do Brasil**. São Paulo: Contexto, 2014.

CHAIA, V. L. M.; BRUGNAGO, F. A nova polarização política nas eleições de 2014: radicalização ideológica da direita no mundo contemporâneo do Facebook. Aurora. **Revista de Arte, Mídia e Política**, v. 7, n. 21, p. 99-129, 2014.

CRYSTAL, D. Towards a typographical linguistics. **Linguistics**, [s. l.], v. 17, p. 7-23, 1997.

CUNHA, C; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 7. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2016.

DUBOIS, J. et alii. **Dictionaire de linguistique**. Paris, Larousse, s.v, 1973.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. **Halliday's Introduction to Functional Grammar**. 3. ed. London: Hodder Education, 2004.

HALLIDAY, M. A. K. **An introduction to functional grammar**. 2. ed. London: Routledge, 1994.

LIMA, B. C; BARBOSA, M. F. M. O Sufixo -eco sempre forma diminutivos com valor pejorativo no PB? **Domínios de Lingu@gem**, v. 5, n. 2, 2011.

LIMA-LOPES, R. E. O conservadorismo como ideologia: contribuições da ciência das redes para a Linguística Sistêmico-Funcional. **Letras**, n. 56, p. 42–70, 2018.

LIMA-LOPES, R. E.; ARRUDA, C. P. Estratégias de gradação em comentários de um vídeo no Youtube. **Organon**, v. 36, n. 71, p. 91-115, 2021.

LIMA-LOPES, R; MERCURI, K. T; GABARDO, M. Avaliatividade em comentários sobre postagens dedicadas à verificação de notícias falsas nas eleições presidenciais de 2018. **Cadernos de Linguística**, v. 4, n.1, p. 1-25, 2020.

LIMA-LOPES, R. E.; VIAN JR, O. The Language of Evaluation (resenha). **Revista D.E.L.T.A**, v. 2, n. 23, p. 371-381, 2007.

LOPES, F. C; SCHMICHECK, J. V; SANTOS, L. M. Formação de novas palavras no português brasileiro através da internet, do movimento feminista e dos debates políticos. **Revista Versalete**, v. 4, n. 7, 2016.

MARTIN, J. R.; WHITE, P. R. **The Language of Evaluation**. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2005. v. 2.

MERCURI, K. T. Mídia na mira: julgamentos e discursos de ódio disseminados por *hashtag* no Twitter. **Organon**, v. 36, n. 71, p. 158-176, 2021.

MERCURI, K. T; LIMA-LOPES, R. E. Discurso de ódio em mídias sociais como estratégia de persuasão popular. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 59, n. 2, p. 1216-1238, 2020.

MICHAELIS. **Dicionário brasileiro da língua portuguesa** (*online*). Disponível em: https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/. Acesso em: 06 out. 2021.

PIRES, C. C. **Epêntese consonantal em contexto de juntura morfêmica**: considerações sobre o sufixo -ada. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

SAFATLE, V. P. **A lógica do condomínio** (2016). Disponível em: https://www.youtube.com/ watch?v=9mUmZQ6o8mk. Acesso em: 28 jun. 2016.

SCHLEE, M. B; COSTA, T. A. Formações neológicas do português brasileiro contemporâneo com sufixo -aço: uma abordagem funcional. **Alfa: Revista de Linguística**, v. 65, 2021.

SOUZA, A. J. **Lexicalização e neologismo**: análise funcional em corpus digital. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.

WHITE, P. Valoração – A Linguagem da Avaliação e da Perspectiva. **Linguagem em (Dis)curso – LemD**, Tubarão, v. 4, n. esp., p. 178-205, 2004.

WIKPÉDIA. **Enciclopédia colaborativa, universal e multilíngue**. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Wikipédia:página_principal. Acesso: 06 out. 2021.

A complementaridade da gramaticalização e da construcionalização para a pesquisa da formação de marcadores discursivos em português

Mariangela Rios de Oliveira
Universidade Federal Fluminense, CNPq/Faperj
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-1474-281X
mariangelarios@id.uff.br

Vania Rosana Mattos Sambrana
Universidade Federal Fluminense
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-0593-4262
vania28mattos@gmail.com

RESUMO

O artigo defende a complementaridade de dois pressupostos teóricos funcionalistas para o estudo da mudança linguística que deriva na formação de marcadores discursivos de base verbal *ver* no português, como em *vejamos* e *veja lá*. Assumimos que gramaticalização (GIVÓN, 1979; HOPPER, 1991) e construcionalização gramatical (TRAUGOTT e TROUSDALE, 2013; HILPERT, 2014) podem ser compatibilizados, para a descrição e a análise desses constituintes, como proposto em Traugott (2021), a partir dos contextos de uso desses elementos (DIEWALD e SMIRNOVA, 2012).

PALAVRAS-CHAVE: Gramaticalização; Construcionalização; Marcador discursivo; Mudança linguística; Verbo *Ver*.

The complementarity of grammaticalization and constructionalization for research on the formation of discourse markers in Portuguese

ABSTRACT

The article defends the complementarity of two functionalist theoretical assumptions for the study of linguistic change that derives from the formation of verbally based discourse markers *ver* (*see*) in Portuguese, as in *vejamos* and *veja lá*. We assume that grammaticalization (GIVÓN, 1979; HOPPER, 1991) and grammatical constructionalization (TRAUGOTT and TROUSDALE, 2013; HILPERT, 2014) can be made compatible for the description and analysis of these constituents, as proposed in Traugott (2021), from the contexts of use of these elements (DIEWALD and SMIRNOVA, 2012).

KEYWORDS: Grammaticalization; Constructionalization; Discursive marker; Language change; Verb *Ver*.

Ao citar este artigo, referenciar como: OLIVEIRA, Mariangela Rios de; SAMBRANA, Vania Rosana Mattos. A complementaridade da gramaticalização e da construcionalização para a pesquisa da formação de marcadores discursivos em português. **Matraga**, v. 29, n. 56, p. 318-333, mai./ago. 2022.

DOI: 10.12957/matraga.2022.63694
Recebido em: 24/11/2021
Aceito em: 29/04/2022

1. Introdução

Neste artigo, descrevemos e analisamos o surgimento e o papel dos marcadores discursivos (MD) formados pela base verbal *ver* e uma subparte opcional, como as partículas *lá*, *bem* ou *só*, na língua portuguesa. Em termos construcionais, tais elementos pragmáticos podem ser agrupados virtualmente sob um mesmo esquema, que denominamos de construção marcadora discursiva de visualização virtual (MDVV), construcionalmente referida como $[\text{Ver } (X_{\text{afixoide}})]_{\text{MDVV}}$. Nessa codificação, os colchetes indicam o pareamento de V, base visual preenchida por *ver*, considerada como parte nuclear e fixa da construção, e X_{afixoide}, como subparte opcional, um *slot*[1] passível de preenchimento.

A investigação tem como base o aparato teórico funcionalista, na linha de Bybee (2010; 2015) e Traugott e Trousdale (2013), entre outros. Nossos objetos de pesquisa se configuram como um grupo de constituintes que podem atuar em formações mais simples, como em (1), ou mais complexas, como em (2), neste segundo caso, acompanhados por termos de orientação espacial (*lá*) ou focal (*só*, *bem*):

(1) Estas razões pondera, **vê**, Senhora, Que se o Povo uma vez sacode o jugo, É um tigre feroz, que se não doma Sem as iras fartar em sangue humano. (Corpus Vercial, Teatro, Domingos dos Reis, 1766, XVIII)

(2) ... mas se de todo jeito ... se o sistema é esse de que cinco ou sete são as melhores notas do ensino público ... é como é que chama? e de oito a dez são as melhores médias do ensino particular ... acho que deve se dar chance a essas pessoas ... mas só que ... **veja só** ... o ensino público é muito mais escolas ... então há uma cultura e tudo ... então ... você tem que formar primeiro a base para melhorar estado ... município ... e instituto federal ... escolas federais ... (D&G, Natal, relato de opinião, inf. 1, XX)

As instâncias de uso destacadas nos fragmentos (1) e (2) explicitam a macrofunção de chamamento de atenção, que é própria da subclasse de MD aqui analisada. A constatação, nesses usos, da autonomia sintática, do relevo fonológico e do direcionamento para funções discursivas que orientam a interação, propriedades definidoras dos MD, conforme Heine et al. (2019), ratificam seu pertencimento à classe referida. Em (1), por estratégias inferenciais e intersubjetivas, o MD *vê* concorre para o sentido de urgência articulado numa sequência na qual, em discurso direto, o locutor expressa aconselhamento. No fragmento (2), o MD *veja só* estreita o foco na informação sobre o *ensino público*, conduzindo a interpretação do ouvinte no convite ao partilhamento do seu ponto de vista.

Assumimos aqui que, na pesquisa funcionalista acerca da convencionalização dos MDVV, as mudanças envolvidas podem ser abordadas sob dois vieses, correspondentes a duas abordagens mais específicas. Consideramos, como Traugott (2021), que tais vieses, embora distintos,

[1] Assim é nomeada a parte aberta de uma construção, que pode ser preenchida por constituintes distintos, na demonstração do alto nível de esquematicidade construcional.

podem ser tomados complementarmente. Assim, na perspectiva do Funcionalismo clássico[2] de vertente norte-americana, com base em Givón (1979) e Hopper (1991), entre outros, podemos dizer que os constituintes destacados em (1) e (2) ilustram o processo de gramaticalização, no qual itens lexicais (como o verbo *ver*) ou itens menos lexicais (como o advérbio *só*) se tornam gramaticais, ou ainda mais gramaticais, constituindo-se em novos membros paradigmáticos da língua. De outra parte, conforme a Linguística Funcional Centrada no Uso[3] (doravante LFCU), nos termos de Traugott e Trousdale (2013) e Hilpert (2014), entre outros, os MD *vê* e *olha só* são interpretados como instâncias de construção gramatical, entendida esta como pareamento convencionalizado de conteúdo e forma, forjada na língua via mudanças mais localizadas que derivam na fixação de um novo membro na rede linguística, numa construcionalização.

Consideramos que o ponto comum a ambas as perspectivas funcionalistas referidas, e que nos permite abordá-las complementarmente, é a relevância dos contextos de uso como lócus da mudança linguística, como destacado em Diewald e Smirnova (2012) e em Heine et al. (2016). De acordo com tal consideração, na trajetória da língua, certos ambientes contextuais motivam ambiguidades, tanto no nível semântico quanto no nível sintático, que concorrem, sob forma de micropassos, para a mudança categorial.

No caso específico dos MD aqui estudados, detectamos o desenvolvimento de conteúdos lexicais, ou menos gramaticais, para outros mais gramaticais, envolvendo a metaforização dos verbos visuais e sua fixação colocacional na linearidade sintagmática. Nesses contextos mais gramaticais que caminham para ganho de sentidos procedurais[4], observamos a irreversibilidade da mudança linguística em estágios progressivos.

Para testarmos nossas hipóteses e atingirmos os objetivos aqui referidos, adotamos procedimentos metodológicos que contemplam levantamento quantitativo combinado a apreciação qualitativa dos *tokens* selecionados, conforme proposta de Martelotta (2009) para a pesquisa funcionalista. Tal metodologia é nomeada por Cunha Lacerda (2016) como *método misto*. Em perspectiva histórica, na detecção do *cline* contextual de mudança linguística que deriva nos MD aqui estudados, adotamos a taxonomia de Diewald e Smirnova (2012), refinada em Diewald (2020) e ilustrada em Sambrana (2021).

Como *corpora*, utilizamos bancos de dados extraídos de mídia digital. As fontes pesquisadas foram selecionadas: do *Corpus* Discurso & Gramática (D&G); do Projeto Norma Linguística Urbana Culta (NURC); do *Corpus* do Português (CP); do *Corpus* Histórico do Português Tycho Brahe (CHPTB); do *Corpus* Vercial/Linguateca (VC); e do Programa de Estudos do Uso da Língua (PEUL). Procedemos ao levantamento exaustivo de *tokens* do verbo *ver*, acompanhados ou

[2] De acordo com Rosário e Oliveira (2016), a fase clássica do Funcionalismo norte-americano corresponde aos estudos voltados para a gramaticalização de itens específicos, iniciados nas últimas décadas do século XX.

[3] Segundo Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2013), esse rótulo se refere ao Funcionalismo norte-americano que passa a incorporar, a partir do século XXI, a abordagem construcional da gramática, na linha de Goldberg (1995; 2006) e Croft (2001), por exemplo. A LFCU, termo adotado no Brasil, corresponde a *Usage-Based Linguistics*.

[4] Segundo Traugott e Trousdale (2013), sentidos procedurais são aqueles que se distinguem dos sentidos lexicais prototípicos, uma vez que são mais abstratos, (inter)subjetivos ou textual-discursivos.

não de *lá*, *bem* ou *só*[5], em cinco sincronias do português (do século XVI ao século XX), chegando a 4.732 contextos de uso para análise.

Este artigo se organiza em torno de três seções mais amplas. Na primeira, voltamo-nos para o tratamento da mudança linguística em perspectiva funcionalista, no destaque para o viés da gramaticalização e para o da construcionalização gramatical, evidenciando o que ambas as abordagens têm em comum. Na segunda seção, apresentamos e analisamos o *cline* contextual de mudança linguística que, na trajetória do português, conduz à convencionalização de novos membros da classe dos MDVV. Na terceira seção, discutimos os resultados obtidos à luz do arcabouço teórico da gramaticalização e da construcionalização gramatical, na defesa de que o processo de mudança de MD em pesquisa pode ser interpretado a partir da complementaridade de ambas as perspectivas funcionalistas. Por fim, tecemos nossas considerações finais, destacando a bem-vinda articulação de pressupostos teóricos funcionalistas, seja em termos clássicos, seja no contexto da LFCU, na pesquisa do que é mais caro a essa corrente teórica, o uso linguístico, como assumido em Rosário e Oliveira (2021).

2. Funcionalismo e mudança linguística

A marca geral das pesquisas funcionalistas, em suas distintas versões, é o foco no uso, nos padrões interacionais forjados no trato social, acordados e fixados entre os membros da comunidade linguística. A concepção de língua assumida por esse viés teórico tem a marca da gradiência e da variabilidade, como postulado por Bybee (2010), que a compara às dunas de areia, cuja regularidade é aparente, em termos de formato e estrutura. Nesse sentido, em termos pancrônicos, convivem em cada sincronia de uma língua usos mais estabilizados, outros em variação competitiva e outros, ainda, em processo de mudança.

Motivada por tal concepção, uma das perguntas de pesquisa mais caras aos funcionalistas é justamente como se dá a mudança linguística. De que forma, nos rituais interativos, padrões de uso vão sendo alterados, via neoanálises[6], em termos metafóricos ou metonímicos, chegando, por vezes, à efetivação da mudança categorial. Em nosso caso específico, nos indagamos de que modo, a partir de itens lexicais, como o verbo *ver*, articulados em contextos mais referenciais, foi processada a convencionalização de novos membros da classe dos MDVV no português. Para responder à indagação, subdividimos esta seção a partir de dois caminhos interpretativos distintos e complementares: a) a versão funcionalista clássica, por intermédio da gramaticalização; b) a versão funcionalista mais recente, a LFCU, a partir dos pressupostos da abordagem construcional da gramática.

[5] A seleção desses três constituintes para coleta deveu-se à análise piloto, que detectou serem os mais produtivos nos usos em análise.

[6] Como Traugott e Trousdale (2013), adotamos *neoanálise* no lugar do termo clássico *reanálise*, no entendimento de que cada reelaboração, em termos semânticos ou sintáticos de um modo de dizer é, de fato, uma inaugural análise, um novo micropasso interpretativo.

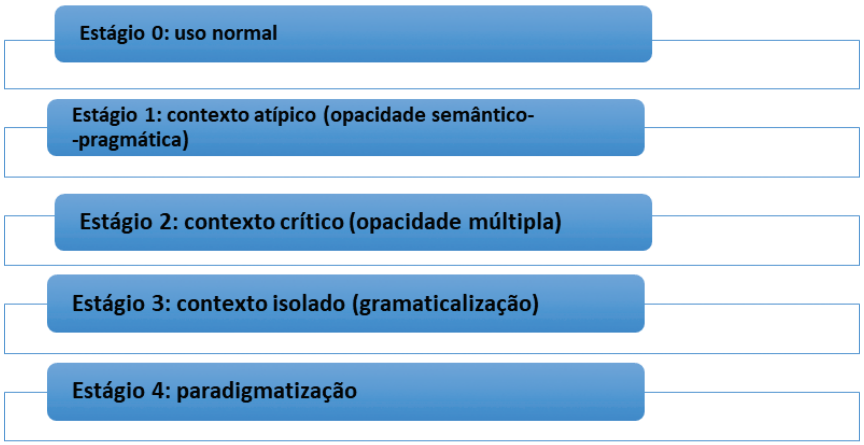
2.1 Gramaticalização

Uma das linhas de investigação mais tradicionais do Funcionalismo de vertente norte-americana, a gramaticalização é uma via explicativa clássica da mudança unidirecional nas línguas. Nos termos de Hopper e Traugott (2003), essa via refere-se aos "estudos de mudança linguística relacionados às questões de como itens lexicais e construções, em certos contextos linguísticos, assumem funções gramaticais ou como itens gramaticais desenvolvem novas funções gramaticais"[7] (HOPPER; TRAUGOTT, 2003, p. 1, tradução nossa).

Pela gramaticalização, categorias mudam, migrando do léxico para a gramática ou ainda do menos para o mais gramatical. Esse processo impacta e altera paradigmas gramaticais, em termos de sua configuração e expansão. Via gramaticalização, as unidades da língua podem ser agrupadas em duas grandes classes, conforme Heine et al. (2016): formas lexicais, na expressão de significados mais plenos, e unidades gramaticais, menos referenciais e mais dependentes.

Conforme a concepção funcionalista, a gramaticalização é motivada por contextos de uso, por pressões de propriedades emanadas desses ambientes discursivos, uma vez que reinterpretações não se dão em termos de itens específicos, mas sim atingem sequências mais amplas. Nesse sentido, Diewald e Smirnova (2012) elaboram uma proposta de taxonomia contextual capaz de dar conta das neonálises que conduzem à gramaticalização, como sumarizada a seguir:

FIGURA 1. *Cline* contextual de gramaticalização



Fonte: Produzido pelas autoras, a partir de Diewald e Smirnova (2012)

Conforme Diewald e Smirnova (2012), o primeiro estágio, considerado *normal*, é aquele mais referencial, em que constituintes cumprem funções no nível lexical. Levando em conta nossos objetos de pesquisa, esse estágio corresponde a contextos em que *ver* é, efetivamente, um

[7] No original: "grammaticalization refers to that part of the study of language change that is concerned with such questions as how lexical items and constructions come in certain linguistic contexts to serve grammatical functions or how grammatical items develop new grammatical functions."

verbo utilizado na referência a exercer o sentido da visão sobre um ser definido e concreto, enquanto *lá*, *só* e *bem* atuam como advérbio. Já o estágio 1, contexto *atípico*, diz respeito ao início da mudança linguística, via inferências geradoras de ambiguidade no nível do sentido, como metaforização; nesse estágio, ocorrem abstrações que motivam polissemia. No caso dos MD formados por *ver*, o estágio 1 corresponde a contextos nos quais o sentido verbal é interpretado metaforicamente, como *observar*, *notar*, *advertir*, por exemplo. No estágio 2, como contexto crítico, além da opacidade semântico-pragmática detectada anteriormente, ocorre ambiguidade no plano sintático, via metonimização, com certa confusão entre fronteiras categoriais. Tal cenário ambíguo, em termos semântico-sintáticos, é o passo que precede o estágio 3, contexto isolado, no qual se efetiva a gramaticalização, que implica reorganização e diferenciação do novo constituinte em relação àquele que lhe serviu de fonte. Uma vez forjada a mudança, tem-se o estágio 4, em que ocorre a paradigmatização, com a inserção do novo constituinte em paradigma da língua.

2.2 Construcionalização gramatical

Na LFCU, ao Funcionalismo clássico de vertente norte-americana é incorporada a abordagem construcional da gramática, nos termos de Traugott e Trousdale (2013) e Hilpert (2014), entre outros. Assim, a língua passa a ser vista como uma rede organizada de construções, ou seja, de pareamentos convencionalizados de função e forma, de acordo com Goldberg (1995; 2006) e Croft (2001), entre outros.

Em termos de nossos objetos de pesquisa, classificamos [Ver ($X_{afixoide}$)]$_{MDVV}$, de acordo com Traugott e Trousdale (2013), como: a) procedural, devido à função pragmática cumprida pela classe dos MD; b) parcialmente esquemática, por conta de somente um *slot* aberto; c) semicomplexa, porque pode ou não ser preenchido o *slot* X. Em termos hierárquicos, a construção [Ver ($X_{afixoide}$)]$_{MDVV}$, situada em nível mais alto, distribui-se por intermédio de microconstruções, como *types* específicos, do tipo [vê], [vejamos], [veja bem] e [vê lá], entre outros.

Na pesquisa da mudança linguística em LFCU, dois conceitos são muito caros. Um deles, reelaborado por Traugott (2021), é o de *construcionalização*, concebido como "o estabelecimento de uma nova associação simbólica de forma e função replicada por uma rede de usuários da língua"[8]. A construcionalização pode ser de tipo lexical ou gramatical, englobando nesta segunda categoria pareamentos de sentido procedural, mais abstratos, intersubjetivos, incluindo-se aí os pragmáticos, a exemplo da construção [Ver ($X_{afixoide}$)]$_{MDVV}$, Traugott (2021) propõe, de outra parte, que mudanças construcionais sejam tomadas como "modulações dos usos contextuais anteriores e posteriores à construcionalização"[9]. Nessa formulação, destaca-se o aspecto processual da mudança construcional, enfatizando-se os contextos pré e pós-construcionalização, com a fixação do seguinte *cline*:

[8] No original: "Constructionalization is the stablishment of a new symbolic association of form and meaning which has been replicated across a network of language users."

[9] No original: "Constructional changes are modulations of contextual uses prior to and following constructionalization."

FIGURA 2. *Cline* construcional

Fonte: Produzido pelas autoras, a partir de Traugott (2021)

Nesse sentido, a pesquisa da mudança passa a ser praticada com o objetivo de que se detectem mudanças pré-construcionais, como modulações ao nível da função ou da forma que podem motivar construcionalização. A partir daí, mudanças pós-construcionalização também são pesquisadas, como expansão da classe hospedeira[10], nos termos de Himmelmann (2004), responsável pela ampliação paradigmática de membros de uma dada categoria, via analogização[11].

A construcionalização gramatical, no contexto da LFCU, portanto, tem estreita relação com a gramaticalização, esta vinculada ao Funcionalismo clássico. Ambas as perspectivas assumem que a mudança ocorre em *clines*, a partir de contextos de uso específicos, envolvendo neonálises, como micropassos, ao nível da função (metaforização) e ao nível da forma (metonimização), como destacado em Traugott (2021). Assim sendo, conforme demonstrado também em Rosa (2019) e Sambrana (2021), é possível a adoção da taxonomia de Diewald e Smirnova (2012), elaborada originalmente para a pesquisa da gramaticalização, na investigação das mudanças construcionais que conduzem à construcionalização gramatical, no nosso caso específico, à convencionalização [Ver ($X_{afixoide}$)]$_{MDVV}$.

3. *Cline* contextual rumo ao MDVV e à [Ver ($X_{afixoide}$)]$_{MDVV}$

Diacronicamente, com base nos dados levantados nos *corpora* por nós investigados, os MD formados com base no verbo *ver*, ou num viés construcional, a [Ver ($X_{afixoide}$)]$_{MDVV}$, surgem no português no século XVII, a partir de neonálises detectadas a partir do século XVI. Como processo de mudança gramatical ou construcional que se estende até os dias atuais, nessa trajetória histórica, há a criação de *types* mais leves, como [veja], [vê], [vejamos], [vejam] e [viu], que caracterizamos, segundo Traugott e Trousdale (2013), como microconstruções atômicas. Há ainda microconstruções mais complexas, em que o *slot* X é preenchido, como em [vê lá], [veja lá], [vê só] [veja só], [vejam só], [vê bem], [veja bem] e [vejam bem].

Podemos atestar as mudanças contextuais envolvidas como graduais. Nesse processo, um contexto mais avançado decorre do desenvolvimento de contexto anterior, como demonstramos a seguir:

[10] Nossa tradução do termo *host-class*, usado pelo autor e muito difundido na literatura da área.

[11] Segundo Bybee (2010), trata-se de um processo cognitivo de domínio geral segundo o qual novos dizeres são forjados a partir de esquemas já existentes, como verbos em *-ar* e advérbios em *-mente.*

(3) O Joalheiro - Ora veja! Valentina - Vem aqui tentar-me, aposto! O Joalheiro - Não tentei nunca, nem gosto de tentar quem quer que seja. (Entregando a jóia a Valentina que a examina) Venho mostrar-lhes uns brilhantes como os Farâni não os tem; Se os quer comprar, muito bem! Se os não quer, passo adiante. Não tento... não sei tentar... Apenas lhos ofereço... Nem sequer os encareço... Isto é pegar, ou largar! *Veja bem que são granditos!* Sem jaça... veja... sem jaça... Examine... veja... faça O que quiser. Valentina - São bonitos! (Corpus do Português, A joia, Artur Azevedo, XIX)

(4) A pobre criatura doente, e ele sem querer que ela recebesse as cartas que o irmão lhe escrevia, nem lhe deixar saber notícias dele. Eu, um dia, dei com o fidalgo no corredor e disse-lhe: « ó Sr. D. Luís, olhe que V. Ex.a anda a fazer com que se rale de remorsos toda a sua vida, por deixar morrer a senhora assim a estalar de saudades e aflições. *Veja bem V. Exa. que estas coisas pagam-se*». Foi mesmo assim. E cuidas lá que ele se enfureceu? Qual! Calou-se muito caladinho, e daí por diante a senhora teve notícias amiudadas, e até o jardineiro mais tarde foi para casa e ainda lá está. (Corpus do Português, Os fidalgos da casa mourisca, Júlio Dinis, XIX)

Tomando os fragmentos (3) e (4) como estágios graduais de mudança, nos termos de Diewald e Smirnova (2012) e Traugott e Trousdale (2013), rotulamos os micropassos apresentados como contexto atípico e contexto crítico, respectivamente. Trata-se de alterações que podem ser interpretadas no *cline* da gramaticalização para MDVV, ou, ainda, como mudanças pré-construcionais que culminam na construcionalização dos MDVV.

Assim, em (3), o uso polissêmico de *veja* articula sentido de *confira* ou *avalie*, numa sequência dialógica marcada pelo tom persuasivo e pela intersubjetividade. De acordo com Sambrana (2021, p. 134), "com a polissemia atribuída ao verbo, o modificador *bem* assume papel intensificador". Nesse sentido, *veja bem* junto a outras estratégias contextuais, como frases exclamativas e imperativas, concorre para a persuasão instaurada.

Em etapa mais avançada de mudança linguística, classificamos o fragmento (4) como contexto crítico, devido à ambiguidade múltipla que aí detectamos. De acordo com Sambrana (2021, p. 136-137):

> O uso de *veja bem* carrega ambiguidades entre sentido ora mais lexical ora mais gramatical. Como mais lexical, *veja bem* pode ser interpretado como um pedido de lembrança da situação. Como mais gramatical, corresponde ao sentido de 'esteja atento'. Assim, *veja* e *bem* podem ser interpretados como uma requisição maior de atenção para, em seguida, emitir o aviso *que essas coisas pagam-se*. Como resultado dessa leitura mais gramatical, observamos desvinculação de *veja bem* das outras partes da construção.

Por fim, em (5), ilustramos o contexto isolado em que se constata o uso de *veja bem* como novo membro da classe dos MD, ou, em outros termos, de instância da $[\text{Ver } (X_{\text{afixoide}})]_{\text{MDVV}}$:

(5) Henrique - Mas tu falas com o coração, e eu sinto-lhe o perfume na candura de tuas expressões. Rosinha – O senhor ama-me muito? Henrique – Ainda o duvidas? Rosinha

> – É capaz de fazer uma coisa que lhe vou pedir? Henrique – O que pedirás tu que eu não deva fazer? Rosinha – *Veja bem*; promete? Henrique – Prometo e até juro. Rosinha - Eu queria ir para a Corte. Henrique – E que dúvida há nisto? Pensas porventura que desejo enterrar a tua e a minha mocidade nestas brenhas? (Corpus do Português, Como se fazia um deputado, Joaquim José da França Júnior, XIX)

Em fragmento marcado pelo tom dialógico e intersubjetivo, contatamos, em (5), a função MD de *veja bem*, que pode ser interpretada como etapa final de gramaticalização ou como construcionalização. Conforme Sambrana (2021, p. 178), nesse dado,

> o uso de *veja bem* marca um contrato de compromisso entre os interlocutores, ratificado pela sentença interrogativa *promete?* O MD *veja bem* conduz o ouvinte no processo de negociação de significados de tal forma que essa negociação não pode ser desfeita.

Apresentados os contextos de uso em termos qualitativos, trazemos na sequência nosso levantamento quantitativo geral, organizado por contextos de mudança em cada sincronia, tal como ilustramos nesta seção. A apresentação dos 4.732 dados é feita sob forma de tabela comparativa, a partir dos 13 *types* levantados nas fontes pesquisadas, a saber: *vê*, *veja*, *vejam*, *vejamos*, *viu*, *vê lá*, *veja lá*, *vê só*, *veja só*, *vejam só*, *vê bem* e *vejam bem*:

TABELA 1. Frequência *token* por contextos de mudança na formação de [Ver ($X_{afixoide}$)]$_{MDW}$

Sincronias		TYPES												
		vê	veja	vejam	vejamos	viu	vê lá	veja lá	vê só	veja só	vejam só	vê bem	veja bem	vejam bem
XVI	fonte	66	37	18	10	56						1		
	atípico	134	93	23	39	178	1	3				8		
	crítico	11	9	3	4							2		
	isolado													
XVII	fonte	17	8	3	2	36								
	atípico	91	112	14	29	92		1				9		1
	crítico	18	4	1	4			1					1	
	isolado							1						
XVIII	fonte	35	14	8	6	31						3	2	
	atípico	93	88	16	53	59		2				2	1	1
	crítico	18	6		2			2				1	1	
	isolado	2					1							

(continua)

(continuação)

Sincronias		TYPES												
		vê	veja	vejam	vejamos	viu	vê lá	veja lá	vê só	veja só	vejam só	vê bem	veja bem	vejam bem
XIX	fonte	19	33	12	5	94	4	3	3	3	1	3	1	1
	atípico	172	166	115	94	148	26	21	1	3	5	9	6	1
	crítico	25	30	21	23	7	24	19		6	8	3	5	
	isolado	6	18	7	16		15	18		5	10	6	10	1
XX	fonte	41	34	28	12	83	3	11	1	7	2	4		
	atípico	268	193	71	98	191	25	35	7	18	9	3	6	5
	crítico	57	48	32	20	33	23	14	2	8	7	1	12	3
	isolado	11	32	5	5	320	19	25	3	25	8	5	49	10
TOTAL		1.064	925	377	422	1.328	144	153	17	75	50	60	94	23

Fonte: Produzido pelas autoras

Na Tabela 1, observamos que, em toda sincronia em que um MDVV se forma, isto é, em que o contexto isolado é captado, consequentemente, na sincronia anterior, o contexto crítico é registrado. Dessa forma, concordamos com Diewald e Smirnova (2012), Rosa (2019) e Sambrana (2021), quando as autoras apontam a importância do estágio de criticidade, ou seja, da fase de opacidade ou ambiguidade múltipla para a captação de neonálises, como micropassos históricos, e a consequente efetivação da gramaticalização ou da construcionalização gramatical.

Das cinco sincronias pesquisadas, do século XVI ao século XX, a gramaticalização dos MDVV ou a construcionalização gramatical [Ver ($X_{afixoide}$)]$_{MDVV}$ se verifica inicialmente no século XVII, com o levantamento da seguinte ocorrência do MD *veja lá*:

(6) Vaõ diante ordens apertadas aos Juizes, e Corregedores, que prendaõ almocreves, que embarguem bestas, tudo se executa: e lá vaõ comendo todos do bacalháo por essas estradas até Elvas, onde o molhaõ, para que naõ falte no pezo: recolhe-se nos armazens molhado sobre corrupto, e ardido, e ao segundo dia já enjoa toda a Cidade com o cheiro; os Soldados naõ o aceitaõ, nem os caens o comem. E se algum naõ tiver isto por factivel, *veja lá* naõ lhe provêm, que lhe succedeo a elle. Digaõ-me agora os senhores Doutores, se he isto furto, ou esmola, que se fez a Sua Magestade: no Concelho o appellidaraõ por serviço, em Elvas lhe chamaõ perda, e poucas letras saõ necessarias para lhe dar o nome proprio, que he furto legitimo. (Corpus Tycho Brahe, A arte de furtar, Manuel da Costa, 1645, XVII)

De acordo com nossos dados, consideramos a instância de uso destacada em (6) como o contexto em que o MD se convencionaliza, ou, na perspectiva da LFCU, em que se inaugura o subesquema [Ver ($X_{afixoide}$)]$_{MDVV}$. Nesse fragmento, *veja lá*, em alto nível de vinculação semânti-

co-sintática, atua como um todo de forma e sentido no chamamento de atenção do interlocutor, em maior autonomia sintática e no cumprimento de função metatextual.

No século XVIII, são levantadas duas instâncias de uso do MD *vê* e uma de *vê lá*. Do século XIX em diante, cresce a produtividade de *tokens* e *types*: trata-se de 112 dados no século XIX e 517 no século XX. Conforme Traugott e Trousdale (2013), constatamos que neoanálises de distinta natureza coocorrem na convencionalização desses constituintes que passam a integrar, como novos membros, a classe dos MD do português, formando uma subcategoria, cuja função é manipular a interação através de sentidos espaciais abstratizados no cumprimento de funções procedurais.

4. Gramaticalização e construcionalização gramatical

Nesta seção, tratamos de duas perspectivas de análise funcionalista como pressupostos teóricos para a investigação de um processo único, o surgimento de MDVV na trajetória do português. Nessa proposta de compatibilização, rastreamos a atuação de duas abordagens funcionalistas, para a análise da convencionalização de um novo conjunto de membros paradigmáticos da língua. Assim orientados, voltamo-nos para o tratamento coordenado da gramaticalização e da construcionalização na criação de novos constituintes gramaticais.

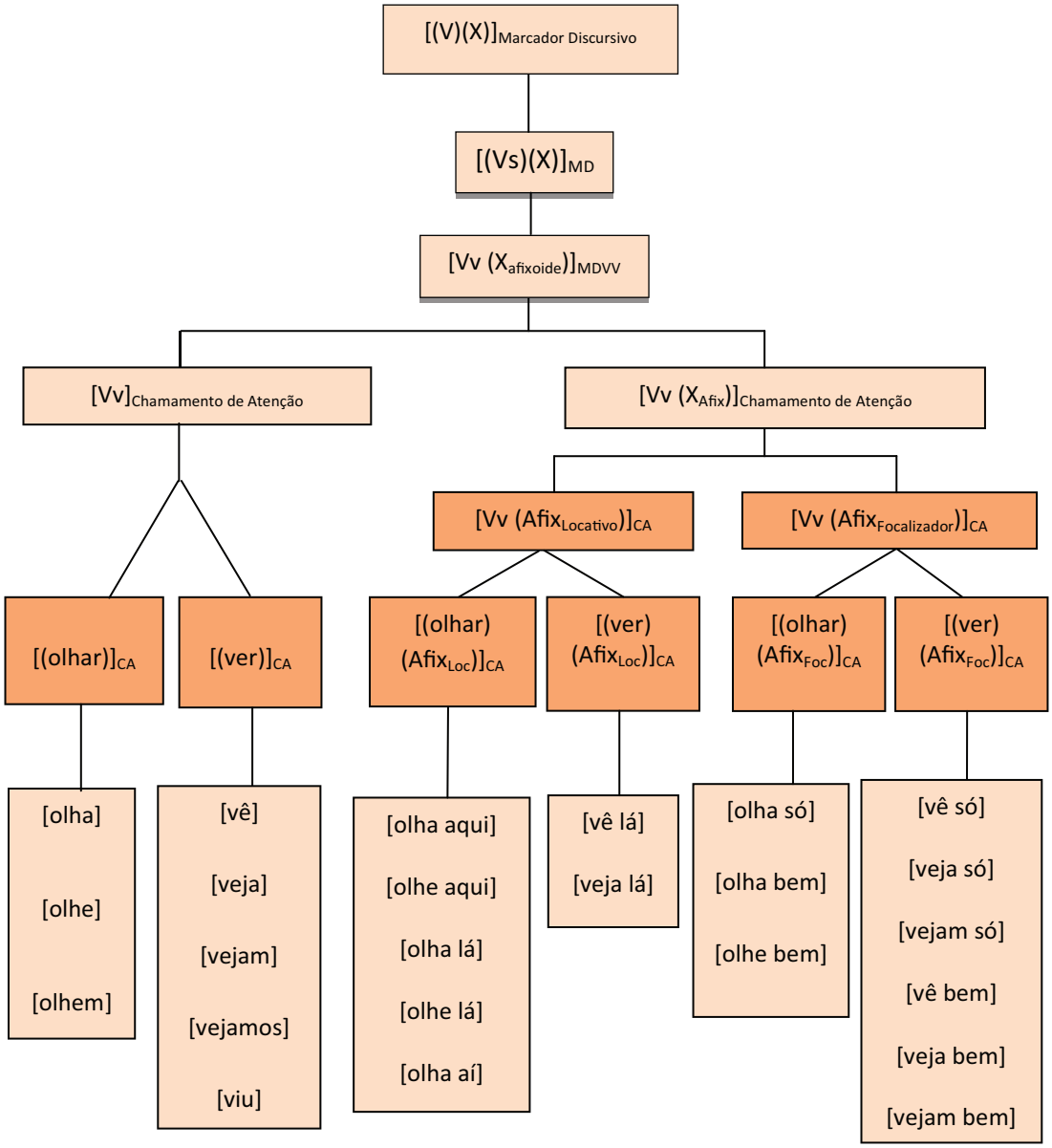
Conforme demonstram Heine et al. (2016), o sentido mais gramatical, tanto contemplado na abordagem da gramaticalização quanto na da construcionalização gramatical, é dependente dos contextos de uso. Tal pressuposto é compartilhado por Traugott e Trousdale (2013) e Hilpert (2014), entre outros. Dessa forma, a noção de mudança semântico-sintática deflagrada em determinado contexto de produção continua sendo o centro das pesquisas em Funcionalismo, como assumido por Rosário e Oliveira (2021). Assim orientados, podemos dizer que os estágios de mudança cumpridos pelos 13 *types* destacados na Tabela 1 (atípico e crítico) constituem micropassos rumo à convencionalização (estágio isolado) de novos itens da gramática. Cada micropasso pode ser tomado como processo rumo à gramaticalização dos MDVV ou como mudanças pré-construcionais que levam à convencionalização $[\text{Ver } (X_{\text{afixoide}})]_{\text{MDVV.}}$

Uma das distinções entre gramaticalização e construcionalização é o estabelecimento do sentido mais gramatical e o *ranking* de produtividade. Para Heine et al. (2016), o escopo da gramaticalização considera mudanças de itens específicos de um estágio A para o estágio B, com foco no *cline* A > A/B > B e seu ponto de chegada, na formação de um novo item gramatical. Assim, por exemplo, na Tabela 1, interessa à gramaticalização cada estágio contextual que conduz cada um dos 13 *types* levantados à formação de MDVV.

De outra parte, na perspectiva da mudança construcional assumida pela LFCU, conforme Traugott e Trousdale (2013), todas as alterações, sejam de ordem semântica ou sintática, são consideradas mudanças pré-construcionais relevantes, pesquisadas independentemente de que se atinja ou não a construcionalização. O foco se volta também para o surgimento de construções e sua inserção na rede linguística, em relação a outras formações similares, sob viés vertical, horizontal ou transversal. E o ponto de chegada, havendo a construcionalização, é a elaboração

da rede construcional, como faz Sambrana (2021), em relação a [Ver ($X_{afixoide}$)]$_{MDVV}$ e sua inserção no esquema maior [V_{visual} ($X_{afixoide}$)]$_{MDVV}$:

FIGURA 3. Distribuição dos níveis de esquematicidade da construção [V_{visual} ($X_{afixoide}$)]$_{MDVV}$



Fonte: SAMBRANA (2021, p. 150)

Como podemos observar na Figura 3, nossos objetos de pesquisa se inserem no esquema maior formador dos MD. Dentro desse grupo, situam-se no conjunto daqueles integrados por verbos de sentido sensorial (VS) e, mais especificamente ainda, no subconjunto dos verbos visuais (VV), subdivididos entre microconstruções específicas, como [vê] e [viu], e microconstruções complexas, com preenchimento do *slot* $X_{afixoide}$, como [veja só] e [vê lá]. Devemos destacar que a formalização apresentada na Figura 3, numa abordagem funcionalista tal como a praticada na LFCU, é consequente de análise qualitativa e quantitativa de contextos de uso linguístico, tomados como o lócus de instanciação construcional. Em outras palavras, nessa perspectiva

analítica, a configuração de rede é ponto de chegada na pesquisa da mudança linguística, e não considerada pressuposto ou hipótese de trabalho.

Na gramaticalização, diferentes graus de produtividade se relacionam a diferentes constituintes gramaticais alvo (HEINE; NARROG; LONG, 2016, p. 155). Em oposição, no âmbito da construcionalização, diferenças em produtividade indicam micropassos que apontam para a mesma construção alvo (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). Na linha construcional adotada pela LFCU, esses diferentes graus de produtividade se relacionam entre si e correspondem a diferentes graus de esquematicidade, criando-se uma rede taxionômica de *links* compartilhados por construções, conforme ilustrado na Figura 3, no destaque para as noções de esquema e subesquemas, concepções herdadas da gramática de construções (CROFT, 2001) e assumidas pela LFCU. Dessa forma, constatamos que a construcionalização prioriza os efeitos da perda de composicionalidade na busca pelo sentido mais gramatical, enquanto a gramaticalização prioriza a inserção de constituintes em um *cline* do menos para o mais gramatical.

Em termos da compatibilização aqui proposta, Traugott (2021) compara a abordagem da gramaticalização com a da construcionalização e estabelece que gramaticalização mantém seu foco nos mecanismos de neoanálise e unidirecionalidade, procurando explicar como o sentido gramatical surge e que mecanismos estão aí envolvidos. Por sua vez, construcionalização se volta precipuamente para analogização e diversificação dos fatores de esquematicidade, produtividade e composicionalidade, dando conta de como construções surgem e de quais mecanismos estão aí envolvidos. Dessa forma, percebemos que a distinção maior entre o trabalho de gramaticalização e o de construcionalização não consiste nas etapas da mudança investigadas, mas nos objetivos delineados para a pesquisa. Sendo assim, Traugott (2021) teoriza que, "havendo sobreposição de dados investigados, gramaticalização e construcionalização se completam e se enriquecem"[12].

Como contraponto à concepção clássica da unidirecionalidade nos estudos de gramaticalização, a abordagem construcional da LFCU privilegia a direcionalidade da trajetória de mudança, assumindo, assim, perspectiva radial para construcionalização. Levando em conta que a direcionalidade prevê a unidirecionalidade também, principalmente na perspectiva da construcionalização gramatical, podemos considerar que o *cline* contextual de mudança linguística que leva à formação dos MDVV aqui pesquisados contempla ambas as perspectivas funcionalistas.

5. Considerações finais

Demonstramos aqui que a trajetória de mudança que leva à formação dos MDVV do português pode ser interpretada à luz de dois pressupostos teóricos funcionalistas: a gramaticalização, em viés clássico, e a abordagem construcional, no âmbito da LFCU. Resguardadas suas especificidades, ambos os pressupostos privilegiam os contextos de uso linguístico

[12] No original: "Where there is overlap in the data investigated, the perspective complement and enrich each other."

como lócus de possíveis neonálises que, como micropassos, motivam ambiguidades semântico-pragmáticas e estruturais desencadeadoras de MDVV. Tal foco analítico aproxima os dois pressupostos, permitindo que possam, complementarmente, ser adotados para a pesquisa dos MDVV.

Apontamos que, na trajetória do português, há uma rota de mudança linguística que culmina na formação de MDVV. Tal rota pode ser interpretada como: a) processo clássico de gramaticalização, no caminho unidirecional do menos para o mais gramatical; b) mudanças pré--construcionais que conduzem à construcionalização gramatical [Ver ($X_{afixoide}$)]$_{MDVV}$. Em ambas as perspectivas, como assumem Heine et al. (2016), a mudança decorre de aumento na frequência de uso e na esquematicidade, bem como de pressões analógicas. Os MDVV se constituem, em contraste com as formas de que se originam (V e $X_{afixoide}$), como formações mais intersubjetivas, abstratas e pragmáticas, cumprindo funções metatextuais na orientação da interação, conforme destaca Sambrana (2021).

Diante dos resultados apresentados, consideramos que se abre um caminho promissor no âmbito da pesquisa da mudança linguística em viés funcionalista, que muito poderá enriquecer a descrição e a análise desse processo. De um lado, temos o legado dos estudos sobre gramaticalização, com uma ampla gama de resultados relevantes, incluindo-se pesquisas sobre tipologia linguística; de outro, abre-se agora, via LFCU, a possibilidade de tratar a mudança como construcionalização gramatical, concorrendo para a detecção mais apurada da relação função x forma nos novos pareamentos convencionalizados na gramática.

CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES

Mariângela Rios de Oliveira ficou responsável pela organização geral do artigo, bem como por sua redação final, colaborando também na análise dos dados, interpretação dos resultados e na obtenção de financiamento para a pesquisa.

Vânia Rosana Matos Sambrana atuou na coleta, classificação e análise dos dados, na seleção e organização dos procedimentos metodológicos, na análise de dados e seus resultados, revisando ainda a redação final do texto.

FINANCIAMENTO

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – bolsa 1B da autora Mariângela Rios de Oliveira.

Processo 302644/2021-0: Projeto *Construções marcadoras discursivas do português: contextos de emergência, convencionalização e instanciação.*

Fundação Carlos Chagas de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro – bolsa *Cientista do Nosso Estado*, da autora Mariângela Rios de Oliveira.

Processo: E-26/202.646/2019: Projeto *Língua Portuguesa em perspectiva construcional: categorias gramaticais e conexão de orações*.

CONFLITO DE INTERESSES

Não há conflito de interesses.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos aos membros do Grupo de Estudos *Discurso & Gramática* – UFF (http://deg.uff.br/), que, em reuniões acadêmicas, contribuíram com suas críticas e sugestões às pesquisas que derivaram no presente artigo.

REFERÊNCIAS

BYBEE, Joan. **Language, usage and cognition**. New York: Cambridge University Press, 2010.

BYBEE, Joan. **Language change**. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

***Corpus* D&G**. Disponível em: http://deg.uff.br/corpus-dg/ Acesso em: 20/01/2019.

***Corpus* NURC**. Disponível em: https://nurcrj.letras.ufrj.br/ Acesso em 20/06/2019.

***Corpus* PEUL/RJ**. Disponível em: https://peul.letras.ufrj.br/. Acesso em 25/06/2019.

***Corpus* Vercial/Linguateca**. (1998-2008). Disponível em: https://www.linguateca.pt/acesso/corpus.php?corpus=VERCIAL. Acesso em 20/07/2019.

CROFT, William. **Radical construction grammar**: **syntactic theory in typological perspective**. Oxford: Oxford University Press, 2001.

CUNHA LACERDA, Patrícia Fabiane. O papel do método misto na análise de processos de mudança em uma abordagem construcional: reflexões e propostas. **Linguística**. Volume especial, p. 83-101, dez. 2016.

DAVIES, Mark. **O *corpus* do português**. (2004-2005; 2015-2017; 2012-2019). Disponível em: http://www.corpusdoportugues.org/x.asp. Acesso em: 25/07/2019.

DIEWALD, Gabriele. Paradigms lost – paradigms regained: paradigms as hyper-constructions. *In*: SOMMERER, Lotte; SMIRNOVA, ELENA. **Nodes and Networks in Diachronic Construction Grammar**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2020. p. 277-314.

DIEWALD, Gabriele; SMIRNOVA, Elena. "Paradigmatic integration": the fourth stage in an expanded grammaticalization scenario. *In*: DAVIDSE, Kristin *et al.* (ed). **Grammaticalization and language change** – new reflections. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2012. p. 111-131.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; BISPO, Edvaldo; SILVA, José Romerito. Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. *In*: CEZARIO, Maria Maura; FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica (org). **Linguística centrada no uso**. Rio de Janeiro: Mauad X/FAPERJ, 2013. p. 13-39.

GALVES, Charlotte; ANDRADE, Aroldo Leal de; and FARIA, Pablo (2017, December). **Tycho Brahe Parsed Corpus of Historical Portuguese**. Disponível em: <http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/corpus/texts/psd.zip>. Acesso em: 30/07/2019.

GIVÓN, Talmy. **On understanding grammar**. New York: Academic Press, 1979.

GOLDBERG, Adele. **Constructions**: **a construction grammar approach to argument structure**. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. **Constructions at work**: **the nature of generalization in language**. Oxford: Oxford University Press, 2006.

HEINE, Bernd; NARROG, Heiko; LONG, Haiping. Constructional change vs grammaticalization. **Studies in Language**, v. 40:1, p. 137-175, 2016.

HEINE, Bernd; KALTENBÖCK, Gunther; KUTEVA, Tania. **On the rise of discourse markers. Researchgate**. Preprint, june, 2019, DOI: 10.13140/RG.2.2.31703.73129. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/333783353. Acesso em: 27 de jun. 2019.

HILPERT, Martin. **Construction grammar and its application to English**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2014.

HIMMELMANN, Nikolaus. Lexicalization and grammaticalization: opposite or orthogonal? *In*: BISANG, Walter; HIMMELMANN, Nikolaus; WIEMER, Byörn (ed). **What makes grammaticalization?** A look from its fringes and its components. Berlin: Mouton de Gruyter, 2004. p.21-42.

HOPPER, Paul. On some principles of grammaticization. *In*: TRAUGOTT, Elizabeth Closs; HEINE, Bernd (ed). **Approaches to grammaticalization**. Vol I. Focus on theoretical and methodological issues, Amsterdam: John Benjamins, 1991, p. 17-36.

HOPPER, Paul; TRAUGOTT, Elizabeth Closs. **Grammaticalization.** 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003 [1993].

MARTELOTTA, Mário. Funcionalismo e metodologia quantitativa. *In*: OLIVEIRA, Mariangela Rios; ROSÁRIO, Ivo da Costa (org). **Pesquisa em linguística funcional**: convergências e divergências. Rio de Janeiro: Léo Christiano Editorial, 2009. p. 1-20.

ROSA, Flávia Saboya. **A mesoconstrução marcadora discursiva refreador-argumentativa: uma análise cognitivo-funcional.** 216 f. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói: RJ, 2019.

ROSÁRIO, Ivo da Costa.; OLIVEIRA, Mariangela Rios. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. **Alfa**, n. 60, v. 2, p. 233-259, 2016.

ROSÁRIO, Ivo da Costa; OLIVEIRA, Mariangela Rios. Linguística funcional: *quo vadis*? *In*: BISPO, Edvaldo et al (org). **Pesquisas funcionalistas: da versão clássica à perspectiva centrada no uso** – uma homenagem à Maria Angélica Furtado da Cunha. Natal: Edufrn, 2021. p. 384-429.

SAMBRANA, Vania Rosana Mattos. **Construcionalização de marcadores discursivos formados por *olhar* e *ver* no português**. 178 f. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói: RJ, 2021.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs. **A constructional perspective on language change**. Brasil: ABRALIN EAD. Disponível em: <ead.abralin.org>. Acesso em: 11 de março de 2021.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs; DASHER, Richard. **Regularity in semantic change**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs; TROUSDALE, Graeme. **Constructionalization and constructional changes**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

Deu uma varrida na casa: aspectos semântico-interacionais da construção de atenuação com *dar uma V-da*

Edvaldo Balduíno Bispo
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-5607-3407
edbbispo@gmail.com

Aline Danielly Leal da Silva
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-7042-3805
alineletrasliu@gmail.com

RESUMO

Neste artigo, investigamos a construção de atenuação com *dar uma V-da*. Objetivamos discutir aspectos semânticos e interacionais implicados nas instâncias de uso dessa construção. Fundamentamos nossa discussão na Linguística Funcional Centrada no Uso, conforme Furtado da Cunha et al. (2013). A pesquisa é de natureza quali-quantitativa e utiliza dados extraídos de textos escritos publicados em *blogs*. Os resultados mostram que os verbos base da nominalização em *-da* são do tipo semântico ação (mais frequente), ação--processo e processo. Em termos aspectuais, as eventualidades designadas pelos construtos identificados representam atividade, *accomplishment* e *achievement*. Por fim, constatamos que a atuação de processos (inter)subjetivos e de inferência pragmática concorrem para a semântica de atenuação carreada pela construção em tela.

PALAVRAS-CHAVE: Linguística funcional; Atenuação; Propriedades semânticas; Processos interacionais.

Deu uma varrida na casa: semantic and interactional aspects of the attenuation construction with *dar uma V-da*

ABSTRACT

In this paper, we investigate the attenuation construction with *dar uma V-da* (give a/an deverbal noun). Our aim is to discuss semantic and interactional aspects involved in instances of this construction. Our theoretical support is the Usage-based Functional Linguistics (FURTADO DA CUNHA et al., 2013) and this research is quali-quantitative. Our data is composed by written texts published on *blogs*. We found that the base verbs of the nominalization in *-da* are action (most frequent), action-process and process. In aspectual terms, the events designated by the constructs convey activity, accomplishment and achievement. Finally, we found that the (inter)subjective and pragmatic inference processes contribute to the attenuation meaning the construction conveys.

KEYWORDS: Functional linguistics; Attenuation; Semantic properties; Interactional processes.

Ao citar este artigo, referenciar como: BISPO, Edvaldo Balduíno; SILVA, Aline Danielly Leal da. Deu uma varrida na casa: aspectos semântico-interacionais da construção de atenuação com *dar uma V-da*. **Matraga**, v. 29, n. 56, p. 334-348, mai./ago. 2022.

DOI: 10.12957/matraga.2022.63773
Recebido em: 26/11/2021
Aceito em: 29/04/2022

1. Palavras iniciais

O verbo *dar*, elemento altamente polissêmico, participa da configuração de variadas estruturas sintáticas do português, a exemplo da oração ditransitiva básica (*Não bastasse o Corrector amor de mi vida, ela ainda me deu essa sombra muy linda da MAC*. – LACERDA, 2019), que codifica uma cena de transferência; de padrões verbais complexos, em que funciona como um verbo leve (*dar apoio*, *dar sugestão*, *dar uma olhada*); e de agrupamentos semântico-sintáticos mais fixos, como *dar calote, dar bandeira*, *dar com a cara na porta* etc.

Neste artigo, ocupamo-nos de casos em que esse verbo forma um complexo com uma nominalização deverbal em *-da*, como em *dar uma caminhada*, *dar uma fugida* ou em *dar uma varrida*, conforme ilustrado em (1).

> (1) Hoje a Fernanda completa 15 dias de vida e começa hoje a nossa rotina de verdade. De verdade porque o Claudio voltou ao trabalho hoje, depois de suas "mini" férias de 15 dias. Minha mãe está aqui me ajudando, já colocou roupa pra lavar, *deu uma varrida na casa* e levou a Clara na escola. Obrigada mãe! (SILVA, 2020)

Nesse dado, temos um agrupamento formado por *dar* mais o sintagma nominal (SN) *uma varrida* e o sintagma preposicional (SP) *na casa*, constituindo um todo de forma e significado, ou seja, uma construção (GOLDBERG, 2003; 2006). Esse agrupamento pode ser formalmente representado por [(SN) DAR UMA V-DA (SP)], conforme Scher (2004), Davel (2019), Travassos (2019) e Silva (2020), em que o SN sujeito pode ser elidido e o SP constitui elemento opcional. Em situações como essa, temos um predicado complexo: *dar* funciona como verbo leve, em função de seu 'desbotamento' semântico (não apresenta o sentido referencial de 'transferência de posse'); o SN com núcleo deverbal em *-da* não funciona como complemento; o bloco *dar uma V-da* constitui um predicador complexo (seleciona o sujeito *minha mãe* = Ø e o SP *na casa*).

Ocorrências com *dar uma V-da* podem apresentar significado aspectual de delimitação da eventualidade designada[1], cujos pontos de início e fim são definidos. Podem também indicar o sentido de parcialidade dessa eventualidade, com o valor semântico de "redução/encurtamento", seja porque ela foi realizada com uma menor duração, seja porque, apesar de acabada, não atingiu sua totalização. No caso da ocorrência em (1), *deu uma varrida na casa* não implica, necessariamente, a totalidade da ação (casa varrida completamente), haja vista a possibilidade de que apenas parte da casa tenha sido afetada.

Vários estudos têm associado ao predicador *dar uma V-da* as noções de brevidade (diminutivização), de superficialidade ou de singularização do que está sendo predicado, bem como a atenuação de pedidos, como é o caso de Basílio (2001), Scher (2004), Gonçalves (2005), Davel (2019) e Travassos (2019). Neste artigo, defendemos que a construção com *dar uma V-da* carreia a conotação de atenuação, cujos efeitos semânticos variam conforme as propriedades aspectuais do predicado complexo e, em alguma medida, conforme a atuação de processos sociointeracionais, a exemplo da subjetividade, da intersubjetividade e da inferência pragmática.

[1] Empregamos o termo geral *eventualidade* para nos referirmos a ações, acontecimentos, situações, estados de coisas.

Assim sendo, objetivamos analisar aspectos semântico-interacionais implicados nas instâncias de uso da construção com *dar uma V-da*. Em termos específicos, pretendemos: i) identificar tipos semânticos de verbos recrutados para o *slot* V da nominalização; ii) verificar fatores semânticos relacionados ao aspecto da predicação complexa; iii) discutir a atuação de processos (inter)subjetivos e da inferência pragmática para a função mais geral de atenuação da construção aqui focalizada.

Nossa discussão fundamenta-se na Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), conforme caracterizamos na próxima seção. Os dados empíricos analisados advêm de textos escritos de *blogs* da internet.

O artigo se divide em cinco seções, além desta introdução. Na segunda delas, apresentamos o lastro teórico que fundamenta a pesquisa. Na terceira, explicitamos as bases metodológicas. Em seguida, discutimos os aspectos semânticos de ocorrências com *dar uma V-da*. Na quinta seção, tratamos dos processos interacionais implicados no efeito de atenuação carreado pela construção. Na sequência, vêm as palavras finais.

2. Linguística funcional centrada no uso

A perspectiva teórica que fundamenta as discussões aqui empreendidas conjuga pressupostos e categorias analíticas da Linguística Funcional norte-americana (GIVÓN, 1995) a postulados e conceitos operacionais da Gramática de Construções (GOLDBERG, 2003, 2006; CROFT, 2001). Trata-se da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), conforme caracterizam Furtado da Cunha et al. (2013) e Bispo e Lopes (2022).

Nessa vertente, defende-se uma estreita relação entre a estrutura linguística e os usos que dela são feitos em práticas interacionais situadas, de sorte que a configuração morfossintática dos enunciados é contingenciada por fatores cognitivos, comunicativos e culturais (MARTELOTTA, 2011; FURTADO DA CUNHA e BISPO, 2013; BISPO, 2014). Nesse contexto teórico, a linguagem é entendida como um conjunto amplo e complexo de atividades comunicativas, cognitivas e sociais intimamente vinculado a outros aspectos da psicologia humana (TOMASELLO, 1998). A língua, como parte dessa engrenagem, é vista como um sistema maleável e complexo (DU BOIS, 1985; BYBEE, 2010), dada a sua adaptabilidade às pressões do uso e à atuação de processos cognitivos gerais (BYBEE, 2010); compõe-se de um conjunto multifacetado de formas e funções. Deriva dessa abordagem funcionalista uma concepção de gramática como conjunto de padrões linguísticos regulares aberto e intensamente afetado pelo uso (MARTELOTTA, 2011).

A estreita relação entre conteúdo e expressão é capturada, no escopo da Gramática de Construções, sob o rótulo de *construção*, entendida como o pareamento simbólico entre forma e significado[2] (GOLDBERG, 1995, 2003; CROFT, 2001; LANGACKER, 2008). Conforme alguns construcionistas, a construção compreende desde um morfema simples até um texto multipro-

[2] Significado corresponde, em conformidade com o modelo funcionalista aqui adotado, à noção de função, a qual compreende propriedades semânticas, discursivas e pragmáticas (CROFT, 2001; FURTADO DA CUNHA et al., 2016).

posicional (GOLDBERG, 2003; ÖSTMAN e FRIED, 2005). Assim, por exemplo, no período *O formato do corpo de animais está mudando para lidar com mudanças climáticas, diz estudo* (FIORATI, 2021), temos instâncias de construções diversas: a desinência *-s* (em *mudanças* e em *climáticas*), marca de número plural; o artigo definido *o*, determinante de *formato*; o SP *com mudanças climáticas*, que atua como complemento de *lidar*; a oração hipotática *para lidar com mudanças climáticas*, que veicula circunstância de finalidade em relação à oração anterior; e todo o período complexo *O formato do corpo de animais está mudando para lidar com mudanças climáticas, diz estudo*.

De acordo com Croft (2001), a construção envolve dois polos (forma e sentido), relacionados por elo de correspondência simbólica. O polo da forma compreende propriedades fonológicas, morfológicas e sintáticas; o do sentido (função) abarca propriedades semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais. Para o autor, o polo funcional inclui todos os aspectos interacionais que circunstanciam o uso linguístico. Assim sendo, conforme indicado na seção introdutória, as ocorrências com *dar uma V-da* são aqui entendidas como instâncias de um pareamento simbólico forma-função, ou seja, de uma construção.

Para a classificação semântica dos verbos base da nominalização em *-da*, consideramos a proposta de Borba (1996, 2002), inspirada em Chafe (1979), com a seguinte tipologia:

i) Verbos de ação – indicam um fazer por parte do sujeito, isto é, uma ação. Ex.: Os atletas *treinam* diariamente.
ii) Verbos de processo – exprimem um acontecer (algo pelo qual o sujeito passa) ou um experimentar (algo que ele experimenta). Ex.: As folhas *caem* no outono.
iii) Verbos de ação-processo – expressam uma ação que atinge um complemento, provocando uma mudança, ou promove a existência de algo. Ex.: Na ocasião, os manifestantes *rasgaram* os documentos.
iv) Verbos de estado – expressam uma propriedade (estado, condição, situação) localizada no sujeito. Ex.: Esse asfalto *contém* muitas rachaduras.

No que diz respeito ao aspecto verbal, tomamos por base Vendler (1967), que apresenta quatro categorias de predicados: estados, atividades, *accomplishments* e *achievements*[3]. Essas categorias são geralmente definidas por meio de três propriedades semânticas binárias: (i) estatividade *vs* dinamicidade, (ii) duratividade *vs* pontualidade, e (iii) telicidade *vs* atelicidade.

O primeiro par binário (i) se refere à possibilidade de um predicado descrever uma situação que não se altera em um período de tempo (não dinâmico/estático) ou uma sucessão de estados/estágios de uma situação que transcorre no tempo (dinâmico). O segundo par (ii) diz respeito à possibilidade de um predicado apresentar uma situação que se prolonga por um determinado período no tempo (durativo) ou uma que não se prolonga no tempo (não durativo/pontual).

[3] Os termos *accomplishment* e *achievement* são mantidos em inglês neste artigo, seguindo uma apresentação tradicional desses termos. Equivalem, grosso modo, a *processo culminado* (realização que envolve um determinado período de tempo) e *culminação* (realização pontual).

O último par binário (iii) é relativo à possibilidade de um predicado apresentar um ponto final intrínseco (télico) ou não (atélico).

Com base nessas propriedades, os verbos da classe de estado são não dinâmicos, durativos e atélicos (*saber* desenhar, *ser* brasileiro); os de atividade, por sua vez, são dinâmicos, durativos e atélicos (*caminhar*, *nadar*); os *accomplishments* são dinâmicos, durativos e télicos (*construir uma casa*, *ler um livro*, *comer duas maçãs* etc.); os *achievements* caracterizam-se pela dinamicidade, pontualidade e telicidade (*chegar*, *ganhar o jogo*, *perder a caneta* etc.).

Acrescentamos à proposta de Vendler (1967) uma visão composicional do aspecto (VERKUYL, 1972), segundo a qual a categorização aspectual não se refere ao predicado em si, mas a um conjunto de diferentes contextos em que ele ocorre. Nessa direção, Verkuyl (1972) apresenta duas condições, pelo menos, para a classificação de um predicado. A primeira diz respeito à compreensão do predicado como um esquema argumental (verbo e seus argumentos): *correr* é uma atividade, enquanto *corre uma milha* é um *accomplishment*, cujo ponto final é indicado por *uma milha*. A segunda condição está relacionada à natureza do sintagma que ocupa a posição de complemento (se singular ou plural; determinado ou indeterminado), distinguindo o caráter télico *vs* atélico: *ganhar o jogo* (sing., det.) *vs ganhar jogos* (pl., indet.).

Conforme destaca Croft (2012), uma das consequências da consideração do contexto na classificação aspectual é o pressuposto de que um verbo não pertence de forma inerente a um único tipo de aspecto. Ao contrário, ele tem o potencial para ser conceptualizado em vários tipos aspectuais.

Quanto aos fatores sociointeracionais considerados, a subjetividade diz respeito ao papel do falante/escrevente na interação, por meio da expressão de sua atitude, de seu ponto de vista em relação a si mesmo, ao outro ou ao próprio dizer (TRAUGOTT e DASHER, 2002; BISPO e SANTOS, 2019). Já a intersubjetividade, relaciona-se à consideração do "outro" na interação como elemento participante da cena comunicativa. Envolve estratégias de negociação de sentido, de preservação da face, de monitoramento de ações e reações, de aproximação/distanciamento entre os parceiros no processo de interação verbal (SCHIFFRIN, 1990; TRAUGOTT e DASHER, 2002). O uso da expressão *Vai ver se estou lá na esquina* exemplifica esses processos interacionais: ao se dirigir dessa forma ao interlocutor, o falante pode manifestar, subjetivamente, seu aborrecimento para com ele, ao mesmo tempo que demonstra/provoca-lhe uma (re) ação de distanciamento (rompimento da interação) – aspecto intersubjetivo – em decorrência de algum desagrado que sente em relação ao parceiro de interação (SILVA e ANDRADE, 2020).

A inferência pragmática, por sua vez, consiste no processo interacional em que o falante, ao utilizar uma dada expressão linguística diferente do convencional, conta com a colaboração do ouvinte, para que este apreenda (ou infira) o significado pretendido. Desse modo, refere-se à negociação de sentidos entre falante e ouvinte no curso da interação verbal (TRAUGOTT e TROUSDALE, 2021 [2013]). Tomemos também como ilustração dessa categoria a expressão *Vai ver se estou lá na esquina*, cujo significado, em uma interlocução comum, geralmente não é literal (um comando para que o ouvinte se destine a certo lugar – na esquina – com o objetivo de conferir se o falante ali se encontra), mas, sim, que alguém deixe de importunar outra pessoa. A apreensão do significado adequado/pretendido é possível, visto que expressões como essa são

utilizadas em contextos de interação nos quais há algum tipo de desacordo, incômodo entre falante e ouvinte. Nesse caso, o sentido é, pois, "negociado"[4].

3. Bases metodológicas

Valemo-nos aqui tanto do raciocínio indutivo quanto do dedutivo, o que caracteriza, conforme Givón (1995), o método abdutivo de análise. A natureza indutiva reside na consideração de instâncias particulares do fenômeno sob investigação para, a partir delas, chegar a determinadas generalizações. O viés dedutivo decorre da ancoragem em uma base teórica consolidada, com postulados e premissas consistentes e fortemente referendadas na empiria.

Em termos da abordagem do fenômeno, a pesquisa é quali-quantitativa; quanto aos objetivos, caracteriza-se como descritivo-explicativa (SILVA, 2004; MARCONI e LAKATOS, 2010). A dimensão qualitativa desta pesquisa diz respeito à explicitação de propriedades semânticas dos verbos base da nominalização em *-da* e à discussão de processos interacionais associados às instâncias de uso da construção com *dar uma V-da*. A natureza descritivo-quantitativa está relacionada à caracterização do objeto de estudo em termos de mensuração das ocorrências e de sua distribuição quanto à tipologia semântica dos verbos base da nominalização, com vistas a aferir se ocorrem todos os tipos e qual o mais frequente.

O banco de dados tomado por amostra é composto por dois agrupamentos de textos publicados em *blogs*, cada um dos quais com extensão de 300 mil palavras. O primeiro deles, extraído de Cunha Lacerda (2019)[5], contém apenas *posts* de blogueiros; o segundo, organizado por Silva (2020), constitui-se de *posts* dos blogueiros e comentários dos leitores. Os textos tratam de uma gama variada de temáticas, como relacionamento, viagem, moda e beleza (masculina e feminina), cinema, culinária, dietas, intercâmbios, entre outros.

A opção por esse material se deveu a dois fatores: i) o levantamento preliminar de Silva (2020) revelou que os contextos de mais informalidade/menor monitoramento no uso da língua favorecem instâncias da construção em estudo, o que também foi constatado por Davel (2019), que trabalhou igualmente com textos de *blogs*; ii) a variabilidade de temas das postagens e comentários dos *blogs* permite flagrar usos da língua relacionados a diferentes propósitos comunicativos, para os quais concorrem as instâncias com *dar uma V-da*.

Para a identificação e contabilização das ocorrências, levamos em conta as ocorrências nas quais a nominalização ocorre no singular, é acompanhada do determinante *uma* ou, mais raramente, *aquela* – sozinho ou acrescido de outro(s) elemento(s), a exemplo de modificadores, quantificadores etc. –, mas sem acréscimo de afixo. Assim, foram descartados casos de SN nu (sem o determinante referido), como em *dar risada*, ou com sufixo (*dar uma risadinha*, *dar uma olhadinha/olhadela*).

[4] A depender da circunstância em que a interlocução se dá, expressões desse tipo podem não ser interpretadas simplesmente como tendo valor fático. De todo modo, também se estabelece, igualmente, um acordo de cooperação entre falante e ouvinte para a construção de sentido.

[5] Foram considerados os textos relativos ao *Corpus Blogs* 2011.

Foram identificadas, nos dois conjuntos de dados, 253 ocorrências com *dar uma V-da*. Consideramos a quantificação de dados, neste trabalho, para fins de aferição da frequência dos tipos semânticos das bases verbais recrutadas pela construção. A análise dos demais fatores (papéis semânticos dos argumentos selecionados pelo predicador complexo, valores aspectuais, efeitos de sentido, inter/subjetividade e inferência pragmática) é exclusivamente qualitativa.

4. Aspectos semânticos de ocorrências com *dar uma V-da*

Contemplamos aqui a classificação semântica dos verbos base da nominalização em *-da*, os papéis semânticos dos argumentos do predicador complexo, propriedades aspectuais e efeitos de sentido associados às instâncias da construção com *dar uma V-da*. Para o primeiro fator, associamos a caracterização desses verbos em estado de dicionário (BORBA, 2002) ao comportamento das nominalizações nos construtos em que figuram. Assim, por exemplo, *clarear*, de que deriva *clareada*, participa de uma eventualidade tomada como ação-processo em (2), mas como processo em (3).

(2) *O produto dá uma clareada na pele* de maneira geral e ajuda a deixar a pele mais luminosa, mas no quesito clareamento de manchas o processo é muito lento, então é preciso usar por muito tempo para se conseguir um resultado satisfatório. (SILVA, 2020)
(3) Gente naum aguento mais usar produtos pra diminuir minhas acnes. Fiz dois peeling, mas naum fiquei tão satisfeita com os resultados, *a pele deu uma clareada*, porém as acnes naum param de sair. (SILVA, 2020)

Em (2), o verbo base recrutado pelo predicado complexo *dar uma V-da* designa uma ação que afeta o referente do complemento (*a pele*): o sujeito causativo-instrumento (*o produto*) provoca uma mudança na condição da entidade codificada pelo complemento. Na situação em (3), a eventualidade designada por *dar uma V-da* é apresentada como um processo: o referente do sujeito sofre o clareamento.

Em nossos dados, constatamos que o *slot* V foi preenchido por três tipos semânticos de verbo: ação, ação-processo e processo. De (4) a (6) ilustramos cada tipo.

(4) Eu tenho passado os meus dias lendo, indo na academia, uma vez lá que outra saindo pra *dar uma caminhada* (por que é praticamente impossível, é muito quente lá fora. Quando digo impossível, eu digo IMPOSSÍVEL, não é exagero rs, é cerca de 52°C!!) (LACERDA, 2019)
(5) E acho que é isso aí gente, vou ver se *dou uma atualizada mais no vlog* que sei que andou abandonado (de novo, que vergonha haha). (SILVA, 2020)
(6) Nos primeiros dias *a pele dá uma leve descamada*, mas bem leve mesmo, mas depois passa e fica tudo normal. (SILVA, 2020)

Em termos quantitativos, predominaram, em nossa amostra, os verbos base de ação, com 166 *tokens* (66%); seguidos pelos de ação-processo, com 61 ocorrências (24%); e, por último, pelos de processo, que respondem por 26 dados (10%). Não ocorreu o tipo semântico de estado.

À tipologia semântica do verbo base da nominalização estão associados argumentos demandados pelo predicador *dar uma V-da* e os papéis semânticos a eles atribuídos. Nas instâncias com o predicador de ação, o sujeito (explícito ou não) é agentivo; o complemento verbal, quando ocorre, é codificado por SP e pode assumir papéis semânticos distintos, a exemplo de locativo (7), alvo (8) e tema (9).

(7) Nós estávamos na cidade na Black Friday. Não era o meu objetivo fazer compras, mas, naquele dia *eu dei uma passada nas lojas* e havia muitas, mas muitas promoções. No entanto, havia muita gente. (SILVA, 2020)

(8) Esse post foi escrito por Gustavo Camargo: marketeiro, fã de viagens; odeia aviões mais do que o último filme do Quarteto Fantástico. Fã de NY, sempre que pode *dá uma fugida para a Grande Maçã*. (SILVA, 2020)

(9) Minha amiga disse que é adepta. "Basicamente, *dei uma ignorada no cara*. Estava de bode", ela disse e, antes que eu contestasse: "sim, fui babaca, mas às vezes isso acontece". (SILVA, 2020)

Nas orações em que o predicador *dar uma V-da* é de ação-processo, ocorrem sujeito e complemento. Nesse caso, o complemento verbal pode ser codificado de duas formas: SP, como em (7-10); ou SN_{PRON}, conforme (11). O sujeito pode ser agente, a exemplo de *eu* = Ø, em (5); causa ou instrumento, como *o produto*, em (2), e *seu intenso amargor*, em (10). O SP e o SN_{PRON} complementos codificam o elemento que sofre mudança de estado e, por isso, podem apresentar o papel semântico de alvo (*na pele*, em (2); *no vlog*, em (5)) e de paciente (*nos*, em (11)).

(10) Para finalizar, Assis serviu um cappuccino gelado feito com espresso, gelo, leite condensado e finalizado com chantilly; não tem como não gostar, e também mostrou que esse tipo de café vai bem com essas misturas, pois *seu intenso amargor dá uma equilibrada no excesso de açúcar*. (SILVA, 2020)

(11) Como oscilamos emocionalmente ao longo do dia, os momentos de baixa fazem que compremos mais como forma de aumentar a autoestima e *nos dar uma "animada"*. (SILVA, 2020)

Com relação às instâncias em que a nominalização deriva de um verbo de processo, não se evidencia argumento causativo. No caso de esse processo designar mudança de estado (física ou psicológica), o referente do sujeito pode ser paciente (*a pele*, em (3)) ou experienciador (*eu* = Ø, em (12)); quando esse processo é impessoal[6], designando fenômeno atmosférico, o predicador não requer argumento externo (13).

[6] A impessoalidade aqui se refere aos processos que não podem ser atribuídos a um ser, conforme se dá com os verbos que designam fenômenos atmosféricos (chover, trovejar, relampejar etc.).

(12) Confesso que (Ø = eu) *dei uma desanimada*, diante dos últimos filmes de Shyamalan, mas mesmo assim, resolvi dar uma chance e ME SURPREENDI. Shyamalan está de volta! (SILVA, 2020)

(13) "A situação lá é delicada, porque nosso verão tem sido bem intenso, muito seco, agora *deu uma chovida* e uma amenizada, mas, o maior problema é a questão da falta da água. Esse verão secou poços que antes não secavam. A situação mais delicada é a água e a fuligem", concluiu. (SILVA, 2020)

Em termos de propriedades aspectuais, discutimos a interpretação das eventualidades predicadas nas ocorrências com *dar uma V-da*, considerando características aspecto-temporais do predicador na oração e as pistas linguísticas que ancoram, no contexto, a interpretação de atenuação. Assim, encontramos, em nossa amostra, eventualidades que representam atividades (14), *accomplishments* (15) e *achievements* (16).

(14) Eu tenho passado os meus dias lendo, indo na academia, uma vez lá que outra saindo pra *dar uma caminhada* (por que é praticamente impossível, é muito quente lá fora. Quando digo impossível, eu digo IMPOSSÍVEL, não é exagero rs, é cerca de 52°C!!) (LACERDA, 2019)

(15) Bia Souza - Amei o post e as fotos, Mel! *Dei uma olhada na playlist* e fiquei pensando se a sua tattoo tem a ver com o título da música dos Beatles ou da Fiona, que é a mesma frase que você tem tatuada.... Ou é só coincidência??? (SILVA, 2020)

(16) Bom, *dei uma sumida* por uma semana, eu sei, eu disse que ia tentar postar todos os dias mas semana passada foi extremamente corrida e eu nao pude, acho que isso nao da o direito a ninguem de ir me xingar no formspring ok, (...) (LACERDA, 2019)

Em (14), *dar uma caminhada* designa uma eventualidade durativa e atélica, isto é, que não possui um *télos* (um ponto final intrínseco). Já em (15), apesar de a semântica de *olhar*, de que deriva *olhada*, ser durativa e não implicar um ponto final, a presença de um complemento no singular (*na playlist*) funciona como um *télos*, o que possibilita a interpretação da eventualidade codificada por *dar uma olhada* como um *accomplishment*. Por fim, em (16), a eventualidade designada por *dar uma sumida* é um *achievement*, uma vez que focaliza a culminância da mudança de estado sofrida pelo sujeito (Ø = eu): envolve o ponto de passagem entre as situações de estar presente e de não estar presente.

A construção com *dar uma V-da* atenua a eventualidade predicada. Possibilita a interpretação de que a eventualidade é realizada de forma breve (*dar uma caminhada*), de modo parcial (*dar uma olhada na playlist*, em que se pode entender que apenas parte dela foi vista) ou que tem seu efeito resultante amenizado (*dar uma sumida*).

A atenuação da eventualidade indicada pela nominalização em *-da* carreada pela construção com *dar uma V-da* pode funcionar como uma estratégia discursiva e, portanto, possibilitar a negociação de sentidos e a proteção de face dos interlocutores (FRASER, 1980; BRIZ, 2013). Sob essa perspectiva, *deu uma varrida na casa*, em (1), pode indicar menor comprometimento

de seu agente na realização da ação, o que possibilita a interpretação de que a eventualidade foi feita de "modo superficial" ou pelo menos "com menos cuidado e atenção".

5. Aspectos interacionais em instâncias com *dar uma V-da*

Nas instâncias da construção com *dar uma V-da*, coatuam fatores pragmático-discursivos, a exemplo da (inter)subjetividade e da inferência pragmática (TRAUGOTT e DASHER, 2002; TRAUGOTT, 2010; 2012). Tais fatores concorrem para a função de atenuação de eventualidades dinâmicas associada a essa construção e, por extensão, do próprio ato enunciativo.

O sentido básico de atenuação, no processo de marcação aspectual em ocorrências com *dar uma V-da*, evidencia subjetividade. Conforme Travaglia (2016 [1985]), a significação de aspecto do enunciado não se faz de modo meramente objetivo: a apresentação da eventualidade ocorre sob o ponto de vista do falante e não corresponde, necessariamente, a como ela é na "realidade". Consideremos (17) e (18).

(17) Bia Souza - Amei o post e as fotos, Mel! *Dei uma olhada na playlist* e fiquei pensando se a sua tattoo tem a ver com o título da música dos Beatles ou da Fiona, que é a mesma frase que você tem tatuada.... Ou é só coincidência??? (SILVA, 2020)

(18) Então, daí que vi uns exercícios muito bons para *dar uma acabada na flacidez do braço* ok!? (SILVA, 2020)

Na ocorrência em (17), *dei uma olhada na playlist*, a eventualidade pode ser interpretada como "breve", "superficial" e/ou "realizada sem cuidado". Além disso, o falante/escrevente não se compromete com a totalidade da eventualidade: assim, é possível que o sujeito tenha olhado apenas parte da *playlist*. Já em *dar uma acabada na flacidez do braço*, em (18), a atenuação parece incidir, especialmente, sobre o resultado da eventualidade, que passa a ser interpretado como graduado (correspondendo a "um pouco"), isto é, a flacidez do braço pode ser "reduzida" ou "amenizada". Nesse contexto, o interlocutor é convidado a interpretar *que dar uma acabada* não significa "chegar ao fim" ou "terminar", mas "amenizar" ou "reduzir".

As instâncias da construção com *dar uma V-da* também exibem usos particulares dos elementos recrutados para o *slot* V. Em (19), por exemplo, o verbo *colapsar*, base da nominalização em *-da*, designa uma mudança de estado pontual (*achievement*), que contrapõe duas situações: não colapsado *vs* colapsado. Quando ocorre na construção de predicado complexo em estudo, porém, apresenta o estado resultante graduado: *o cérebro dá uma colapsada* significa, aproximadamente, que o cérebro colapsou "um pouco". Dessa forma, a eventualidade é apresentada sob perspectiva escalar, em que a saturação dessa escala indicaria sua totalização. O significado de gradação não decorre da nominalização *colapsada* isoladamente: eventualidades télicas, quando designadas por nominalizações em *-da*, indicam um "ato singular" e, portanto, implicam acabamento e totalidade (saturação). Situação semelhante se dá em (20), com o uso de *morrida*. Ao figurar na construção com *dar uma V-da*, o estado resultante da mudança é atenuado e passa a

ser interpretado como temporário e/ou impermanente: o sentido não é o de que alguém passa da condição de vivo para morto literalmente. Dá-se um desvio da acepção básica do verbo, resultante de uma negociação de sentidos entre os interlocutores.

(19) Em linhas gerais, *o cérebro dá uma colapsada* de tanta emoção positiva e acaba produzindo emoções negativas para balancear os sentimentos. Depois, os Ocientistas entenderam que o mesmo efeito também explica o riso nervoso e o choro de alegria. (SILVA, 2020)

(20) De vez em quando *preciso dar "uma morrida"*. É algo imperioso. Simplesmente acontece. Orgânico, natural e imprescindível. Paro tudo e morro um pouco. Alguns dias ou semanas. (SILVA, 2020)

As aspas em "uma morrida" indiciam o uso particular/contextual do termo, não dicionarizado[7], com sentido aproximado ao de "passar um tempo ausente" (como se estivesse morto). O contexto contribui para confirmar não só a interpretação de temporalidade do estado resultante, marcada nos trechos "morro um pouco" e "alguns dias ou semanas", mas o próprio sentido particular para "morrer". Nesse caso, o falante lança uma implicatura para o interlocutor, a qual envolve uma acepção diferente para a ideia de *morrer*, convidando-o a fazer a inferência: não se espera o entendimento de que o falante/escrevente, de fato, morre por um tempo, mas passa um tempo ausente do contato com outros. A apreensão desse sentido é possibilitada pelas pistas linguísticas que ancoram a inferência que o interlocutor é convidado a fazer. Entendemos que, no processo de negociação de sentidos envolvidos no uso do predicado complexo *dar uma V-da*, também entra em jogo o conhecimento dos interlocutores sobre a própria construção e, portanto, sobre sua função de atenuação. Assim, experiências anteriores com instâncias dessa construção (*dar uma olhada, dar uma caminhada*, *dar uma fugida* etc.) permitem ao interlocutor associar o uso de *morrida* nesse contexto a tais experiências e, daí, apreender o sentido de *dar uma morrida*.

Além da função de atenuação aspectual da construção aqui discutida, envolvendo as noções de "brevidade/rapidez", "superficialidade" e "gradação", outras nuances semânticas podem ser associadas a ocorrências com *dar uma V-da*, a exemplo de "descontração", "descuido", "descompromisso". Em casos mais raros, nos quais o predicador complexo apresenta variação morfossintática (com a presença ou não de modificadores, por exemplo), as nuances semânticas são, muitas vezes, ancoradas por esses elementos[8].

Segundo Silva (2020), o uso de modificadores pode implicar o acréscimo das noções de intensificação e de avaliação ao predicado complexo com *dar uma V-da*. Em (21), o modificador *rápida* reforça o sentido aspectual de atenuação da eventualidade *dei uma olhada*, a qual pode ser interpretada como tendo sido realizada de modo "descuidado", "descontraído" e, portanto, "descompromissado". Observemos que se trata de uma situação fortuita e não planejada: "Para

[7] É relevante salientar que, além de a nominalização *morrida* não ser dicionarizada, o verbo *morrer*, de que ela deriva, possui apenas particípio irregular (*morto*). Dessa forma, trata-se de um uso cuja significação possui maior dependência do contexto.

[8] À semelhança do que foi verificado em outras pesquisas (SCHER, 2004; DAVEL, 2019; TRAVASSOS, 2019), ocorrências dessa construção com outros determinantes e com modificadores são incomuns.

minha grata surpresa já vi no Steam de primeira que tinha promoção especial em diversos títulos". Já em (22), a intensificação do predicador complexo por *boa* acrescenta a ideia de "cuidado" à eventualidade predicada.

(21) Para minha grata surpresa já vi no Steam de primeira que tinha promoção especial em diversos títulos, quase todo o site pra falar a verdade. *Dei uma olhada rápida* e vi um jogo chamado Braid que tinha me chamado a atenção, e estava com um ótimo preço. (LACERDA, 2019)

(22) Apenasumbrazuca - Tem muitas cervejas comerciais que *poderiam dar uma boa melhorada*... (SILVA, 2020)

Nos casos de atenuação e de intensificação por meio do uso de modificadores, como os apresentados anteriormente, subjazem a tais procedimentos processos (inter)subjetivos. O falante/escrevente expressa seu ponto de vista sobre as eventualidades predicadas (colocando--se no discurso) e direciona o olhar de seu interlocutor para elas, de modo que este perceba a intencionalidade envolvida: o descuido com que dada ação foi realizada (21) ou a necessidade de melhoria na qualidade de determinadas cervejas artesanais (22).

6. Palavras finais

Assentados em pressupostos da LFCU, analisamos aspectos semânticos e interacionais relacionados a instâncias da construção com *dar uma V-da*. Verificamos que os verbos recrutados para o *slot V* são do tipo ação, ação-processo e processo. Constatamos que as propriedades aspectuais das eventualidades designadas por essa construção decorrem (i) da associação entre a natureza semântica do verbo base da nominalização e a semântica da própria construção e (ii) da relação do predicado complexo com o SN sujeito e com o SP complemento. Foram identificadas, assim, atividades, *accomplishments e achievements*. Por fim, discutimos como processos (inter)subjetivos e de negociação de sentidos via inferência pragmática atuam em instâncias de *dar uma V-da*.

A semântica de atenuação da construção [(SN) DAR UMA V-DA (SP)], seja em termos aspectuais ou em termos modais, resulta, pois, da interação entre propriedades de suas partes componentes e da construção como um todo, e da atuação de processos interacionais. Reiteramos, desse modo, o postulado funcionalista de que os usos linguísticos são circunstanciados por fatores cognitivos e comunicativos.

FINANCIAMENTO

Apoio financeiro concedido pela Pró-Reitoria de Pós-graduação em parceria com a Pró-Reitoria de Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (Edital 01/2017-PPG/PROPESQ-UFRN) para realização de estágio sanduíche de Aline Danielly Leal da Silva no exterior.

CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES

Edvaldo Balduíno Bispo: responsável pela análise conjunta dos dados empíricos, pela escrita da introdução, das seções teórica e metodológica, da seção relativa aos aspectos interacionais, pelas considerações finais, pela revisão geral do texto e pela edição final conjunta do artigo.

Aline Danielly Leal da Silva: responsável pelo levantamento e organização dos dados empíricos utilizados no artigo, pela análise conjunta desses dados, pela escrita da seção atinente aos fatores semânticos, pela conferência das referências bibliográficas e pela edição final conjunta do artigo.

CONFLITO DE INTERESSES

Não há conflito de interesses.

REFERÊNCIAS

BASÍLIO, Margarida. Expressões dar uma x-da: uma verificada informal. *In*: NEVES, Maria Helena de Moura Neves (org.). **Descrição do Português**: definindo rumos da pesquisa. Araraquara: Cultura Acadêmica Editora, 2001, 157-164.

BISPO, Edvaldo Balduíno. Orações relativas em perspectiva histórica: interface uso e cognição. **Veredas**, v. 18, n. 1, p. 222-235, 2014.

BISPO, Edvaldo Balduíno; SANTOS, Líneker Trajano. Fatores semânticos, sociointeracionais e cognitivos da construção modalizadora com 'ficar de + infinitivo'. **Revista Odisseia**, v. 4, n. especial, p. 111-131, 2019.

BISPO, Edvaldo Balduíno; LOPES, Monclar Guimarães. Linguística Funcional Centrada no Uso: teoria, método e aplicação. **Revista Odisseia**, v. 7, n. especial, p. i-x, 2022.

BORBA, Francisco S. **Uma gramática de valências do português**. São Paulo: Ática, 1996.

BORBA, Francisco S. **Dicionário de usos do português do Brasil**. São Paulo: Ática, 2002.

BRIZ, Antonio; SILVA, Luiz Antônio da; ANDRADE, Adriana Marcelle de; BLANCO, Ramiro Carlos Humberto Caggiano. A atenuação e os atenuadores: estratégias e táticas. **Linha D'Água**, v. 26, n. 2, p. 281-314, 2013.

BYBEE, Joan. **Language, usage and cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

CHAFE, Wallace. **Significado e estrutura linguística**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1979.

CROFT, William. **Radical Construction Grammar**: syntactic theory in typological perspective. Oxford: OUP, 2001.

CROFT, William. **Verbs**: Aspect and causal structure. Oxford: Oxford University Press, 2012.

DAVEL, Alzira da P. Costa. **As construções denominal e deverbal [DAR UMA X-(A)DA (SPREP)] numa perspectiva dos modelos baseados no uso**. Tese. (Doutorado em Linguística). UFRJ, Rio de Janeiro, 2019.

DU BOIS, John W. **Iconicity in syntax.** Amsterdam: John Benjamins, 1985, p. 343-365.

FRASER, Bruce. Conversational Mitigation. **Journal of Pragmatics** *4*: 341-350, 1980.

FIORATTI, Carolina. O formato do corpo de animais está mudando para lidar com mudanças climáticas, diz estudo. **Superinteressante**, 9 set. 2021. Disponível em: https://super.abril.com.br/ciencia/o-formato-do-corpo-de-animais-esta-mudando-para-lidar-com-mudancas-climaticas-diz-estudo/. Acesso em: 11 set. 2021.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; BISPO, Edvaldo Balduíno. Pressupostos teórico-metodológicos e categorias analíticas da Linguística Funcional Centrada no Uso. **Revista GELNE**, vol. 15, n. 1/2, p. 53-78, 2013.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; BISPO, Edvaldo Balduíno; SILVA, José Romerito. Linguística Centrada no Uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZARIO, Maria Maura; FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica (orgs.). **Linguística Centrada no Uso**: uma homenagem a Mário Martelotta. Rio de Janeiro: Mauad, 2013. p. 13-39.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; SILVA, José Romerito; BISPO, Edvaldo Balduíno. O pareamento forma-função nas construções: questões teóricas e operacionais. **Revista Linguíʃtica**, v. 12, n. especial, p. 55-67, 2016.

GIVÓN, Talmy. **Funcionalism and grammar**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1995.

GOLDBERG, Adele. **A construction grammar approach to argument structure**. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, Adele. Constructions: a new theoretical approach to language. **Trends in Cognitive Sciences**, v. 7, n. 5, p. 219-224, 2003.

GOLDBERG, Adele. **Constructions at work**. Oxford: Oxford University Press, 2006.

GONÇALVES, Maria Angélica. **A construção de duração com dar no português do Brasil** – uma abordagem sociocognitiva. Dissertação (Mestrado em Linguística). Juiz de Fora, MG: UFRJ, 2005.

LACERDA, Patrícia Fabiane A. da Cunha. **Corpus Modalidade Escrita**. Núcleo de Pesquisa em Abordagem Construcional e Tradução (NUPACT), 2019. Disponível em: https://www.ufjf.br/nupact/corpora/corpora-compilados/. Acesso em: 20 abr. 2020.

LANGACKER, Ronald W. **Cognitive Grammar**: a basic introduction. New York: Oxford University Press, 2008.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico**. 7 ed. rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 2010.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. **Mudança linguística**: uma abordagem centrada no uso. São Paulo: Cortez, 2011.

ÖSTMAN, Jan-Ola; FRIED, Mirjam. **Construction grammars**: cognitive grounding and theoretical extensions. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2005.

SCHER, Ana Paula. **As construções com o verbo leve dar e nominalizações em –ada no português do Brasil**. Tese (Doutorado em Linguística). UNICAMP, Campinas-SP, 2004.

SCHIFFRIN, Deborah. The management of a co-operative self during argument: The role of opinions and stories. *In*: GRIMSHAW, Allen D. (ed.). **Conflict talk**: sociolinguistic investigations of arguments in conversations. Cambridge: CUP, 1990. p. 241-259.

SILVA, Cassandra Ribeiro de Oliveira. **Metodologia e organização do projeto de pesquisa**. Fortaleza-CE: Centro Federal de Educação Tecnológica do Ceará, 2004.

SILVA, Aline Danielly Leal da. **Dei uma olhada na playlist**: a construção de atenuação [(SN) DAR UMA V-DA (SP)] em perspectiva funcional-construcionista. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal-RN, 2020.

SILVA, José Romerito; ANDRADE, Maria Aparecida da S. "Vai chatear o Camões": a construção impositiva de destrato. **Working papers em Linguística**, v. 21, n. 1, p. 43-74, 2020.

TOMASELLO, Michael. **The new psychology of language**: **cognitive and functional approaches to language structure**. New Jersey: LEA, 1998.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs. Revisiting subjectification and intersubjectification. *In*: DAVIDSE, Kristin; VANDELANOTTE, Lieven; CUYCKENS, Hubert (eds.). **Subjectification, intersubjectification and grammaticalization**. Berlin: De Gruyter Mouton, 2010. p. 29-70.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs. Intersubjetification and clause periphery. **English Text Constructions**. v. 5 (1), p. 7- 28, 2012.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs; DASHER, Richard B. **Regularity in semantic change**. Cambridge: CUP, 2002.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs; TROUSDALE, Graeme. **Construcionalização e mudanças construcionais**. Tradução de Taísa Peres de Oliveira e Maria Angélica Furtado da Cunha. Editora Vozes, 2021 [2013].

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **O aspecto verbal no português: a categoria e sua expressão**. 5. ed. Uberlândia: EDUFU, 2016 [1985].

TRAVASSOS, Pâmela Fagundes. **Variação e mudança construcional**: um olhar funcional-cognitivo sobre usos de construções com verbo-suporte DAR. Dissertação (Mestrado em Linguística). UFRJ, Rio de Janeiro, 2019.

VENDLER, Zeno. **Linguistics in phylosophy**. Ithaca, London: Cornell University Press, 1967.

VERKUYL, Henk. **On the compositional nature of the aspects**. Dordrecht: D. Reidel, 1972.

Essa construção sofreu mó mudança de lá pra cá: possível trajetória evolutiva da construção [MóX]

Roberto de Freitas Junior
UFRJ/UERJ-FFP
ORCID: https://orcid.org/0000-0001-6237-1040
robertofrei@letras.ufrj.br

Kleveland Cristian Barbosa
UFRJ
ORCID: https://orcid.org/0000-0001-6848-5196
klevelandbarbosa@letras.ufrj.br

Érica Cristina Silva
UERJ/FFP
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-1338-0677
ericacristina1712@gmail.com

RESUMO

O artigo apresenta o recorte de uma pesquisa de mestrado em desenvolvimento e discute a possível construcionalização da Construção de Informalidade e Intensificação [MóX], doravante construção [MóX], no Português do Brasil. À luz da Linguística Funcional Centrada no Uso (GOLDBERG, 2006; CROFT, 2001; HILPERT, 2014; PEREK, 2015; BYBEE, 2010; TRAUGOTT e TROUSDALE, 2013), o presente trabalho tem como objetivo mapear, analisar e descrever sincronicamente os contextos de uso de expressões, como [Mó saudade], [Mó legal], [Mó relembrando], [Mó mal], no PB, na tentativa de compreender como se deu esse possível processo de construcionalização. Sob a perspectiva construcional, algumas propriedades do pareamento forma e função serão observadas, visto serem esses os critérios que determinam e definem o novo nó na rede construcional. Para robustecer a ideia de que a construção [MóX] possa ser um exemplo de mudança, tal qual defendido pelo modelo de construcionalização, processos cognitivos de domínio geral, como *chunking* e memória enriquecida, serão abordados. Para situar o estudo e comprovar a criação desse novo nó, foi necessário remontar ao latim, ao galego-português e ao português dos séculos XX e XXI, sendo também realizado um mapeamento de dados extraídos do Twitter. Os dados foram usados para analisar historicamente a evolução e transformação da construção.

PALAVRAS-CHAVE: LFCU; GCBU; Construção de informalidade e intensificação; Construcionalização.

Ao citar este artigo, referenciar como: FREITAS JR. Roberto de; BARBOSA, Kleveland Cristian; SILVA, Érica Cristina. Essa construção sofreu mó mudança de lá pra cá: possível trajetória evolutiva da construção [MóX]. **Matraga**, v. 29, n. 56, p. 349-361, mai./ago. 2022.

DOI: 10.12957/matraga.2022.63821
Recebido em: 29/11/2021
Aceito em: 29/04/2022

That construction suffered [MóX] change: possible process of constructionalization of [MóX]

ABSTRACT

The article presents the excerpt of a master's research in development and discusses the possible constructionalization of the Informality and Intensification [MóX] Construction, aka the [MóX] construction, in Brazilian Portuguese. In the light of Usage-Based Functional Linguistics (GOLDBERG, 2006; CROFT, 2001; HILPERT, 2014; PEREK, 2015; BYBEE, 2010; TRAUGOTT and TROUSDALE, 2013), having as theoretical support the UBCG, the present work aims to map, analyze and synchronically describe the contexts of use of expressions such as [Mó saudade], [Mó legal], [Mó relembrando], [Mó mal] in BP in an attempt to understand how this possible process of constructionalization took place. From a constructional perspective, some properties of the form-meaning pairing will be observed, as these criteria determine and define the new node in the constructional network. To strengthen the idea that [MoX] construction can be an example of change, as defended by the constructionalization model, domain-general cognitive processes such as chunking and enriched memory will be included. In order to place the study and prove the creation of this new node, it was necessary to go back to Latin, Galician-Portuguese, 20Cth and 21Cst Portuguese by mapping including data extracted from Twitter. The data were used to historically analyze the evolution and transformation of the construction.

KEYWORDS: UBFL; UBCG; Informality and intensification construction; Constructionalization.

1. Introdução

Expressões, como 'Mó saudade', 'Mó legal', 'Mó relembrando' e 'Mó mal', têm sido usadas em situações cada vez mais frequentes de fala e de escrita no Português do Brasil (PB). Aparecem em contextos informais, não só em interações entre crianças e adolescentes, mas também entre adultos, principalmente nos bate-papos das redes sociais. A observação cuidadosa sobre tal uso permitirá perceber que é comum figurarem ainda nos chamados 'memes', nas letras de música, nas histórias em quadrinhos, entre outros gêneros.

O propósito do presente artigo é investigar, sob a ótica da Linguística Funcional Centrada no Uso, a LFCU (GOLDBERG, 2006; CROFT, 2001; HILPERT, 2014; PEREK, 2015; BYBEE, 2010; TRAUGOTT e TROUSDALE, 2013), a possibilidade de formação do que denominamos aqui de Construção de Informalidade e Intensificação [MóX][1], vulgo construção [MóX]. Queremos discutir sua possível trajetória de formação, partindo da hipótese de que ela é originária de usos com a forma 'Maior X', registrada desde o latim.

O objetivo de nosso trabalho aqui é, assim, discutir a hipótese de que, de fato, estejamos tratando de um novo nó na rede construcional dos falantes do PB – oriundo de construcionalização –, e não exatamente apenas de um caso de mudanças no polo da forma, via redução fonológica, de [Maior X], o que consistiria em apenas mudança construcional nos termos de Traugott e Trousdale (2013).

Nesse viés, o estudo se apoia especificamente no modelo de Construcionalização (TRAUGOTT e TROUSDALE, 2013), uma vez que partimos do princípio de que novas construções se formam a partir da experiência com o uso da língua, através de habilidades cognitivas de domínio geral,

[1] A Construção de Informalidade e Intensificação em estudo, vulgo [MóX], será aqui representada sem espaço entre o item 'Mó' e seu *slot*, figurado por 'X', uma vez que entendemos tal estrutura como um *chunk*. Na perspectiva da gramaticalização, inclusive, defendemos que o item 'Mó' apresenta caráter prefixal e, portanto, de total aderência ao vocábulo que modifica.

ou seja, não especificamente linguísticas, e que atuam na formação da gramática do indivíduo e de comunidades linguísticas. Apostamos que a Construção de Informalidade e Intensificação [MóX] é oriunda de pressões discursivas que influenciam seu surgimento em novos contextos de uso, apresentando alterações em termos de forma e sentido.

A fim de alcançar tais objetivos e verificar a hipótese, será apresentada uma análise qualitativa e quantitativa de sua trajetória diacrônica, com base em ocorrências extraídas dos portais *The Latin Library* e Universo Cantigas, para os dados do latim e do galego-português, respectivamente, e do *Corpus* do Português e do *Twitter*, para os dados do português dos séculos XX e XXI. Em outras palavras, será feita a análise dos construtos que possivelmente instanciam a construção na sincronia atual e em anteriores.

Assim, partindo de evidências atestadas nos dados sincrônicos e diacrônicos revisitados neste estudo, a respeito de mudanças nos âmbitos de sua forma e de seu sentido, acreditamos que a Construção de Informalidade e Intensificação [MóX]:

(i) forma um *chunking*, por apresentar leitura idiomatizada de intensificação em contexto específico de informalidade;
(ii) surge do comparativo [MaiorX], mas sofre erosão fonética ('Maior > Mó');
(iii) torna-se, inicialmente, mais produtiva, por expansão da classe hospedeira do *slot* (X), que aos poucos apresenta uma gama maior de itens;
(iv) fixa-se, ainda, no PB sincrônico, em quatro microconstruções de intensificação de categorias gramaticais: nomes, adjetivos, advérbios e verbos;
(v) apresenta microconstruções emancipadas decorrentes da alta frequência de uso.

Este artigo está dividido em quatro seções, a contar desta. Na próxima, será apresentada a possível origem da construção, sendo necessário remontar ao latim, bem como sua trajetória evolutiva desde o galego-português até o português do século XX. Na terceira seção, por seu turno, serão empreendidos uma análise sincrônica e um mapeamento dos usos da Construção de Informalidade e Intensificação [MóX], no século XXI (de 2007 a 2021), com base em ocorrências extraídas do *Twitter*. Finalmente, na conclusão, serão sintetizadas as principais reflexões oriundas das análises realizadas.

2. Possível trajetória evolutiva da construção [MóX]

Nesta seção, apresentaremos a possível origem da construção [MóX], sendo necessário para tal, remontar ao latim, bem como ao galego-português e ao português do século XX. Assumimos, como hipótese de sua trajetória, que o surgimento daquele pareamento forma-função deu-se a partir do item 'maior' do latim, pois temos por base evidências empíricas para tal crença, como será demonstrado.

Passemos, assim, à trajetória evolutiva do item. Trata-se de um adjetivo irregular, resultante da junção da raiz *mag* (> *magnus*, "grande") com o sufixo comparativo de superioridade '-ior',

usado para o masculino e feminino (FARIA, 1958, p. 125). Em relação ao significado desse morfema, Berge et al. (1946, p. 57) observam: "O comparativo indica também grau elevado ou demasia. Maior - por demais grande, muito grande, grande demais." Na mesma esteira, Pinkster (2015, p. 46, tradução nossa)[2] reconhece que "a partir de muitos adjetivos, podem ser derivadas as formas de comparativo e superlativo que indicam que a propriedade relevante se aplica a entidade em um grau mais alto ou no mais alto grau de intensidade".

De fato, essa propriedade semântica explica de que forma, a partir do sentido de tamanho, passa-se ao de intensidade, presente atualmente na construção [MóX], inclusive. Isso ocorre, porque, sendo uma experiência concreta, o primeiro constitui um domínio fonte para o segundo, entidade mais abstrata e correspondente ao domínio-alvo de um processo de transferência metafórica (MIRANDA, 2009, p. 69).

Indicadas as propriedades do modificador 'maior' no latim, citamos algumas de suas ocorrências, extraídas da plataforma *The Latin Library*[3].

QUADRO 1. Dados do latim[4]

(1) Comecei a observar se por acaso o filho prestaria maior sacrifício para mim do que o pai dele havia prestado. (PLAUTUS, *Aulularia*, séc. III-II a.C., tradução nossa)
(2) Reconduziu as quatro legiões restantes para o acampamento maior (CAESAR, *Bellum Gallicum*, séc. I a.C., tradução nossa)
(3) Sob juramento diz que Timarchides afirmou que um [montante] maior de dinheiro foi dado pelos acusadores (CICERO, *In*: *Verrem*, séc. I a.C., tradução nossa)
(4) Daí, inclusive, [Numa Pompilius] deve ser tido como homem mais importante, visto que conheceu, quase dois séculos antes, aquela sabedoria necessária para estabelecer a cidade (CICERO, *De Oratore*, séc. I a.C., tradução nossa)
(5) Do contrário, estaria em vias de disseminar impopularidade maior do que antes (PLINIUS SECUNDUS, *Epistularum*, séc. I-II d.C., tradução nossa)

Fonte: Autoria própria (2021)

A partir do cotejo dos dados, percebemos que no latim 'maior' pode recrutar tanto substantivos concretos, como '*honorem*' [sacrifício], '*castra*' [acampamento militar], '*pecuniam*' [dinheiro] e '*vir*' [homem], quanto abstratos, como vimos em '*invidiam*' [impopularidade] (5). Por outro lado, verificamos que o modificador pode ocorrer em diferentes partes da sentença: antes do nome ((3) a (5)), depois dele ((2)) e, inclusive, ainda é possível a presença de elementos intervenientes entre modificador e modificado, como se constata em (1), no qual há os SNs '*filius*' [filho] e '*mihi*' [para mim].

[2] No original: "*From many adjectives comparative and superlative forms can be derived that indicate that the relevant property applies to the entity in a higher or in the highest degree of intensity*".

[3] O século entre parênteses, após o nome das obras, refere-se ao tempo de vida dos autores, numa tentativa de indicar, ainda que aproximadamente, o momento em que os dados foram produzidos. A fonte dessa informação é a enciclopédia virtual *Britannica*.

[4] No original: (1) "*coepi observare ecqui maiorem filius mihi honorem haberet*"; (2) "*quattuor reliquas legiones in castra maiora reduxit*"; (3) "*iuratus dicit Timarchidem dixisse maiorem pecuniam ab accusatoribus*"; (4) "*quo etiam maior vir habendus est quioniam illam sapientiam constituendae civitatis duobus prope saeculis ante cognovit*"; (5) "*alioqui maiorem invidiam quam proxime passurus*".

Ademais, para além do sentido intensificador, há outros matizes de sentido para o item (FARIA, 1962): comparativo em (1) e (5), dimensivo em (2), quantitativo em (3), e superlativo em (4).

Por fim, cabe notar os contextos de uso das estruturas, em termos de registro. É possível observar que elas ocorrem em um *continuum* de formalidade. Em um dos extremos, localizam-se o comentário (*Bellum Gallicum*), o discurso jurídico (*In Verrem*) e o tratado retórico/filosófico (*De oratore*), caracterizados por serem mais formais; no outro extremo, figuram a comédia (*Aulularia*) e a carta (*Epistularum*), de características menos formais.

Uma vez entendidas as características desse modificador no latim, avancemos em sua trajetória evolutiva no galego-português. À luz de Antenor Nascentes (1955), constatamos que a forma 'maior' sofre os seguintes processos fonéticos: monotongação de [ai] > [a] (maor); assimilação de [ao] > [oo] (moor) e crase de [oo] para [o] (mor). A esse respeito, Corominas e Pascual (1984, p. 890) afirmam que as formas 'maior', 'maor' e 'mor' competem entre si. Como exemplo, citamos algumas ocorrências disponíveis no portal Universo Cantigas:

QUADRO 2. Dados do galego-português[5]

(6) Considera agora se há de sofrer o maior castigo no mundo! (PERO GARCIA BURGALÊS, *De quantos mui coitados som*, séc. XIII, tradução nossa)
(7) E por isto eu sofro o maior castigo dos quais o Amor fez sofrer (?, tradução nossa)[6]
(8) E o que mais hei de perder daquilo que [já] perco? Pereço e, ao meu ver, não há mais aí nem posso mais saber, nem maior perda posso calcular (PERO GARCIA BURGALÊS, *Meus amigos, oimais quero dizer*, séc. XIII, tradução nossa)

Fonte: Autoria própria (2021)

Diferentemente do latim, na amostra de dados supracitada, os modificadores figuram apenas em posição pré-nominal e junto de substantivos abstratos ('coita' e 'perda'). Além disso, essas ocorrências não podem ser classificadas como mais ou menos formais, porque, apesar de pertencerem à literatura – esfera que tende a ser de natureza mais formal – elas apresentam alguns traços de oralidade, de modo que estão no meio do *continuum*. Os dados do galego-português podem estar evidenciando duas características de forma e função importantes da Construção de Informalidade e Intensificação [MóX], detectada na atual sincronia do PB: a fixação da forma 'mó' na posição inicial da construção e seu papel de associação a contextos de informalidade.

Ainda que todos os dados possibilitem uma leitura intensificadora, constatamos também que ressalta em alguns deles o valor comparativo na amostra do galego-português, como em (6) e (7), um fato que aos poucos parece conviver com a nova especialidade de sentido da construção [MóX], que focaliza intensificação em contextos de informalidade e não mais a informação de comparativo.

[5] No original: (6) "*veed' ora se á maior coita no mundo de sofrer!*"; (7) "*E por aquesto sofr'eu a maor coita de quantas fez sofrer Amor*"; (8) "*E que mais ei de que perç' a perder? O corpo perç' e, quant' é meu cuidar, non á i mai nen posso mais saber nen moor perda non poss' eu Osmar*".

[6] Não há informações sobre o autor ou sobre o nome da cantiga do dado (7) nem no Universo Cantigas, nem em outras fontes. Nos outros dois dados, indica-se o ano de produção de forma aproximada, tendo em conta o período em que viveu o autor, com base em informação disponível no site Cantigas Medievais Galego-Portuguesas.

Finalmente, chegamos à possível origem da forma 'mó', que, provavelmente, remonta à forma arcaica 'mor'. Tal conjectura se mostra plausível porque, conforme Calou et al. (1998), o fenômeno de apócope do [r] em coda é antigo na variedade brasileira, especialmente nas falas de pessoas negras. Outro aspecto corroborativo para tal hipótese é a semelhança de distribuição e de características morfossintáticas partilhadas por 'mor' e 'mó'. A partícula 'mor' já modificava majoritariamente nomes, conforme constatamos nos dados extraídos do *Corpus* do Português, todos da obra *Os Rios Inumeráveis*, de Álvaro Cardoso Gomes (1997).

QUADRO 3. Dados do Português do século XX

(9)	"tal fora o som dum martelo batendo em bigorna, não me causou mor dano..."
(10)	"mas há quem diga que plantas de mor porte alimentam-se também de cervos e javalis e até mesmo de jaguares"
(11)	"um guerreiro, cuja face pintada de urucum inspirava o mor horror"
(12)	"A guerra parace causar-lhes o mor prazer"

Fonte: Autoria própria (2021)

Na amostra, 'mor' ocorre à esquerda do elemento modificado e recruta substantivos abstratos ('dano', 'porte', 'horror' e 'prazer'). O modificador ainda figura em contexto mais formal: num romance escrito no final do século XX. Além disso, verificamos que o dado (10) é o único em que a estrutura expressa comparação de tamanho; nos demais, predomina a leitura associada à intensidade, tão cara aos dados sincrônicos.

Dessa maneira, com base no presente exposto, levantamos a hipótese de que ambas as formas, 'mor' e 'mó', coexistem por um tempo na posição pré-nominal, embora aos poucos a forma 'mó' triunfe e vá formando, junto do item por ela modificado, um único pareamento, um *chunk*, de características formais e funcionais, que indicam a emergência de um item independente na língua, de caráter associado à intensificação e restrito a contextos de informalidade, como veremos mais à frente.

Nesse contexto de discussão, é necessário abordarmos novamente a expansão das classes gramaticais aceitas pelo *slot* da construção [MóX]. Neste ponto, traçamos outra hipótese: sendo, originalmente, um adjetivo no grau comparativo, é esperado que o item 'maior' – 'maior' ~ 'maor' ~ 'moor' ~ 'mor' – associe-se, originalmente, a substantivos, para qualificá-los. Contudo, é possível que a expansão do *slot* (X) na Construção de Informalidade e Intensificação [MóX] tenha começado quando 'mó' adquiriu o sentido específico de intensificador e, com isso, construcionalizou-se como uma espécie de prefixo que modifica nomes, adjetivos, advérbios e até verbos. Na verdade, devido às especificidades de suas características formais e funcionais, os dados sincrônicos apontam para a formação de uma única construção, formada por construcionalização, e evidenciada no histórico apresentado.

Com o intuito de síntese da presente seção, apresentamos, no Quadro 4, os principais resultados de nossas análises.

Na próxima seção, continuaremos discutindo a provável origem da construção [MóX]. Para além da erosão fonética, tal estrutura apresentou mudanças de outras propriedades formais, como a expansão das categorias que configuram o *slot* (X). Também apresentou mudanças de

propriedades de sentido, como a perda do valor comparativo original – embora a comparação persista como extensão metafórica – e o ganho da especialização do sentido intensificador e de seu caráter de informalidade.

QUADRO 4. Resumo das propriedades da estrutura Maior X e suas variantes

Construção / Polo	Maior X	Maor X	Moor X	Mor X
Forma	Posição pré ou pós-nominal	Posição pré-nominal	Posição pré-nominal	Posição pré-nominal
	Presença de elemento interveniente	–	–	–
	Instancia substantivos concretos e abstratos	Instancia substantivos abstratos	Instancia substantivos abstratos	Instancia substantivos abstratos
	–	–	–	Instancia advérbio
Significado	Sentido intensificador	Sentido intensificador	Sentido intensificador	Sentido intensificador
	Sentido comparativo	Sentido comparativo	Sentido comparativo	Sentido comparativo
	Sentido dimensivo, quantitativo e superlativo	Sentido superlativo	–	Sentido superlativo
	Registro ± formal	Registro + formal	Registro + formal	Registro + formal

Fonte: Autoria própria (2021)

3. Análise sincrônica: contextos de uso de [MóX] no século XXI

Na seção anterior, demonstramos algumas alterações, majoritariamente formais, identificadas nos usos das formas [Maior X] e [Mor X] no latim, no galego-português e no português do Século XX. Nesta seção, demonstramos, sincronicamente, possíveis alterações formais e idiomáticas gerais, que podem evidenciar o surgimento desta suposta construção, em contextos pragmáticos específicos do PB.

Entendemos, conforme Traugott e Trousdale (2013), que para afirmarmos que houve mudança linguística, construcionalização e formação de uma Construção de Informalidade e Intensificação [MóX] no PB contemporâneo, depois de analisarmos sua historicidade, precisamos atestar mudanças sincrônicas nos planos da forma e de sentido do item emergente nessa gramática.

Apresentamos agora, portanto, uma análise sincrônica de dados que supostamente instanciam a construção [MóX], para demonstrar como tal mudança pode ter ocorrido. Assim, revisitamos dados do PB do século XXI, extraídos do *Twitter*, para entendermos o funcionamento contemporâneo de usos com a construção [MóX].

3.1 Contextos de uso da construção [móx] no PB (2007 até 2021)

A partir de agora, para demonstrarmos o comportamento da estrutura em estudo e suas possíveis características de forma e sentido, apresentamos um mapeamento de dados extraídos do Twitter, que supostamente instanciam a construção [MóX]. Partimos do seguinte objetivo: demonstrar a convencionalização e cristalização sincrônica da construção através de dados de uso real, mas também verificar as possíveis mudanças construcionais que ocorreram antes e durante o curso da convencionalização do item na língua e que levaram à formação da Construção de Informalidade e Intensificação [MóX].

Os dados apresentados no Quadro 5, retirados do nosso *corpus*, ilustram o objeto da pesquisa.

QUADRO 5. Dados do *Twitter*

1 - ******25 de dez de 2007 to mo feliz ganhei uma camiseteria o meu amigos Secreto (minha sogra) mo legal Tiporama!!! (2007)
2 - ******30 de jan de 2009 aauhahu.. engraçado é q o cursinho tava mó esperando festivo o resultado pro meio-dia. a lista vazou no *orkut*, agora quebrou eles.. (2009)
3 - ******30 de dez de 2011#to aki num mo tediooo...> (2011)
4 - ******30 de dez de 2013 ****** nossa, dá mó vontade de contar pra você tudo que acontece KKKKKKKK" mas sou legal, então vou ficar quieta. (2013)
5- ****** 30 de dez de 2015 Mo legal quando a pessoa te chama pra sair e 2 min depois diz que vai sozinho kkkkkkkk (2015)
6 - ******30 de dez de 2017 Eu estava malzona por tudo que estava acontecendo cmg, mais dai fiquei com Duda!! E ela e top, me faz mo bem aindaaaaa Ex Best (2017)
7 - ******30 de dez de 2019 Eu mó achando que ia ficar até fevereiro de férias mais dia 13 já começo a trampar (2019)
8 - ******1 de janque dia mó nada a ver (2021)

Fonte: Autoria própria (2021)

A primeira parte dessa discussão foi desenvolvida ao longo da seção 2. Vimos, no que diz respeito à forma, que a construção [MóX] emergiu de usos em contexto de comparação com 'MaiorX', com especialização do sentido de intensificação, particularmente, no contexto de uso informal. O item 'maior' sofreu alteração da forma, passando por um processo de erosão fonética com o apagamento de [r] na sílaba final e a perda do encontro vocálico 'Maior'. Esses processos resultaram na formação da partícula 'mó' que foi se cristalizando por meio da frequência de uso, uma consequência natural associada ao processo de mudança.

Vimos ainda que os usos antecedentes, de onde supostamente emerge a Construção de Informalidade e Intensificação [MóX], apresentavam maior grau de rigidez de seleção categorial para o item modificado, sendo o substantivo o mais frequente, e vimos ainda maior associação de usos a contextos de registro formal. De todo modo, os dados da seção 2 mostraram que tanto as categorias quanto o grau de formalidade não se mostraram categóricos, no que tange a certas possibilidades de uso.

Segundo Goldberg:

> Qualquer padrão linguístico é reconhecido como uma construção, desde que algum aspecto da sua forma ou da sua função não seja estritamente previsível das suas partes componentes ou de outras construções reconhecidas como existentes. Ademais, padrões são armazenados como construções mesmo se eles são totalmente previsíveis, desde que ocorram com frequência suficiente. (2006, p. 5, tradução nossa)[7]

Então, tendo em vista os postulados de Goldberg, a construção [MóX] pode ser assumida como uma construção em razão de suas características não composicionais de forma e função. Ainda, por adotarmos o modelo da LFCU e sua aposta no impacto da representação rica da memória, podemos postular a existência de padrões emancipados, seja por características de forma e função próprias, seja por aspectos referentes à frequência de uso, que também são ligados em rede à construção em questão.

Os dados agora avaliados apresentam o mapeamento atualizado de usos e indicam como a Construção de Informalidade e Intensificação [MóX] encontra-se em franco processo de especialização e automatização no PB.

Para o estudo, foram analisadas 800 ocorrências de uso (*tokens*), extraídas da rede social *Twitter*, entre os anos de 2007 e 2021. Após o mapeamento, obtivemos os seguintes números:

TABELA 1. Um panorama da análise sincrônica da construção [MóX]

[MóX$_{SN}$]			[MóX$_{SADJ}$]			[MóX$_{SADV}$]				[MóX$_{SV}$]		
Total de Tokens	TIPO		Total de Tokens	TIPO		Total de Tokens	TIPO			Total de Tokens	TIPO	
	Concreto	Abstrato		Prototípico	Não Prototípico		Tempo	Modo	Intensidade		Finito	Não Finito
409	26	383	364	55	309	14	07	06	01	13	07	06

Fonte: Autoria própria (2021)

A partir dos dados, verificamos que houve, no uso da construção [MóX], uma extensão categorial do *slot* (X). Observemos na Tabela 1 como (X) é representado por classes gramaticais diversas, o que não ocorria em tempos anteriores da língua. É possível afirmar que houve aumento significativo dos itens recrutados.

Do total de dados na posição (X), identificamos a emergência de 409 substantivos, 364 adjetivos, 14 advérbios e 13 verbos. Comprovadamente, podemos dizer que a posição (X) admite

[7] No original: "*Any linguistic pattern is recognized as a construction as long as some aspect of its form or function is not strictly predictable from its component parts or from other constructions recognized to exist. In addition, patterns are stored as constructions even if they are fully predictable as long as they occur with sufficient frequency*".

sincronicamente não apenas nomes, a categoria ainda privilegiada, mas também advérbios e verbos. Portanto, os dados ratificam duas mudanças no plano da forma: o aumento da classe hospedeira da construção, com a possibilidade de usos de mais advérbios e de uma categoria nova, os verbos, além da redução fonética já atestada em tempos anteriores.

Além disso, constatamos algumas informações que apontam para certa coerência semântica dos usos, de modo que podemos dizer que sincronicamente, talvez, tenhamos a emergência de quatro padrões distintos de uma construção mais geral, a Construção de Informalidade e Intensificação [MóX].

Dessa forma, para refinarmos ainda mais o estudo da construção, buscamos detectar possíveis tendências de forma e/ou sentido específicas das construções, além de possíveis restrições construcionais. Assim definimos, por análise qualitativa, subclassificações acerca das categorias emergentes no *slot* (X) e notamos que o padrão [MóX$_{SN}$] se apresenta, majoritariamente, com substantivos abstratos (383), o que sugere que ele tende a repelir o SN concreto. Apesar disso, usos com SNs concretos, como em 'mó sala', 'mó nariz', 'mó subidona', aparecem nos dados e parecem indicar resquícios da forma originária 'maior', no sentido comparativo, e não necessariamente apenas a informação de intensificação.

Em relação ao padrão [MóX$_{SADJ}$], foram encontrados 364 *tokens*, sendo as construções subclassificadas como 'prototípicas' (formadas por adjetivos e não locuções), as mais encontradas (309). Parece que o padrão tende a preferir os adjetivos prototípicos.

Quanto à construção [MóX$_{SV}$], encontramos 13 *tokens.* Os itens verbais foram subclassificados como 'finitos' ou 'não finitos', sendo, no primeiro grupo, encontradas 7 ocorrências em que figuram dados no pretérito – [Mó considerava], [Mó tinha que fazer] – e no presente – [Mó sabe], [Mó mia], [Mó entendo]. Desses tempos verbais, o presente foi predominante. Nenhum verbo no tempo futuro foi observado, o que nos faz pensar que construções [MóX$_{SV}$] em tal tempo verbal causaria certa estranheza. Usos, como 'Ele mó sabe' ou 'Eu mó entendo', são perfeitamente aceitáveis no PB sincrônico; no entanto, postulamos que usos na forma futura não são tão comuns assim, sendo possivelmente considerados expressões agramaticais, derivadas de restrições construcionais a respeito do uso do tempo futuro. Outra restrição parece emergir em relação ao que classificamos como traço 'não finito' do item verbal (formas nominais do verbo), posto que ficou evidente a tendência dos dados apresentarem uso do gerúndio. Encontramos com frequência (5/13) construtos, como 'mó relembrando', 'mó desabafando', 'mó achando', e ainda um uso no infinitivo: 'mó querer ministrar'.

No que diz respeito à construção formada por [MóX$_{SAdv}$], observamos 14 *tokens*, dos quais 7 correspondendo a advérbios de tempo, 6 a advérbios de modo e 1 de intensidade. Diante desse quadro, verificamos que usos, como 'Mó bem' e 'Mó cedo', são perfeitamente aceitáveis, enquanto algo como *mó talvez, *mó com certeza, *mó aqui poderia ser considerado como agramaticais, visto que advérbios de dúvida, de afirmação, de lugar e outros são possivelmente repelidos pelo padrão [MóX$_{SADV}$].

Ainda sobre os padrões [MóX$_{SN}$], [MóX$_{SADJ}$] e [MóX$_{SADV}$], apoiados no modelo da GCBU, entendemos que alguns usos, tendo em vista sua frequência no *corpus*, podem, sim, ser considerados como instanciações de construções independentes, emancipadas, uma vez que são

facilmente acessadas, pois já estão prontas, disponíveis e armazenadas em nossa memória enriquecida (BYBEE, 2010). A recorrência de certos usos parece instanciar mais diretamente representações, como [Mó saudade], [Mó tempão], [Mó preguiça], [Mó legal], [Mó cara de X], [Mó bem]. Assim, de acordo com o impacto da forte frequência de ocorrência, alguns exemplos, após esse estudo, levam-nos à aposta de que instanciam construções independentes, autônomas, no *constructicon* do falante do PB.

TABELA 2. Construções emancipadas

Sintagma	Construção	Frequência de ocorrência
Nominal	[Mó Saudade]	43/409
	[Mó Tempão]	24/409
	[Mó Preguiça]	18/409
	[Mó Vontade]	18/409
Adjetival	[Mó Legal]	34/364
	[Mó Bom]	16/364
	[Mó Cara de]	12/364
Adverbial	[Mó bem]	5/14

Fonte: Autoria própria (2021)

Assim, observando todas as alterações de forma e sentido, foi possível verificarmos a emergência de um novo nó na rede que surge no *constructicon* do PB. Percebemos ainda, mediante a escolha do *corpus*, via site Twitter (rede social caracterizada pela informalidade), que quanto menor for o grau de formalidade, maior possibilidade de usos que instanciam tal construção. Trata-se de uma inovação aparentemente mais associada à oralidade e à escrita de crianças e jovens em contexto informal e de intensificação. A construção [MóX] corresponde, pois, a um caso de construcionalização, por ter sofrido alterações de forma e sentido, ratificando, desse modo, a tendência de expansão da língua. Observamos ainda a possibilidade de formação de quatro microconstruções, os padrões [MóX_{SN}], [MóX_{SADJ}], [MóX_{SADV}] e [MóX_{SV}], de características de forma e sentido que apontam para a formação de *chunks* independentes, além da existência de possíveis formas emancipadas, graças ao efeito de frequência com que elas ocorrem no PB.

4. Considerações finais

Neste artigo, apresentamos um recorte da pesquisa de mestrado que visa a investigar a emergência do que denominamos Construção de Informalidade e Intensificação [MóX] no PB contemporâneo ou construção [MóX]. Tal estudo tem como aporte teórico a Linguística Funcional Centrada no Uso, na interface da mudança linguística, sob o viés da construcionalização. A escolha desse aporte teórico se justifica por considerar o uso real da língua, com fins de descrição

linguística e da representação cognitiva da gramática. Assim, acreditamos que, por meio desse enfoque, seja possível comprovar que o surgimento da construção supracitada seja, de fato, um caso associado ao modelo de construcionalização no PB. Trata-se de um estudo construcionista que levou em conta também a frequência de ocorrência empiricamente atestada nos usos de dados em *corpora* diacrônicos e em *corpus* sincrônico, a saber, o *Twitter*.

A partir dos resultados obtidos, tornou-se possível afirmar que a construção se especializa no PB com função pragmática de intensificação e que é específica de uso no registro informal. Em sentido oposto a tal tendência, em estudos também por nós desenvolvidos, usos com a forma 'maior X' não apresentaram apenas sentido de intensificação e não emergem categoricamente em contextos informais de uso da língua. De fato, pelo que sugerem os resultados desta fase da investigação, essa é uma construção construcionalizada no PB sincrônico.

CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES

Roberto de Freitas Junior – Conceptualização; Metodologia; Escrita – rascunho original; Escrita – revisão e edição.

Kleveland Cristian Barbosa – Conceptualização; Investigação; Escrita – rascunho original; Escrita – revisão e edição.

Érica Cristina Silva – Conceptualização; Investigação; Metodologia.

FINANCIAMENTO

Não houve financiamento para a realização deste estudo.

CONFLITO DE INTERESSES

Não há conflito de interesses.

REFERÊNCIAS

BERGE, Damião. et al. **Ars latina IV: Gramática**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1946.

BYBEE, Joan Lea. **Language, usage and cognition**. 1. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

CALLOU, Dinah; MORAES, João; LEITE, Yonne. Apagamento do R final no dialeto carioca: um estudo em tempo aparente e em tempo real. **DELTA**, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 61-72, 1998.

Cantigas Medievais Galego-Portuguesas. Disponível em: https://cantigas.fcsh.unl.pt. Último acesso em: 20 de out. de 2021.

COROMINAS, Joan; PASCUAL, José Antonio. **Diccionario crítico etimológico castellano e hispânico**. v. 3. 1. ed. Madrid: Gredos, 1984.

Corpus do Português. Disponível em: https://www.corpusdoportugues.org. Último acesso em: 20 de out. de 2021.

CROFT, William. **Radical Construction Grammar: Syntactic Theory in Typological Perspective**. 1. ed. Oxford: Oxford University Press, 2001.

Encyclopedia Britannica. Disponível em: https://www.britannica.com. Último acesso em: 20 de out. de 2021.

FARIA, Ernesto. **Dicionário escolar latino-português**. 3. ed. Rio de Janeiro: MEC; Departamento Nacional de Educação, 1962.

FARIA, Ernesto. **Gramática superior da língua latina**. 1. ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1958.

GOLDBERG, Adele. **Constructions at work: the nature of generalizationin language**. 1. ed. Oxford: Oxford University Press, 2006.

HILPERT, Martin. **Construction Grammar and its Application to English**. 2. ed. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2014.

MIRANDA, Neusa Salim. Construções gramaticais e metáfora. **Gragoatá** (UFF), v. 14, n. 26, p. 61-80, 1. sem. 2009.

NASCENTES, Antenor. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. 1. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1955.

PEREK, Florent. **Argument structure in Usage-Based Construction Grammar**. 1. ed. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins, 2015.

PINKSTER, Harm. **The Oxford Latin Syntax, Volume I: The Simple Clause**. 1. ed. Oxford: Oxford University Press, 2015.

The Latin Library. Disponível em: http://thelatinlibrary.com. Último acesso em: 20 de out. de 2021.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs; TROUSDALE, Graeme. **Constructionalization and constructional changes**. 1. ed. Oxford: Oxford University Press, 2013.

Universo Cantigas. Disponível em: https://universocantigas.gal. Último acesso em: 20 de out. de 2021.

Esquema [X de]$_{conect}$ em língua portuguesa: uma análise funcional centrada no uso

Ivo da Costa do Rosário
Professor Associado da Universidade Federal Fluminense
Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq
Jovem Cientista do Nosso Estado pela FAPERJ
ORCID: https://orcid.org/0000-0003-1315-6787
ivorosario@id.uff.br

RESUMO

À luz da Linguística Funcional Centrada no Uso (cf. FURTADO DA CUNHA; BISPO; SILVA, 2013; ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016), este artigo tem como objetivo geral postular a existência de uma ampla rede construcional associada ao esquema [X de]$_{conect}$ em língua portuguesa. A hipótese central é que esse esquema abriga pelo menos dois subesquemas aos quais estão ligadas diversas microconstruções conectoras responsáveis pela combinação de orações hipotáticas não finitas em língua portuguesa. Este estudo, marcadamente de viés teórico, adota uma metodologia de cunho qualitativo. Os resultados aferidos comprovam que instanciações do esquema [X de]$_{conect}$ distanciam-se dos seus usos prepositivos canônicos e passam a figurar no domínio da conexão interoracional.

PALAVRAS-CHAVE: Rede [X de]$_{conect}$; Combinação de orações; Microconstruções conectoras.

[X de]$_{connect}$ scheme in portuguese: a Usage-Based Functional Linguistics analysis

ABSTRACT

Under the perspective of the Usage-Based Functional Linguistics (cf. FURTADO DA CUNHA; BISPO; SILVA, 2013; ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016), this article aims to postulate the existence of a broad constructional network associated with the [X de]$_{connect}$ schema in Portuguese. The central hypothesis is that this schema contains at least two subschemas to which several connecting microconstructions responsible for the combination of non-finite hypotactic clauses in Portuguese are linked. This study, notably from a theoretical approach, adopts a qualitative methodology. The checked results prove that instantiations of the [X de]$_{connect}$ schema distance themselves from its prepositive canonical uses and start to figure in the domain of interclause connection.

KEYWORDS: [X de]$_{connect}$ network; Clause combining; Connecting microconstructions.

Ao citar este artigo, referenciar como: ROSÁRIO, Ivo da Costa do. Esquema [X de]$_{conect}$ em língua portuguesa: uma análise funcional centrada no uso. **Matraga**, v. 29, n. 56, p. 362-378, mai./ago. 2022.

DOI: 10.12957/matraga.2022.62105
Recebido em: 01/09/2021
Aceito em: 29/04/2022

1. Considerações iniciais

O estudo da gênese e dos usos dos conectores em língua portuguesa constitui um ponto de forte interesse dos linguistas. Dentre importantes trabalhos na área, podemos citar, por exemplo, Barreto (1999), que rastreou a gramaticalização de conjunções em toda história da língua portuguesa; Lima-Hernandes (2010), que investigou os processos sociocognitivos de mudança gramatical das estruturas X-que do português; e Neves (2000), em estudo que inventariou diversos elementos responsáveis pela junção de porções do discurso.

Por outro lado, ainda são muito escassos os trabalhos que investigam empiricamente os conectores instanciados pela partícula *de*, como *antes de*, *depois de*, *em vez de*, *em prol de* etc. Vejamos algumas ocorrências[1] de língua em uso, instanciadas por exemplares desses conectores:

(01) [*Antes de* tomar o rumo da serra ou do litoral], outra opção é a APA São Francisco Xavier, no distrito do município de São José dos Campos.[2]

(02) Os bandidos entraram na residência [*depois de* arrombar a janela de um dos quartos da casa], inclusive quebrando um cadeado. Ela é uma pessoa muito doce com todos, não fala.[3]

(03) O athletico sempre teve fama de ter uma organização e estrutura exemplar. Então, o Corinthians devia melhorar a dele [*em vez de* criticar o mensageiro].[4]

(04) Esperamos que a atuação rápida do Ministério Público proporcione resposta rápida ao pedido feito pelo presidente (...) [em prol de preservar a paz e o bom desenvolvimento da justiça], diz o texto.[5]

Em (01) e em (02), respectivamente, os conectores *antes de* e *depois de* introduzem orações hipotáticas temporais. Em (03), o conector *em vez de* é responsável por marcar uma oração hipotática substitutiva. Por fim, em (04), *em prol de* marca uma oração hipotática com noção de finalidade. Em comum, todos esses conectores têm uma marca formal: são constituídos por um ou mais *slots* seguido(s) da preposição *de*. Em termos funcionais, esses conectores têm a pro-

[1] Como foi informado no resumo, este artigo é de natureza mormente teórica. Por esse motivo, por questão de espaço disponível para discussão, apresentamos somente algumas ocorrências acompanhadas de breves análises em dimensão qualitativa. Todos os dados usados no texto são extraídos do *Corpus do Português*, disponibilizado no site http://www.corpusdoportugues.org/. Trata-se de um grande inventário em versão digitalizada e acessível via internet. Utilizamos a interface NOW, justamente por apresentar uma amostra mais recente da língua portuguesa, que vai de 2012 a 2019. Em todos os dados transcritos, apresentamos o *link* por meio do qual é possível consultar as fontes em sua integralidade.

[2] Fonte: http://www.saopaulo.sp.gov.br/spnoticias/cinco-opcoes-de-passeios-em-sp-para-curtir-frio-e-natureza/. Acesso em 31/08/2021.

[3] Fonte: https://www.gazetaonline.com.br/noticias/policia/2019/06/idosa-de-82-anos-e-agredida-por-bandidos-dentro-de-casa-em-cariacica-1014187428.html. Acesso em 31/08/2021.

[4] Fonte: https://www.meutimao.com.br/noticias-do-corinthians/320634/pedro-henrique-compara-estruturas-de-corinthians-e-athletico-e-depois-se-explica-em-rede-social. Acesso em 31/08/2021.

[5] Fonte: https://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,guaido-denuncia-morte-de-militar-acusado-de-planejar-golpe-contra-maduro,70002896475. Acesso em 31/08/2021.

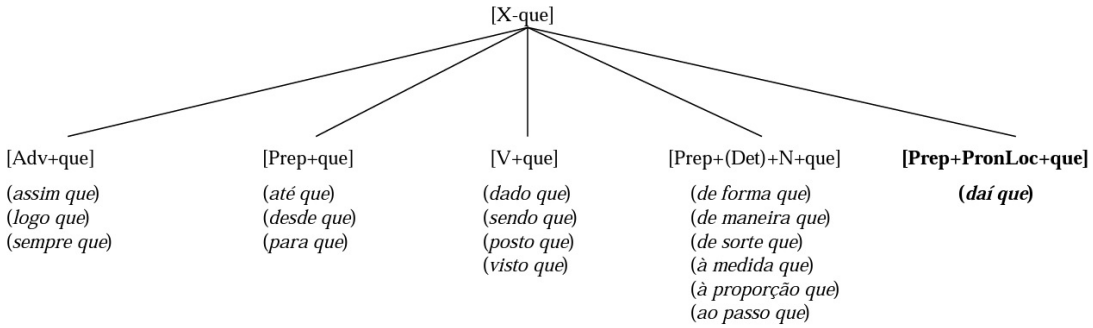
priedade comum de introduzir orações não finitas (ou reduzidas de infinitivo, como são mais conhecidas na Tradição gramatical).

Neste trabalho, definem-se conectores como "marcadores especiais que indicam a natureza das conexões interoracionais" (cf. LANGACKER, 1987, p. 423-424). Na literatura sobre o tema, são elementos tradicionalmente referidos como subordinadores, conjunções ou conjunções subordinativas. Os advérbios que conectam sentenças (tanto finitas quanto não finitas) também estão incluídos nesse rol. Sem dúvida, essa é uma definição longe de ser consensual, mas é a adotada neste trabalho para fins de recorte analítico. Lenker (2010, p. 23) acrescenta os seguintes traços às características dos conectores: não são flexionáveis, não governam caso, estabelecem relação semântica entre duas entidades e ligam proposições. Os conectores indicados de (01) a (04) espelham todas essas características aqui listadas.

No enquadre teórico da Linguística Funcional Centrada no Uso (doravante LFCU), o surgimento dos conectores normalmente é explicado por meio de *chunkings* e neoanálises[6] decorrentes da união de advérbios, preposições, verbos e de outras unidades linguísticas à partícula *que*, no que se convencionalizou denominar rede [X que]$_{conect}$. Esses conectores, por sua vez, passam a atuar majoritariamente na combinação de orações finitas, em uma área mais central dos estudos gramaticais (cf. CEZARIO, SANTOS, SILVA, 2019)

O esquema 1, extraído de Arena (2015, p. 67), ilustra uma parte da rede [X que]$_{conect}$. Por meio dessa representação, é possível perceber a presença de conectores mais clássicos, como *visto que*, *logo que*, ao lado de outros ainda pouco atestados nas gramáticas do português, como *daí que*.

ESQUEMA 1. Esquema [X-que]$_{conect}$ em língua portuguesa



Fonte: ARENA, 2015, p. 67

Uma análise mais atenta e criteriosa dos múltiplos recursos linguísticos utilizados para a junção de orações permite a detecção de uma série de outros conectores normalmente não contemplados pelas gramáticas normativas e nem mesmo por obras de caráter descritivo[7], como os ilustrados de (01) a (04). Trata-se de um conjunto de conectores menos prototípicos e em processo de conven-

[6] Os conceitos de *chunking* e neoanálise serão apresentados em detalhes na próxima seção.

[7] Devemos frisar que, na verdade, os elementos da rede [X de]$_{conect}$ estão na literatura gramatical em geral. Contudo, comumente esses elementos são tratados como locuções prepositivas ou preposições complexas, o que diverge do nosso ponto de vista analítico. Essa classificação tradicional escamoteia uma função importante desses elementos, que é a de ligar orações (ainda que não finitas).

cionalização, dado o seu caráter mais marginal. Neste trabalho, propomos que esses conectores sejam abrigados na rede [X de]$_{conect}$, alimentada pelos mesmos processos cognitivo-funcionais aferidos na constituição da rede [X que]$_{conect}$, como será explicado em mais detalhes adiante.

Feitas estas considerações iniciais, podemos partir para a apresentação de alguns conceitos que pertencem ao arcabouço teórico da LFCU, que dá sustentação a este artigo. Em seguida, teremos a oportunidade de discutir a existência e as propriedades da rede [X de]$_{conect}$ em mais detalhes.

2. Arcabouço teórico

A LFCU (ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016; TRAUGOTT e TROUSDALE, 2013) pode ser considerada como uma nova fase das pesquisas funcionalistas, em que se agrega o conhecimento acumulado pela Gramática de Construções Baseada no Uso a todo suporte teórico da vertente norte-americana da Linguística Funcional, com contribuições da Linguística Cognitiva.

A conjugação desses pressupostos tem sido muito profícua nos diversos estudos empreendidos pelos pesquisadores funcionalistas (ARENA, 2015; OLIVEIRA, 2016; ROSÁRIO, 2012, 2017, 2018a, 2018b), na interface das investigações do polo da forma e do significado das construções. Adotamos esse instrumental teórico também neste estudo dos conectores da rede [X de]$_{conect}$, tendo em vista a sua adequação à investigação científica com base na realidade empírica das línguas humanas.

Na LFCU, assumimos o que se denomina *abordagem construcional da gramática*. Nessa perspectiva, consideramos que toda língua é formada por um grande inventário de pareamentos simbólicos de forma e significado. Há um relativo consenso de que as construções abarcam desde morfemas até instâncias mais complexas, como padrões sintáticos, gêneros e sequências tipológicas. Esses pareamentos simbólicos estruturam-se em um modelo de rede, por meio de nós e *links* (cf. GOLDBERG, 1995, 2006; HILPERT, 2014). Esses nós, por sua vez, organizam--se por meio de ligações horizontais e verticais (DIESSEL, 2017).

Segundo a abordagem construcional, não há divisão estrita entre léxico e gramática, a língua é vista como um sistema adaptativo complexo (BYBEE, 2010) e está interligada a processos cognitivos de domínio geral. De fato, todo conhecimento linguístico é derivado de nossas experiências sensório-motoras com o mundo. Em síntese, há um espelhamento entre estrutura das línguas e estruturas conceptuais.

As construções podem ser organizadas em diferentes dimensões:

QUADRO 1. Dimensões da construção

Tamanho	Atômica *café, -s* (pl)	Complexa *sei* lá, por isso	Intermediária *pós*-graduação
Especificidade fonológica	Substantiva *café, -eiro*	Esquemática *SV, Sprep*	Intermediária *Adj -mente*
Conceptualização	Conteudista *café, SV*	Procedural *-s (pl), por isso*	Intermediária *poder* (modal)

Fonte: ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016, p. 240, com base em TRAUGOTT E TROUSDALE, 2013, p. 13

Conforme indica o quadro anterior, quanto ao tamanho, as construções podem ser atômicas (formadas por um único elemento), complexas (formadas por mais de um elemento) ou intermediárias (formadas por palavras compostas, por exemplo). No que concerne à especificidade fonológica, há construções substantivas (preenchidas), esquemáticas (com *slots* abertos) ou intermediárias (com partes preenchidas e partes abertas ao mesmo tempo). Por fim, quanto à conceptualização, as construções podem ser conteudistas (mais ligadas ao plano do léxico), procedurais (mais ligadas ao plano da gramática) ou intermediárias (em um nível mediano do *continuum* léxico-gramática).

Assim, em perspectiva construcional, podemos afirmar que *antes de*, *depois de*, *em vez de*, *em prol de* etc., com função de conectores interoracionais, podem ser classificados como construções complexas (pois são formadas por mais de um elemento), substantivas (pois são totalmente preenchidas) e procedurais (pela sua função eminentemente gramatical).

As pesquisas em Gramática de Construções têm sido cada vez mais frequentes nas línguas românicas (BOAS e GONZÁLVEZ-GARCÍA, 2014). No Brasil, há vasto número de trabalhos já realizados nessa perspectiva, sempre desenvolvida a partir de uma visão dinâmica e plástica do sistema linguístico, como pode ser verificado em Cezario, Santos e Silva (2015), Fernandes (2017), Gervásio (2016) e em tantos outros trabalhos desenvolvidos no país.

Na análise construcional, três fatores são de especial importância: esquematicidade, produtividade e composicionalidade (cf. TRAUGOTT e TROUSDALE, 2013; ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016). A esquematicidade diz respeito ao nível de abstração das construções, tendo em vista que esses pareamentos simbólicos podem ser bastante abstratos ou bastante específicos (além de diversos pontos intermediários). Essa organização esquemática das construções tem sido representada por meio de uma hierarquia comumente composta de três níveis: esquema > subesquema > microconstrução. Os constructos, por sua vez, são os *tokens* ou dados empiricamente comprovados no uso. A produtividade diz respeito à extensibilidade da construção, associada a sanções e restrições. O levantamento de frequência *type* e *token* também é importante nesse aspecto. Por fim, a composicionalidade diz respeito ao grau de transparência entre forma e significado das construções. Pode ser de natureza sintática ou semântica.

Outro conceito fundamental na pesquisa é *chunking*, alçado por Bybee (2010, p. 33) ao *status* de habilidade cognitiva de domínio geral. Refere-se à capacidade humana de construir estruturas recursivamente, propiciando um aumento de integração entre as partes. Os *chunks*, por sua vez, são unidades de organização da memória. Na formação dos conectores complexos, comumente ocorre *chunking*, tendo em vista que elementos antes dissociados e com autonomia sintático-semântica passam a ser embalados, de modo progressivo, como unidades linguísticas dotadas de nova forma e de novo significado.

No processo de criação de novos conectores, Heine e Kuteva (2007, p. 210) destacam o papel das recategorizações, no sentido de que os falantes normalmente recrutam velhas formas para novas funções. Com isso, o estado sincrônico das línguas pode ser visto como "o produto congelado de processos cognitivos e comunicativos ocorridos no passado", com formas antigas desempenhando novos papéis na gramática.

De acordo com Traugott e Dasher (2005) e González-Cruz (2007, p. 147), os significados tendem a se basear cada vez mais nas crenças subjetivas dos falantes. Com o tempo, falantes e escreventes desenvolvem significados para os diversos elementos linguísticos que codificam ou externalizam as suas perspectivas e atitudes. A esse processo semasiológico, os autores denominam subjetificação (cf. TRAUGOTT e DASHER, 2005). Trata-se de uma espécie de interpretação enriquecida, em que significados novos passam a conviver com significados mais antigos. Para sermos mais precisos, nem sempre há polissemia, mas ambiguidade pragmática, tendo em vista a não convencionalização do novo significado, que, em certas situações, ainda é muito contextualmente dependente.

Tanto as recategorizações (no plano formal) quanto as semanticizações e inferências sugeridas (no plano funcional) moldam a arquitetura construcional das línguas, provocando expansões de diversas naturezas. Nesse sentido, é válida a proposta de Himmelmann (2004) para a investigação da rede [X de]$_{conect}$. Seus postulados são muito úteis à abordagem construcional da gramática. Segundo o autor, há três tipos de mudança/expansão (cf. ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016, p. 238):

> mudança da classe hospedeira, com a ampliação paradigmática de membros de uma dada categoria, face à entrada de novo membro na classe; b) mudança de contexto sintático, envolvendo metonimização, com rearranjo na ordem dos constituintes internos e consequente formação de uma nova sintaxe regular de expressão; c) mudança de contexto semântico-pragmático, considerada por Himmelmann (2004) como a mais importante, uma vez que envolve desbotamento de sentido, com ressemantização e uso anafórico associativo.

Outro conceito bastante relevante é o de gradiência (cf. BYBEE, 2010). De acordo com Aarts et al. (2004), Aarts (2007) e Goethem (2017, p. 34), a gradiência sincrônica reflete a gradualidade diacrônica. Nesse sentido, as construções não podem ser consideradas entidades monolíticas. Ao contrário, a variação (decorrente da gradiência) está sempre presente. A gradiência pode se dar entre membros de uma mesma categoria, em que uns são mais prototípicos que outros (gradiência subsectiva ou intracategorial), ou pode ser atestada ainda por meio de fronteiras difusas entre categorias distintas (gradiência intersectiva ou intercategorial). Vejamos mais dois dados do conector *antes de*:

(05) [*Antes de* ser apresentadora na TV], Daniella brilhou muito nas passarelas. À época, ela era comparada com Gisele Bündchen.[8]

(06) O Instagram é meu e não vou fazer média com ninguém. [*Antes de* ser artista], sou um ser humano e não abro mão disso! Graças a Deus sou dono do meu destino.[9]

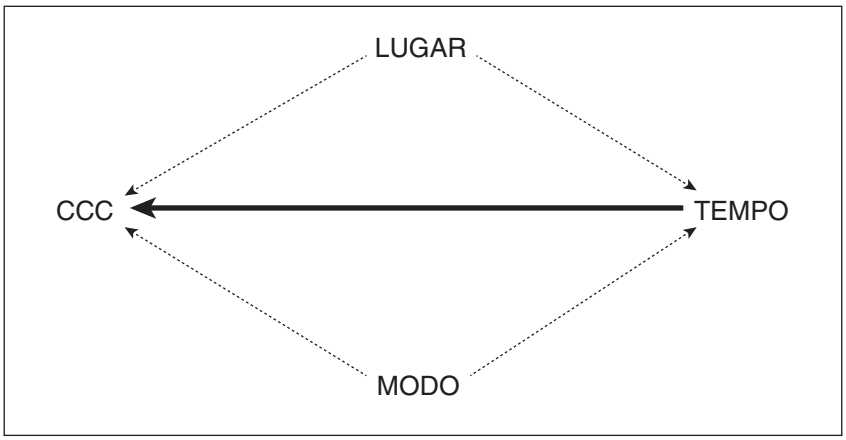
[8] Fonte:https://gente.ig.com.br/fofocas-famosos/2019-06-26/vida-de-riqueza-e-glamour-saiba-aonde-estao-os-vjs-da-mtv.html. Acesso em 31/08/2021.

[9] Fonte: http://revista.cifras.com.br/noticia/zeze-di-camargo-chama-wesley-safadao-de-emergente-ja-passei-por-isso_11726. Acesso em 31/08/2021.

Nos dados (05) e (06), a oração hipotática temporal não finita é introduzida pelo conector *antes de*. Contudo, no dado (06), há uma inferência de contraste, tendo em vista que "antes de ser artista" não designa necessariamente uma ideia ou fato cronologicamente anterior a outra ideia ou fato, mas indica ordem de importância. Na visão do falante, considerar-se um ser humano é mais importante do que considerar-se artista. Essa diferença gera um contraste entre os dois pontos salientados pelo falante. Logo, entre os usos de *antes de*, ilustrados por meio de (05) e (06), pode ser ilustrada a gradiência subsectiva ou intracategorial.

Essa derivação foi amplamente estudada por Kortmann (1997, p. 117). É o que ocorre também com relação a *agora*, *enquanto*, *quando* e outros elementos linguísticos originalmente temporais recrutados para a expressão de contraste. Por meio da figura 1, o pesquisador ilustra como o tempo alimenta as relações CCC (causa, condição, contraste), que são noções mais abstratas que as ideias de lugar, tempo e modo. Deve-se destacar que a linha mais espessa indica justamente um canal mais comum de derivação, qual seja, a relação do tipo tempo > CCC:

FIGURA 1. Espaço semântico interoracional



Fonte: KORTMANN, 1997, p. 117, tradução do autor

De modo mais preciso, à luz de Sweetser (1990), não há propriamente dois significados distintos entre os usos de *antes de* em (05) e (06), mas uma situação de ambiguidade pragmática, proporcionada por inferências presentes em (06). O maior nível de subjetificação, com forte projeção do falante sobre o discurso, colabora para que *antes de* espelhe esse efeito de sentido contrastivo, de cunho acentuadamente contextual. Nos termos de Himmelmann (2004), podemos falar também em uma expansão semântico-pragmática, considerando que tempo é comumente tomado como fonte para a ideia de contraste.

As expansões ocorrem por meio de mecanismos e processos diversos. Um destaque muito importante deve ser dado aos processos de *neoanálise* e *analogia*. Enquanto a analogia opera no nível paradigmático, a neoanálise ocorre no nível sintagmático (cf. TRAUGOTT e TROUSDALE, 2013; HILPERT, 2014; GOETHEM, 2017). Comumente a neoanálise é apresentada como um mecanismo formador de conectores, ao reorganizar a estrutura sintagmática dos elementos linguísticos. Envolve expansão contextual e extensão gradiente em micropassos, podendo ser de natureza sintática ou semântica. É a neoanálise, por exemplo, que permite uma nova interpreta-

ção para *antes de*, não mais visto como advérbio (*antes*) + preposição (*de*) em justaposição, mas como conector hipotático temporal (*antes de*), com nova forma e novo significado.

Por outro lado, na perspectiva da abordagem construcional, também a analogia tem papel preponderante na formação de microconstruções do esquema [X de]$_{conect}$, uma vez que novos conectores podem ser formados a partir de um movimento *top-down*, ou seja, do nível mais esquemático para o nível mais baixo da hierarquia construcional. Em outras palavras, o esquema em si funciona como um modelo atrator que, por sua vez, serve de modelo para a formação de outras unidades linguísticas.

Na próxima seção, vejamos o esquema [X de]$_{conect}$ propriamente dito e suas características principais.

3. Caracterização da rede [X de]$_{conect}$

Os conectores da rede [X de]$_{conect}$ são de difícil caracterização, tendo em vista suas fronteiras muito fluidas em relação a outras categorias gramaticais, como a dos advérbios e das preposições (cf. LUCERO, 1999). Aliás, deve ser ressaltado que a delimitação entre essas categorias tem sido objeto de muitas discussões, haja vista especialmente a fluidez categorial entre preposições e conjunções subordinativas, já que ambas estabelecem relações hierárquicas entre um elemento A subordinante e um elemento B subordinado.

Até mesmo em propostas mais modernas, *antes de*, *depois de*, *em vez de*, *em prol de* etc têm sido normalmente classificados como preposições complexas ou como locuções prepositivas, devido à sua equivalência funcional com as preposições simples[10] (cf. ALMEIDA, SOUZA e KEWITZ, 2018). Entretanto, neste trabalho, adotamos uma visão um pouco distinta.

Deve ser destacado que, sem dúvida, as preposições também têm valor conector, já que participam do domínio da conexão, ligando elementos linguísticos. Contudo, a defesa de uma função conectora (como um rótulo distinto da função prepositiva) pretende revelar, com maior clareza, o papel das microconstruções associadas ao esquema [X de]$_{conect}$, na função de ligar orações hipotáticas não finitas. A função prepositiva, por sua vez, restringe-se aos casos em que há ligação de constituintes em nível inferior ao da oração. Vale ressaltar que essa distinção é coerente com a definição adotada neste artigo para o termo *conector*: "marcador especial que indica a natureza das conexões interoracionais" (cf. LANGACKER, 1987, p. 423-424, grifo nosso).

É verdade que alguns desses elementos da rede [X de]$_{conect}$ já contam com *status* conjuncional em algumas gramáticas, como *apesar de*, no rol das concessivas (cf. CUNHA e CINTRA, 2001; BECHARA, 1999). Deve-se destacar, contudo, que essa é uma idiossincrasia, visto que poucos conectores instanciados pela preposição *de* estão incluídos entre as conjunções prototípicas.

[10] Essa também é a opção de Câmara Jr. (1979, p. 182) ao abordar esse tema. O autor propõe três padrões morfológicos de formação de "perífrases preposicionais ou locuções prepositivas", sendo dois deles coincidentes com o que discutimos neste artigo: *Adv + Prep* e *Prep + Nome + Prep*. Entretanto, vale frisar que Câmara Jr. (1979) não faz nenhuma referência ao papel desses elementos no campo das relações interoracionais, que é o foco deste artigo.

Gramáticas mais modernas tendem a apresentar um tratamento assistemático do tema. Por exemplo, Lobo (1999) lista as conjunções *antes de*, *depois de* (temporais), *apesar de* (concessiva), *no caso de*, *na condição de* (condicionais), *em vez de* (substitutiva) e *para além de* (acrescentativa). Entretanto, a apresentação do tema está diluída no contexto da subordinação adverbial sem qualquer referência a uma visão mais orgânica do assunto ou às propriedades que permitem agregar esses conectores em um mesmo conjunto.

Hopper e Traugott (2003, p. 178), Heine e Kuteva (2007, p. 221), Goethem (2017, p. 34) e outros, sob o escopo dos estudos em gramaticalização, revelam que a recategorização de preposições em conectores oracionais faz parte de uma dinâmica natural nas línguas. Essas recategorizações ocorrem devido à (inter)subjetivização (cf. TRAUGOTT; DASHER, 2005), ou seja, o desejo de os falantes serem cada vez mais expressivos. Em perspectiva construcional, Croft (2001, p. 344) também reforça esse paradigma e frisa a importância do canal preposição → conector subordinativo na trajetória das línguas humanas.

Em nossa perspectiva, em recorte sincrônico, defendemos, de modo mais preciso, que os conectores da rede [X de]$_{conect}$ espelham uma relação de gradiência intersectiva entre a categoria das preposições e a categoria das conjunções. Isso significa que os conectores da rede [X de]$_{conect}$ são híbridos, o que é comprovado, inclusive, pelo fato de esses elementos só ligarem orações não finitas, que também são entidades de caráter híbrido, haja vista sua natureza verbo--nominal.

Na literatura, de forma geral, os conectores aqui estudados raramente são apresentados em sua função de ligar orações. Dessa forma, fica sempre realçado o seu caráter prepositivo, ligando palavras e sintagmas não oracionais. Contudo, isso é um reducionismo, já que os dados comprovam o uso dos conectores da rede [X de]$_{conect}$ estabelecendo relações entre orações.

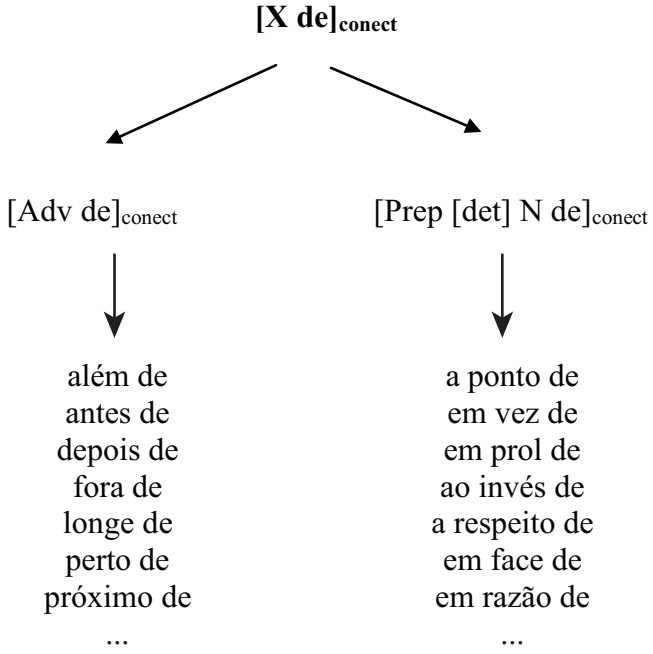
Outra dificuldade apresentada é a própria natureza do infinitivo, visto como destituído de propriedades verbais. Defendemos que o infinitivo deve ser explorado em um *continuum* de finitude, como nos apresentam Lehmann (1985, p. 213) e Givón (1993, p. 289-290). Segundo este último autor, o que se compreende por infinitivo varia desde uma nominalização lexical (como é o caso do infinitivo em posição nuclear do sintagma) até uma forma verbal com marcas flexionais (como é o caso do infinitivo pessoal no português). Nos dados que analisamos, o infinitivo sempre tem caráter [+ verbal], dada sua funcionalidade de expressar eventos.

Na perspectiva de Langacker (1987), as entidades linguísticas são distribuídas entre COISAS e RELAÇÕES. As coisas são dotadas de substantividade. As relações, por sua vez, são caracterizadas por forças dinâmicas. *Grosso modo*, *coisas* são substantivos e *relações* são verbos. Segundo o autor, o infinitivo está associado ao domínio das relações. Não são processos (como os verbos canônicos dotados de modo, tempo, número e pessoa), mas ainda assim designam cenas complexas. Logo, não equivalem aos nomes.

Em outro momento, Langacker (1987, p. 441) distingue as orações finitas das não finitas, respectivamente, como *proposições* e *ocorrências*. As ocorrências, por sua vez, são eventos ou situações, e não propriamente coisas. Essa perspectiva do autor reforça o caráter verbal (ainda que não prototípico) do infinitivo e corrobora a nossa defesa. Consequentemente, as microconstruções conectoras do esquema [X de]$_{conect}$ não ligam elementos simples (ou "coisas"), o que seria típico das preposições, mas orações não finitas.

Feitas todas essas importantes observações sobre a rede [X de]$_{conect}$, o que ilustra sua alta complexidade, já podemos apresentá-la em termos esquemáticos. Reiteramos que a característica central desse esquema é combinar orações não finitas, especialmente as orações conhecidas como subordinadas adverbiais (ou hipotáticas) infinitivas. Essa rede pode ser apresentada parcialmente como segue:

ESQUEMA 2. Rede dos conectores [X de] em língua portuguesa



Fonte: Produzido pelo autor

Associados ao esquema [X de]$_{conect}$, podemos postular a existência de dois subesquemas: [Adv de]$_{conect}$ e [Prep [det] N de]$_{conect}$. Cada subesquema, por sua vez, abriga uma série de microconstruções conectoras, como *além de*, *antes de*, *depois de*, *a ponto de*, *em vez de*, *em prol de* etc. Neste artigo, os dados (01), (02), (05) e (06) ilustram o primeiro subesquema; os dados (03) e (04) ilustram o segundo.

É preciso destacar que esse rol de microconstruções conectoras não é exaustivo, o que é indicado pelas reticências ao final de cada lista. De fato, no caso da rede [X de]$_{conect}$, é provável que haja muitos outros conectores e até outros subesquemas em uso na língua portuguesa.

Em comum, todas essas microconstruções ainda exibem certo grau de composicionalidade, de modo que a carga adverbial e a carga nominal, respectivamente do primeiro e do segundo elementos nucleares de cada subesquema, ainda são parcialmente preservadas. É possível que os diferentes níveis de composicionalidade dos conectores atestados no esquema [X de]$_{conect}$ possam ser reflexos de contextos atípicos e críticos[11] (cf. DIEWALD e SMIRNOVA, 2012), visto

[11] Tomamos esse ponto como hipótese, pois somente uma investigação de cunho diacrônico poderia atestar a atipicidade e criticidade desses contextos de uso. É verdade que há evidências históricas, em diferentes línguas, de que essa é uma rota comum de mudança, geradora de novos conectivos na língua. Contudo, como este trabalho é de cunho eminentemente sincrônico, decidimos agir com parcimônia neste ponto.

que as recategorizações procedurais tendem a ser graduais, não automáticas, contextualmente dependentes e direcionais (cf. GOETHEM, 2017, p. 36-38). Assim, esses conectores ainda estariam em processo de convencionalização na língua, o que não os credenciaria ainda ao rótulo de conjunções, que são conectores mais estabilizados. O próprio fato de ligarem somente orações não finitas e sua analisabilidade reforçam essa perspectiva. Por outro lado, não é acertado asseverar que esses conectores sejam totalmente composicionais, haja vista seu papel funcional semelhante ao das conjunções hipotáticas do português.

A título de ilustração, vamos analisar mais alguns dados, para que conheçamos o comportamento de uma das microconstruções do subesquema [Adv de]$_{conect}$[12], no caso, o conector *depois de*:

(07) E *depois do* manto de neve, há um vulcão em erupção para "aquecer" a ilha mais famosa dos videojogos, além de outras novidades entre armas, skins e recompensas.[13]

(08) Quero voltar a competir, inclusive na Mit Cup. Até porque logo alguém vai passar meus títulos, afirmou. Estou voltando *depois de* oito anos. A Triton Sport R é uma delícia.[14]

(09) Segundo os bombeiros, o praticante de paraglider, que aparenta ter 35 anos, caiu [minutos *depois*] *de* saltar do Morro do Maluf, em Guarujá. Para o resgate, as equipes dos bombeiros tiveram que adentrar em área de mata.[15]

(10) De acordo com a reportagem, Pinheiro apresentou a versão que acabou incriminando o ex-presidente em abril de 2017, [mais de um ano *depois*] *de* começar a negociar com a Lava Jato.[16]

(11) *Depois de* participar das manifestações pró-Bolsonaro do dia 26 de maio para trolar os bolsonaristas, a youtuber Mariana Motta, do Canal Púrpura, esteve no protesto deste domingo (30/6) com uma faixa escrito "Cadê o Queiroz?".[17]

Os dados de (07) a (11) espelham claramente variados usos de *depois de* no português atual. Esses diversos usos espelham uma situação de gradiência intersectiva, em que há usos prototipicamente prepositivos de um lado e usos prototipicamente conectores de outro, além de

[12] Por uma questão de espaço disponível, não vamos explorar o segundo subesquema nem outras microconstruções do esquema [Adv de]$_{conect}$. Por outro lado, os dados anteriormente apresentados cumprem o papel de ilustrar seus usos no português.
[13] Fonte:https://www.sabado.pt/portugal/detalhe/altice-menos-de-um-milhar-vao-ter-parecer-positivo-em-programa-de-saidas-voluntarias. Acesso em 31/08/2021.
[14] Fonte:https://www.grandepremio.com.br/mitsubishi-motors/noticias/indaiatuba-recebe-mitsubishi-cup-para-etapa-longa-e-repleta-de-desafios. Acesso em 31/08/2021.
[15] Fonte: https://www.atribuna.com.br/cidades/guaruja/homem-cai-de-parapente-minutos-ap%C3%B3s-saltar-do-morro-do-maluf-em-guaruj%C3%A1-1.57774. Acesso em 31/08/2021.
[16] Fonte: https://www.terra.com.br/noticias/brasil/politica/lava-jato-duvidou-de-empreiteiro-que-incriminou-lula-apontam-mensagens,d30d6e4f2cef27cd499c74821aab377cwoxw7fr8.html. Acesso em: 31/08/2021.
[17] Fonte: https://revistaforum.com.br/barbie-fascista-vai-ao-ato-pro-moro-na-avenida-paulista-com-faixa-cade-o-queiroz/. Acesso em 31/08/2021.

situações híbridas. Essa gradiência é naturalmente acompanhada de diferentes níveis de composicionalidade sintático-semântica, como vamos comentar a partir deste momento.

Em (07) e (08), consideramos *depois de* como um exemplar canônico de função prepositiva. Como se verifica, em (07), essa locução é utilizada para indicar localização espacial de um referente em um contexto não oracional. *Depois de* localiza "um vulcão em erupção" em um espaço físico concreto, no caso, em uma região um pouco distante do "manto de neve". Em (08), por sua vez, "depois de oito anos" designa um marco temporal. Como nos indica a hipótese localista (TRAUGOTT e HEINE, 1991; BAROTÉO, 2000), usamos referentes concretos como base para a expressão de conceitos mais abstratos. Assim, *depois de*, utilizado para enquadrar uma cena espacial em (07), serve como base para uma marcação temporal em (08). Nenhum dos dois usos de *depois de* aqui descritos pertencem ao esquema $[X\ de]_{conect}$, já que não ligam orações.

Em (09) e (10), *depois de* é utilizado em contexto oracional, visto que vem acompanhado de formas infinitivas do verbo, respectivamente "saltar" e "começar". Logo, são usos distintos dos dados anteriormente apresentados. Contudo, em ambos os casos, *depois de* é usado de modo vinculado a partículas de valor temporal situadas à esquerda. Assim, em (09), temos "minutos depois" e, em (10), temos "mais de um ano depois", como especificações mais refinadas da carga temporal do advérbio "depois".

A integração percebida nessas expressões ("minutos depois" e "mais de um ano depois") faz com que a preposição *de* ainda não esteja plenamente vinculada ao advérbio *depois*. Nesse sentido, os colchetes indicam uma fronteira morfossintática entre "depois", mais ligado ao elemento precedente, e a preposição "de" à sua direita. Em outras palavras, nesses dados (09) e (10), não se verifica o fenômeno de *chunking*, já que "depois" e "de" são composicionais tanto em termos sintáticos quanto semânticos, com suas duas partes bastante preservadas[18]. Em (09), por exemplo, não seria possível a inversão da oração com um suposto *chunk* "depois de", visto que a paráfrase seria "Depois de saltar do Morro do Maluf, em Guarujá, o praticante de paraglider caiu minutos". Essa impossibilidade de paráfrase demonstra claramente a falta de vinculação entre "depois" e "de".

Por fim, em (11), temos um legítimo exemplar da microconstrução conectora *depois de*. Podemos advogar que os dois elementos componentes perdem composicionalidade (apesar de ainda ser possível recuperar o sentido das partes), haja vista sua maior integração no plano sintagmático. Nesse dado, *depois de* comporta-se como um conector responsável por indicar uma hipotaxe temporal, visto que está desvinculado de partículas à esquerda, integra uma sequência oracional com verbo infinitivo e introduz uma oração que exibe mobilidade posicional, o que é um forte traço das orações hipotáticas.

Com base na análise qualitativa desses dados apresentados, podemos perceber os deslizamentos metafóricos (de usos mais concretos ligados à localização temporal para usos mais abstratos associados ao campo da integração de orações) e as recategorizações em diferentes usos desses compostos sintagmáticos. Ademais, é possível distinguir funções prepositivas de fun-

[18] A literatura apresenta alguns testes cuja função é medir os níveis de composicionalidade ou "graus de fusão" de expressões complexas. Podemos citar Quirk et al. (2008, p. 671-672), por exemplo. Segundo os autores, há nove traços que ajudam a estabelecer diferentes níveis de gradiência entre as chamadas preposições complexas e as "sequências nominais livres". Por conta do espaço disponível, essa discussão não foi apresentada neste texto.

ções conectoras que se dispõem em um *continuum* que expressa gradiência construcional (cf. TRAUGOTT e TROUSDALE, 2013; HILPERT, 2014).

O esquema [X de]$_{conect}$, na sua função de ligar orações não finitas, oferece grandes desafios para sua descrição analítica. Talvez por isso não tenha recebido a devida atenção por parte dos gramáticos e linguistas. Entretanto, como se trata de um esquema produtivo em língua portuguesa, de fato, requer maior atenção dos pesquisadores.

4. Considerações finais

O estudo dos conectores é um ponto central da morfossintaxe. Entretanto, a abordagem teórica tradicional (BECHARA, 1999; CUNHA; CINTRA, 2001) normalmente se restringe às conjunções canônicas derivadas do esquema [X que]$_{conect}$ e às conjunções simples que integram os períodos compostos por coordenação e subordinação.

As pesquisas em andamento demandam uma ampliação do escopo da investigação dos conectores no português, especialmente do esquema [X de]$_{conect}$, que ainda não contava com nenhum trabalho mais orgânico de análise. De fato, o próprio estudo das orações não finitas é tradicionalmente relegado a um segundo plano, tendo em vista seu caráter mais marginal e seu estatuto pouco consensual entre os pesquisadores.

A investigação aqui proposta, acentuadamente de caráter teórico, permitiu a comprovação da hipótese de que há uma ampla rede construcional associada ao esquema [X de]$_{conect}$. Essa rede é produtiva e cumpre um papel central na gramática do português, qual seja, a de introduzir orações não finitas com diferentes sentidos. Associados a esse grande esquema, podemos atestar, pelo menos, dois subesquemas: [Adv de]$_{conect}$ e [Prep [det] N de]$_{conect}$.

As microconstruções conectoras pertencentes ao esquema [X de]$_{conect}$ atuam no domínio da conexão interoracional, o que as afasta de seu papel prepositivo, mormente acentuado pelas gramáticas do português. Essas microconstruções são formadas por *chunkings* e neoanálises no eixo sintagmático. A perda progressiva de composicionalidade vai paulatinamente levando a uma maior fixação das subpartes. No eixo paradigmático, por sua vez, ocorre analogia: o próprio esquema abstrato [X de]$_{conect}$ serve como modelo atrator para novas microconstruções que vão se formando a partir do reaproveitamento de material linguístico já existente, como advérbios e nomes.

Com isso, o domínio da conexão interoracional sofre grande expansão, pois as recategorizações e os deslizamentos semântico-pragmáticos vão provocando rearranjos na língua, o que desencadeia a emergência de diversos novos nós com função conectora. No trânsito das categorias-fonte para as categorias-alvo, atestamos um cenário de acentuada gradiência subsectiva e intersectiva, fruto da gradualidade histórica dos micropassos de mudança.

Como foi informado no início deste trabalho, esta é uma primeira incursão na grande arena da rede [X de]$_{conect}$, ainda muito preterida por gramáticos e linguistas. Certamente há muitos aspectos ainda a ser investigados, como as diferenças funcionais entre os subesquemas aqui indicados, os diferentes níveis de vinculação entre as microconstruções listadas, os graus de finitude

do infinitivo em português, as características dos nomes e dos advérbios licenciados por essa construção, além de uma série de outras questões ainda em aberto. Contudo, está dada a largada.

FINANCIAMENTO

Este trabalho contou com financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), por meio de bolsa de produtividade em pesquisa, nível 2 (Processo nº 309706/2020-3), e com financiamento da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ), por meio de bolsa concedida pelo Programa Jovem Cientista do Nosso Estado (Edital nº 10/2019).

CONFLITO DE INTERESSES

Não há conflito de interesses.

AGRADECIMENTOS

Ao CNPq e à FAPERJ, pelo suporte financeiro.

REFERÊNCIAS

AARTS, Bas. **Syntactic gradience: the nature of grammatical indeterminacy**. Oxford: Oxford University Press. 2007.

AARTS, Bas; DENISON, David Denison; KEIZER, Evelien; POPOVA, Gergana (Orgs.). **Fuzzy grammar: a reader**. Oxford: Oxford University Press. 2004

ALMEIDA, Maria Lúcia Leitão; SOUZA, Janderson Lemos; KEWITZ, Verena. Preposições complexas: moldes e modos. *In*: TENUTA, Adriana Maria; COELHO, Sueli Maria (Orgs.). **Uma abordagem cognitiva da linguagem**: perspectivas teóricas e descritivas. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2018. p. 157-180.

ARENA, Ana Beatriz. **Construcionalização do conector "daí que" em perspectiva funcional centrada no uso**. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.

BARRETO, Therezinha Maria Mello. **Gramaticalização das conjunções na história do português**. 2v. 1999. Tese (Doutorado) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1999.

BATORÉO, Hanna. **Expressão do espaço no português europeu**: **contributo psicolinguístico para o estudo da linguagem e cognição**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.

BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

BOAS, Hans C.; GONZÁLVEZ-GARCÍA, Francisco. Applying constructional concepts to Romance languages. *In*: BOAS, Hans C.; GONZÁLVEZ-GARCÍA, Francisco (Org.) **Romance Perspectives on Construction Grammar**. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins Publishing Company, 2014, p. 1-35

BYBEE, Joan. **Language, usage and cognition**. Cambridge: Cambridge University Press. 2010.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **História e estrutura da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Padrão Livraria Editora LTDA, 1979.

CEZARIO, Maria Maura; CUNHA, Maria Angélica Furtado. (Orgs). **Linguística Centrada no Uso: uma homenagem a Mário Martelotta**. Rio de Janeiro: Mauad x FAPERJ, 2013, p. 12-39.

CEZARIO, Maria Maura; SANTOS, Monique; SILVA, Thiago dos Santos. Formação da construção [XQUE]$_{conect}$ no português. **E-scrita**: Revista do curso de Letras da UNIABEU. v. 6, n. 3, p. 229-243, set./dez. 2015. Disponível em: https://revista.uniabeu.edu.br/index.php/RE/article/view/1995.

CROFT, William. 2001. **Radical Construction grammar: syntactic theory in typological perspective**. Oxford: Oxford University Press.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

DIESSEL, Holger. Usage-based Linguistics. *In*: ARONOFF, Mark (Org.). **Oxford Research Encyclopedia of Linguistics**. New York: Oxford University Press, 2017, p. 1-26.

DIEWALD, Gabriele; SMIRNOVA, Elena. "Paradigmatic integration": the fourth stage in an expanded grammaticalization scenario. *In*: DAVIDSE, Kristin. et al. (Orgs.). **Grammaticalization and language change**: new reflections. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2012, p.111-131.

FERNANDES, Thaís Pedretti Lofeudo. **Construções correlatas proporcionais sob a perspectiva da Linguística Funcional Centrada no Uso**. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem) – Universidade Federal Fluminense, Niterói – RJ, 2017.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; BISPO, Edvaldo Balduíno; SILVA, José Romerito. Linguística Funcional Centrada no Uso: conceitos básicos e categorias analíticas. *In*: CEZARIO, Maria Maura; CUNHA, Maria Angélica Furtado. (Orgs). **Linguística Centrada no Uso**: uma homenagem a Mário Martelotta. Rio de Janeiro: Mauad x FAPERJ, 2013, p. 12-39.

GERVÁSIO, Tharlles Lopes. **A construção correlata aditiva nos séculos XIX e XX**: uma proposta de análise centrada no uso. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem) – Universidade Federal Fluminense, Niterói – RJ, 2016.

GIVÓN, Talmy. Inter-clausal connections and discourse coherence. *In*: GIVÓN, Talmy. **English Grammar**: a function-based introduction. vol. 1. John Benjamins Publishing Company. Amsterdam/Philadelphia. 1993.

GOETHEM, Kristel. Lexical categories and processes of category change. Perspectives for a constructionist approach. *In*: **Zeitschrift für Wortbildung** / Journal of Word Formation, vol. 1, 2017, nº 2, p. 31-61.

GOLDBERG, Adele. **Constructions: a construction approache to argument structure**. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, Adele. **Constructions at work: the nature of generalization in language**. Oxford: Oxford University Press, 2016.

GONZÁLEZ-CRUZ, Ana. On the subjectification of adverbial clause connectives. *In*: LENKER, Ursula; MEURMAN-SOLIN, Anneli (Orgs.). **Connectives in the History of English**. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins Publishing Company, 2007, p. 145-166

HEINE, Bernd; KUTEVA, Tania. **The genesis of grammar: a reconstruction**. Oxford: Oxford University Press, 2007

HILMMELMANN, Nikolaus. Lexicalization and grammaticalization: oppositive or orthogonal? *In*: BISANG, Walter. et al. (Orgs.). **What makes grammaticalization?** Berlin: Mouton de Gruyter, 2004, p. 21-42.

HILPERT, Martin. **Construction Grammar and its Application to English**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2014.

HOPPER, Paul; TRAUGOTT, Elizabeth Closs. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

KORTMANN, Bernd. **Adverbial subordination: a typology and history of adverbial subordinators bases on European languages**. Berlin: Mouton de Gruyter, 1997.

LANGACKER, Ronald W. **Foundations of Cognitive Grammar: Theoretical prerequisites**. vol. 1. Stanford University Press, Stanford – California, 1987.

LEHMANN, Christian. Towards a typology of clause linkage. *In*: HAIMAN, John; THOMPSON, Sandra A. **Clause combining in grammar and discourse**. Amsterdam: John Benjamins Publishing, 1985.

LENKER, Ursula. **Argument and rhetoric: adverbial connectors in the History of English**. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2010.

LIMA-HERNANDES, Maria Célia. **Processos sociocognitivos da mudança gramatical**: estruturas X-que do português. Tese de Livre-docência – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

LOBO, Maria. Subordinação adverbial. *In*: BOSQUE, Ignacio; DEMONTE, Violeta (Orgs.). **Gramática Descriptiva de la Lengua Española**. Espasa: Madrid, 1999 p. 1981-2057.

LUCERO, Mª Victoria Pavón. Clases de partículas: preposición, conjunción y adverbio. *In*: BOSQUE, Ignacio; DEMONTE, Violeta (Orgs.). **Gramática Descriptiva de la Lengua Española**. Espasa: Madrid, 1999, p. 565-656

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática de usos do Português**. São Paulo: UNESP, 2000.

OLIVEIRA, Jovana Maurício Acosta. 2016. **Análise funcional das construções correlatas alternativas**. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem) – Instituto de Letras, UFF, Niterói – RJ.

QUIRK, Randolph et al. **A comprehensive gramar of the English language**. London and New York: Longman, 2008.

ROSÁRIO, Ivo da Costa. Construções correlatas aditivas e disjuntivas. **Odisséia**, v. especial, p. 103-124, 2017. Disponível em: https://periodicos.ufrn.br/odisseia/article/view/12903/9020.

ROSÁRIO, Ivo da Costa. **Construções correlatas aditivas em perspectiva funcional**. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2012.

ROSÁRIO, Ivo da Costa. Reflexões sobre o critério da (in)dependência no âmbito da integração de orações. **Línguas & Letras** (Online), v. 17, p. 252-272, 2016. Disponível em: http://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/12744/

ROSÁRIO, Ivo Costa; OLIVEIRA, Mariângela Rios. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. **Alfa**: Revista de Linguística (UNESP. Online), v. 60, p. 233-259, 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/alfa/v60n2/1981-5794-alfa-60 -2-0233.pdf

ROSÁRIO, Ivo da Costa; PINTO, Myllena Paiva. Orações conformativas em foco: uma análise centrada no uso. **Línguas e instrumentos linguísticos**, Campinas – SP, v. 42, p. 175-201. jul/dez. 2018. Disponível em: http://www.revistalinguas.com/edicao42/artigo8.pdf

ROSÁRIO, Ivo da Costa; SOUZA, Brenda Silva. Construções correlatas aditivas no século XVIII: uma análise sob a perspectiva da Linguística Funcional Centrada no Uso. **Caderno Seminal Digital**, Rio de Janeiro – RJ, v. 1. n. 1, p. 133-173, jan/dez. 2018. Disponível em: http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/cadernoseminal/article/view/32054/26434

SWEETSER, Eve Eliot. Conjunction, coordination, subordination. *In*: SWEETSER, Eve Eliot. **From Etymology to Pragmatics**: metaphorical and cultural aspects of semantic structure. Cambridge, Cambridge University Press,1990, p. 76-112.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs; DASHER, Richard. **Regularity in semantic change**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs; HEINE, Bernd. **Approaches to Grammaticalization: Focus on Theoretical and Methodological Issues**. Amsterdam: John Benjamins, 1991.

TRAUGOTT, Elizabeth; TROUSDALE, Graeme. **Constructionalization and constructional changes**. Oxford, Oxford University Press, 2013.

Construções gramaticais e ponto de vista: as concessivas [Embora P, Q] e as condicionais concessivas [Se P, Q]

Lilian Ferrari
Universidade Federal do Rio de Janeiro, CNPq
ORCID: https://orcid.org/0000-0001-7808-4425
lilianferrari@letras.ufrj.br

Gabriela Ribeiro
Universidade Federal do Rio de Janeiro
ORCID: https://orcid.org/0000-0003-1801-9212
gabrielaribeiroufrj@gmail.com

RESUMO

Este trabalho contrasta construções concessivas [Embora P, Q] e condicionais concessivas [Se P, Q] em textos jornalísticos do português brasileiro. Com base no Princípio da Não Sinonímia (GOLDBERG, 1995), evidencia-se que essas construções apresentam diferenças pragmáticas que podem ser explicadas a partir da alternância de ponto de vista na rede de espaços mentais na qual se inserem (FAUCONNIER, 1994, 1997; CUTRER, 1994; DANCYGIER & SWEETSER, 2012). A análise destaca que, nas concessivas [Embora P, Q], o ponto de vista é alocado no espaço Base, referente ao aqui e agora do jornalista. Já nas condicionais concessivas [Se P, Q], o ponto de vista é deslocado para um espaço de discurso reportado, referente à fala de uma terceira pessoa reportada anteriormente no discurso. Associadas às diferentes estratégias de sinalização de ponto de vista, essas construções também refletem posturas epistêmicas distintas. As concessivas refletem postura epistêmica positiva e, portanto, comprometimento do jornalista com a factualidade do evento descrito na cláusula introduzida por "embora", enquanto as condicionais concessivas refletem postura epistêmica neutra, indicando que o jornalista expressa neutralidade com relação à factualidade do evento reportado na prótase condicional introduzida por "se".

PALAVRAS-CHAVE: Construção concessiva; Construção condicional concessiva; Ponto de vista.

Grammatical constructions and viewpoint: Concessives [Embora P, Q] and concessive conditionals [Se P, Q]

ABSTRACT

This work contrasts concessive constructions [Embora P, Q] and concessive conditionals [Se P, Q] in journalistic texts in Brazilian Portuguese. Based on the Non-Synonymy Principle (GOLDBERG, 1995), it is shown that these constructions present pragmatic differences that can be explained through viewpoint alternation in the relevant mental spaces configuration (FAUCONNIER, 1994, 1997; CUTRER, 1994; DANGYGIER & SWEETSER, 2005). The analysis claims that, in concessives [Embora P, Q], viewpoint is located in the base

Ao citar este artigo, referenciar como: FERRARI, Lilian; RIBEIRO, Gabriela. Construções gramaticais e ponto de vista: as concessivas [Embora P, Q] e as condicionais concessivas [Se P, Q]. **Matraga**, v. 29, n. 56, p. 379-393, mai./ago. 2022.

DOI: 10.12957/matraga.2022.62828
Recebido em: 05/10/2021
Aceito em: 24/09/2022

space, which refers to the journalist's here and now. On the other hand, in concessive conditionals [Se P, Q], viewpoint moves to a reported speech space which refers to the speech of a third party previously reported in discourse. Associated to different strategies in viewpoint marking, these constructions also reflect distinct epistemic stances. Concessives reflect positive epistemic stance and thus the journalist's commitment with the factuality of the event described in the clause introduced by "embora" (roughly, although), whereas concessive conditionals reflect neutral epistemic stance, indicating that the journalist exhibits neutrality with respect to the factuality of the event reported in the concessive conditional protasis introduced by "se" (roughly, if).

KEYWORDS: Concessive construction; Concessive conditional construction; Viewpoint.

1. Introdução

Este estudo objetiva contrastar as construções concessivas [Embora P, Q] e as condicionais concessivas [Se P, Q] no português brasileiro. A análise parte da noção de construção gramatical, em que se concebem as construções como pareamentos de forma e significado que constituem o conhecimento linguístico do falante[1] (GOLDBERG, 1995, 2006; HILPERT, 2014; DIESSEL, 2019). O significado, por sua vez, é abordado com base no referencial teórico da Teoria dos Espaços Mentais (FAUCONNIER, 1994, 1997).

Os dados analisados foram retirados de textos jornalísticos, acessados a partir da plataforma NILC/São Carlos[2]. O objetivo da pesquisa é contrastar as concessivas [Embora P, Q] e as condicionais concessivas [Se P, Q], observadas em contextos tais como:

(1) FSP940101-112:
Há um mercado em expansão para os melhores produtos destinados a cinemas de arte – especialmente, neste exato momento, filmes asiáticos. Mas ou você os vende muito bem, ou não vende de jeito nenhum... Assim, embora os números globais cresçam, não é muita gente que vê a cor dos lucros.

(2) FSP940224-002:
Até a votação, de fato, estava nas mãos do Congresso a responsabilidade de possibilitar aquilo que é considerado precondição básica para qualquer proposta de combate à inflação no país: um mínimo de equilíbrio orçamentário. (...) Se é condição necessária, porém, esse equilíbrio das contas públicas (...) fica longe de ser suficiente para derrotar o dragão inflacionário.

Levando-se em conta o Princípio da Não Sinonímia (GOLDBERG, 1995), a hipótese estabelecida é a de que apesar de semanticamente semelhantes, as concessivas introduzidas por "embora", tal como exemplificado em (1), e as condicionais concessivas, do tipo ilustrado em (2), apresentam diferenças pragmáticas.

[1] Embora o trabalho enfoque dados jornalísticos escritos, adotamos o uso convencional da dicotomia falante/ouvinte, para referência aos participantes da interação linguística.
[2] Disponível em: http://www.linguateca.pt.

A análise evidencia que a principal distinção pragmática entre as construções está relacionada à alternância na sinalização de ponto de vista na rede de espaços, na qual se inserem os espaços concessivos P e Q (FAUCONNIER, 1994, 1997; CUTRER, 1994; DANCYGIER & SWEETSER, 2005). Os resultados indicam que as concessivas [Embora P, Q] adotam o ponto de vista do espaço Base, referente ao aqui-e-agora do falante/redator, enquanto as condicionais concessivas [Se P, Q] são construídas a partir do deslocamento do ponto de vista da Base para um espaço de discurso reportado anteriormente aberto no discurso. Além disso, verifica-se que essa diferença nas estratégias de sinalização de ponto de vista reflete posturas epistêmicas distintas do jornalista em relação ao evento descrito em P. Sendo assim, as concessivas indicam postura epistêmica positiva e, portanto, comprometimento do jornalista com a factualidade do evento descrito na cláusula introduzida por "embora", enquanto as condicionais concessivas indicam postura epistêmica neutra, de modo que o jornalista exibe neutralidade em relação ao evento/estado de coisas descrito na prótase condicional.

2. Pressupostos teóricos

Nesta seção, enfocam-se os fundamentos teóricos da pesquisa. Em 2.1, a abordagem construcionista e a relação entre construções será abordada com base no Princípio da Não Sinonímia (GOLDBERG, 1995). Já em 2.2, o modelo dos espaços mentais é abordado, destacando-se a noção de ponto de vista, bem como o conceito de postura epistêmica.

2.1 Construções gramaticais e relações entre construções

A abordagem construcionista da gramática tem como ponto de partida a noção de construção gramatical, definida tradicionalmente como pareamento convencional entre forma, refletida no polo fonológico, e significado, que constitui o polo semântico-pragmático (LAKOFF, 1987; FILLMORE, KAY & O'CONNOR, 1988).

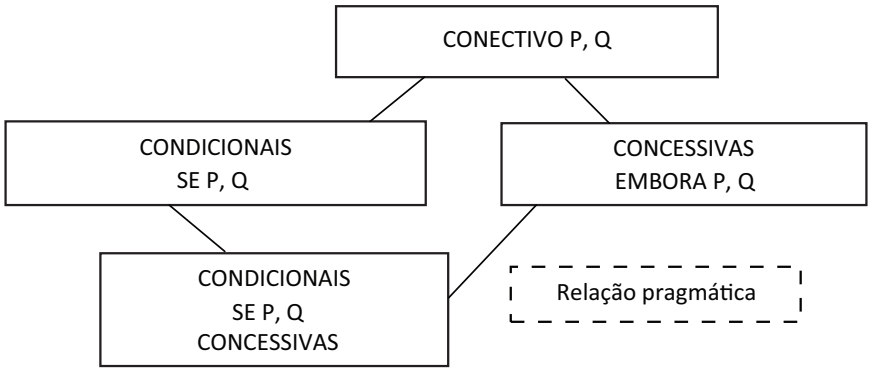
No âmbito da Gramática de Construções Cognitiva, que integra a vertente mais ampla da Gramática de Construções Baseada no Uso, postula-se, ainda, que aspectos da forma ou do significado não são estritamente preditíveis a partir de partes componentes da construção ou de outras construções previamente estabelecidas na língua (GOLDBERG, 1995). Posteriormente, Goldberg (2006) acrescenta, ainda, que mesmo quando totalmente preditíveis, padrões podem ser armazenados como construções, desde que ocorram com frequência suficiente.

Em linhas gerais, considera-se que as construções gramaticais têm significado convencional e esquemático, independentemente das palavras que as compõem. Além disso, acham-se organizadas em redes construcionais, tendo como um dos princípios psicológicos relevantes dessa organização o Princípio da Não Sinonímia, que prevê que se duas construções são sintaticamente distintas, tais construções devem ser também distintas semântica ou pragmaticamente. Como ilustrado por Goldberg (1995, p. 89), a construção bitransitiva *John gave Mary an apple* (literalmente, "John deu Mary uma maçã") e a construção dativa *John gave an apple to Mary* ("John deu uma maça para Mary") são sintaticamente distintas – [SN V SN1 SN2] e [SN1 V SN

SP], respectivamente) – e semanticamente semelhantes por se referirem ao mesmo evento no mundo; sendo assim, diferem pragmaticamente, e a diferença pragmática, neste caso, pode ser atribuída à estrutura informacional (LAMBRECHT, 1994). Assim, *John gave Mary an apple* seria uma resposta adequada à pergunta "O que John deu a Mary?", em que o recipiente *John*, por ter sido previamente mencionado no discurso, assume a função de tópico, e a maçã é a informação nova, assumindo a função de foco. Já em *John gave an apple to Mary*, ocorre exatamente o oposto, e a sentença seria adequada para responder a "A quem John deu uma maçã?"; nesse caso, a maçã é o tópico, e *Mary* é a informação nova com função de foco.

Partindo dessa perspectiva teórica, enfocamos, neste trabalho, a distinção pragmática entre as construções concessivas e as condicionais concessivas, que podem ser consideradas instanciações da estrutura complexa esquemática [CONECTIVO P, Q]. Nos casos em que a construção [Se P, Q] admite leitura concessiva, verifica-se uma semelhança semântica com as concessivas [Embora P, Q]. De acordo com o Princípio da Não Sinonímia, é possível prever, portanto, uma distinção pragmática entre ambas, como ilustrado na Figura 1:

FIGURA 1. Relação entre Concessivas e Condicionais Concessivas na rede construcional



Fonte: Produzida pelas autoras

Neste trabalho, argumentamos que a relação pragmática entre as concessivas e as condicionais concessivas pode ser descrita em termos de diferentes estratégias de sinalização de ponto de vista, nos termos propostos pela Teoria dos Espaços Mentais. As bases teóricas dessa proposta serão descritas a seguir.

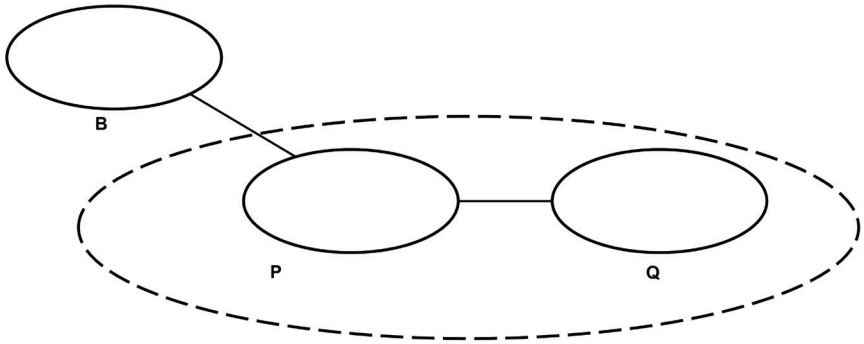
2.2 Espaços mentais, ponto de vista e postura epistêmica

A Teoria dos Espaços Mentais (FAUCONNIER, 1994, 1997) propõe que espaços são criados à medida que o discurso de desenvolve. Em termos linguísticos, a criação desses espaços é sinalizada por uma série de estruturas formais denominadas construtores de espaços mentais (*space builders*), como sintagmas preposicionais temporais e locativos (no mês que vem, na Europa, etc.), advérbios (felizmente, etc.), marcadores modo-temporais (presente, pretérito, etc.), cláusulas subordinadas introduzidas por "quando", "se", entre outros recursos.

Com relação às construções sintáticas complexas, há a criação de dois espaços encaixados. No caso das condicionais, os espaços referentes à prótase P e à apódose Q são construídos a

partir da conjunção "se". De acordo com Dancygier e Sweetser (2005), a cláusula "se" solicita a construção de dois espaços condicionais, a partir do esquema [Se P, Q], como na sentença "Se chover, eles cancelarão o jogo". Essa configuração de espaços pode ser representada na Figura 2:

FIGURA 2: Representação dos espaços solicitados a partir das condicionais. Em B, temos a Base; em P, o espaço Fundação e em Q, o espaço Expansão.



Fonte: Baseado em FERRARI (2014)

Em B, temos representado o espaço Base, ou seja, o espaço onde o evento de fala ocorre efetivamente. Tomando-se B como ponto de vista, temos representado o espaço Fundação, espaço onde a subordinada (ou prótase) é criada a partir da cláusula "Se". Por fim, em Q, temos o espaço Expansão, que abriga a oração principal (ou apódose). Nessa representação, a linha pontilhada, envolvendo o espaço P (espaço Fundação) e o espaço Q (espaço Expansão), sugere uma relação mais estreita entre esses dois espaços.

No caso das concessivas introduzidas por "embora", a representação é semelhante, com um espaço criado a partir da cláusula "Embora", e um espaço encaixado correspondendo à cláusula principal. A diferença é que a relação entre os eventos descritos em P e Q é contrária às expectativas e valores culturais compartilhados (VERHAGEN, 2005). Assim, no exemplo "Embora esteja chovendo, o jogo vai ser mantido", nega-se a expectativa implícita de que a chuva cause o cancelamento do jogo.

Em linhas gerais, portanto, condicionais e concessivas ativam dois espaços encaixados, embora a relação entre esses espaços tenda a ser distinta: de causalidade, nas primeiras[3], e de oposição, no caso da concessividade. Vale destacar, entretanto, que há áreas de contraste e superposição entre concessivas e condicionais concessivas, analisadas na literatura em termos de prototipicalidade e desenvolvimento histórico (KÖNIG, 1986; HARRIS, 1986) e, mais recentemente, em termos de espaços alternativos (DANCYGIER & SWEETSER, 2005). Na esteira dessa última contribuição, ancorada na Teoria dos Espaços Mentais (Fauconnier, 1994, 1997) e de estudos sobre o fenômeno do ponto de vista no âmbito do modelo (DANCYGIER &

[3] Dancygier e Sweetser (2005) propõem que os espaços P e Q nas condicionais estabelecem uma relação condicional e causal, em diferentes níveis. Nas condicionais de conteúdo, a relação de causalidade envolve dois eventos no mundo. Nas condicionais epistêmicas, a relação causal é entre um estado de coisas e uma conclusão estabelecida pelo falante. Já nas condicionais pragmáticas, a relação é entre um estado de coisas e um ato de fala (diretivo, compromissivo, etc.) realizado condicionalmente pelo falante.

SWEETSER, 2012; FERRARI & SWEETSER, 2012; DANCYGIER, WEI-LUN & VERHAGEN, 2016), enfocamos, neste trabalho, o contraste entre concessivas introduzidas por "embora" e condicionais concessivas.

Além disso, a noção de postura epistêmica, desenvolvida por Fillmore (1990) e definida como a associação ou dissociação mental do falante com o evento descrito na prótase, é outro parâmetro relevante na análise. Essa noção pode ser dividida em três possibilidades: a primeira seria a postura epistêmica positiva; a segunda, neutra e a terceira, negativa. As sentenças, a seguir, exemplificam essas instâncias:

(3) Quando ele retornar, faremos uma festa.

(4) Se ele retornar, faremos uma festa.

(5) Se ele retornasse, faríamos uma festa.

Na sentença (3), a cláusula temporal iniciada por "Quando" indica que o falante tem a crença em que o retorno esperado ocorrerá em um futuro próximo. Assim, a postura epistêmica empregada é positiva. Em (4), a condicional utilizada não indica se o retorno será realizado ou não, mas implica no levantamento de uma possibilidade. Portanto, a postura epistêmica, nesse caso, é neutra. Por fim, em (5), a forma verbal no pretérito imperfeito do subjuntivo demonstra que o falante não acredita que o retorno será realizado, sendo a postura epistêmica negativa.

Neste trabalho, ressaltamos que a conjunção "embora", de modo similar à conjunção "quando", sinaliza postura epistêmica positiva, já que o falante se compromete com a factualidade do evento descrito, enquanto que nas condicionais concessivas, tal como nas condicionais em geral, a relação de concessividade é estabelecida a partir de uma postura epistêmica neutra, por força da conjunção "se".

3. Pressupostos metodológicos

Nesta seção, os procedimentos metodológicos adotados na pesquisa são apresentados, detalhando o recorte do objeto de estudo, a origem dos dados, os objetivos e hipóteses da pesquisa.

3.1 Objeto de Estudo

A pesquisa enfoca construções sintaticamente distintas que apresentam conteúdo semântico de incongruência entre os eventos descritos na subordinada e na principal. Em particular, o objeto de estudo é o contraste entre as concessivas [Embora P, Q] e as condicionais concessivas [Se P, Q], que podem ser definidas como construções condicionais não prototípicas.

Para se ter um panorama inicial das características sintáticas das construções investigadas, foi feita uma breve análise da estrutura dessas construções, observando-se a posição da oração subordinada de maior ocorrência nos dados obtidos durante a pesquisa. Esse mapeamento pode ser sintetizado na Tabela 1:

TABELA 1. Frequências das condicionais concessivas (Se) e das concessivas (Embora) nas posições antepostas, pospostas e intercaladas.

	ANTEPOSTAS		POSPOSTAS		INTERCALADAS		
	FREQ.	PERC.	FREQ.	PERC.	FREQ.	PERC.	TOTAL
Embora	25	52%	15	31%	8	17%	48
Se	17	100%	0	0%	0	0%	17

Fonte: Produzida pelas autoras

A partir dos dados da Tabela 1, podemos observar que as condicionais concessivas possuem uma maior ocorrência da oração subordinada em posição anteposta, totalizando 100% dos casos. Por outro lado, embora as concessivas apresentem uma maior distribuição entre as três posições, totalizando 52% em posição anteposta, 31% em posição posposta e 17% em posição intercalada, a posição anteposta também é mais frequente. Desse modo, o presente estudo enfoca as duas construções em posição anteposta, para garantir uma maior comparabilidade.

Além disso, a escolha dessas duas construções – concessivas [Embora P, Q] e condicionais concessivas [Se P, Q] – resulta do caminho metodológico de analisar duas formas concessivas envolvendo conjunções simples na oração subordinada (respectivamente, "se" e "embora"). Assim, construções concessivas encabeçadas por locuções conjuntivas do tipo "ainda que" e "mesmo que", por exemplo, foram desconsideradas na presente análise, apesar de também apresentarem conteúdo semântico de incongruência entre P e Q.

3.2 Banco de dados

O banco de dados foi retirado do corpus NILC/São Carlos, que integra a plataforma Linguateca (http://www.linguateca.pt). O corpus NILC (Núcleo Interinstitucional de Linguística Computacional) da Universidade de São Paulo, em São Carlos, contém textos do registro jornalístico, textos de materiais didáticos, entre outros. Para a análise, foram selecionados dados de textos jornalísticos do português brasileiro, publicados no Jornal *Folha de São Paulo* no ano de 1994.

3.3 Objetivos e hipóteses

A pesquisa objetiva investigar a motivação para o uso de concessivas [Embora P, Q] em contraste com condicionais concessivas [Se P, Q] em textos jornalísticos. Com base no Princípio da Não Sinonímia (GOLDBERG, 1995), parte-se da hipótese de que as duas construções são semelhantes com relação ao significado, mas as concessivas [Embora P, Q] apresentam diferenças pragmáticas em relação às condicionais concessivas [Se P, Q], que podem ser caracterizadas em termos das noções cognitivas de ponto de vista e postura epistêmica.

4. Análise

Esta seção enfoca aspectos relacionados à construção cognitiva do significado em concessivas [Embora P, Q] e condicionais concessivas [Se P, Q], analisando trechos discursivos nos quais

se inserem cada uma das construções. Os resultados evidenciam que concessivas [Embora P, Q] adotam o ponto de vista da Base, no qual se inclui o próprio jornalista, suas opiniões e crenças, enquanto as condicionais concessivas adotam o ponto de vista de um espaço de discurso reportado, anteriormente aberto no discurso.

4.1 Análise das Concessivas [Embora P, Q]

As concessivas [Embora P, Q] são construções que apresentam um conteúdo semântico concessivo e, portanto, através de seu emprego, temos o contraste da informação contida na oração subordinada com a da oração principal. A seguir, apresentam-se alguns dados retirados de textos jornalísticos para a análise dessas construções, como se verifica a seguir:

(6) FSP940606-009:
A conservação passa a ser instrumento de uma determinada escolha desenvolvimentista, ancorada na necessária sustentabilidade de todas as interferências humanas na base natural do planeta. Embora essa concepção seja declarada em prosa e verso nos discursos oficiais das autoridades governamentais, quase nunca é colocada em prática quando os órgãos e autoridades competentes precisam posicionar-se em relação a empreendimentos que vão na contramão de uma real política de desenvolvimento integrado e sustentado.

No trecho (6), está sendo discutida a incoerência entre a necessidade de um desenvolvimento sustentável com o que realmente ocorre na prática. A oração subordinada "Embora essa concepção seja declarada em prosa e verso nos discursos oficiais das autoridades governamentais" confirma um fato observado pelo próprio jornalista, expressando o seu ponto de vista. Esse fato é ratificado pela ausência de referências externas no trecho. Assim, a oração principal "quase nunca é colocada em prática quando os órgãos e autoridades competentes precisam posicionar-se em relação a empreendimentos que vão na contramão de uma real política de desenvolvimento integrado e sustentado" traz um contraponto à concepção apresentada na subordinada. Dessa forma, ao se fazer essa análise a partir da Teoria dos Espaços Mentais, o espaço aberto pela concessiva e sinalizado a partir de "Embora" apresenta o ponto de vista na própria base discursiva, já que utiliza como antecedente um conhecimento já disponível para o próprio falante.

No exemplo a seguir, a utilização da concessiva pode ser descrita de forma similar ao exemplo anterior:

(7) FSP940331-002:
No momento, porém, importa menos examinar as razões da atitude e mais as suas consequências. A primeira é a mais óbvia: em tese, a desistência de Maluf ajuda os três candidatos com base eleitoral em São Paulo. Embora nada obrigue o eleitorado a votar em candidatos domiciliados no seu Estado, há uma natural inclinação a fazê-lo.

Na passagem (7), o jornalista discute a eleição estadual em São Paulo, no ano de 1994. Sob seu ponto de vista, a desistência do candidato Maluf teria como consequência a ampliação do

eleitorado para os seus concorrentes. Assim, a partir da oração subordinada "Embora nada obrigue o eleitorado a votar em candidatos domiciliados no seu Estado", o jornalista cria um espaço de questionamento de um conhecimento compartilhado com os leitores, que será rebatido na oração principal "há uma natural inclinação a fazê-lo." Assim, ao utilizar a concessiva, o falante estaria empregando uma postura epistêmica positiva, já que a cláusula [Embora P] representa um posicionamento mais assertivo diante do evento descrito.

Na tabela a seguir, podemos observar a escassa ocorrência de discurso reportado no contexto precedente, o que aponta para a hipótese que ao fazer uso do "Embora", o jornalista teria seu ponto de vista na própria Base:

TABELA 2. Ocorrências dos discursos direto, indireto e sem discurso reportado, a partir dos dados obtidos das Concessivas em posição anteposta.

Tipo de discurso reportado	Ocorrências	Percentagem
Discurso direto	0	0%
Discurso indireto	5	20%
Sem discurso reportado	20	80%
Total:	25	100%

Fonte: Produzida pelas autoras

Por intermédio da Tabela 2, fica evidente que, no que tange ao emprego das concessivas [Embora P, Q], o falante tende a não referenciar, na maioria dos casos, outros pontos de vista. Assim, tem-se o total de 0% de emprego do discurso direto e 20% de discurso indireto antecedendo essas construções, em contraste com 80% de casos sem discurso reportado.

Vale ressaltar que os 5 casos de discurso indireto observados poderiam sugerir que o ponto de vista estaria no Espaço de Discurso Reportado, e não na Base. A explicação para essa possibilidade, entretanto, não parece fugir à generalização de que o ponto de vista se mantém na Base nas concessivas com "embora", já que o discurso indireto não reporta informação retomada na condicional. Observemos o seguinte exemplo:

(8) FSP940110-001:
A arrecadação de tributos federais em 93 foi significativamente superior à de 92. A receita tributária passou de US$ 36,9 bilhões para US$ 46,4, representando um aumento de quase 26%. Segundo o secretário da Receita Federal, Osiris Lopes Filho, o principal motivo para esse desempenho foi a queda verificada na sonegação.
É sabido que a evasão fiscal é um hábito infelizmente antigo e arraigado na sociedade brasileira. Embora imensurável, existem estimativas de que, para cada cruzeiro pago ao governo, outro é sonegado. As distorções geradas por esse fato não são desprezíveis: enquanto a maioria nada paga, uma minoria é sobrecarregada com cada vez mais tributos.

No exemplo (8), embora haja discurso indireto no parágrafo anterior à condicional ("Segundo o secretário da Receita Federal..."), em que se apresenta a informação sobre as relações entre

aumento da receita tributária e queda na sonegação, a prótase da condicional se refere a algo que não fez parte do discurso reportado, que seria a mensurabilidade da sonegação. Assim, a ideia de que a evasão fiscal é imensurável deve ser atribuída ao próprio jornalista.

4.2 Análise das Condicionais Concessivas [Se P, Q]

As condicionais concessivas podem ser definidas como construções condicionais que apresentam uma incongruência entre P e Q, como podemos notar no trecho a seguir, que trata das dificuldades enfrentadas pela seleção brasileira de futebol:

(9) FSP940709-071:
Especial para a *Folha*
Talvez nossa melhor jogada de ataque até o momento tenha sido feita por um jogador que está no banco não se sabe por que, e pior, depois que o jogo já havia acabado. Na voz de Muller, se é bem verdade o que foi confirmado por alguns especialistas, o desabafo de quem, como muitos torcedores, está profundamente descontente.
Há aqueles que, apesar de tudo, ainda defendem a postura do Teimoso e Velho Zaga. Sob a alegação de que o sonho acabou e que temos que jogar defensiva e horizontalmente, vamos aos trancos e barrancos agora para enfrentar a imprevisível Holanda.
Mas há uma contradição explícita na argumentação desses dois técnicos. Se é verdade que temos que abdicar do talento em função de uma marcação abusiva, não é isso o que temos assistido nos jogos do Brasil. Pelo contrário, não fosse a genialidade de Romário aliada à perseverança e garra dos outros jogadores, talvez nem tivéssemos passado pelos EUA.

Em (9), no parágrafo que antecede a condicional concessiva, o jornalista apresenta as alegações dos que defendem a postura dos técnicos em: "Há aqueles que, apesar de tudo, ainda defendem a postura do Teimoso e Velho Zaga. Sob a alegação de que o sonho acabou e que temos que jogar defensiva e horizontalmente (...)". Adotando esse espaço de discurso reportado como ponto de vista, a prótase "Se é verdade que temos que abdicar do talento em função de uma marcação abusiva" abre um espaço condicional que descreve a perspectiva dos técnicos; a apódose, a seguir, contrapõe o que foi descrito no espaço anterior com uma avaliação do falante: "não é isso que temos assistido nos jogos do Brasil". Portanto, a construção condicional concessiva é produzida a partir do ponto de vista de um discurso reportado anteriormente. Essa estratégia, por sua vez, é compatível com a postura epistêmica neutra indicada pela conjunção "se". Assim, o jornalista retoma uma informação oriunda de outra fonte, sem se comprometer diretamente com o que foi dito.

Em um segundo caso, como o que veremos a seguir, ocorre fenômeno similar, sendo a condicional concessiva construída a partir de um discurso direto:

(10) FSP941013-085:
É que o mercado para físicos absorve poucos profissionais que tenham feito apenas graduação. A maioria faz mestrado ou doutorado (mínimo quatro anos cada).

> "Por outro lado, o campo é muito bom para físicos doutorados", diz Gil da Costa Marques, 48, diretor do Instituto de Física da USP. "Não conheço nenhum doutor desempregado", brinca.
> A falta de mercado para profissionais que não tenham pós-graduação é apontada por Marques como uma das principais causas da grande evasão nos cursos de física.
> Outro problema comum é que o curso é, tradicionalmente, puxado. "Não é um bicho de sete cabeças, mas tem três ou quatro", diz.
> Se é difícil sair, é fácil entrar no curso de física. A relação candidato/vaga é baixa (3.6 na Fuvest 94).

No fragmento (10), o tema principal são algumas dificuldades encontradas pelos graduandos e graduados no curso de física. A primeira dificuldade colocada é a falta de mercado para aqueles que possuem apenas a graduação, confirmada pela reprodução da fala de Gil da Costa Marques, diretor do Instituto de Física da USP, sobre a necessidade dos diplomas de pós-graduação para a ampliação das oportunidades de trabalho. A partir dessas considerações, o jornalista reporta mais uma vez a fala do diretor do Instituto de Física da USP, em discurso direto. Em seguida, a condicional concessiva "Se é difícil sair, é fácil entrar no curso de física" é encaixada. A fala "Não é um bicho de sete cabeças, mas tem três ou quatro" de Marques é o espaço de discurso reportado em que se encontra o ponto de vista. A partir desse espaço, há a abertura do espaço da condicional concessiva em análise, com a informação de que é difícil sair do curso de física apenas retomada pelo jornalista.

Os exemplos apresentados acima ilustram uma tendência mais geral observada nos dados. Na análise das condicionais concessivas [Se P, Q], foram observadas as ocorrências de um espaço de discurso reportado antecedente a essas construções. Como mostra a tabela a seguir, as ocorrências foram divididas nos parâmetros do discurso direto, indireto e sem discurso reportado:

TABELA 3. Tabela com as ocorrências dos discursos direto, indireto e sem discurso reportado, a partir dos dados obtidos das Condicionais Concessivas em posição anteposta.

Tipo de discurso reportado	Ocorrências	Percentagem
Discurso direto	1	6%
Discurso indireto	16	94%
Sem discurso reportado	0	0%
Total:	17	100%

Fonte: Produzida pelas autoras

Através dos resultados obtidos e explicitados na Tabela 3, é possível observar que, ao empregar as condicionais concessivas, o falante tende a referenciar uma informação apresentada anteriormente no discurso de outros indivíduos. Assim, o discurso indireto antecedendo as condicionais concessivas totalizou 94% dos casos e o discurso direto correspondeu a 6%. O contraste fica evidente quando o total de casos sem discurso reportado é de 0%.

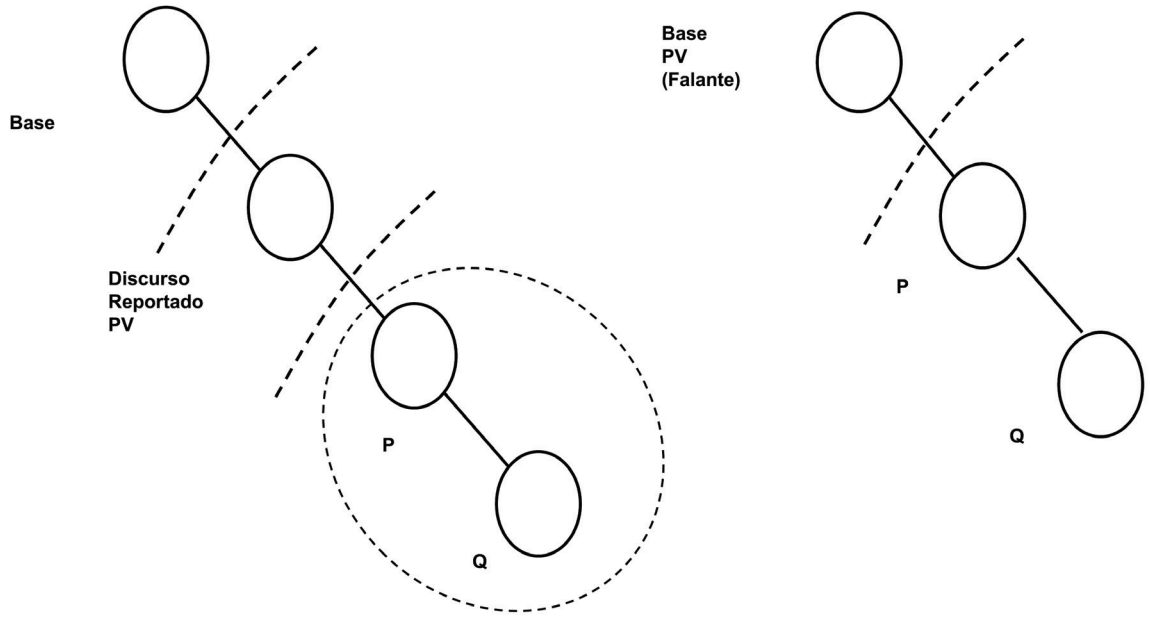
4.3 Discussão

De acordo com a análise, o uso de condicionais concessivas nos textos jornalísticos parte de um ponto de vista mais distanciado da Base, estabelecido a partir de um espaço de Discurso Reportado (direto ou indireto). Esse uso pode ser considerado como uma estratégia do jornalista, para alcançar uma certa neutralidade dentro do seu discurso. Vale destacar, ainda, que por serem introduzidas pela conjunção "se", normalmente associada à postura epistêmica Neutra (FILLMORE, 1990), as condicionais concessivas favorecem esse tipo de estratégia de deslocamento de ponto de vista.

Por outro lado, o uso de concessivas [Embora P, Q], como as que foram analisadas neste estudo, evidencia uma maior aproximação do conteúdo apresentado e o ponto de vista do jornalista, já que essas construções, por sinalizarem postura epistêmica positiva, são compatíveis com a manutenção do ponto de vista na Base.

Assim, propõe-se que a Figura 3, com seus esquemas (a) e (b), representa a construção dos espaços acionados pelas condicionais concessivas e pelas concessivas introduzidas por "embora", nos termos da Teoria dos Espaços Mentais.

FIGURA 3. Espaços Mentais e Ponto de Vista no uso de Condicionais Concessivas e Concessivas.



(a) (b)

Fonte: Produzida pelas autoras

Na figura 3(a), estão representados os espaços mentais acionados com o uso das condicionais concessivas nos textos jornalísticos analisados. Na Base, temos o espaço discursivo corrente, onde existem falante e ouvinte se relacionando a partir das interações linguísticas. No espaço de discurso reportado, temos a fala de outros indivíduos utilizada pelo jornalista como uma forma de referenciar informações relevantes. De acordo com a análise, o ponto de vista se desloca para

o espaço de discurso reportado, demonstrando um certo distanciamento do jornalista, para se criarem os espaços da condicional concessiva.

Por outro lado, na Figura 3(b), estão representados os espaços das concessivas [Embora P, Q]. Nesse caso, o ponto de vista estaria na Base, determinando uma relação mais estreita entre o falante e a informação apresentada na concessiva. Dessa forma, no caso dessas concessivas não se observa com tanta frequência o emprego do discurso direto ou indireto antecedendo as construções.

Além disso, podemos observar que as condicionais concessivas indicam sempre postura epistêmica neutra, enquanto as concessivas [Embora P, Q] sinalizam postura epistêmica positiva. Assim, de acordo com a nossa análise, o emprego da postura epistêmica neutra licenciada pelo uso da condicional concessiva [Se P, Q] corrobora o distanciamento do falante em relação ao evento que está sendo descrito na prótase, o que também será ratificado através do ponto de vista presente em um espaço de discurso reportado. Por outro lado, a indicação de postura epistêmica positiva no uso das concessivas [Embora P, Q] sinaliza uma proximidade do falante com a informação propagada, o que pode ser ratificado pelo ponto de vista se encontrar na própria base discursiva. O Quadro 1 traz uma síntese dessas relações.

QUADRO 1. Relação entre a noção de Postura Epistêmica e Ponto de Vista nas Condicionais Concessivas e Concessivas [Embora P,Q]. (X) sinaliza a ocorrência e (-) a não ocorrência

	Postura Epistêmica Positiva + Ponto de Vista interno	Postura Epistêmica Neutra + Ponto de Vista externo
Se	-	X
Embora	X	-

Fonte: Produzido pelas próprias autoras

De forma geral, foi observado que o uso das condicionais concessivas [Se P, Q] está relacionado ao emprego de uma postura epistêmica neutra e a um ponto de vista externo, enquanto que no que tange ao uso das concessivas [Embora P, Q], temos o emprego de uma postura epistêmica positiva e de um ponto de vista interno.

Considerações finais

Este trabalho contrastou as construções concessivas [Embora P, Q] e as condicionais concessivas [Se P, Q] do português brasileiro. Com base em dados retirados de textos jornalísticos escritos, o estudo evidenciou que, embora semanticamente semelhantes, essas construções são distintas pragmaticamente, conforme previsto pelo Princípio da Não Sinonímia (GOLDBERG, 1995).

Os resultados evidenciaram que a distinção pragmática entre as construções está relacionada ao posicionamento do ponto de vista (PV) na construção dos espaços concessivos P e Q. No caso das concessivas [Embora P, Q], o PV está ancorado na Base, que representa o aqui-e-agora do jornalista. Já no caso das condicionais concessivas [Se P, Q], o PV é deslocado para o Espaço

de Discurso Reportado, associado à fala de uma terceira pessoa. Essas diferentes estratégias de posicionamento do PV, por sua vez, são compatíveis com a postura epistêmica associada a cada construção. Mais especificamente, a concessiva [Embora P, Q] sinaliza postura epistêmica positiva, indicando que o jornalista se compromete com a factualidade do evento descrito, enquanto a condicional concessiva [Se P, Q] indica postura epistêmica neutra, permitindo que o jornalista não se comprometa com a factualidade das informações apresentadas por terceiros. Em linhas gerais, o uso dessas construções foi associado à escolha do falante (no caso, jornalista), de se aproximar ou distanciar das informações apresentadas.

CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES

Lilian Ferrari – Conceitualização, Administração do Projeto, Escrita – revisão e edição.
Gabriela Ribeiro – Metodologia; Análise Formal; Escrita – rascunho original – revisão e edição.

FINANCIAMENTO

Conselho Nacional de Pesquisa – Projeto n° 302722/2017-3.

CONFLITO DE INTERESSES

Não há conflito de interesses.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos aos participantes ao LINC-UFRJ (Laboratório de Pesquisas em Linguística Cognitiva), pelas contribuições para o desenvolvimento da pesquisa por meio de discussões e sugestões em reuniões do grupo.

REFERÊNCIAS

CUTRER, Michelle. **Time and Tense in Narratives and Everyday Language**. Ph. D. dissertation, San Diego: University of California, San Diego, 1994.

DANCYGIER, Barbara; SWEETSER, Eve. **Mental Spaces in grammar: conditional constructions.** Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

DANCYGIER, Barbara; SWEETSER, Eve. **Viewpoint in language; a multimodal perspective.** Cambridge: Cambridge University Press, 2012.

DANCYGIER, Barbara; WEI-LUN, Lu; VERHAGEN, Arie (Eds.). **Viewpoint and the fabric of meaning; form and use of viewpoint tools across languages and modalities**. Berlin/Boston: Mouton de Gruyter, 2016.

DIESSEL, Holger. **The grammar network: How linguistic structure is shaped by language use**. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.

FAUCONNIER, Gilles. **Mental spaces: Aspects of meaning construction in natural language**. Cambridge University Press, 1994.

FAUCONNIER, Gilles. **Mappings in Thought and Language**. Cambridge. Cambridge University Press.1997.

FERRARI, Lilian; SWEETSER, Eve. Subjectivity and upwards projection in mental space structure. *In*: DANCYGIER, Barbara; SWEETSER, Eve. **Viewpoint in language; a multimodal perspective**. Cambridge: Cambridge University Press. 2012. p. 47-68.

FILLMORE, Charles. Epistemic stance and grammatical form in English conditional sentences. **Chicago Linguistic Society**, 1990.

FILLMORE, Charles; KAY, Paul; O'CONNOR, Mary Catherine. Regularity and idiomaticity in grammatical constructions; the case of let alone. **Language**, v. 64, n. 3, p. 501-538, 1988.

GOLDBERG, Adele. **Constructions: A construction grammar approach to argument structure**. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, Adele. **Constructions at work; the nature of generalization in language**. Oxford: Oxford University Press, 2006.

HARRIS, Martin. The historical development of si-clauses in romance. *In*: TRAUGOTT, Elizabeth; TER MEULEN, Reilly; FERGUSON, Charles (eds.). **On Conditionals**. Cambridge, UK: Cambridge University Press, p. 353-372, 1986.

HILPERT, Martin. **Construction Grammar and its Application to English.** Edinburgh: Edinburgh University Press, 2014.

KÖNIG, Ekkehard. Conditionals, concessive conditionals and concessives: areas of contrast, overlap and neutralization. *In*: TRAUGOTT, Elizabeth; TER MEULEN, Reilly; FERGUSON, Charles (Eds.). **On Conditionals**. Cambridge, UK: Cambridge University Press, p. 229-246, 1986.

LAKOFF, George. **Women, fire, and dangerous things:** what categories reveal about the mind. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

LAMBRECHT, Knud. **Information structure and sentence form:** topic, focus, and the mental representations of discourse referents. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

VERHAGEN, Arie. **Constructions of intersubjectivity:** Discourse, Syntax, and Cognition. Oxford: Oxford University Press, 2005.

Gramática de construções cognitiva e ensino de língua estrangeira: uma proposta para o ensino da alternância dativa do inglês

Maria Clara Pimenta Camelo dos Santos
Universidade Federal do Rio de Janeiro
ORCID: https://orcid.org/0000-0003-1297-7911
maclarapimenta@yahoo.com.br

Diogo Pinheiro
Universidade Federal do Rio de Janeiro
ORCID: https://orcid.org/0000-0003-2403-5040
diogopinheiro@letras.ufrj.br

RESUMO

Este artigo contribui com a aplicação dos estudos teóricos da Gramática de Construções Cognitiva (GCC) – uma das variantes funcionalistas da Gramática de Construções – ao ensino de língua estrangeira. Para isso, o artigo relata um experimento no qual foi avaliada a viabilidade de se combinar, no ensino da alternância dativa do inglês, os mecanismos analíticos da GCC com as premissas teóricas que caracterizam abordagens comunicativas de ensino de língua estrangeira. Especificamente, o experimento buscou comparar a eficácia de dois tipos de abordagens didáticas da alternância dativa: de um lado, uma abordagem tradicional (isto é, monológica e expositiva) associada a um tratamento construcionista do tópico gramatical; de outro, uma abordagem comunicativa (isto é, fortemente dialógica e centrada no aprendiz), igualmente associada a um tratamento baseado na GCC. Os resultados (i) sugerem que a adoção de uma perspectiva cognitivista e construcionista é perfeitamente compatível com o recurso a uma abordagem comunicativa de ensino de língua e (ii) fornecem indícios de que essa combinação pode ser particularmente relevante quando se trata de produzir melhorias no desempenho dos estudantes em tarefas comunicativas mais naturalísticas.

PALAVRAS-CHAVE: Gramática de Construções Cognitiva; Ensino de língua estrangeira; Alternância dativa; Linguística funcional-cognitiva.

Cognitive construction grammar and foreign language teaching: a proposal for teaching English dative alternation

ABSTRACT

This article seeks to contribute with the application of theoretical studies of Cognitive Construction Grammar (CCG) – one of the functionalist strands of Construction Grammar – to foreign language teaching. In order to achieve that, the article reports an experiment whose goal was evaluating the possibility of combining the

Ao citar este artigo, referenciar como: SANTOS, Maria Clara; PINHEIRO, Diogo. Gramática de construções cognitiva e ensino de língua estrangeira: uma proposta para o ensino da alternância dativa do inglês. **Matraga**, v. 29, n. 56, p. 394-411, mai./ago. 20XX.

DOI: 10.12957/matraga.2022.63844
Recebido em: 30/11/2021
Aceito em: 29/04/2022

analytical mechanisms of CCG to the theoretical fundamentals that characterize communicative approaches of foreign language teaching. Specifically, the experiment compared the effectiveness of two types of didactic approaches to English dative alternation: on the one hand, a traditional approach (non-dialogic and expository) associated with a constructionist treatment of the grammatical topic; on the other hand, a communicative approach (dialogic and learner-centered), also associated with a treatment based on CCG. The results (i) suggest that the adoption of a cognitivist and constructionist perspective is perfectly feasible with the use of a communicative approach in language teaching and (ii) indicate that this combination can be relevant since it provides improvements in student performance in more spontaneous communicative tasks.

KEYWORDS: Cognitive Construction Grammar; Foreign Language Teaching; Dative Alternation; Functional-cognitive Linguistics.

1. Introdução

A Gramática de Construções Baseada no Uso, empreitada intelectual que combina premissas eminentemente funcionalistas a uma arquitetura analítica própria da Gramática de Construções (GC), tem passado por um processo de forte popularização desde, pelo menos, o início do século XXI. Uma evidência desse movimento é o fato de que, dentre as sete "abordagens construcionistas" apresentadas na Parte II do *Oxford Handbook of Construction Grammar* (HOFFMANN; TROUSDALE, 2013), nada menos que cinco delas se alinham teoricamente à tradição da Linguística Funcional – o que significa, na prática, que elas tomam o conhecimento linguístico como um sistema permanentemente moldado pelo uso e sustentado por habilidades cognitivas de domínio geral.

Dentre essas abordagens, uma das mais populares é, talvez, a Gramática de Construções Cognitiva (GCC) (BOAS, 2013; GOLDBERG, 2006; 1995), modelo que se destacou originalmente pelo seu tratamento da estrutura argumental[1]. Em essência, o *insight* fundamental desse modelo é o de que padrões argumentais "desencarnados" – isto é, sem especificação lexical – devem ser tidos, em si mesmos, como parte integrante do conhecimento linguístico do falante[2].

Interessantemente, esse *insight* não ficou restrito à linguística teórica: sua produtividade se estendeu ainda ao campo do ensino de língua estrangeira. A esse respeito, merece destaque o estudo de Tyler (2012, p. 166-213)[3], no qual é apresentada uma proposta de incorporação da GCC ao ensino de um tópico gramatical que costuma se mostrar desafiador para aprendizes de inglês como língua estrangeira: a alternância dativa[4].

[1] Sobre a inserção da GCC, bem como de outras variantes da GC, no quadro da Linguística Baseada no Uso, ver Hoffmann (2017) e Santos (2021).

[2] Evidentemente, a intuição de que padrões argumentais abstratos estão diretamente associados a significados particulares está presente, em alguma medida, desde os primeiros anos da Gramática de Construções (FILLMORE, 1988). Foi o modelo goldbergiano, contudo, que desenvolveu e sistematizou essa ideia, ao mesmo tempo que a aplicou de forma sistemática à descrição de uma língua particular (o inglês).

[3] Em função de limitações de espaço, não é possível descrever aqui os detalhes metodológicos das aulas reportadas em Tyler (2012, p. 166-213). Remetemos o leitor para o texto original.

[4] O tratamento da GCC para a alternância dativa do inglês será discutido na seção 2.1.

Sob uma perspectiva construcionista, a alternância dativa pode ser entendida como um subproduto da possibilidade de se instanciar um mesmo verbo (por exemplo, "*give*") em duas construções gramaticais distintas: a construção bitransitiva (por exemplo, "*Mary gave John a book*") e a construção de movimento causado por transferência (por exemplo, "*Mary gave a book to John*"). O objetivo do estudo de Tyler (2012, p. 166-213) foi avaliar se o ensino formal da alternância dativa baseado em um tratamento construcionista traria mais ganhos para os aprendizes do que o ensino baseado no tratamento tradicional, isto é, aquele comumente encontrado em livros didáticos de inglês como língua estrangeira.

Para isso, a autora desenvolveu um experimento, aplicado em um curso privado de inglês como língua estrangeira, que consistiu em ministrar aulas sobre o assunto, com base nesses dois tratamentos. Os participantes foram 65 alunos vietnamitas de níveis intermediário superior e avançado distribuídos aleatoriamente em dois grupos: grupo controle e grupo experimental. Assim, enquanto uma das turmas (correspondente ao grupo controle) recebeu aulas baseadas em uma descrição tradicional, a outra (correspondente ao grupo experimental) recebeu aulas baseadas em uma descrição inovadora, fundamentada na arquitetura analítica da GCC. Dessa maneira, nas aulas do grupo controle, os materiais e as aulas se baseavam em um tratamento centrado em regras e em verbos particulares, e não em construções gramaticais de estrutura argumental, isto é, em esquemas sintático-semânticos gerais. Já nas aulas do grupo experimental, os materiais foram elaborados em consonância com os princípios básicos da abordagem construcionista goldbergiana. Isso significa, em primeiro lugar, que esses materiais partiram da ideia de que as estruturas sintáticas são em si mesmas dotadas de significado; diante disso, buscou-se mostrar que diferenças no padrão sentencial sinalizam diferenças semânticas. Além disso, o significado associado a cada construção foi traduzido visualmente por meio de ilustrações baseadas em esquemas imagéticos e cada configuração sintática foi associada a uma cena básica da experiência humana. Adicionalmente, e em conformidade com a abordagem de Goldberg (1995), apresentou-se a polissemia de cada construção, isto é, as extensões de sentido baseadas no sentido central introduzido anteriormente. Com isso, o aluno teve acesso a restrições sistemáticas para o uso da construção de movimento causado por transferência[5]. Por fim, também se enfatizaram as diferenças de estrutura informacional em relação a cada construção, a saber, a diferença de alinhamento entre foco e papel temático / relação gramatical em cada caso. Todos os participantes (grupo controle e grupo experimental) foram submetidos a dois pré-testes, realizados antes do início da primeira aula, e a quatro pós-testes, realizados após a última aula.

De maneira geral, os resultados do experimento dão suporte à ideia de que o ensino da alternância dativa, sob a ótica da GCC, é superior ao ensino tradicional; isto é, os estudantes que assistiram a aulas baseadas em um tratamento construcionista da alternância dativa tiveram desempenho nos pós-testes significativamente superior ao dos estudantes que assistiram a aulas com o tratamento tradicional, a despeito de não haver diferença significativa de desempenho nos pré-testes.

[5] A construção bitransitiva não apresenta restrições sistemáticas.

Apesar desses ganhos, o estudo dá margem a pelo menos um questionamento importante: o fato de que, a despeito da incorporação das premissas GCC, mesmo as aulas ministradas para o grupo experimental ainda se mostraram fortemente arraigadas a um ensino tradicional, uma vez que se caracterizaram pela predominância de aulas expositivas e pela pouca atenção dada ao desenvolvimento das habilidades comunicativas do aprendiz[6]. Esse ponto é particularmente relevante porque, desde pelo menos a década de 1990, esse tipo de prática pedagógica tem perdido espaço para as chamadas "abordagens comunicativas de ensino de língua", com seu foco sobre o protagonismo do aprendiz e sua ênfase sobre o desenvolvimento das habilidades comunicativas (RICHARDS, 2006; RICHARDS; RODGERS, 2001)[7]. Dessa forma, idealmente, qualquer esforço de aplicação da GCC ao ensino de línguas deveria passar por uma compatibilização desse quadro teórico com uma prática pedagógica de base comunicativa.

A fim de lidar com essa questão, nós desenvolvemos uma versão adaptada do experimento descrito em Tyler (2012, p. 166-213). Assim como naquele estudo, o experimento elaborado por nós incluiu a preparação e a apresentação de aulas sobre a alternância dativa do inglês para dois grupos de aprendizes de inglês como língua estrangeira. No entanto, em vez de contrastar um ensino não construcionista a um ensino construcionista, nós optamos por incluir no experimento apenas aulas fundamentadas em uma análise construcionista e funcional-cognitiva da alternância dativa. Assim, a diferença entre os dois grupos de aprendizes não se assentou, em nosso experimento, no modo de tratamento do objeto gramatical abordado, e sim na abordagem didático-pedagógica adotada. Mais especificamente, o grupo controle teve aulas baseadas em um método tradicional, predominantemente expositivo, ao passo que o grupo experimental recebeu aulas estruturadas a partir de uma abordagem comunicativa. Com isso, nosso objetivo foi o de avaliar a viabilidade de se combinar um ensino de base construcionista e baseado no uso dos métodos comunicativos de ensino de língua estrangeira.

O presente artigo consiste, fundamentalmente, em um relato desse experimento, com foco sobre dois aspectos: (i) o planejamento das aulas, a fim de ilustrar, na prática, de que maneira é possível combinar os pressupostos da GCC a uma abordagem comunicativa de ensino de língua e (ii) a comparação entre o desempenho dos dois grupos de participantes, a fim de se avaliar o grau de eficácia de uma estratégia de ensino de língua estrangeira que seja simultaneamente funcional-cognitiva e construcionista, de um lado, e alinhada às abordagens comunicativas, de outro.

O trabalho está organizado como segue: na próxima seção, apresentamos brevemente a GCC e as abordagens comunicativas de ensino de língua; em seguida, listamos nossas perguntas e hipóteses de pesquisa; na sequência, descrevemos nossa metodologia experimental; e, por fim, apresentamos e discutimos os resultados. A título de conclusão, as considerações finais sintetizam as principais descobertas.

[6] Um segundo questionamento possível, ligado à seleção dos participantes, será abordado na seção 3.
[7] O tema das abordagens comunicativas de ensino de língua estrangeira será desenvolvido na seção 2.2.

2. Pressupostos teóricos

2.1 Gramática de construções cognitiva: construções de estrutura argumental e o problema da alternância dativa

Como já ficou dito, esta pesquisa se alinha à corrente teórica da GCC, uma das variantes de inclinação funcionalista da GC. Sistematizado originalmente em Goldberg (1995), esse modelo ficou conhecido pelo seu tratamento das chamadas Construções de Estrutura Argumental (CEAs). Como o nome sugere, trata-se de esquemas sintático-semânticos que representam grades temático-argumentais. Para além dessa primeira aproximação, Goldberg (1995, p. 5) sugere ainda que as CEAs veiculam "cenas básicas de experiência humana", isto é, *gestalts* experienciais que correspondem a tipos abstratos de eventos.

Segundo a proposta da autora, as CEAs especificam papéis argumentais, que são direta e convencionalmente ligados a papéis sintáticos. Neste artigo, ao focalizarmos especificamente o fenômeno alternância dativa, voltamos nosso olhar para duas CEAs em particular: a construção bitransitiva ("*Mary gave John a book*") e a construção de movimento causado por transferência ("*transfer-caused motion construction*", por exemplo, "*Mary gave a book to John*"). Essas duas CEAs, e consequentemente o problema da alternância dativa, são exemplificadas pelas sentenças (1) e (2).[8]

(1) Paul gave Barry an unexpected gift.
Paul deu Barry um inesperado presente.
"Paul deu um presente inesperado a Barry."

(2) Paul gave an unexpected gift to Barry.
Paul deu um inesperado presente a Barry.
"Paul deu um presente inesperado a Barry."

As construções bitransitiva e de movimento causado por transferência apresentam os mesmos papéis semânticos: agente, paciente e recipiente. Elas se distinguem, porém, quanto às relações sintáticas e ao alinhamento do foco. Em relação à sintaxe, Goldberg (1995) observa que, enquanto a construção bitransitiva tem dois objetos, a construção de movimento causado por transferência apresenta um objeto e um oblíquo. Quanto à estrutura informacional, a autora defende que há uma divergência entre as duas construções: enquanto na primeira o foco recai sobre o objeto transferido, a segunda apresenta foco sobre o recipiente.

Um outro elemento central ao tratamento de Golbderg (1995) para a construção bitransitiva é sua polissemia. Para a autora, essa CEA apresenta um significado central (*transferência efetiva*, capturado pela fórmula X FAZ Y RECEBER Z) e cinco extensões polissêmicas, cada uma delas se constituindo como uma ligeira modificação em relação ao sentido central: trans-

[8] Exemplos retirados de Tyler (2012, p. 166-213)

ferência obrigatória, transferência facilitada, transferência impedida, transferência pretendida e transferência futura.

Curiosamente, Goldberg (1995) não chega a verificar a possibilidade de existência de extensões polissêmicas para a construção de movimento causado por transferência. Essa lacuna, porém, é preenchida por Tyler (2012, p. 166-213), que demonstra que a construção de movimento causado por transferência também se organiza em uma rede polissêmica. Segundo os autores, esta rede conteria todos os significados encontrados no Quadro 1, com exceção de transferência facilitada, transferência impedida e transferência pretendida. Para além disso, a autora postula uma nova extensão polissêmica para ambas as construções. A esse novo significado, ela se refere como transferência de conhecimento ("*knowledge transfer*"). Esse significado é capturado por meio da fórmula X COMPARTILHA INFORMAÇÃO COM Y, resultando em X e Y possuindo a informação", como em "*Juan taught the children Spanish*".

Cada evento de transferência se associa a determinadas classes verbais que tipicamente ocorrem em cada um deles. O Quadro 1, que sintetiza as propostas de Goldberg (1995) e de Tyler (2012), permite uma melhor visualização das classes verbais associadas aos diferentes eventos de transferência.

QUADRO 1. Mapeamento dos diferentes tipos de transferência e seus verbos

	Formulação do evento em Goldberg (1995)	Formulação do evento em Tyler (2012)	Tipo de verbo segundo Goldberg (1995)	Exemplos de verbos encontrados na literatura
A	Agent successfully causes recipient to receice patient	**Transferência efetiva**	Verbs that inherently signify acts of giving	give, pass, hand, serve, feed
A	Agent successfully causes recipient to receice patient	**Transferência efetiva**	Verbs of instantaneous causation of ballistic motion	throw, toss, salp, kick, poke, fling, shoot
A	Agent successfully causes recipient to receice patient	**Transferência efetiva**	Verbs of continuous causation in a deictically specified direction	bring, take
B	Conditions of Satisfaction imply that agent causes recipient to receive patient	**Transferência obrigatória**	Verbs of giving w/ associated satisfaction condictions	guarantee, promise, owe
C	Agent causes recipient not to receive patient	**Transferência impedida**	Verbs of refusal	refuse, deny
D	Agent acts to cause recipient to receive patient at some future point in time	**Transferência futura**	Verbs of future transfer	leave, bequeath, allocate, reserve, grant
E	Agent enables recipient to receive patient	**Transferência facilitada**	Verbs of permission	permit, allow
F	Agent intends to cause recipient to receive patient	**Transferência pretendida**	Verbs involved in scenes of creation	bake, make, build, cook, sew, knit
F	Agent intends to cause recipient to receive patient	**Transferência pretendida**	Verbs of obtaining	get, grab, win, earn
G	----------	**Transferência de conhecimento**	Verbs of communication	tell, ask, sing, teach

Fonte: Produzido pelos autores

Em suma, sob a ótica da GCC, a alternância dativa do inglês envolve duas CEAs, a construção bitransitiva e a construção de movimento causado por transferência, que evocam uma mesma *gestalt* experiencial básica, convergem em relação aos papéis semânticos, mas não em relação às relações sintáticas e ao alinhamento informacional, e são semanticamente estruturadas por redes polissêmicas apenas parcialmente coincidentes.

2.2 Ensino de inglês como língua estrangeira (LE): abordagens comunicativas

O ensino de língua estrangeira tem sido tema de debates desde o início do século XX. Tópicos como o papel da gramática e do vocabulário em sala de aula, importância da fluência e do papel da tecnologia são recorrentes e vêm sendo tratados de maneiras distintas, a depender do posicionamento teórico do pesquisador. Dessa forma, diferentes métodos e abordagens surgem, são adaptados e/ou substituídos a partir de descobertas no campo da linguística.

No final dos anos 60 e início dos anos 70, o método audiolingual – método no qual os professores podem ser comparados a maestros que direcionam e controlam a produção dos alunos e que utilizavam como metodologia os *drills*, isto é, prática de repetição oral de algum item linguístico – já não era mais considerado eficaz, uma vez que os professores observavam que os alunos tinham um bom desempenho na produção de sentenças na língua-alvo, enquanto estavam em sala, mas tinham dificuldades de comunicação em contextos reais de uso. Tornava--se, então, inevitável uma mudança de paradigma. Assim, o ensino de LE passou a visar não apenas à competência linguística, mas também à competência comunicativa do falante.

Neste trabalho, iremos nos referir a essa ênfase pedagógica sobre a competência comunicativa do aprendiz por meio da expressão inglesa *Communicative Language Teaching*[9] (CLT). Trata-se de um termo guarda-chuva, uma vez que abrange todas as práticas de ensino de LE que adotam abordagens comunicativas, isto é, baseadas no uso. O CLT é marcado pela ênfase sobre o uso da língua em uma variedade de funções comunicativas e pelo ensino de gramática de forma indutiva, ou seja, através de exemplos retirados de textos autênticos ou dos próprios alunos. Nesse sentido, ele se distingue claramente do ensino de base estruturalista.

Tais abordagens comunicativas, hoje hegemônicas no campo do ensino de língua estrangeira, romperam com a ideia de que aprender uma língua é simplesmente aprender regras, e associaram o aprendizado de língua ao que fazemos na vida real. Dessa forma, passa-se a valorizar as necessidades comunicativas do aprendiz, ao mesmo tempo que o ensino passa a estar centrado no aluno e, com isso, torna-se mais relevante para ele.

3. Perguntas e hipótese de pesquisa

Conforme comentamos brevemente na Introdução, este estudo toma como ponto de partida o experimento relatado em Tyler (2012, p. 166-213). Em particular, ele parte de dois questionamentos que, a nosso ver, devem ser feitos em relação àquele experimento. Em primeiro lugar, é

[9] "Ensino Comunicativo de Língua", em tradução livre.

preciso observar que, embora o tema da alternância dativa tipicamente seja previsto para o nível intermediário dos cursos de inglês, o experimento incluiu, como participantes, estudantes com nível de proficiência intermediário superior e avançado. Em segundo lugar, e mais importante, todas as aulas ministradas durante o experimento – tanto para o grupo controle quanto para o grupo experimental – se fundamentavam em uma abordagem pedagógica tradicional, marcadamente expositiva e monológica, que na atualidade já foi em grande medida abandonada em favor das abordagens comunicativas[10].

Diante dessas reflexões, o presente estudo parte de duas questões: (i) é possível incorporar os fundamentos da GCC ao ensino de alternância dativa para alunos de nível intermediário? e (ii) a adoção de uma abordagem baseada não apenas nas premissas da GCC, mas também em métodos comunicativos de ensino de língua estrangeira, poderia conduzir a ganhos maiores no aprendizado das construções de alternância dativa?

Em poucas palavras, nossas hipóteses são as seguintes: (i) sim, estudantes de nível intermediário poderão se beneficiar de um ensino da alternância dativa baseado em um tratamento construcionista do fenômeno e (ii) o ensino comunicativo da alternância dativa será tão eficaz quanto o ensino tradicional expositivo, para tarefas mais artificiais e monológicas, e mais eficaz que o ensino tradicional expositivo para tarefas relativamente mais naturais e dialógicas. Para testar essas hipóteses, foi desenvolvido o experimento descrito na próxima seção.

4. Metodologia

Um conjunto de estudantes de inglês foi dividido em dois grupos: um grupo controle, para o qual foram ministradas aulas baseadas em uma abordagem expositiva, e um grupo experimental, para o qual foram ministradas aulas baseadas em uma abordagem comunicativa. O experimento contou com 16 participantes (9 no grupo experimental e 7 no grupo controle), sendo 10 mulheres e 6 homens, todos matriculados em um mesmo curso de idiomas da rede privada na cidade do Rio de Janeiro[11]. Todos os alunos cursavam os níveis intermediários do curso no momento em que as aulas foram ministradas[12]. Em função da pandemia de COVID-19, declarada no início de 2020, as aulas foram ministradas de maneira remota, por meio do aplicativo Zoom.

[10] Em função de limitações de espaço, não é possível aqui descrever aqui os detalhes metodológicos das aulas reportadas em Tyler (2012, cap. 6). Remetemos o leitor para o texto original.

[11] O baixo número de participantes se deve, em última instância, a um conjunto de circunstâncias ligados à pandemia de COVID-19, durante a qual o experimento foi realizado. Em função da pandemia, as aulas do curso de idiomas se tornaram exclusivamente remotas, razão pela qual a duração de cada tempo de aula foi reduzida. Como essa redução prejudica o desenvolvimento de aulas baseadas em uma abordagem comunicativa, optamos por convidar os alunos para aulas extras, não obrigatórias, a ser ministradas em dois sábados consecutivos (ou seja, fora do horário normal de aula). Essa opção, ao mesmo tempo que nos permitiu ministrar aulas um pouco mais longas que as aulas remotas regulares do curso (e, com isso, executar de modo pleno os Planos de Aula confeccionados), também resultou, não surpreendentemente, em diminuição do número de voluntários.

[12] Nesse curso, assume-se que alunos dos níveis intermediários apresentam o grau de proficiência B1 da classificação do Quadro Europeu Comum de Referência.

Para cada grupo, foram preparadas duas aulas de 50 minutos, nas quais se apresentou o tópico da alternância dativa no inglês, segundo a perspectiva da GCC. A primeira aula focalizou as transferências real e facilitada, ao passo que a segunda se concentrou sobre as transferências impedida e pretendida.

As aulas do grupo controle foram muito semelhantes àquelas relatadas em Tyler (2012, p. 166-213), com a apresentação fundamentalmente monológica e expositiva de uma análise da alternância dativa baseada nos mecanismos da GCC. As aulas do grupo experimental, por outro lado, foram organizadas a partir de uma situação comunicativa norteadora (o bate-papo em fórum) e de pautas conversacionais específicas: agrados na família (aula 1) e pais/responsáveis liberais ou rígidos em relação ao consumo (aula 2). Nessas aulas, os alunos foram expostos a materiais autênticos, com textos retirados de fóruns *online*, e realizaram atividades comunicativas tanto de prática controlada (exercício de preencher lacunas) quanto de prática livre (discussão sobre o tema da aula e *role-play*). Além disso, no que diz respeito à apresentação do conteúdo gramatical, o ensino não se deu de forma dedutiva, mas sim indutiva e baseada no uso, uma vez que parte inicialmente dos exemplos dos próprios alunos e do texto das aulas para, então, chegar a uma generalização.

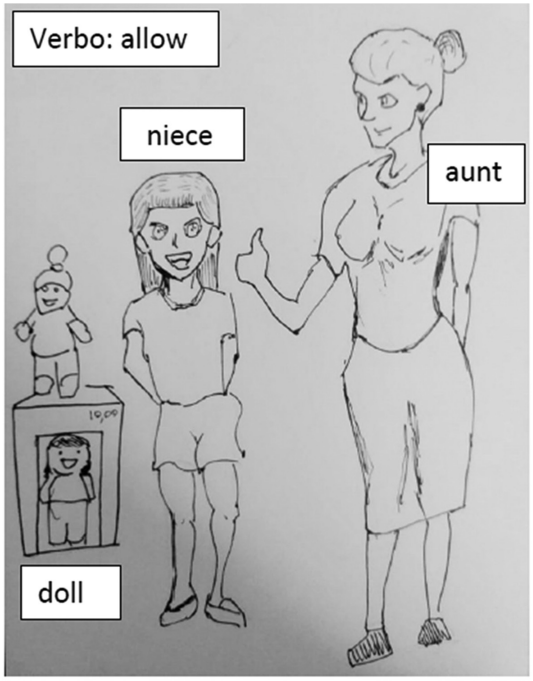
Ademais, é fundamental destacar que, em consonância com as premissas das abordagens comunicativas, a língua-alvo foi utilizada durante toda a aula, inclusive na etapa de quebra-gelo, quando os alunos participam ativamente de conversas espontâneas que têm o intuito de introduzir o assunto da aula. Dessa maneira, o professor assume o papel de facilitador da comunicação – mais uma propriedade típica das abordagens comunicativas[13].

Os participantes de ambos os grupos responderam a dois pré-testes, logo antes da primeira aula, e a dois pós-testes, logo após a segunda aula. Seguindo à risca o estudo de Tyler (2012, p. 166-213), um dos testes (tanto na versão "pré" quanto na versão "pós") consistia em uma tarefa de julgamento de aceitabilidade, ao passo que o outro (também nas versões "pré" e "pós") consistia em uma tarefa de descrição de imagem. No primeiro caso, os participantes deveriam indicar o grau de aceitabilidade de sentenças com "objeto duplo" (por exemplo, "*Laura denied her ex an invitation to her party*" e "*HR refused an increase in salary to John*"), em uma escala Likert de quatro pontos, em que 1 correspondia a "completamente inaceitável" e 4 correspondia a "completamente aceitável". No segundo, deveria descrever por escrito a cena apresentada em um desenho, utilizando necessariamente o verbo indicado na imagem[14]. Para isso, os participantes poderiam oferecer tantas alternativas de descrição quanto desejassem (isto é, poderiam descrever uma mesma cena tanto por meio de uma instância da construção bitransitiva quanto por meio de uma instância da construção de movimento causado por transferência, se julgassem adequado). Um exemplo de estímulo do teste de descrição de imagem pode ser visto a seguir:

[13] Em função de limitações de espaço, não é possível disponibilizar aqui os Planos de Aula que foram preparados para o experimento. Por isso, remetemos o leitor a Santos (2021). Além disso, a aula do experimento original, aqui replicado de forma adaptada e traduzida apenas para o grupo controle, pode ser vista em Tyler (2012, p. 166-213).

[14] Amostras de produções dos aprendizes nos testes de aceitabilidade e de descrição de imagem no Apêndice deste artigo.

FIGURA 1. Exemplo de estímulo do teste de descrição de imagem



Fonte: Produzida pelos autores

O sistema de pontuação dos testes de julgamento de aceitabilidade foi o mesmo utilizado em Tyler (2012, p. 166-213), a saber: cada estímulo gramatical valia uma quantidade de pontos igual a nota atribuída pelo participante. Assim, se recebesse nota 5, o item valia 5 pontos; nota 4 = 4 pontos; nota 3 = 3 pontos; nota 2 = 2 pontos; nota 1= 1 ponto. Já os estímulos agramaticais, recebiam pontuação inversa ao grau de gramaticalidade indicado. Assim, se recebesse nota 5, o item valia 1 ponto; nota 4 = 2 pontos; nota 3 = 3 pontos; nota 4 = 2 pontos; nota 5 = 1 ponto.

Também para os testes de descrição de imagem, foi seguido o sistema de pontuação de Tyler (2012). Assim, itens que poderiam instanciar tanto a construção bitransitiva como a construção de movimento causado por transferência valiam 1 ponto para o uso de cada construção, ou seja, se o participante usasse as duas construções, recebia 2 pontos. Já os itens que só poderiam instanciar a construção bitransitiva (especificamente, os casos de transferência facilitada, pretendida e impedida[15]), valiam 1 ponto para o uso da construção bitransitiva e 1 ponto pelo não uso da construção de movimento causado por transferência. Assim, a pontuação total do teste era de 16 pontos.

A diferença de natureza entre os dois testes é importante para os propósitos do experimento. De um lado, a tarefa de julgamento de aceitabilidade é fortemente artificial e essencialmente monológica: trata-se de uma tarefa marcadamente *escolar*, na medida em que não reproduz uma prática interacional usual em interações cotidianas. De outro, a tarefa de des-

[15] Conforme dissemos na seção 2.1, Tyler (2012, p. 166-213) demonstra que a polissemia da construção de movimento causado por transferência é mais restrita que a polissemia da construção bitransitiva, previamente descrita por Goldberg (1995).

crição de imagem é significativamente mais natural: ela reproduz um tipo de situação comunicativa que se verifica de modo recorrente em interações autênticas. Dada essa distinção e a diferença entre os dois grupos de participantes, no que diz respeito ao método de ensino, partimos das seguintes previsões experimentais: participantes de ambos os grupos exibirão um desempenho melhor no pós-teste, em comparação com o pré-teste, nos dois tipos de testes; contudo, enquanto no teste de julgamento de aceitabilidade não haverá diferença significativa no benefício proporcionado pelas aulas, na tarefa de descrição de imagem, o ganho de desempenho dos sujeitos do grupo experimental será significativamente maior que o dos sujeitos do grupo controle.

5. Resultados

O desempenho dos estudantes nos testes foi analisado por meio de dois modelos de regressão logística ordinal: um para o teste de aceitabilidade e um para o teste de descrição por escrito de imagem. Os pontos obtidos pelos aprendizes em cada item foram convertidos em categorias ordenadas, refletindo três níveis de desempenho: FRACO, MEDIANO e BOM. Assim, no teste de aceitabilidade, a nota 1 foi tratada como índice de desempenho FRACO, as notas 2 e 3 foram convertidas para a categoria MEDIANO e a nota 4 foi convertida para a categoria BOM. De modo semelhante, no teste de descrição de imagem, as notas 0 foram convertidas para a categoria FRACO, a nota 1 foi tratada como índice de desempenho MEDIANO e as notas 2 foram atribuídas à categoria BOM.

5.1 Testes de julgamento de aceitabilidade

As Tabelas 1 e 2 mostram o desempenho dos alunos nos testes de julgamento de aceitabilidade. A Tabela 1 toma como referência o grupo experimental e a Tabela 2, o grupo controle.

TABELA 1. Modelo de regressão logística ordinal referente ao teste de julgamento de aceitabilidade – referência: grupo experimental

Predictors	Desempenho		
	Odds Ratios	*CI*	*p*
Abordagem [Expositiva]	1.00	0.51–1.96	1.000
Momento [Pós]	0.88	0.47–1.67	0.706
Tipo [Gramatical]	2.70	1.65–4.44	<0.001
Abordagem [Expositiva] * Momento [Pós]	1.11	0.42–2.90	0.832
Observations	256		
R^2 Nagelkerke	0.071		

Fonte: Produzida pelos autores

TABELA 2. Modelo de regressão logística ordinal referente ao teste de julgamento de aceitabilidade – referência: grupo controle

Predictors	Desempenho		
	Odds Ratios	*CI*	*p*
Abordagem [Comunicativa]	1.00	0.51–1.96	1.000
Momento [Pós]	0.98	0.48–2.02	0.959
Tipo [Gramatical]	2.70	1.65–4.44	<0.001
Abordagem [Comunicativa] * Momento [Pós]	0.90	0.34–2.36	0.832
Observations	256		
R^2 Nagelkerke	0.071		

Fonte: Produzida pelos autores

Em relação a esse primeiro teste, nossa expectativa era de que a variável preditora MOMENTO aumentaria significativamente as chances de obtenção de um desempenho melhor para ambos os grupos. As Tabelas 1 e 2, porém, mostram que isso não ocorreu: a diferença de desempenho entre o pré e o pós-teste não foi estatisticamente significativa nem para o grupo experimental ($p = 0.706$), nem para o grupo controle ($p = 0.959$). Da mesma maneira, não se verificou interação significativa entre as variáveis ABORDAGEM e MOMENTO ($p = 0.832$). Em conjunto, esses dados sugerem que nenhuma das duas abordagens metodológicas produziu efeitos significativos (nem positivos, nem negativos) sobre o desempenho dos alunos no teste de julgamento de aceitabilidade.

5.2 Testes de descrição de imagem

As Tabelas 3 e 4 mostram o desempenho dos alunos nos testes de descrição de imagem. A Tabela 3 toma como referência o grupo experimental e a Tabela 4, o grupo controle.

TABELA 3. Modelo de regressão logística ordinal referente ao teste de descrição de imagem – referência: grupo experimental

Predictors	Desempenho		
	Odds Ratios	*CI*	*p*
Abordagem [Expositiva]	0.65	0.33–1.26	0.198
Momento [Pós]	10.25	5.13–20.49	<0.001
Verbo [Monoconstrucional]	0.62	0.37–1.06	0.082
Abordagem [Expositiva] * Momento [Pós]	0.56	0.21–1.47	0.239
Observations	256		
R^2 Nagelkerke	0.292		

Fonte: Produzida pelos autores

TABELA 4. Modelo de regressão logística ordinal referente aos testes de descrição de imagem – referência: grupo controle

Predictors	Desempenho		
	Odds Ratios	*CI*	*p*
Abordagem [Comunicativa]	1.55	0.80–3.00	0.198
Momento [Pós]	5.72	2,69–12.19	<0.001
Verbo [Monoconstrucional]	0.62	0.37–1.06	0.082
Abordagem [Comunicativa] * Momento [Pós]	1.79	0.68–4,72	0.239
Observations	256		
R^2 Nagelkerke	0.292		

Fonte: Produzida pelos autores

Em relação ao teste de descrição de imagem, previmos, em primeiro lugar, que ambos os grupos exibiriam desempenho significativamente melhor no pós-teste, em comparação com o pré-teste. No que tange ao grupo experimental, a Tabela 3 mostra que isso de fato ocorreu: o impacto da variável preditora MOMENTO é estaticamente significativo ($p < 0.001$). Além disso, é importante observar a intensidade do ganho de aprendizado produzido: como mostram os dados, as aulas baseadas na abordagem comunicativa aumentaram em 10.25 vezes as chances de se obter uma melhora no desempenho na tarefa de descrição de imagem.

Ao mesmo tempo, na Tabela 4, constatamos uma melhora estatisticamente significativa também no desempenho dos alunos do grupo controle após as duas aulas a que eles assistiram. Especificamente, observou-se que as chances de obter um bom desempenho aumentam em 5.72 vezes no momento posterior às aulas (em comparação com o momento anterior), e que tal diferença é estatisticamente significativa ($p < 0.001$).

Comparando-se esse valor com aquele obtido para o grupo experimental (10.25), nota-se que o resultado vai na direção daquilo que é previsto pela hipótese apresentada na seção 3. Dado que o aumento das chances de se obter melhoria no desempenho é maior no grupo experimental do que no grupo controle, isso parece confirmar a suposição inicial de que a abordagem comunicativa traria, para tarefas mais espontâneas, mais benefícios que a abordagem expositiva.

É preciso, no entanto, observar que o resultado do modelo estatístico não revela interação estatisticamente significativa entre as variáveis preditoras ABORDAGEM e MOMENTO ($p = 0.239$). Na prática, esse resultado nos impede de rejeitar a hipótese nula segundo a qual a diferença na intensidade da melhoria entre os dois grupos seria puramente acidental.

Em suma, o modelo referente aos testes de descrição de imagem parece confirmar não apenas a viabilidade, como também os benefícios, de se aliar um tratamento baseado na GCC a uma abordagem comunicativa de ensino de línguas. Além disso, ele parece apontar para a possibilidade de que, para a tarefa mais naturalística de descrição de imagem, a abordagem comunicativa seja mais eficaz que a abordagem expositiva. Essa hipótese, porém, não foi confirmada estatisticamente.

6. Discussão

Como vimos, não foi demonstrado ganho de aprendizagem para nenhum dos dois grupos, no que se refere à tarefa de julgamento de aceitabilidade. Esse resultado gera algum estranhamento e requer explicações. A nosso ver, ele se deve à falta de familiaridade dos alunos – isto é, falta de letramento – com uma tarefa do tipo julgamento de aceitabilidade. A esse respeito, é importante notar que esse tipo de tarefa não faz parte do repertório de atividades didáticas típicas do curso em que os participantes estão matriculados, precisamente por ser antípoda às abordagens comunicativas, às quais o curso se alinha. Além disso, no grupo experimental esse tipo de tarefa não foi incluído em nenhum momento ao longo das duas aulas do experimento, ao passo que, no grupo controle, ele foi incluído em única atividade realizada. Assim, em resumo, nossa hipótese é a de que a ausência de letramento com o tipo de tarefa requerido no teste de julgamento de aceitabilidade é capaz de explicar de forma plausível o fraco resultado dos alunos no pós-teste.

Com efeito, o próprio fato de que o desempenho dos alunos foi muito superior na atividade de descrição de imagem se constitui como evidência em favor dessa interpretação – afinal, este é um teste que requer dos alunos uma tarefa com a qual eles estão bastante familiarizados, graças à adesão do curso onde estão matriculados aos princípios do ensino comunicativo. Além disso, vale destacar que ambos os grupos realizaram, durante as aulas do experimento, atividades de produção nas quais os alunos foram incitados a criar frases com as construções aprendidas. Esses fatos talvez ajudem a explicar por que os resultados se mostraram bastante mais próximos do esperado no teste de descrição de imagem, em comparação com o teste de julgamento de aceitabilidade.

Mesmo em relação ao teste de descrição de imagem, porém, vale fazer algumas ponderações. Embora o valor-p de 0.239 não alcance o nível de significância, o que ele indica, na prática, é que há apenas 24% de chance de a diferença observada na interação entre as variáveis ABORDAGEM e MOMENTO ser acidental, isto é, de a melhora no desempenho dos alunos no pós-teste não estar relacionada à abordagem pedagógica utilizada. Embora esses valores não sejam suficientes para refutar a hipótese nula, eles são no mínimo encorajadores.

Esse ponto se torna ainda mais relevante, quando se considera o tamanho da amostra. Conforme comentamos mais acima (ver nota 9), o total de voluntários do experimento foi baixo, em função de circunstâncias ligadas à pandemia de COVID-19. Como resultado, foi possível contar apenas com um número reduzido de observações para o cálculo estatístico. Como o valor-p é influenciado tanto pelo tamanho do efeito quanto pelo tamanho da amostra, é possível supor que, em um experimento que contasse com mais participantes/observações, ele alcançasse o nível de significância. Embora não seja possível afirmar isso categoricamente, estas considerações mais uma vez sugerem que os resultados são encorajadores, no sentido de que apontam fortemente para a validade de se desenvolver novos estudos que sigam a trilha aberta por esta pesquisa.

É interessante, ainda, considerar outros fatores relacionados à modalidade do ensino remoto. Alguns alunos presentes em aula tiveram falha na conexão com a internet, o que pode ter

provocado perda de algumas partes da explicação do conteúdo. Ademais, em ambos os grupos a maioria dos alunos optou por não ligar a câmera. Como a linguagem não verbal presente na linguagem corporal e nos gestos é parte integral do processo comunicativo, sua falta prejudica a compreensão. Nesse sentido, embora o modelo remoto tenha afetado negativamente as aulas de ambos os grupos, é possível que tenha desfavorecido particularmente as aulas baseadas na abordagem comunicativa, que tem como características principais a comunicação autêntica e o protagonismo do aluno.

Em síntese, nossas hipóteses foram parcialmente confirmadas. Os resultados parecem indicar, antes de mais nada, que a adoção de uma perspectiva cognitivista e construcionista é perfeitamente compatível com o recurso a uma abordagem comunicativa de ensino de língua – um avanço em relação ao estudo de Tyler (2012, p. 166-213). Além disso, os mesmos resultados fornecem indícios encorajadores de que essa combinação pode ser particularmente relevante, quando se trata de produzir melhorias no desempenho dos estudantes em tarefas comunicativas mais naturalísticas – aquelas que, no fim das contas, eles precisarão realizar na vida prática, não escolar.

7. Considerações finais

Neste artigo, relatamos um experimento que foi desenvolvido com o objetivo de avaliar se a combinação entre um tratamento construcionista da alternância dativa e uma abordagem comunicativa do ensino de línguas seria capaz de impactar positivamente o desempenho linguístico de aprendizes brasileiros em relação às construções bitransitiva e de movimento causado por transferência do inglês, em particular em situações que envolvessem o uso concreto das construções em pautas em situações (relativamente) naturalísticas e espontâneas.

Os resultados obtidos são fortemente encorajadores. Afinal, se esses resultados já demonstram uma melhora no desempenho dos alunos expostos à abordagem comunicativa, mesmo em uma amostra muito reduzida e com as limitações impostas pelo modelo remoto, é plausível esperarmos um resultado ainda mais positivo em um experimento com amostra maior e no modelo presencial de ensino. Nesse sentido, trata-se de resultados que parecem apontar para os benefícios da aliança entre a adoção de uma perspectiva baseada na GCC e uma abordagem comunicativa do ensino de LE.

CONTRIBUIÇÕES DOS AUTORES

Conceptualização, análise formal, investigação, metodologia, validação, visualização e escrita – análise e edição: Maria Clara Pimenta Camelo dos Santos e Diogo Pinheiro.

Curadoria de dados, administração do projeto e escrita – rascunho original: Maria Clara Pimenta Camelo dos Santos.

Supervisão: Diogo Pinheiro.

Aquisição de financiamento, recursos e *software*: não se aplica.

FINANCIAMENTO

O estudo não teve fontes de financiamento.

CONFLITO DE INTERESSES

Não há conflito de interesses.

REFERÊNCIAS

BOAS, Hans C. Cognitive Construction Grammar. *In*: HOFFMAN, Thomas.; TROUSDALE, Graeme. (Eds). **The Oxford Handbook of Construction Grammar**. Oxford / New York: Oxford University Press, 2013.

FILLMORE, Charles. The mechanisms of "Construction Grammar". *In:* **Proceedings of the 14th annual meeting of the Berkeley Linguistics Society**, Berkeley CA. Berkeley Linguistics Society, 1988, p. 35–55. Disponível em: https://journals.linguisticsociety.org/proceedings/index.php/BLS/article/viewFile/1794/1566. Acesso em 14 mar 2022.

GOLDBERG, Adele E. **Constructions: A construction grammar approach to argument structure**. Chicago: University Press, 1995.

GOLDBERG, Adele E. **Constructions at work: the nature of generalization in language**. Cambridge: University Press, 2006.

HOFFMANN, Thomas. Construction Grammars. *In*: DANCYGIER, Barbara. (Ed.). **The Cambridge Handbook of Cognitive Linguistics**. Cambridge: Cambridge University Press., 2017, pp. 310-329

HOFFMANN, Thomas; TROUSDALE, Graeme. (Eds). **The Oxford Handbook of Construction Grammar**. Oxford / New York: Oxford University Press, 2013.

RICHARDS, Jack. **Communicative Language Teaching Today**. Nova Iorque: Cambridge University Press, 2006.

RICHARDS, Jack; RODGERS, Theodore. **Approaches and Methods in Language Teaching**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

SANTOS, Maria Clara. **Gramática de Construções Cognitiva e Ensino de Língua Estrangeira:** uma proposta para o ensino da alternância dativa do inglês. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021

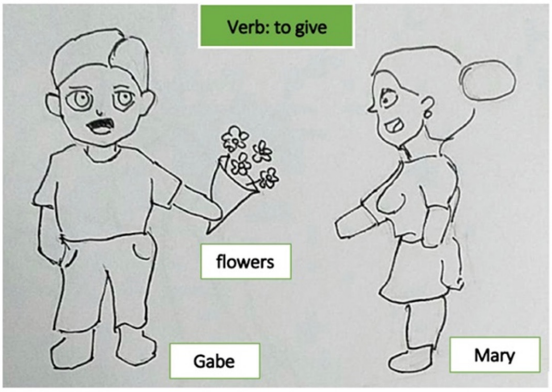
TYLER, Andrea. Applying Cognitive Linguistics to Clause Level Constructions *In:* TYLER, Andrea. **Cognitive linguistics and second language learning**: Theoretical basics and experimental evidence. New York/London: Routledge, 2012, p.166-213

APÊNDICE A
AMOSTRA DE ESTÍMULOS DO TESTE DE ACEITABILIDADE E RESPOSTAS DOS PARTICIPANTES

Estímulos retirados do teste para o Grupo Experimental (Formulários do Google)

APÊNDICE B
AMOSTRA DE ESTÍMULOS DO TESTE DE DESCRIÇÃO DE IMAGEM E RESPOSTAS DOS PARTICIPANTES

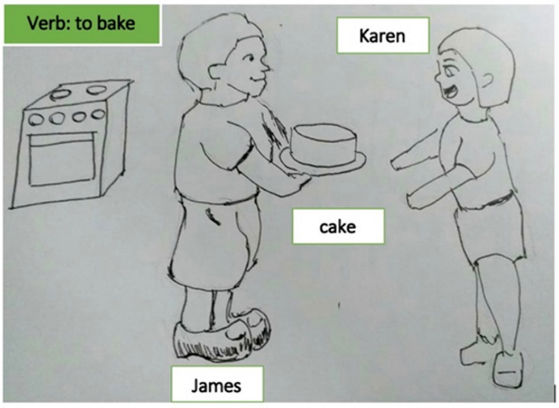
19. Gabe... *



Gabe...10 respostas

Gabe gives flowers to Mary.
Gabe gave Mary flowers. Gabe gave flowers to Mary.
Gabe gave flowers to Mary / Gabe gave to Mary flowers.
Gabe gave the flowers to Mary.
Gabe brought flowers tô give tô Mary.
- Gabe give the flowers to Mary. - Gabe bought the flowers to give to Mary.
1) Gabe gave flowers to Mary.
Gabe has given flowers to Mary since they started dating
Gabe gave flowers to mary

21. James... *



James...10 respostas

James baked a cake to Karen.
James baked Karen a cake. James baked a cake to Karen.
James baked a cake to Karen. / James will bake to Karen a cake.
James baked the cake to karen.
James baked a cake for Karen's birthday.
- James baked the cake for Karen. - James want to bake a cake to Karen.
1) James baked a cake to Karen.
James is baking a cake to Karen
James baked a chocolate cake for Karen's birthday

Estímulos retirados do teste para o Grupo Experimental (Formulários do Google)

Carlos A. M. Gouveia

Vania Lúcia Rodrigues Dutra e Sara Regina Scotta Cabral entrevistam o linguista português Carlos A. M. Gouveia, pesquisador e Professor Associado com Agregação da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e investigador no Centro de Estudos de Linguística Geral e Aplicada (CELGA-ILTEC) da Universidade de Coimbra.

Vania Lúcia Rodrigues Dutra and Sara Regina Scotta Cabral interview the Portuguese linguist Carlos A. M. Gouveia, researcher and Associate Professor with Aggregation at the Faculty of Arts of the University of Lisbon and researcher at the Center for Studies in General and Applied Linguistics (CELGA-ILTEC) at the University of Coimbra.

O Professor Dr. CARLOS ALBERTO MARQUES GOUVEIA é um linguista que tem se destacado na investigação da língua portuguesa em uma perspectiva sistêmico-funcional. Autor de livros, capítulos e artigos de grande interesse na área, tem prestado inúmeras contribuições para o desenvolvimento dessa vertente teórica no Brasil, influenciando inúmeros investigadores brasileiros, como doutorandos e pós-doutorandos em jornadas de estudos em Portugal. Seus trabalhos têm como foco principal a Análise do Discurso, a teoria de Gênero e Registro, a Gramática Sistêmico-Funcional e a Pedagogia baseada em Gêneros. Também tem atuado como conferencista em eventos em todo o Brasil e ministrado inúmeros cursos de formação em terras brasileiras e europeias.

Durante muitos anos, atuou em parceria com a Professora Dra. Leila Barbara (PUC-SP), da qual também é grande amigo. Essa reunião de dois pesquisadores de grande importância para o estudo de abordagem funcionalista da língua portuguesa rendeu poderosos frutos para a disseminação da teoria no Brasil. Guardadas as especificidades contextuais – um oceano os separa e os une ao mesmo tempo –, o trabalho conjunto expandiu-se no Brasil, e o interesse pelas pesquisas sobre o funcionamento da língua portuguesa só tem aumentado. Isso porque, conforme declarado aqui mesmo pelo entrevistado, a aplicação de uma teoria, no caso a sistêmico-funcional, sempre deve consistir em uma adaptação, ou, mais propriamente, em um *alargamento do escopo descritivo da teoria*, o que se pode comprovar em seus textos. Três publicações suas têm sido fundamentais para o investigador iniciante: "Marked or unmarked, that is NOT the question, the question is: Where's the theme?", publicado no periódico *Ilha do Desterro* (2004), "Escrita e

 DOI: 10.12957/matraga.2022.67119

Ensino: para além da gramática, com a gramática", na revista *Delta* (2009), e "Texto e gramática: uma introdução à Linguística Sistémico-Funcional", aqui na MATRAGA (2009).

Mais recentemente, o Professor Carlos Gouveia coordenou a equipe portuguesa do projeto Formação de professores para o desenvolvimento da literacia na Europa / *Teacher Learning for European Literacy Education* (TeL4ELE). Esse projeto internacional buscou a formação de professores em pedagogia de gêneros e envolveu participantes da Suécia, do Reino Unido, da Dinamarca, de Portugal, da Espanha e da Austrália.

Como este número da MATRAGA tem seu foco na abordagem funcional da linguagem e como o Professor Carlos Gouveia tem sido um grande incentivador das pesquisas funcionalistas no Brasil, especificamente em sua vertente sistêmico-funcional, as entrevistadoras houveram por bem com ele dialogar sobre alguns pontos considerados fundamentais para o entendimento e para os avanços da Linguística Sistêmico-Funcional no cenário brasileiro.

Revista Matraga | Diante das mais recentes tendências da pesquisa linguística de cunho funcionalista e de tantas informações relevantes em termos teóricos e metodológicos para a compreensão da linguagem, por que a opção pela Linguística Sistêmico-Funcional?

Penso que a LSF se afirma sobretudo pela sua extensa capacidade de descrição e explicação dos fenômenos de base linguística (isto é, que têm no uso da língua parte da sua especificidade). Nesse sentido, ela é não apenas uma teoria de descrição gramatical, mas sobretudo uma teoria geral do funcionamento da linguagem humana e do modo como o ser humano expressa significados e os comunica. Enquanto outras abordagens se fixam pela descrição dos sistemas linguísticos, a LSF, por via da sua atitude descritiva de estratificação do contexto (incorporando teoricamente noções como Registo e Género no seu quadro descritivo), procura compreender não apenas o funcionamento dos sistemas linguísticos, mas também os usos que deles são feitos e que ao longo de milhares de anos os moldam e transformam. Como há muito referiram Martin, Matthiessen and Painter (1997, p. 1), numa formulação muito feliz que insisto em repetir frequentemente, a gramática da língua determina e é determinada pelo modo como vivemos as nossas vidas[1]. Nesse sentido, a LSF é também uma teoria geral do agir humano e da nossa capacidade de ação comunicativa. E diria mesmo que muitos dos desenvolvimentos mais recentes da LSF desbravam caminhos nesse sentido, por via do alargamento da sua capacidade descritiva e explicativa quer a diferentes esferas de atividade humana, quer a diferentes modalidades de ação/significação comunicativa.

[1] MARTIN, J. R., MATTHIESSEN, M. I. M. & PAINTER, C. **Working with Functional Grammar**. London: Arnold, 1997. p. 1. No original: "*Functional grammar (…) focuses on the development of grammatical systems as a means for people to interact with each other – functional grammar sees grammar as shaped by, and as playing a significant role in shaping, the way we get on with our lives*".

Revista Matraga | Qual a relevância da aplicação do modelo teórico sistêmico-funcional, originalmente concebido para a Língua Inglesa, na análise de fenômenos da língua portuguesa, em particular?

Total. Relevância total. Pensada estritamente na sua vertente nuclear de teoria de descrição gramatical, será falso dizer que a LSF é uma teoria de descrição gramatical da língua inglesa. Ela é uma teoria de descrição gramatical, *tout court*. Nesse sentido, ela será tanto mais pertinente enquanto teoria quanto mais for capaz de descrever outras gramáticas, outras línguas. Tal como acontece com outras teorias de descrição gramatical, o escopo descritivo, as categorizações e o poder descritivo da teoria decorrem da língua que está a ser objeto de descrição, pelo que se espera que existam, naturalmente, diferenças de descrição entre a língua inglesa e a língua portuguesa. No essencial, porém, as categorias descritivas primordiais serão muito semelhantes, se não as mesmas, tratando-se, apesar de tudo, de duas línguas muito próximas. Neste nosso campo de trabalho, a aplicação de uma teoria nunca será apenas a aplicação de uma teoria, ela será sempre uma adaptação, porque haverá particularidades que são específicas da nova realidade que está sob o foco do olhar investigatório. Mas, mais corretamente, não será nem uma aplicação nem uma adaptação – expressões que denotam ambas uma visão estática da relação entre a teoria e a prática –, mas sim um alargamento do escopo descritivo da teoria. Uma teoria é dinâmica por natureza, pois é alimentada não só pela prática, como também pela reorientação descritiva do olhar sobre o objeto, que passa a ser múltiplo, na sua especificidade: não uma língua, mas várias.

O trabalho em questão, mais do que uma comparação com a língua inglesa – que, não por acaso, é uma língua muito *sui generis* do ponto de vista gramatical, tendo sofrido transformações que a tornam mais híbrida do que uma leitura tipológica ou histórico-filológica nos dá a entender – deve ser um trabalho de pensar a língua portuguesa a partir dos pressupostos teórico-metodológicos da linguística sistémico-funcional. Para quem investiga a língua portuguesa numa perspetiva sistémica, as perguntas a colocar no ato descritivo não devem ser *O português também se manifesta assim?* ou *Isto também acontece em português?*, que apontam para horizontes que têm como base de comparação a língua inglesa; as perguntas a colocar devem ser *Quais os recursos para significar x?* ou *Como se negoceia, representa ou comunica simbolicamente?*, a partir do potencial de significação da língua portuguesa.

Por exemplo, não me parece de todo que possamos avançar muito na descrição da interpessoalidade na língua portuguesa se nos cingirmos ao modo como esta se constrói na língua inglesa e às categorias usadas para a descrever em LSF. Há que alargar o escopo descritivo. Nesse sentido, considero mais relevante olhar para o que tem sido investigado e escrito sobre a língua portuguesa relativamente ao aspeto particular da sua gramática que nos interessa descrever do ponto de vista sistémico-funcional, do que propriamente o que tem sido investigado e escrito do ponto de vista sistémico-funcional sobre a língua inglesa relativamente a um aspeto semelhante da sua gramática.

Revista Matraga | O que é discurso na perspectiva sistêmico-funcional?

Eu diria que o discurso, na perspetiva sistémico-funcional, reporta-se à construção e negociação de significados, para além da oração e da mera manifestação de uma qualquer atividade social. Nesse sentido, a noção de discurso em LSF não deve ser confundida com a noção de discurso da Análise do Discurso Crítica (ADC), que é sobretudo de base Foucaultiana. Na ADC, a matriz de caracterização do discurso é de base social e ideológica; na LSF, essa matriz é de base linguística e contextual. Na perspetiva da LSF, o texto é o objeto material resultante de um processo comunicativo, um produto complexo pleno de escolhas. Já o discurso, refletindo o papel constitutivo da significação na vida social, respeita o modo como as unidades determinantes da língua, nomeadamente a oração, articulam--se no texto. Atente-se na seguinte distinção proposta por Halliday entre texto e discurso: "os dois termos referem-se à mesma coisa, mas com uma diferença de ênfase. O discurso é o texto que está a ser visto no seu contexto sociocultural, enquanto o texto é o discurso que está a ser visto como um processo da língua. *Análise de texto* e *análise de discurso* sugerem prioridades um pouco diferentes, embora as duas sejam frequentemente usadas de forma intermutável".[2]

Esta distinção parte de uma definição de texto, expressa em Halliday & Hasan (1976), que nos diz que "A palavra *texto* é usada em linguística para referir a qualquer passagem, falada ou escrita, de qualquer tamanho, que forma um todo unificado. (...) Um texto é uma unidade da língua em uso. Não é uma unidade gramatical, como uma oração ou uma frase; e não é definido pelo seu tamanho […]. Um texto é mais bem considerado como uma unidade *semântica*: uma unidade não de forma, mas de significado. Assim, está relacionado com uma oração ou frase não pelo tamanho, mas pela *realização*, a codificação de um sistema simbólico em um outro. Um texto não consiste em frases; é *realizado por*, ou codificado em frases."[3]

A noção de discurso aponta, portanto, para o processo de codificação de significado que, tendo a oração como unidade central de processamento, reporta-se à organização do texto acima e para além da oração. Enquanto unidade não de forma, mas de significado, i. e., enquanto unidade semântica, como expresso no excerto que acabei de citar, o texto ganha vitalidade, pertinência e razão na semântica do discurso e nas escolhas seguidas para o operacionalizar.

---

[2] HALLIDAY, M. A. K. & WEBSTER, J. J. (Eds.). **Continuum Companion to Systemic Functional Linguistics**. London: Continuum, 2009. p. 247. No original: "*These two terms refer to the same thing, but with a difference of emphasis. Discourse is text that is being viewed in its sociocultural context, while text is discourse that is being viewed as a process of language. 'Text analysis' and 'discourse analysis' suggest somewhat different priorities, although the two are often used interchangeably.*"

[3] HALLIDAY, M. A. K. & HASAN, R. **Cohesion in English**. London: Longman, 1976. pp. 1-2. No original: "*The word text is used in linguistics to refer to any passage, spoken or written, of whatever length, that does form a unified whole".* (…). *A text is a unit of language in use. It is not a grammatical unit, like a clause or a sentence; and it is not defined by its size* […]. *A text is best regarded as a semantic unit: a unit not of form but of meaning. Thus it is related to a clause or sentence not by size but by realization, the coding of one symbolic system in another. A text does not consist of sentences; it is realized by, or encoded in, sentences.*"

Revista Matraga | Como o Finito se comporta em língua portuguesa?

Como o Finito se comporta em língua portuguesa? Apetece-me responder, "não sei!" Mas vou responder. Penso que a pergunta se baseia na minha apreciação do Modo Oracional em português, expressa em Gouveia (2010)[4], em que afirmo que não há Finito em português. Gostaria de frisar que continuo convicto de tudo o que afirmei em tal texto. A única coisa que lamento é que ele não tenha sido objeto de discussão e de crítica, como deveria ter sido. Esperei uma maior reação da comunidade, com manifestações públicas de crítica, mas não aconteceu, ou pelo menos delas não tive conhecimento. Como costumo dizer, não sou um gramático, sou um analista de discurso. A minha apropriação da LSF é por via da Análise do Discurso. Sempre que fui gramático fui gramático por força das circunstâncias, porque a isso fui obrigado. Ou seja, não podia continuar a fazer leituras e desconstruções de textos em português enviesadas por aplicações diretas e cegas da descrição do inglês. Com isso, ganhei um estatuto que não pedi, o de gramático de serviço, e que não tem muito a ver comigo e com os meus interesses de investigação.

Dito isso, e reiterando que continuo a achar que a negociação interpessoal em português se faz de um modo muito particular, sem que uma função de Finito tenha papel preponderante, considero que faltam estudos de descrição do funcionamento gramatical da língua portuguesa. Precisamos de mais um ou dois Giacomo Figueredo para termos descrições consistentes da língua portuguesa. O Giacomo é de facto a pessoa a quem se deve mais desse ponto de vista, mas precisamos de mais Giacomos. Há muito pouco trabalho nesse sentido e o grosso dele foi feito pelo Giacomo. Nas comunidades científicas de língua portuguesa, a LSF continua a ser sobretudo uma teoria e metodologia de análise de discurso. Precisamos que seja também, e fundamentalmente, uma teoria de descrição gramatical. Precisamos de gramáticos.

Revista Matraga | O que significa assumir uma concepção sistêmico-funcional no ensino e na aprendizagem da língua na escola básica?

Não sei exatamente se a pressuposição contida na pergunta é relevante, se não, já que não me parece ter cabimento assumir uma conceção sistémico-funcional no ensino e na aprendizagem na escola básica. Que essa conceção deva ser funcional parece-me óbvio. Uma abordagem funcional tem várias vantagens, quanto mais não seja porque está mais próxima da realidade dos alunos em termos de uso da metalinguagem e das possibilidades de descrição, mas que ela seja de base sistémico-funcional parece já demasiado. Não me parece que ao nível do ensino básico a questão deva ser colocada em termos de correntes, teorias ou escolas. Ela deve ser colocada, sim, em termos de perspetiva de olhar, em termos de realidade do objeto de descrição. Para mim este aspeto é algo muito relevante. Daí que seja algo em que normalmente insisto com os meus alunos da pós-graduação, e em particular com os que trabalham com língua estrangeira: temos

[4] GOUVEIA, C. A. M. Towards a profile of the interpersonal organization of the Portuguese clause. **Delta**, 26(1): 1-24, 2010.

de ser consistentes no modo como construímos a realidade do objeto de estudo, isto é, não podemos ter uma visão comunicativa da língua, considerando-a uma realidade social concretizada (*instantiated*) na realidade material dos textos e depois providenciar uma definição da mesma que é sobretudo mental, descontextualizada e desfiliada dos seus utentes diretos, os falantes. É por esta via que vejo a questão que foi colocada, isto é, é preciso introduzir na escola básica, na formação dos professores, inicial e contínua, uma conceção de língua de pendor comunicativo e funcionalista, que já está muito presente nas práticas dos professores de línguas estrangeiras, mas que não está nas práticas dos professores de língua materna e das outras disciplinas, e muito menos em quem tem o poder de alterar ou implementar políticas educativas. Ir mais longe do que isto em termos de escolha de uma teoria em detrimento de outra é prejudicial para os alunos, para a escola e para a comunidade, porque veicula a ideia de que a educação linguística vive de modas e modismos e de lutas entre quadros teóricos. O foco deve estar em aspetos que potenciem a aprendizagem e o seu sucesso, sem que se verifique uma filiação explícita num ou noutro quadro teórico. Seguir uma abordagem funcionalista e comunicativa na descrição já seria muito positivo.

Revista Matraga | Fale um pouco sobre os avanços obtidos pelo projeto de gêneros na Europa sob sua coordenação.

O projeto em causa – Formação de professores para o desenvolvimento da literacia na Europa / *Teacher Learning for European Literacy Education* (TeL4ELE) – foi um projeto Europeu que envolveu equipas de 5 países, mais um país externo (no caso a Austrália). Eu fui coordenador da equipa portuguesa, não do projeto. No âmbito desse projeto foi dada formação em pedagogia de género a sete formadores de professores por equipa nacional (35 formadores no total), tendo esses formadores depois a função de formarem professores do ensino básico e secundário em exercício nas escolas (3 professores por formador, num total de cerca de 105 professores). Formadores e professores do ensino básico e secundário participaram depois em diferentes ações de disseminação dos resultados e em diferentes ações de formação já fora do âmbito do projeto, atingindo assim um público mais vasto. No seguimento da minha resposta à pergunta anterior, penso mesmo que a maior conquista do projeto, pelo menos para a realidade portuguesa, foi a de tornar claro para os maiores intervenientes do processo educativo, os professores, que os textos são artefactos, objetos complexos, que requerem mais trabalho explícito de desconstrução com os alunos em sala de aula, que a forma também é conteúdo e que o conhecimento especializado e disciplinar se expressa discursivamente em textos, géneros e práticas particulares associados às diferentes disciplinas. Tornou-se claro para a comunidade que é a língua portuguesa, sistema de produção de significados em contexto, que é transversal ao currículo, e não à Língua Portuguesa, disciplina curricular. Note-se que a formação de professores que foi efetuada no âmbito do projeto foi direcionada para todos os professores do ensino básico e secundário, e não apenas para os professores de língua. Dar formação de base linguística a professores de História, de Ciências Naturais, de Geografia, de Ciências Físico-Químicas etc, em conjunto com

professores de línguas, foi a grande conquista do projeto, que se traduziu em atribuir maior responsabilidade aos professores das várias disciplinas na formação linguística dos seus alunos e desconstruir junto dos professores de língua a ideia de que essa formação linguística é da sua inteira responsabilidade.

Revista Matraga | Como é a adesão/aceitação da LSF em Portugal hoje nas escolas e nas universidades?

A realidade portuguesa, em termos de investigação em linguística, continua a ser dominada por um paradigma que não é funcionalista. Basta olhar para o programa de um qualquer encontro nacional da Associação Portuguesa de Linguística, para se perceber tal facto. Mas as razões para esse domínio são múltiplas. Pessoalmente, já me referi a esses aspetos em dois momentos diferentes e não tenciono escrever mais sobre o assunto[5]. Mas o que é relevante nesta apreciação é o facto de todas as tentativas de implementação de alternativas ao paradigma dominantes serem residuais e muitas delas não terem sequer a noção da realidade de investigação nacional em que estão inseridas, isto é, o facto de trabalharem nas margens do sistema não é sequer uma caracterização de que estejam conscientes. Neste quadro geral, é difícil falar de adesão/aceitação da LSF em Portugal. Eu diria que o processo tem sido lento, mas eficaz. Há hoje muito mais investigadores a trabalhar em LSF em Portugal do que havia 25 anos atrás, por exemplo. E do ponto de vista da formação inicial e contínua de professores há pelo menos dois centros irradiadores de formação, um em Leiria, associado ao Instituto Politécnico de Leiria, e outro em Lisboa, associado à Universidade de Lisboa. São cada vez mais os diplomados do ensino superior que tiveram algum tipo de formação em LSF no seu currículo. E são também cada vez mais os diplomados que reconhecem valor e pertinência à LSF, para apreciação dos fenómenos linguísticos e multimodais do nosso quotidiano. Mas o mais determinante seja talvez o facto de as próprias estruturas políticas reconhecerem de alguma forma a pertinência da teoria e terem incorporado, em algumas das instituições nacionais, práticas que são devedoras dos ensinamentos da LSF. Veja-se, por exemplo, os exames e provas de aferição nacionais realizados pelo IAVE (Instituto de Avaliação Educativa), em particular as provas de Português Língua Segunda (vd, por exemplo, https://iave.pt/wp-content/uploads/2021/09/PF-PLS-DivulgacaoPublica-2021-1.pdf), normalmente construídas segundo um percurso perfeito de *scaffolding*, que culmina com a produção de um texto de um dado género.

Em síntese, a aceitação/adesão da LSF em Portugal tem sido lenta, mas com algum sucesso. E a esperança continua.

[5] GOUVEIA, C. A. M. A Linguística e o Consumidor: Teoria, Política e Política da Teoria. *In*: **XXI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística**: Textos Seleccionados, Porto, 2005. Porto: Associação Portuguesa de Linguística, 2006. pp. 427-433.

Editoras e Colaboradores

EDITORAS

Vania Lúcia Rodrigues Dutra

Orcid: https://orcid.org/0000-0001-7028-7690

Graduada em Letras (Português/Inglês) e Mestre em Letras – Língua Portuguesa pela UFF. Doutora em Letras – Língua Portuguesa pela UERJ. Professora Titular (aposentada) do Colégio Universitário da UFF – Coluni-UFF. Professora Associada de Língua Portuguesa e docente permanente do Programa de Pós-graduação em Estudos de Língua da UERJ. Membro do Grupo de Pesquisa Sistêmica, Ambientes e Linguagens – SAL (CNPq), coordenadora adjunta do GESD – Grupo de Estudos em Sistêmica e Discurso (UERJ) e coordenadora do Projeto LabGraDis – Laboratório de Gramática e Discurso (Edital FAPERJ nº 38/2021).

✉ vaniardutra@hotmail.com

Maria Maura Cezario

Orcid: https://orcid.org/0000-0002-1724-762X

Graduada em Português-Literatura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1989), Mestre em Linguística (1994) e Doutora em Linguística (2001) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, com Pós-doutorado na Universidade de Edimburgo, UK (2014) e na UFRN (2019-2020). Professora Titular da Universidade Federal do Rio de Janeiro, atuando na Graduação em Letras e na Pós-graduação em Linguística (Capes 6). Coordenadora do Grupo de Estudos Discurso e Gramática e pesquisadora na área da Linguística Funcional Centrada no Uso. Bolsista de Produtividade do CNPq nível 1D.

✉ mmcezario@letras.ufrj.br

COLABORADORES

Aline Danielly Leal da Silva

É Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Linguagem e Ensino da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Doutora (2020) pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (UFRN), área de concentração Estudos em Linguística Teórica e Descritiva. Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB). Membro do grupo Discurso & Gramática (D&G)/UFRN, desenvolve estudos orientados sob a perspectiva da Linguística Funcional Centrada no Uso.

✉ alineletrasliu@gmail.com

Carla Carine Gerhardt

É Doutoranda em Letras do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Professora substituta de Língua Portuguesa e Literatura no Instituto Federal do Rio Grande do Sul – Campus Bento Gonçalves, RS. Tutora à distância do curso de Letras EAD da UFSM. Integrante do GrPesq/CNPq Sistêmica, Ambientes e Linguagens (SAL), do Grupo de Estudos em LSF e do Programa de Extensão Ateliê de Textos.

✉ carla.gerhardt@hotmail.com

Christian M.I.M. Matthiessen

É Distinguished Professor of Linguistics na Hunan University. Ele é formado em Linguística pela Lund University (BA), onde também estudou árabe e filosofia, e pela UCLA (MA, PhD), e já ocupou cargos na USC/Information Sciences Institute, na Sydney University, na Macquarie University e na Universidade Politécnica de Hong Kong. Foi Professor Visitante, por exemplo, na Universidade de Hamburgo e na Divisão de Ciências do Cérebro do Instituto RIKEN em Tóquio. Ele é Professor Honorário da Beijing Normal University, Beijing, da Australian National University, Canberra, e Professor Convidado na University of Science and Technology, Beijing.

✉ cmatthie@icloud.com

Christina DeCoursey

É Professora Associada no CamEd Institute, em Phnom Penh (Cambodia). Fez seu doutorado na Universidade de Toronto, onde recebeu uma bolsa de estudos do Conselho de Ciências Sociais e Pesquisa do Canadá, e seu pós-doutorado na Folger Shakespeare Library em Washington, DC. Foi Diretora de Programas de Redação na American University na Bulgária e, posteriormente, no Arthur Samy Language Learning Center no Hong Kong Institute of Education. Fundou e dirigiu o Mestrado em English Language Arts da Universidade Politécnica de Hong

Kong. Recentemente, foi Chefe de Divisão (Humanidades) na Universidade de Innopolis, na Federação Russa.

✉ linguistcd@gmail.com

Cristiane Fuzer

É Doutora em Letras pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), com estágio doutoral na Faculdade de Lisboa, Pós-Doutora em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Professora Associada do Departamento de Letras Vernáculas e do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFSM, Vice-Diretora do Centro de Artes e Letras da UFSM, Vice-coordenadora do GT em Linguística Sistêmico-Funcional na ANPOLL e integrante do GrPesq/CNPq Sistêmica, Ambientes e Linguagens (SAL). Coordenadora do Grupo de Estudos em LSF e do Programa de Extensão Ateliê de Textos.

✉ cristiane.fuzer@ufsm.br

Diogo Pinheiro

É Doutor em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e mestre em Letras Vernáculas pelo Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da mesma universidade. É Professor Adjunto do Departamento de Linguística e Filologia da Faculdade de Letras da UFRJ e membro permanente do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFRJ.

✉ diogopinheiro@letras.ufrj.br

Edvaldo Balduíno Bispo

É Professor Associado do Departamento de Letras da UFRN e docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPgEL), do qual foi Coordenador entre 2015 e 2019. Coordenou o GT Descrição do Português da ANPOLL (2016-2018). Líder do grupo Discurso & Gramática (D&G)/UFRN, seus temas de interesse voltam-se à morfossintaxe do português e ao ensino de língua portuguesa sob a perspectiva da Linguística Funcional Centrada no Uso. É coorganizador de livros e autor de vários capítulos e artigos científicos relacionados a esses temas.

✉ edbbispo@gmail.com

Érica Cristina Silva

É Graduada em Letras (Português/Literaturas) pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Macaé-RJ FAFIMA. Especialização *stricto sensu* em Língua Portuguesa Contemporânea – Língua e Texto, pela FAFIMA – Macaé-RJ. Mestranda na área de estudos linguísticos pelo PPLIN

da UERJ/FFP. Segue a linha de pesquisa voltada para Teoria e Análise Linguística, com interesse, principalmente, em mudança linguística, sob o viés da construcionalização.

✉ ericacristina1712@gmail.com

Gabriela Ribeiro

É Mestre e doutoranda em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLing), da Universidade Federal do Rio de Janeiro e membro do laboratório de Pesquisas em Linguística Cognitiva (LINC-UFRJ).

✉ gabrielaribeiroufrj@gmail.com

Ivo da Costa do Rosário

É Graduado em Letras (Português, Inglês e respectivas literaturas) pela UERJ e Graduado em Pedagogia pela UNIRIO. É Mestre e Doutor em Letras Vernáculas pela UFRJ e é mestre e doutor em Letras pela UFF. Tem Pós-doutorado em Estudos de Linguagem pela UFRN. Atualmente é professor associado de Língua Portuguesa e docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da UFF. É líder do CCO e membro do grupo D&G UFF. É membro do GT Descrição do Português da ANPOLL, Jovem Cientista do Nosso Estado (FAPERJ) e bolsista de Produtividade em Pesquisa, nível 2, pelo CNPq.

✉ rosario.ivo3@gmail.com

João Baptista Favero Marques

É Acadêmico do curso de Licenciatura em Letras Língua Portuguesa e Literaturas da Língua Portuguesa da Universidade Federal de Santa Maria, bolsista de Iniciação Científica PROBIC FAPERGS pela UFSM. Integrante do Grupo de Estudos em Linguística Sistêmico-Funcional.

✉ joaofm10@hotmail.com

Karen Tank Mercuri

É Tecnóloga em Informática e graduada em Letras, especialista em Teorias Linguísticas e Ensino, mestra em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas e atualmente é doutoranda em Linguística Aplicada, na UNICAMP. Trabalha há doze anos como docente de Língua Portuguesa, tendo atuado em diversos segmentos de ensino: do Fundamental II à Pós-graduação. É integrante dos grupos de pesquisa: SAL – Sistêmica, Ambientes e Linguagens – e MiDiTeS – Mídia, Discurso, Tecnologia e Sociedade. É uma das pioneiras em pesquisas sobre linchamentos virtuais.

✉ k001935@dac.unicamp.br

Kleveland Cristian Barbosa

É Graduado em Licenciatura Letras Português-Latim pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e mestre em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Parecerista da Revista de Estudos da Linguagem *Falange Miúda*. Interessado em estudos sobre a língua latina e sobre a língua portuguesa em perspectiva sincrônica e diacrônica e à luz da Gramática de Construções Baseada no Uso.

✉ klevelandbarbosa@letras.ufrj.br

Lilian Ferrari

É Professora Titular do Departamento de Linguística e Filologia, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), membro permanente do Programa de Pós-Graduação em Linguística/ UFRJ, Pesquisadora nível 1 do Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq) e líder do Laboratório de Pesquisas em Linguística Cognitiva (LINC-UFRJ).

✉ lilianferrari@letras.ufrj.br

Maria Clara Pimenta Camelo dos Santos

Tem mestrado em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e é licenciada em Letras: Português-Inglês pela mesma universidade (Faculdade de Letras). Atua como professora de inglês em cursos e escolas da rede privada do estado do Rio de Janeiro.

✉ maclarapimenta@yahoo.com.br

Maria da Conceição de Paiva

É Professora do Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro e pesquisadora do CNPq. Ao longo de muitos anos vem desenvolvendo estudos sobre variação e mudança linguística, a partir da conjugação entre o modelo da Sociolinguística Variacionista e modelos funcionalista. Mais recentemente, tem focalizado o desenvolvimento de conectores do português, através de estudos diacrônicos. Possui diversos artigos e capítulos de livros publicados em revistas e livros.

✉ paiva@club-internet.fr

Mariangela Rios de Oliveira

É Professora Titular de Língua Portuguesa do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da UFF. É pesquisadora 1B do CNPq e Cientista do Nosso Estado pela Faperj e líder do Grupo de Estudos *Discurso & Gramática* – UFF. Atuou como presidente da ABRALIN e da

ASSEL-RIO. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Teoria e Análise Linguística, atuando principalmente nos seguintes temas: língua portuguesa, Funcionalismo, mudança linguística, construcionalização lexical e gramatical, morfossintaxe e advérbios.

✉ mariangelarios@id.uff.br

Priscila Thaiss da Conceição de Medeiros

É Graduada em Letras: Português-Literaturas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2007), é Mestre (2010) e Doutora (2017) em Linguística, também pela UFRJ. Atualmente é professora efetiva da Secretaria Municipal de Educação da Cidade do Rio de Janeiro. Possui experiência na área de Linguística, atuando principalmente nos seguintes temas: linguística funcionalista, gramaticalização, gramaticalização de conectores, planos discursivos e ensino de língua portuguesa e leitura.

✉ pri_thaiss@yahoo.com.br

Roberto de Freitas Júnior

É Graduado em Português/Inglês pela UFRJ, com especialização em Língua Inglesa pela PUC-Rio e mestrado e doutorado em Linguística pela UFRJ. Diretor Adjunto de Cultura e Extensão da FL/UFRJ; Professor Adjunto de Estudos Linguísticos do Dpto de Letras-Libras/UFRJ. Professor do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFRJ e do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da UERJ/FPP.

✉ robertofrei@letras.ufrj.br

Sabrina Bonqueves Fadanelli

É Graduada em Letras-Inglês pela Universidade de Caxias do Sul; mestre em Linguística Aplicada pela Universidade de Birmingham, na Inglaterra. Doutora em Teorias Linguísticas do Léxico pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora credenciada no PPG Letras da Universidade de Caxias do Sul. Interesses de pesquisa incluem a Gramática Sistêmico-Funcional, a Linguística de *Corpus* e a Linguística Forense.

✉ sbfadane@ucs.br

Sara Regina Scotta Cabral

É Professor Associado do Departamento de Letras da Universidade Federal de Santa Maria. Possui doutorado em Estudos Linguísticos (UFSM) e pós-doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem (PUC-SP). É líder do grupo de pesquisa do CNPq "Sistêmica, Ambientes e Linguagens" e membro da Associação de Linguística Sistêmico-Funcional da América Latina. Seus interesses de pesquisa são a análise e descrição da língua portuguesa em nível léxico-gra-

matical e semântico-discursivo. Também desenvolve investigações em análise do discurso político na perspectiva da Linguística Sistêmico-Funcional.

✉ sara.scotta.cabral@gmail.com

Vania Rosana Mattos Sambrana

É Doutora e Mestre em Estudos de Linguagem pela UFF. Pesquisadora do Grupo de Estudos *Discurso & Gramática* – UFF e *Conectivos e Conexão de Orações* (CCO), também sediado na UFF. Atua como professora docente I de Língua Portuguesa na SME/PMRJ e SEEDUC/RJ. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Teoria e Análise Linguística, atuando principalmente nos seguintes temas: morfossintaxe do português, mudança linguística, conexão textual e marcação discursiva.

✉ vania28mattos@gmail.com